JAMES MCSILL
5 LIÇÕES DE STORYTELLING
O BEST-SELLER
DVS EDITORA

JAMES MCSILL
5 LIÇÕES DE STORYTELLING
O BEST-SELLER
DVS EDITORA

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Elogios ao trabalho de James McSill como consultor de histórias nos diversos segmentos do storytelling:

Neste livro, sucesso é definido como "a capacidade de mudar, ao menos, um mundo: quer o nosso ou o de outra pessoa". Além de uma infinidade de recursos acessíveis para produzir uma escrita competente e atrativa, aqui você ainda vai encontrar muitas histórias. O que elas têm de diferentes? Em um processo mágico, que associa descobertas incríveis ao melhor das técnicas de storytelling, é certo que as histórias desta obra vão mudar o seu mundo. Para melhor e para sempre.

Cristina Schumacher – empresária, palestrante, linguista e conferencista internacional, autora de mais de vinte livros.

Falar com James McSill é como entrar em contato com uma biblioteca de conhecimento e poder navegar na imaginação. James é um mago, um alquimista das palavras. Um contador de histórias, um errático navegante do conhecimento. Tenho orgulho de tê-lo conhecido e de ter caminhado um pouco ao seu lado no grupo Genoma de atores e diretores.

Hilton Castro – ator de cinema, teatro e TV; participou de diversas novelas e séries da TV Globo, Brasil.

James McSill nos apresenta, de maneira brilhante, as técnicas por trás da boa contação de histórias, influenciando, de modo definitivo, a forma como percebemos o poder do storytelling. A obra de James possui a característica singular de despertar e lapidar a nossa capacidade de contar grandes histórias.

Neide Gomes Barros – escritora, consultora e empresária.

James McSill é mais do que um mago das histórias. É um viajante do tempo e do espaço com a nobre missão de conectar, por meio da imaginação, da sensibilidade, da generosidade e do amor pela arte, os seres do mundo inteiro. Como se não bastasse todo o seu conhecimento técnico sobre a arte de contar histórias (como você poderá ver neste precioso livro), James ainda é um artista de potência avassaladora!

Leandro Daniel Colombo – ator de cinema, teatro e TV (inclusive da TV Globo, Brasil) e diretor.

Certa vez, ouvi um editor se referir aos originais não solicitados que chegavam à editora como um "monte de bobagens". Aquela revelação me deixou atônito! Agora, tempos depois, ao trabalhar com James McSill, entendo como construir cenas, diálogos, personagens, pontos de virada, além de conhecer macetes e dicas de um texto literário profissional, o que eleva minha capacidade de escrever a outro patamar. Hoje, no lugar de bobagens, produzo histórias comerciais, engajadoras e surpreendentes.

Arnaldo Devianna – autor da trilogia "A Minha Turma É Fogo".

Contar histórias é mais velho que andar para frente. Desde que o primeiro hominídeo proferiu uma sentença inteligível, contamos histórias e as ouvimos como se nossa vida dependesse disso.

Há décadas, James McSill, um escocês de alma brasileira, se dedica a identificar as características que tornam uma história não apenas boa, mas eficiente.

Este livro é um manual para todos que contam histórias – romancistas, contistas, dramaturgos e outros literatos da língua escrita –, mas também para nós que dependemos do storytelling para levar a vida.

Atores, diretores, jornalistas, publicitários, roteiristas e criativos em geral encontrarão nestas páginas segredos que transformarão suas

narrativas em histórias que tocarão o espírito de seu público de maneira inesperada. São técnicas que não escravizam a criatividade ou apresentam fórmulas que independem do talento. Pelo contrário, estimulam e aceleram nossa sensibilidade. Antes, esclarecem nossa percepção sobre as motivações profundas e subliminares ocultas sob a superfície de uma simples história infantil ou de um complexo romance.

Quem depende de histórias para ganhar a vida ou simplesmente gosta delas encontrará neste livro instrumentos para entender e melhorar sua compreensão sobre o ofício. Se você acha que precisa conhecer ferramentas para libertar sua criatividade na hora de escrever, leia este livro! Se você se acha bom demais para se submeter a regras, leia escondido!

Leonardo Medeiros – ator de teatro, TV e cinema.

Sabemos que a prática de contar histórias é milenar e, por meio das técnicas de storytelling apresentadas por James McSill, é possível criar histórias relevantes, mantendo viva a capacidade transformadora desta arte.

Josi Gomes Barros – escritora *best-seller* na área de educação financeira e sustentabilidade, empresária e sócia da CAB Editores.

JAMES MCSILL

5 LIÇÕES DE STORYTELLING
O BEST-SELLER

www.dvseditora.com.br
São Paulo, 2017

5 LIÇÕES DE STORYTELLING

O BEST-SELLER

Edição de texto: Giuliana Trovato
Capa e Diagramação: Spazio Publicidade e Propaganda
Revisão: McSill Story Studio, UK
Produção do E-book: Schäffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McSill, James
5 Lições de storytelling: o best-seller / James McSill . -- São Paulo : DVS Editora, 2017.

ISBN: 978-85-8289-164-3

1. Arte de escrever 2. Arte narrativa - Técnica 3. Best sellers 4. Escritores I. Título.

17-10661 CDD-808

Índices para catálogo sistemático:
1 . Arte de escrever : Literatura 808

Uma compilação de ideias sobre a arquitetura de histórias em uma conversa franca com um dos grandes especialistas mundiais em storytelling sobre os segredos que poderão levar você a escrever um livro de sucesso, pois as histórias com que nos deparamos, em que acreditamos ou (re)contamos e os seus contextos são, quase sempre, o que define as nossas escolhas, porque nos confrontam com aquilo que somos e expõem-nos, com as nossas virtudes e defeitos, ao mundo.

Dedico este livro aos meus amores: Martina, Simão e Tomás.

A Martina lá por 2037 vai dizer: “o quê? O meu padrinho escrevia isto e o ‘povo’ lia?”. Pois é, minha querida, lê.

Neste início de século tenho a sorte de o povo ler meus livros. Uns, porque não há muita opção neste campo em que escrevo, outros, porque admiram as realizações dos autores que desenvolvem histórias sob a minha supervisão. Ninguém, infelizmente, porque sou lindo de morrer!

O Simão, pela mesma época, vai dizer: “o quê? Você não podia ter escrito num português melhor?”.

Sim e não. Primeiro, demoraria muito e escrever não é a minha profissão, é o que ajudo outros a fazer. Segundo, sou bilíngue, com grande dificuldade de pensar numa língua só. Consolo: o original, antes de editado, devia estar bem pior.

Tomás e eu temos a sorte de estarmos juntos; ele, literalmente, debruçado na minha mesa, enquanto escrevo este livro. Eu, de olhos grudados na tela para não me perder. Ele, discorrendo sobre as vantagens de “me ter como avô”, sobre a minha paciência, inteligência e generosidade. Que esteja certo!

Enfim, dedico este livro a eles porque os adoro. Pura e simplesmente.

Sumário

Agradecimentos

Obrigado, leitor.

Obrigado, querido Sérgio Mena Barreto, pela ideia do título.

Obrigado a você que já comprou o *5 Lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia* – e leu! – e agora compra esta segunda obra da coleção.

Livro técnico, confesso, acaba sendo tudo meio que a mesma coisa. Então fui buscar um enfoque para escrever de maneira que raramente encontro no Brasil: o que em inglês a gente chama de *chat style*, ou seja, o "estilo papinho informal", até porque, ao ler, você vai notar que alguns assuntos serão abordados mais de uma vez ou por ângulos diferentes, já que se trata de uma compilação de textos. Todos, contudo, são pensados para quem quer produzir um texto com o intuito de publicar no formato de livro físico, *e-book* ou precisa escrever *copy* para *marketing* digital, histórias para *blogs* ou, mesmo, historificar a gênese de um produto ou serviço que parece estar mais no campo do *storytelling* corporativo, como o chamam, do que no escopo da literatura. Poder-se-ia separar cada assunto em um livro, mas não é a minha intensão. Pretendo fazer justamente o contrário, mostrar que as mesmas técnicas básicas que ajudam um Dan Brown a escrever um *best-seller* ajudam o marketeiro digital a produzir uma sequência de textos que alavancarão os produtos ou serviços oferecidos por ou para os seus clientes.

Para literalmente confeccionar o *5 Lições de storytelling: o best-seller*, reciclei alguns textos e histórias de livros que publiquei em outros países,

como o *Arte da guerra no storytelling*, em Portugal, mas que ainda não foram publicados no Brasil. Quanto aos exercícios, aproveitei alguns que eu usava nos meus cursos de desenvolvimento de autores, no material da série *on-line*, que deu origem mais tarde à coleção *Book-in-a-box*, cursos de storytelling digital, corporativo, educacional e em milhares de anotações, colecionadas com o passar dos anos, conforme fui desenvolvendo autores – auxiliando-os a atingir a tão almejada publicação comercial – ou indivíduos e empresas – a melhor contarem as suas histórias a fim de persuadir, negociar e vender. Claro, muitos desses arquivos que coleciono são sigilosos, porém nem todos. E os que não são, ou que obtive permissão para usar, serviram de base para vários parágrafos que você vai ler em cada uma das cinco lições e no bônus, um presentinho para você após concluir o livro, em que mostro um pouquinho do meu dia a dia na lida com escritores.

Muita gente pede para eu revelar a minha "fórmula". Esta bobagem é alardeada mundo afora, mas, juro, nunca vi dar certo a tal fórmula apregoada por outros profissionais como eu. Na minha opinião, cada escritor, permita-me dizer produtor de texto com base nos princípios de storytelling – construção de histórias com um propósito definido – deveria criar, se assim desejar, a sua própria fórmula. Não espere isto dos outros!

A verdade verdadeira – surpresa! – é que não existe uma fórmula para se produzir "arte". Cada quadro, cada filme, cada TEXTO, LIVRO FÍSICO ou ELETRÔNICO acaba sendo único, e cada artista – todo aquele que cria é artista – tem o seu jeito de criá-lo. O que um consultor, como eu, tem de fazer é se dar conta de que está ali, junto ao artista, para ajudá-lo. O "como" auxiliar, sem dúvida, vai depender do momento e da minha capacidade e experiência profissional. Entretanto, o que é importante saber, desde já, é que existe, sim, uma fórmula ou um *jeito* de publicar –

não de produzir textos! – e ter algum sucesso, que é: (1) *ter textos ou histórias diferentes de outras* e (2) *cultivar um bom* network.

Sei do que falo quando revelo esta dita fórmula, pois vivendo esta vidinha louca de consultor de histórias, a gente vai pegando as manhas de como não nos perdermos nos meandros do escrever para publicar, do produzir para tornar público e mexer com o coração da audiência, do leitor, do cliente.

E os segredos são apenas esses dois, nem mais, nem menos. Daí eu conseguir, por exemplo, publicar com certa frequência – esse deve ser o meu 21º livro – e ter a honra de ser consultor de grandes palestrantes, de trabalhar com uma gama vastíssima de profissionais nos campos do *marketing* de produtos e serviços, *marketing* político (*spinning*), *marketing* e propaganda institucional, consultoria na área de TV, cinema, teatro, parques de diversão…

TUDO É HISTÓRIA; história e seus princípios acabam sendo os mesmos. E veja bem, não há um componente da fórmula que diga que apenas o "texto bom" ou "bem escrito" é publicado. O texto tem que ter VOZ, ser diferente, seguir, sem dúvida, os princípios lógicos das histórias desde que o mundo é mundo.

Outro ponto, temos de cultivar contatos no mundo das artes, e editores, produtores, diretores, etc. fazem parte deste panteão de poderosos.

Para ser totalmente honesto, talvez haja um terceiro segredo. A gente tem que estar na boca do povo. Falem bem ou mal, mas falem, *pelamordedeus*, de mim! Você pode odiar o que escrevo, mas só vai ler um livro escrito nesta voz, deste jeito, conversando com você como converso nos meus seminários, nos meus livros. Bingo! Para odiar James tem de ler James. É uma espécie de *networking* indireto, não é mesmo? Gente falando da gente enquanto a gente dorme.

Vivemos numa sociedade midiática, precisamos ser lembrados. Depois, temos de nos comunicar com o nosso estilo. Haja vista no Brasil exemplos já desaparecidos como Chacrinha, Hebe, bem como exemplos ainda atuais, como Silvio Santos, Jô Soares, Tatá. A gente pode não gostar, mas é feito aquela musiquinha sertaneja que vem à nossa cabeça quando a gente acorda e fica lá o dia todo.

Dentro do possível, este livro pode ser lido antes do primeiro da série. Obviamente, um complementa o outro, mas cada vez que eu uso a expressão "como disse antes", não se trata de "antes na série 5 Lições", mas "antes" nas páginas anteriores deste mesmo livro.

Enfim, obrigado à Editora DVS pela paciência em aturar os meus atrasos na entrega do manuscrito. Sei que não é desculpa, mas acabo sempre deixando para entregar depois. Ainda assim, a DVS me espreme, me espreme e me espreme, até que, de tanto me desafiar, sai alguma coisa. Desta vez saiu este *5 Lições de storytelling: o best-seller*.

Para quem ficou curioso para saber qual será o próximo livro desta série *5 Lições,* adianto que o terceiro já está em andamento *5 Lições de storytelling: persuasão, negociação e vendas*.

E a você, leitor, se quiser confiar em alguém que realmente vai ajudá-lo a contar grandes e poderosas histórias, confie em si mesmo. O primeiro passo rumo a conseguir, por piegas que pareça, é ACREDITAR. Lembro-me que, certa vez, uma amiga e mentora, Gweneth Fox, editora-chefe da Collins, há muitas décadas, dizia-me que entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, cabe todo o universo. Ao fim e ao cabo, afirmava, somos todos histórias.

Gosto, até hoje, de acreditar nela.

Ao terminar este livro, lindo será se você também acreditar!

Apresentação

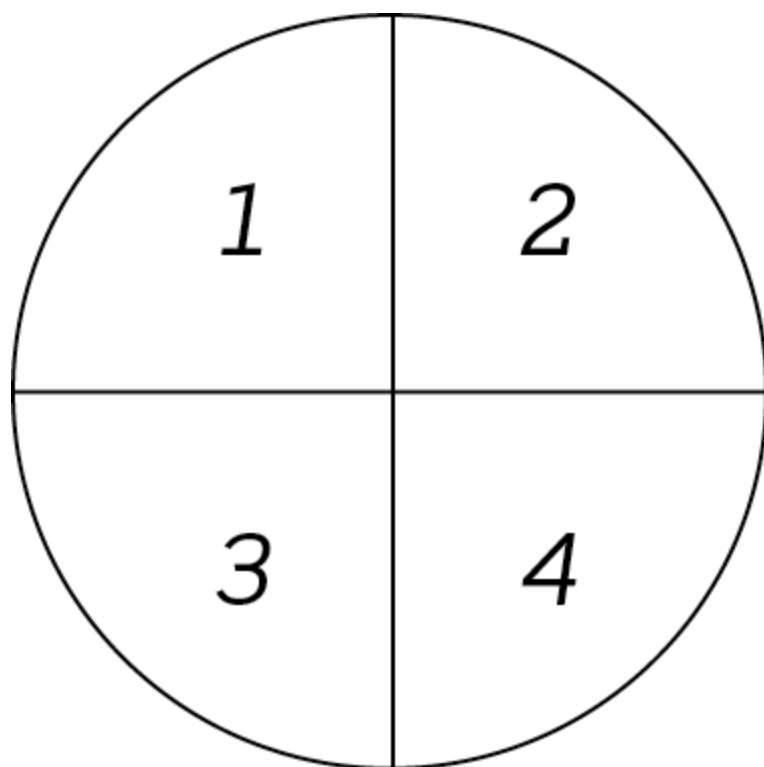
Aqui confesso: sou um exagerado, e se não fossem pelos organizadores dos meus eventos e minhas palestras a me puxarem as orelhas, ou não haveria apresentação alguma na abertura, ou a apresentação demoraria a metade do dia.

Se você for até as últimas páginas deste livro, vai encontrar o meu "tchauzinho" – como estará no fim, você só vai ler se assim o desejar. Lá, reproduzo uma entrevista recente que dei sobre o meu trabalho e, sem dúvida, o editor vai colocar alguma coisa mais detalhada da minha biografia. Quero enfocar o outro lado da minha história, do meu trabalho e da minha vida.

Nas páginas de abertura, deixo meus amigos da área de literatura, palestras (*public speaking*), cinema, TV e teatro falarem sobre o meu trabalho. Isto vai soar como um imenso *cliché*, mas sou eternamente grato pelo carinho de tantas pessoas que, em suas vidas profissionais, são autores, atores, diretores, produtores e *public speakers* geniais que, literalmente, têm uma grande audiência – alguns diariamente com mais de 200 milhões de pessoas para assisti-los, de alguma forma, a contar uma história –, mas que, na vida privada, partilham comigo uma amizade sem preço. Por incrível que pareça, uma amizade tão separada das nossas profissões, que raramente falamos de trabalho, apenas partilhamos uma visão de mundo muito similar.

Nos já quarenta anos de carreira, por uma razão que não consigo explicar, ainda pareço atrair esses seres maravilhosos, veículos pelos quais as histórias tomam forma nas páginas, nos palcos, nos auditórios, nas telinhas e nos telões. Lembro-me como se fossem ontem, e lá vão quarenta anos ou mais, de uma grande amiga, atriz das novelas da Rede Tupi de Televisão, a Wanda Leinemann, que tomava um ônibus de São Paulo para passar uns dias comigo em Pelotas (onde eu estudava), para me ajudar a decorar o meu apartamento, e Porto Alegre, onde nos divertíamos muito. As nossas cartas longuíssimas, durante anos, atravessaram o Atlântico, escritas na parte de trás dos *scripts* mimeografados das telenovelas. Acelero quarenta anos no futuro e lá estou eu, desta vez na Escócia, com a minha amiga Simone Spoladore, atriz de novelas, filmes e séries, tantas que nem se pode contar, decorando comigo outro apartamento meu, onde também vou morar ao transferir o meu estúdio para Glasgow. E quem nunca permitiu que este meu elo com esses anjos, mensageiros das histórias, se quebrasse, a princípio foi um amigo, o Célio Rosa, hoje uma amiga, a Maureen Miranda. Ele – do Céu –, ela – ainda muito na Terra! –, não me deixam esquecer que uma história só é história quando transforma alguém, quando muda outra pessoa. Sem ter quem conte – tal como fazem as centenas de amigos escritores, atores, diretores, produtores, editores etc. –, seria como querer montar numa sala vazia, sem atores, a maior produção já imaginada de Romeu e Julieta, sem também ninguém para assistir. QUERER, no mundo do storytelling, só se torna PODER quando há um veículo hábil para trazer as histórias à realidade! Aí entram os meus amigos…

Abençoados sejam todos com uma vida longa, muito trabalho e muito talento!

1
2
3
4

A História das histórias

Em algum lugar na África, cerca de 200.000 a. C.

Era uma vez um "você" muito antigo, antiquíssimo…

Lá pela época pré-histórica, quando, em suas cavernas, nossos ancestrais sentavam-se à volta de uma fogueira, depois de um longo dia a caçar ou a guerrear com a tribo vizinha, os contadores de histórias já tinham percebido que, se arranjassem de certa forma os eventos que pretendiam contar, envolveriam e, sobretudo, satisfariam aqueles rostos com olhos arregalados, ávidos por saber mais.

Naquela época, quando a única tecnologia se resumia à pedra lascada na ponta de uma vara, nos distinguíamos dos demais animais pelo acesso a uma fórmula mágica, a arte de criar histórias, que até hoje nos acompanha: drama, suspense, mistério e fim surpreendente.

Viemos ao mundo como outras bestas. Mas, após saciar a fome, conquistar uma caverna segura, encontrar alguém com quem ter filhos e um grupo que nos protegesse, ainda nos restava a vontade de ser ouvidos e compreendidos, algo de que, 200 mil anos depois, ainda carecemos.

Como reconhecemos o grupo e a maneira que o grupo nos reconhece molda quem somos, quem queremos ser e até que ponto estaremos dispostos a lutar para manter nosso *status quo* de membros da tribo. Nela, sabemos intuitivamente que prestígio inabalável, permanente, não se consegue rasgando o peito de nossos companheiros

com uma pedra lascada amarrada à ponta da vara. O prestígio verdadeiro surge quando, à volta da fogueira, levantamos os braços, espalmamos as mãos e narramos:

– Lá fora, antes de o sol se pôr, vocês não imaginam o que eu vi. E vinha na direção da nossa caverna…

Naquele momento, concentramos a atenção do círculo, percebendo que há em nós uma arma, um poder que nada tem a ver com pedras lascadas. E ainda passariam milênios até alguém sistematizar o que, já ao nascer, dominamos. Naquele momento, começamos a alinhar uma história pelo primeiro elemento. Uma história que vamos usar para encantar e, assim…

Entreter. Informar. Instruir. Influir.

Enfim, dominar…

E quem contou a melhor história ganhou prestígio na tribo, obteve mais comida, mais proteção para si e para a sua prole, mais…

Desde então, para sempre…

Como meu ancestral, também sou ávido por histórias. Sem saber, desenvolvíamos regras de combate que seriam usadas no futuro, após nossa espécie caminhar na Lua, observando, finalmente, a estrela vermelha que tanto admiramos nas noites secas da savana. E quanto mais narrávamos, mais fácil se tornava... Enquanto isso, já sentíamos que as histórias teriam suas próprias regras… Quais seriam essas regras?

Por que a gente tem esse impulso por criar histórias?

Em vez de cansar vocês com teorias abstratas e provavelmente longínquas da sua experiência como novo autor ou autor aspirante, vou pedir que leia três histórias e um poema. Duas delas eu mesmo escrevi, a

primeira para a abertura de um curso em storytelling corporativo e a segunda, uma história infantil em homenagem ao nascimento de um "netinho-afilhado". A terceira, uso para ilustrar palestras – piadas que acho na internet – e o poema é da minha querida amiga, Lucrecia Welter. Sim! O poema da Lucrécia também vai contar uma história.

Ao ler esses textos, tenha em mente as seguintes questões, pois elas serão importantes neste capítulo e no próximo:

- Por que nós, da espécie humana, temos, até onde sabemos, este impulso para "gostar" de histórias, reagir a elas?
- Por que você, até onde se dá conta, sente este impulso de "gostar" ou não das histórias? (Gostar ou não gostar são faces da mesma moeda. O importante é que você REAGE a elas!)
- Ao se deparar com essas histórias, o que você acha que ficou sabendo sobre o AUTOR?
- Ao gostar ou não dessas histórias, reagir a elas, o que ficou sabendo sobre si próprio?
- Onde você utilizaria ou não essas histórias? Por quê?

Se quiser fazer o exercício como se estivesse em um curso, poderá anotar as respostas em um caderno. Eu entendo que há um bocado de leitura pela frente, mas se você pretende seriamente escrever, tem que se acostumar a ler, a interpretar, a observar como as histórias funcionam para que a sua também possa funcionar.

Anote, sublinhe, questione. Pense, analise, exercite.

PRIMEIRA HISTÓRIA

Meu amigo Robert Drummer

– Quando eu era um menino – contava-me certa vez o meu amigo Robert Drummer. – Eu estava ali, remando sozinho na minha canoa, num dos tantos lagos da Escócia, quando vi um pato bater as asas, preso em um pedaço de rede enroscado, por sua vez, num tronco que flutuava calmamente no espelho d'água. A ave se debatia, debatia, sem qualquer sinal de que conseguiria libertar as suas asas, as suas patas, o seu corpo. Com o remo, medi a profundidade do lago, tirei as botas, desci na água gelada, afundando os meus pés na lama. O pato pareceu enlouquecer, as asas batiam freneticamente e, com o bico, ele cortava as próprias penas, feria as próprias patas.

"Mas quando me aproximei do tronco – dizia Robert –, a minha sombra envolveu a ave e ela parou de se mexer, aceitando o fato, talvez, de que viraria presa a qualquer instante, ou que, se ficasse invisível, se safaria para continuar lutando.

"Acariciei as costas do pato – continuou o meu amigo. – O pássaro, então, se encolheu e pude sentir os músculos apertados dentre as penas brilhantes. Ia pôr a mão onde vi o fio da rede a lhe cortar a pele, mas recuei. Aquele bico devia ser afiado como uma faca, e as unhas das patas presas podiam arranhar a pele das minhas mãos.

"Se ele continuar quieto por mais uns minutos – disse meu amigo, pensativo –, volto à canoa, tomo uma faca e corto esses fios. – Aquilo, porém, teria de ser feito com cuidado, para não ferir a si mesmo nem ao pato. – Voltei à canoa, vim com a faca, enquanto o pato permanecia quieto. Acariciei-lhe as costas mais uma vez. Cortei um dos fios, dois… Foi quando lembrei o quanto se pagava por um pato selvagem para se comer no domingo. Mesmo assim, cortei outro e mais outro fio e o pato escapou, saltando para o alto, desaparecendo na névoa. Aquela imagem ficou para sempre comigo. Não comi pato assado naquele domingo. Naquele lago, descobri que pato assado não tem sabor tão bom quanto pato livre."

Robert Drummer foi o fundador e o CEO de uma bem-sucedida cadeia de restaurantes vegetarianos; pois a vida é assim, há fatos que geram uma paixão, e paixão é a base de qualquer empreendimento de sucesso.

* * *

SEGUNDA HISTÓRIA

Comida de passarinho

(Minha mesmo)

Os tios Pio, Pio-Pio e Pio-Pio-Pio equilibravam-se no fio de luz, em frente ao supermercado.

O sobrinho Piozinho os imitava.

– Olha aquele cartaz bonito – apontou Piozinho. – Lá dentro do supermercado tem comida moderna para passarinho – piou.

– Passarinho come semente no parque – disse tio Pio.

– Passarinho come minhoca da terra fofa – acrescentou tio Pio-Pio.

– Passarinho come frutinhas do bosque – concluiu tio Pio-Pio-Pio.

Mas Piozinho queria porque queria a comida moderna de passarinho.

– Vai lá, tio Pio – piou bem alto –, busca um pouco dessa comida para nós.

Tio Pio se virou para tio Pio-Pio:

– Vai lá, Pio-Pio, busca um pouco dessa comida para nós.

Tio Pio-Pio se virou para tio Pio-Pio-Pio:

– Vai lá, Pio-Pio-Pio, busca um pouco dessa comida para nós.

E nem o Pio-Pio-Pio quis saber de ir.

Piozinho piou ainda mais alto.

– Por favor, quem vai buscar um pouco dessa comida para nós?

E começou tudo outra vez: um falava para o outro ir buscar um pouco da comida moderna de passarinho no supermercado.

Piozinho piou até ficar rouco.

Nem assim teve tio que fosse buscar comida moderna de passarinho.

Piozinho ia piar, mas ficou sem piado. Então alçou voo do fio e foi ver por si mesmo, dentro do supermercado.

Pulou à porta, dali entrou caminhando no chão como os outros fregueses, até saltar na prateleira com comida de passarinho.

Ao piar para a menina de cabelos cacheados que a comida era gostosa, o pacote de comida caiu no chão. Neste momento, extensa mão surgiu e enfiou Piozinho na sacola.

No escuro e sem poder piar, Pozinho picou a sacola até fazer um buraquinho.

Da sacola pulou no chão, do chão alçou voo para o parque.

Os tios Pio, Pio-Pio e Pio-Pio-Pio ainda se equilibravam no fio de luz próximo ao chafariz.

Piozinho equilibrou-se em seu lugar de costume.

– Olha aquele chafariz bonito – piou. O piado tinha voltado. – Isso é que é banheira para passarinho. Lá dentro tem água.

O tio Pio sacudiu as asas.

– Passarinho toma banho em poça rasa – disse.

– Passarinho toma banho quando chove – acrescentou o tio Pio-Pio.

– Passarinho toma banho de areia – concluiu o tio Pio-Pio-Pio.

Piozinho não piou. Aliás, piou só para dizer:

– Concordo com vocês, tios.

* * *

TERCEIRA HISTÓRIA

Piada de casal

(Adaptada do site www.piadasnet.com)

Casados há trinta anos, eles visitavam os lugares onde haviam estado durante a lua de mel. Ao passar por uma fazenda, os dois se deparam com uma cerca alta margeando a estrada.

A mulher diz:

– Querido, vamos fazer como há trinta anos?

O marido para o carro, os dois descem sorridentes.

Após alguns passos, a mulher se reclina sobre a cerca e eles fazem amor como nunca.

De volta ao carro, o marido diz:

– Querida, você nunca se mexeu deste jeito nestes trinta anos ou em qualquer outra época!

– É que há trinta anos – responde a mulher –, a cerca não era eletrificada.

* * *

POEMA OU QUARTA HISTÓRIA

Sou doadora

(Da encantadora poetiza Lucrecia Welter, livro Íntima intimista)

Antes de partir
Quero plantar todo o bem
Que minhas mãos alcançam semear
E, diante do qual, o meu coração se inclina
Em reverência.
Quero deixar para o mundo
O mais belo gesto de amor:
O da entrega,

O da doação do meu corpo carne
Que peço: me atendam
Quando eu já não puder me manifestar.
Para ti,
Meu receptor,
Que não terei a graça de te conhecer, talvez,
Mas que Deus me colocará em seu caminho
No momento certo,
Eu deixo a vida.
Existe algo maior?

Vamos conversar um pouquinho?

Espero que você ainda tenha em mente a primeira questão: por que nós, da espécie humana, temos, até onde sabemos, este impulso para "gostar" de histórias, reagir a elas?

Resposta: porque "história", isto é, a estrutura subjacente ou a arquitetura das histórias são intuitivas, inerentes a nós. Nascemos com a capacidade de compreender que uma história é uma história, como nascemos com o dom de diferenciar o que é uma língua humana e reagir a ela, não confundindo a mesma com o miado de um gato ou o latido do cão.

E que estrutura atávica é esta que herdamos dos nossos ancestrais, tal como os pássaros herdam a habilidade de construir um ninho?

A princípio é muito fácil. Uma história é uma unidade de comunicação em que o autor mostra um personagem que se depara com uma dificuldade qualquer, parte para resolvê-la, porém encontra obstáculos pela frente e, no fim, consegue resolver, não consegue ou deixa para resolver depois. Neste processo, ele se transforma ou muda,

nem que seja por um segundo, a maneira como o ouvinte (leitor) da história vê a vida. Toda história tem que ter esta estrutura básica.

Vamos analisar se os textos apresentados se encaixam nesta estrutura? Quem seria o personagem central que VIVEU a história em cada um dos textos anteriores?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Quais obstáculos enfrentaram os personagens centrais de cada história?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Como se resolveu a questão em cada uma destas histórias?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Vamos analisar: o que cada história o levou a pensar? Você sentiu alguma coisa ao concluir a leitura de cada uma das histórias? O quê?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Você acha que cada história teve um fim positivo, negativo ou neutro?

Texto 1 ____________________

Texto 2 ____________________

Texto 3 ____________________

Texto 4 ____________________

Vou me furtar de dar as respostas, pois é um exercício muito simples, que qualquer um consegue fazer. Para quem achou as duas últimas questões um pouco mais complicadas, é verdade. As respostas são, de certo modo, subjetivas.

O importante, contudo, é que agora você já sabe por que conseguiu realizar a tarefa com sucesso. Você herdou dos seus ancestrais a capacidade de abstrair esses elementos que lhe permitem saber que uma história é uma história. Não é simples? Ninguém precisa nos ensinar a "gramática" das histórias, já nascemos sabendo!

Claro, há quem diga que esta estrutura não existe ou não é necessária para se ter uma história. Mas basta prestar atenção e você sempre encontrará a estrutura.

A frase, acho, não é minha, mas a uso há tanto tempo que não me recordo mais de quem seria. O profissional de história – autor, roteirista, dramaturgo, marqueteiro, *spin-doctor*, palestrante, etc. – que negue a necessidade de uma estrutura em sua historinha, é como um futebolista que afirma ser brilhante e jogar tão bem que não há necessidade de um gol e das marcações no campo de futebol.

Mas aqui cabe a pergunta: por que nem todo mundo é um autor? Por que há quem invente, conte ou escreva histórias melhor que os demais?

Simples! Jamais se iluda: a capacidade de usar história é intuitiva. Mas, para que a história profissionalmente utilizada se sobressaia das

demais em um mundo em que todos são capazes de alinhar uma historinha, são necessárias técnicas que ajudem o autor a criar na audiência uma maior ilusão de realidade, levando-a, temporariamente, para outro universo. Os *spin-doctors*, profissionais que trabalham principalmente na política, cuidando das histórias dos candidatos, e na construção da imagem de grandes empresas nem tão temporárias assim, precisam também recorrer a essas técnicas.

Agora é hora de analisar a segunda questão: por que você, até onde se dá conta, sente este impulso para "gostar" ou não das histórias?

Resposta: histórias são assim! Aos escrevermos ou entoarmos as sílabas que constituirão as palavras, as quais comporão os elementos chamados "cenas", que vão construir a história, estamos edificando um mundo! Criamos personagens, selecionamos os lugares em que eles vão habitar e descrevemos os eventos que se configuram nos obstáculos que enfrentarão para atingir o seu objetivo.

Normalmente, estes obstáculos são dilemas morais que os atormentam, pessoas com quem discordam, provações avassaladoras, uma situação com saída aparentemente impossível de se imaginar.

Por meio disto, inspiramos imagens na mente da audiência e criamos lacunas emocionais – conflitos – para que ela exija que lhe passemos informações necessárias para acompanhar o processo de resolução aplicado pelo personagem. Daí, o personagem e a audiência sempre aprendem alguma coisa. Toda história acaba por ter um valor.

Uma palavrinha sobre dilema moral. No site *conceitos.com*, há uma longa e bem elaborada explicação sobre dilemas morais; aqui segue apenas um pedacinho, introduzindo um exercício que realizo com autores em meus cursos:

> O termo dilema moral se refere a uma circunstância particular onde qualquer decisão tomada possa evitar um mal capaz de causar outros problemas. Essas incógnitas pertencentes ao

campo da ética e das discussões sobre o assunto são expressas há séculos, sem entrar em circunstâncias específicas, tratando o problema do ponto de vista abstrato e genérico. Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia e a interferência em muitas-áreas da experiência humana, o tema foi revitalizado não só do ponto de vista teórico ou abstrato, mas como uma forma adequada, no que se refere à tomada de decisões. Os dilemas morais são uma preocupação desde a antiguidade. A capacidade que uma pessoa tem para resolvê-los mostra sua sabedoria, sua habilidade de responder a circunstâncias internas relacionadas à vida. Um exemplo claro é a história bíblica em que o rei Salomão devolve uma criança ao peito de sua mãe. Como duas mulheres reclamavam a maternidade e lutavam por isso, Salomão deu a ordem que cortasse a criança ao meio e desse uma parte para cada. Uma das mulheres desistiu, dizendo que preferia que a outra ficasse com a criança e que estaria de acordo com a decisão. Salomão reconheceu, graças a esta simulação, quem dizia a verdade e quem mentia, assim a mulher que queria preservar a vida da criança seria a verdadeira mãe.

Em geral, o critério utilizado para resolver um dilema moral em que qualquer decisão tomada envolve dificuldades é escolher a opção que provoque um mal menor. A guerra, por exemplo, é uma situação indesejável, mas em determinadas circunstâncias é um mal menor, comparada a outras opções. Pensemos no caso da Segunda Guerra Mundial e nas consequências de deixar a Alemanha continuar sua missão. Tais fatos mostram como a tomada de decisões, em momentos críticos, revela um dilema moral.[1]

Agora que você é um *expert* em dilemas morais, os quais, por sua vez, são o combustível da história, que tal pegar uma folha de papel e escrever uma cena ou umas mal traçadas linhas sobre como você ou o seu personagem resolveria as questões a seguir?

QUESTÃO 1

No livro *A escolha de Sofia*, de William Styron, que virou filme estrelado por Meryl Streep, uma prisioneira polonesa em Auschwitz recebe um "presente" dos nazistas: ela pode escolher, entre o filho e a filha, qual será executado e qual deverá ser poupado.

Quem você escolheria salvar? Por quê? Como este é um exercício literário, explique tudo em detalhes. Tente convencer o seu leitor de que a sua decisão é e sempre será a correta! Lembre-se do contexto da época, das circunstâncias em que as pessoas viviam.

Dica! Hoje temos o Google, que nos leva a dar um "passeio" naquela época. Faça uma pesquisa antes de responder.

QUESTÃO 2

Você é o administrador da rede de uma grande empresa. Tem uma família jovem e precisa do seu trabalho para sustentá-la. Parte de sua responsabilidade, como administrador de rede, é monitorar os *e-mails*. Isso significa, geralmente, liberar, na caixa de *spam*, as mensagens que foram para lá acidentalmente. Um dia, você recebe um pedido de um membro da equipe solicitando que um *e-mail* seja liberado. Normalmente, é um procedimento padrão, exceto que, dessa vez, o pedido vem da esposa de um dos seus melhores amigos. Você reconhece o nome no pedido e rapidamente tenta resolver o problema. Como parte do procedimento, você precisa abrir manualmente o *e-mail* e se certificar

de que não é *spam*. Então, você abre e descobre que se trata de uma mensagem da esposa do seu amigo para o amante dela. Você verifica o restante do *e-mail* e não há dúvida de que ela estava tendo um caso há algum tempo.

Você libera o *e-mail*, mas não consegue decidir o que fazer. Sua reação inicial é chamar o seu amigo e contar o que houve. Entretanto, rapidamente se lembra que a política da empresa é muito rigorosa quanto a revelar o conteúdo de mensagens confidenciais dos funcionários, independentemente do contexto. A menos que a vida de alguém esteja em perigo imediato, sob circunstância alguma lhe permitem disseminar a informação. Você sabe que revelar apresenta grande risco, porque, mesmo se não o fizer diretamente, há uma grande chance de os pontos se juntarem até chegar a você. No entanto, não contar ao seu amigo faria com que sua esposa continuasse a trair o marido. O que você faria?

QUESTÃO 3

Um bonde está fora de controle em uma estrada. Em seu caminho, cinco pessoas amarradas na pista por um filósofo malvado. Felizmente, é possível apertar um botão que mudará o curso do bonde, mas ali, por desgraça, outra pessoa encontra-se também atada. O condutor deveria apertar o botão?

A maioria costuma achar que, neste caso, sim. Sentem que não é só uma ação permitida, mas também a melhor escolha moral. A outra opção seria não fazer absolutamente nada. É claro que um cálculo utilitarista justifica esta decisão, embora os não utilitaristas também se mostrem, muitas vezes, a favor dela. E você? O que faria?

O combustível das histórias

Então, você foi capaz de discorrer sobre os dilemas morais? Todo livro, por mais banal que seja, tem de levantar um dilema moral e tentar resolvê-lo. Posso não concordar com o que o autor postula, mas sempre valerá a pena ler, pois, pelo menos, me fará refletir. Sem conflito, isto é, sem dilema moral, não há história, só um relatinho bobo que não prenderá a atenção de ninguém.

Será que os dilemas morais proporcionam uma maneira de escolher teorias morais rivais? Duas das teorias morais mais importantes parecem ser testadas: o utilitarismo e o absolutismo moral.

Quando falo de "absolutistas morais", refiro-me àqueles que defendem que há pelo menos uma regra moral simples e que não admite exceções, como "é sempre errado matar pessoas inocentes/quebrar promessas/dizer mentiras, etc." Os utilitaristas rejeitam regras como estas, defendendo que pode haver circunstâncias em que infringir a regra é a única maneira de minimizar as más consequências, isto é, de evitar um mal maior.

Num dilema muito discutido, um agente moral, A, encontra-se numa situação em que, se matar uma entre vinte pessoas inocentes prestes a ser executadas, fará com que as dezenove restantes sejam libertadas. Por outro lado, se A se recusar a fazer isso, o seu captor matará as vinte pessoas. Chamo a isto dilema de Williams, pois Bernard Williams elabora-o e discute-o em *Utilitarianism: for and against.*[2]

Agora sim!

Vamos analisar os ingredientes da receita do Santo Protetor das Histórias de Sucesso, que já podem se listados aqui! Entretanto, antes de

ler as dicas, observe o glossário a seguir, para que fique claro que eu e você falamos a mesma língua:

- **Lacuna emocional**: esferas de nosso emocional em que o desenvolvimento do ser integral não foi tranquilo, por motivos como traumas, abusos e travas culturais, perpetuando, assim, proteções nocivas em nosso subconsciente, da infância ou adolescência até a idade adulta. Essas lacunas não permitem que nos entreguemos totalmente nos relacionamentos em geral e nas relações sexuais, levando nosso ego a se prender ao que conhece, impedindo novos aprendizados no campo da sexualidade e da vida.
- **Dilema moral**: circunstância particular em que qualquer decisão possa evitar um mal capaz de causar outros problemas. Ou, quando se fala em estrutura e história, uma situação em que todas as alternativas são moralmente erradas.
- **Conflito**: em estrutura de história, a necessidade de escolha entre contextos que podem ser considerados incompatíveis. Todas as situações de conflito são antagônicas e perturbam a ação ou a tomada de decisão por parte do personagem ou de conjuntos de personagens.
- **Êxtase**: quando se fala de estrutura de histórias, significa arrebatar-se, desprender-se subitamente, sair de si, elevar-se. O estado de êxtase é comparado aos estados hipnóticos e de sono. A audiência fica momentaneamente atônita.

Estabelecido esse acordo entre autor e leitor, vamos às dicas básicas de como criar uma boa história para que a audiência REAJA a ela. Ou seja, goste ou não goste, não ficará indiferente:

1. Criar uma lacuna emocional por meio de um dilema moral e um conflito.

2. Deixar a audiência implorar por informação para preencher a lacuna.
3. Proporcionar a informação à audiência, passo a passo, criando uma nova lacuna emocional ainda maior, oferecendo mais conflito, para deixar o dilema moral mais complicado.
4. Repetir este ciclo várias vezes, se necessário, até a audiência pagar qualquer preço para que se revele a informação derradeira, que a alivie e lhe proporcione o êxtase.
5. E aí parecer revelar, mas, na verdade, criar uma lacuna ainda maior, derradeira, para a audiência exigir, gritar, chorar, descabelar-se para ter acesso às informações que fecharão a trama e resolverão o dilema moral estabelecido no início da história.
6. Então revelar à audiência as peças que faltavam, deixando que ela reaja por um tempo curtíssimo e, enfim, completar a história.

A audiência tem de escapar ou ser empurrada para fora da história ainda com a alma doendo, com as marcas do êxtase e a sensação de que pagou um preço físico e emocional altíssimo para vivenciar a trama até o fim, porém sentindo que saiu vitoriosa, satisfeita, quiçá implorando por mais!

Se quiser, volte aos quatro textos no início do livro e responda:

Do que você gostou em cada um deles? Por quê?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Do que você não gostou em cada um deles? Por quê?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Aqui é importante que você descubra a RAZÃO pela qual cada texto funcionou ou não para você. O que nele "valeu" ou "não valeu"?

Descobriu?

Então, agora, vamos recordar um amigo ou alguém que você conheça, mas que pensa diferente de você em determinadas circunstâncias.

Pensou?

Complete o exercício a seguir como se fosse seu amigo:

Do que seu amigo gostou em cada um dos textos? Por quê?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Do que seu amigo não gostou em cada um dos textos? Por quê?

Texto 1 ______________________

Texto 2 ______________________

Texto 3 ______________________

Texto 4 ______________________

Aqui é importante que você descubra a RAZÃO pela qual cada texto funcionou ou não para seu amigo. O que no texto "valeu" ou "não valeu" para ele?

Agora um grande segredo: o que não pode acontecer é uma história não valer nada para ninguém, não "incomodar", não causar qualquer reação.

E histórias são assim… Não importa se lhe disserem que escrever um livro é difícil, que contar uma história não é para você. Você já nasceu

com a habilidade de obter sucesso nesta empreitada. Enquanto estiver vivo, estará criando e contando histórias. Agora, claro, é afinar este dom natural para escrever um livro com uma história que encante a audiência, para não ficar plantado nas prateleiras de uma livraria qualquer ou empilhado embaixo da sua cama.

Hora de ir em frente!

Como se preparar para a próxima lição

Reflita brevemente sobre essas dez questões:

1. Como você define sucesso?
2. O que é um livro *best-seller* para você?
3. Num mundo ideal, você preferiria que o seu livro vendesse como Harry Potter ou mudasse a vida das pessoas, como a Bíblia ou o Alcorão?
4. Que histórias você mais ouve? Elas influenciam o seu modo de pensar?
5. Que histórias você mais conta? Elas são influenciadas pelas histórias que você ouve?
6. Qual a função primordial de uma história?
7. Como você vê esta declaração de Bill Gates: “meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, eles serão incapazes de escrever – inclusive sua própria história”?
8. Em relação ao número de livros lidos ao ano, a Espanha aparece em primeiro lugar (10,3), seguida de Portugal (8,5), Chile (5,4), Argentina (4,6), Brasil (4,0), México (2,9) e Colômbia (2,2). Quantos livros você lê ao ano? Você pende mais a um espanhol ou a um colombiano?

9. Qual a importância do muito ler para bem escrever?
10. Por que que ler blogs não é o mesmo que ler livros?

Querer é poder!

Então gente, o que é um *best-seller*?

Best-seller é um livro de sucesso!

Sucesso…

Será que gosto desta palavra?

De qualquer forma, vou começar este capítulo como começo quaisquer umas das minhas conversas, com uma pergunta simples: o que significa sucesso para você? Qual a sua definição única e pessoal?

Você acha que esta palavra pode ganhar um significado concreto e original ou, como eu, acredita que sucesso tem um significado diferente para cada um?

Como futuro autor, você deve ser um aficionado por dicionários, então vamos a uma definição do *Dicionário online de português*:

> **Significado de sucesso**: s. m. Êxito; consequência positiva; acontecimento favorável; resultado feliz. Algo ou alguém que obteve êxito; que possui excesso de popularidade. Conseguir algo de maneira favorável: obter um resultado positivo (etm. do latim: sucessus.us). Sinônimos: êxito, fato, fortuna, felicidade, ocorrência, caso, acontecimento, prosperidade, vitória. Antônimos: perda, desastre, azar, infortúnio, tragédia, insucesso.[3]

Você, que comprou ou vai comprar esta obra para descobrir o que está por trás do sucesso, já avaliou se o livro que você quer escrever está

mais próximo ou mais distante dessa definição?

O sucesso de um livro

Só há uma maneira de se definir sucesso no universo dos livros: comparando sua obra com outros publicados por uma editora na mesma linha, com qualidade semelhante, distribuídos por canais similares e expostos a oportunidades de vendas análogas.

Se o seu livro vendeu mais ou aproximadamente o mesmo que outros com tema similar, obedecendo as condições anteriores, você obteve êxito. Ou seja, muita gente foi à sua noite de autógrafo e levou a obra. Como consequência positiva, o livro vende que nem pão quente nas suas palestras ou pelo site da editora.

Além disso, graças a sua obra, você participou do *chat show* mais famoso do Brasil, o que configura um acontecimento favorável. Como resultado feliz, o dinheiro que entrou com as vendas não só levou você, sua esposa e a sogra a Paris, mas rendeu ainda uma esticadinha a Londres!

Por outro lado, se vendeu muito menos, repito, dadas as condições apresentadas, então o seu livro foi um fracasso. Claro que fracasso pode ser uma perda – você investiu numa autopublicação e ficou com mil livros guardados na garagem –; ou um desastre – gastou o dinheiro para levar sua esposa e sogra a Paris, e agora está sem esposa e sem sogra.

Fracasso também pode significar azar ou infortúnio – você divulgou a todos os amigos que seu livro seria um sucesso por revelar uma mensagem maravilhosa, única, que alavancaria sua carreira e mudaria o mundo, porém vendeu apenas três exemplares. Oops! Há algo na sua mensagem que o mundo não está preparado para ouvir, por ora.

Seu fracasso também pode significar uma tragédia. Como? Ninguém mais quer contratar seu serviço, o que você escreveu afastou para sempre seus clientes. Pode igualmente representar insucesso. Melhor dizendo, você fez tudo aparentemente direitinho, mas mudou o governo e o poder aquisitivo… sabe como é!...

Porém, na minha opinião, um erro comum que percebo nesse assunto é avaliar a realização dos nossos desejos observando os outros ou prestando atenção demais às definições do dicionário.

Mas, afinal, o que é ter sucesso? Arrisco afirmar que todo mundo, mesmo sem ter a menor ideia do que isso quer dizer, "sente" que ter sucesso é ser feliz. Porque assim, de alguma forma, ajudamos a mudar nossa própria história ou a de alguém. "Olhando de fora, os outros podem parecer mais felizes, mais ricos, mais satisfeitos com a vida. Olhando de longe, parece que eles já alcançaram o sucesso."

Só que, intuitivamente, sabemos que isto não é verdade. O verdadeiro gostinho do sucesso chega quando você sabe que construiu alguma coisa que vai mudar pelo menos *um* mundo, um mesmo, o numeral.

Que sucesso, então, você espera, com a publicação do seu livro? Ser um *best-seller*?

Se for este o objetivo, o livro já nasceu fadado ao fracasso. *Best-seller* não se faz, acontece. Embora haja formas bem desonestas de manipular as estatísticas e colocar seu livro numa lista de mais vendidos, o que não é em absoluto o assunto deste livro.

Você espera vender mais que seus pares, dadas as mesmas condições examinadas anteriormente?

É mais razoável, mas muito difícil saber, a não ser que todos os exemplares fossem vendidos e registrados no Nielsen BookScan, site onde a gente vê quem vendeu quantos exemplares, onde e por qual valor. Porém, como medir isto? Afinal, nem nos EUA ou na Inglaterra o

BookScan é preciso. Eis, portanto, a raiz da minha implicância com a palavra "sucesso". É necessário definir claramente o que essa palavra quer dizer para nós e, a partir daí, direcionar nosso foco e motivação para alcançar esse "sucesso".

Desta forma, prefiro definir sucesso como a capacidade de mudar pelo menos UM mundo, quer o nosso ou de outra pessoa, com o livro que escrevemos.

Por quê?

Se escrevi e publiquei o que senti ser meu legado, minha mensagem para a posteridade, estarei feliz. Mesmo sem esposa, sem sogra, sem ir para Paris; mesmo abandonado pelos que antes considerava meus amigos e admiradores.

Muita gente famosa foi incompreendida no seu tempo e morreu à míngua. Imagino que, com certeza, partiram felizes, por saber que legavam um presente à humanidade. Sei que cada autor tem um relacionamento com o livro. Por exemplo, um autor de ficção escreve para secretamente ter o prazer de ver o livro bem exposto numa livraria famosa, o palestrante sonha com um livro que consolide sua mensagem, enquanto um profissional de *marketing* digital acha que pode dar um livro como parte de um curso, sem dúvida mais caro.

Na minha opinião, toda e qualquer relação honesta e consciente com o livro, que vise a deixar um legado, vale a pena, pois impulsiona o autor a escrever, escrever e escrever.

Assim, antes de gastar tempo e dinheiro produzindo seu *best-seller*, entenda bem o que você realmente quer com ele. Quem desconhece o que procura, não percebe quando acha, concorda? Não seja levado pela maré. De repente, pode ser uma má ideia escrever um livro neste momento, pois você pode estar se deixando levar, por exemplo, pela vaidade.

O autor pode não ter muito a dizer, mas vai A-DO-RAR a noite de autógrafos. Ou você acredita que chegou a hora, e tem certeza de que haverá apoio familiar, de que este livro vai alavancar a sua vida e o fará mais feliz, realizado como pessoa ou profissionalmente? Há um conjunto de fatores que não mencionei nesta introdução, mas você acredita que eles justificarão seu sacrifício?Na verdade, na minha experiência como consultor, tenho visto que o sucesso tende a perseguir mais quem segue os preceitos da canção *Je veux* (eu quero), da ZAZ, do que o contrário. Para sua reflexão, segue um trecho traduzido da letra original em Francês, disponível na internet.

> Dê-me uma suíte no Ritz, eu não quero!
> As joias da Chanel, eu não quero!
> Dê-me uma limusine, eu faria o quê?
> Dê-me o pessoal, eu faria o quê?
> Uma mansão em Neuchâtel, isto não é para mim
> Dê-me a Torre Eiffel, eu faria o quê?
> Eu quero o amor, a alegria, o bom humor
> Não é o dinheiro que fará minha felicidade [...]
> Bem-vindo à minha realidade [...]
> Chega de hipocrisia, cansei disso!

Então, gostou da mensagem?

Quer ter um *best-seller*?

Se for assim, queira acima de tudo o amor, a alegria, o bom humor, pois não será o dinheiro que fará sua felicidade.

Bem-vindo à minha realidade!

E agora é com você! Claro que, nas próximas páginas, vou dar uma mãozinha para que você percorra melhor este caminho, da criação do livro à sua publicação, mas a questão central você terá que responder: qual sua definição pessoal e única de *best-seller*?

Lembre-se. QUERER É PODER!

E, bem orientado, você certamente pode!

Sou a soma das histórias que ouço e conto

Histórias nos definem. E aqui vou reproduzir um pouquinho da minha, num ponto de vista onisciente. Ah! Já aviso: não é autopromoção – para saber de mim vá ao Google! –, mas este trecho será importante, mais tarde, no exercício que você irá realizar.

Lá vai…

Quem é James McSill?

Inglaterra, cerca de 1979, 84 anos depois que o primeiro hominídeo contou a primeira história…

James McSill, professor e editor, futuro consultor de histórias, nasceu no Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, em 1957 d.C. Neste ano incrível, John Lennon e Paul McCartney encontraram-se pela primeira vez em Liverpool, Inglaterra, dando início, em 6 de julho, à banda The Beatles.

No mesmo ano, Pelé estreou na seleção brasileira, aos 16 anos, marcando um dos gols da partida contra a Argentina, no Maracanã, em 7 de julho. A União Soviética lançou ao espaço o primeiro satélite artificial, o Sputnik I, em 4 de outubro. Enquanto isso, Moscou anunciava a criação do satélite Sputnik II.

Neste ínterim, James McSill mudou-se para a Escócia. Mais tarde, como consultor, escreveu, entre outros, o livro *5 Lições de storytelling*, lançado em Portugal e no Brasil. Ele pode ser considerado um dos primeiros tratados sobre storytelling, ou seja, a arte de utilizar, como

instrumentos de transformação, princípios milenares inerentes às histórias.

Escrita originalmente em português, a obra está agora entre as mais vendidas sobre este tema no Brasil e em Portugal. Nela, o autor aborda três campos onde a aplicação desses princípios é essencial: a criação de histórias para envolver a audiência – entretenimento, *branding*, etc. –; a gestão de mudanças – empresa, *marketing*, propaganda, etc. –; e no campo da transformação do próprio eu – no estilo mude a sua história, mude a sua vida.

Apesar da sua ancestralidade, os princípios de storytelling passaram por um avivamento, neste início de século, e mantêm-se mais válidos a cada dia. James tem aplicado esses princípios para ajudar autores a publicar comercialmente, a criar *best-sellers* e a levar empresas a um novo patamar na comunicação com o cliente, mas, sobretudo, para transformar pessoas, torná-las mais aptas ao confronto dos desafios da modernidade.

Este trabalho de James McSill, porém, não discorre apenas a respeito da prática do storytelling com base na prática militar dos antigos chineses. Ele é, acima de tudo, "um tratado que ensina a estratégia suprema de aplicar com sabedoria o conhecimento da natureza humana nos momentos de confronto".

É, portanto, um livro sobre os princípios básicos do storytelling, cujo foco é a compreensão das raízes do drama inerente às histórias (conflito, tensão, suspense e mistério), para criar uma moldura emocional na qual, eficazmente, se pode enquadrar informação, encontrando soluções para problemas de liderança e gestão, de comunicação e transformação pessoal.

– A melhor vitória é vencer sem lutar, apenas pelo poder das palavras – diz James McSill. – E esta é a distinção entre o sábio e o ignorante.

A principal meta deste livro é ajudar a mostrar ao leitor o caminho da "vitória", isto é, como atingir objetivos e realizar sonhos em meio aos conflitos e na luta pela sobrevivência, no âmbito da comunicação do dia a dia com nossos amigos e familiares.

Todo "conflito", seja externo – eu falo e o outro não me entende –, ou interior – eu falo e talvez o outro não me entenda –, é uma forma de guerra, de batalha que temos de vencer, travada dentro de certas regras de combate.

– Qualquer história que precisemos usar para entreter, ensinar, vender, gerir, comunicar, liderar ou transformar – postula James McSill –, tem no encantamento a sua qualidade básica.

E encantar, aqui, pode ter muitas interpretações. Uma delas é usar a palavra para manipular, envolver, levar alguém a agir, enfim, para se atingir o objetivo desejado.

Sei que já leu isto antes, mas vale a pena repetir para estabelecermos o contexto deste livro. Ao utilizarmos a palavra, nós a contextualizamos e a dissimulamos em histórias, desde metáforas até grandes romances. O encantamento e a magia das histórias nos acompanham desde sempre, são "armas" que nos auxiliam nas batalhas da vida.

Para esta obra, James McSill sistematizou as regras técnicas de utilização dos princípios de história – *storytelling iechniques* – que ajudarão a combater o pior inimigo do século 21: falar e não ser ouvido e, se ouvido, não ser percebido.

Diferente dos demais livros de James McSill, este, inspirado na *Arte da Guerra*, estabelece novas regras e disponibiliza valiosas dicas.

Para você, onde quer que se encontre, neste exato momento…

Ok. Guarde esta informação e vamos adiante… Tem mais três histórias para ler. Na verdade, este é o maior dos truques, a grande dica para quem quer ser escritor: ler, ler e ler. Então, relaxe e vamos a mais

historinhas. Meu conselho: na primeira leitura, tente desfrutar delas como um leitor comum, esqueça que este é um livro técnico. Desta vez, para facilitar, ao lê-las, tenha em mente duas das perguntas finais que ficaram pendentes:

- Ao se deparar com essas histórias, o que você acha que ficou sabendo sobre o AUTOR?
- Ao gostar ou não dessas histórias, reagir a elas, o que você ficou sabendo sobre si próprio?

PRIMEIRA HISTÓRIA

A roupa nova do imperador

(Hans Christian Andersen, texto retirado de www.guida.querido.net)

Era uma vez, um imperador que viveu há muitos anos. Gostava tanto de roupas novas e bonitas que gastava todo o seu tempo e dinheiro vestindo-se. Não dava importância ao exército, não ia ao teatro, não andava de carruagem por entre o povo a não ser quando queria exibir uma roupa nova. Tinha um casaco diferente para cada hora do dia; e, tal como se ouve dizer de outros soberanos “Está em Conselho!”, no seu caso seria “O imperador está no quarto de vestir!”.

A vida era bastante alegre na cidade em que ele vivia. Forasteiros estavam sempre a chegar. Um dia, apareceram dois indivíduos com um ar suspeito, que diziam ser tecelões. Mas, segundo eles, o tecido que fabricavam não só era extraordinariamente belo, como tinha ainda propriedades mágicas: mesmo quando transformado em peças de vestuário, era invisível para todas as pessoas que não desempenhassem bem as suas tarefas ou que fossem particularmente estúpidas.

“Excelente!”, pensou o imperador. “Que bela oportunidade para descobrir quais os homens do meu reino não devem estar nos lugares

que ocupam e quais são os espertos e os estúpidos! Pois é, aquele material tem de ser tecido e transformado em roupa imediatamente!”

E deu aos dois malandros uma grande quantia de dinheiro para começarem a trabalhar. Assim, os dois patifes montaram dois teares e agiram como se estivessem a trabalhar afanosamente, mas a verdade é que não havia nada nos teares. Pouco depois, estavam pedindo o melhor fio de seda e de ouro, que meteram nos próprios bolsos, continuando a mover os braços diante dos teares vazios pela noite adentro.

Ao fim de algum tempo, o imperador pensou:

“Gostaria realmente de saber como vai o trabalho!”

Mas, quando se lembrou de que o tecido não podia ser visto por pessoas estúpidas ou incompetentes, sentiu-se um tanto embaraçado em ir ele próprio. Não que tivesse quaisquer dúvidas quanto às suas capacidades, é claro, mas achou que talvez fosse melhor mandar alguém primeiro. Afinal de contas, todos na cidade sabiam dos poderes especiais do tecido; todos estavam ansiosos para descobrir até que ponto o vizinho era estúpido ou incompetente.

– Já sei! Vou mandar o meu velho e honesto ministro! – decidiu. – É o homem indicado, o mais sensato possível, e ninguém pode se queixar da maneira como desempenha as suas funções.

Então, o bom velho ministro foi à sala onde os dois malandros estavam fingindo trabalhar nos teares.

“Que Deus me ajude!” pensou ele, abrindo os olhos cada vez mais. “Não consigo ver nada.”

Mas guardou o pensamento só para si.

Os dois vigaristas pediram-lhe que se aproximasse; não achava ele que os padrões eram lindos e as cores delicadas? E gesticulavam diante dos teares vazios. Mas, embora o pobre velho ministro espreitasse e olhasse fixamente, continuava a não ver nada, pela simples razão de que não havia nada para ver.

“Céus!”, pensou. “Serei mesmo estúpido? Nunca achei que fosse. O melhor é que ninguém saiba! Serei mesmo incompetente no desempenho das minhas funções? Não, não posso dizer que não vejo o tecido.”

– Então, não o acha admirável? – perguntou um dos falsos tecelões, continuando a mexer as mãos. – Ainda não disse nada!

– Oh, é encantador, perfeitamente maravilhoso – disse o pobre velho ministro, olhando atentamente através dos óculos. – O padrão, as cores... sim, tenho de dizer ao imperador que os acho notáveis.

– Bem, isso é muito animador – disseram os dois tecelões, apontando-lhe os pormenores do padrão e as diferentes cores utilizadas.

O velho ministro ouviu atentamente, de modo a poder repetir tudo ao imperador. E foi o que fez.

Os dois impostores então pediram mais dinheiro e mais fio de seda e de ouro; disseram que precisavam disso para acabar o tecido. Mas tudo o que lhes deram foi para os seus bolsos, nem um ponto apareceu nos teares. Apesar disso, continuaram a agitar afanosamente os braços diante das máquinas vazias.

Mais tarde, o imperador mandou outro honesto funcionário para ver o andamento do trabalho e saber se o tecido estaria pronto em breve. Aconteceu-lhe a mesma coisa que ao ministro; olhou e tornou a olhar, mas, como não havia nada para ver senão os teares vazios, nada foi tudo o que ele viu.

– Não é um belo tecido? – perguntaram os tratantes.

E ergueram o tecido imaginário diante dele, apontando para o padrão que não existia.

“Eu acho que não sou estúpido”, pensou o funcionário. “Se calhar, o problema é que não sou a pessoa indicada para o cargo que desempenho. Bem, nunca pensei tal coisa! E o melhor é que ninguém o pense!”

Por isso, emitiu ruídos de apreciação sobre o tecido que não conseguia ver e disse aos homens que gostava muito das cores e do desenho.

– Sim – afirmou ao imperador –, é magnífico.

As notícias sobre aquele tecido fantástico depressa se espalharam pela cidade. E, então, o imperador decidiu ir vê-lo ainda nos teares. Assim, com alguns servidores cuidadosamente escolhidos – entre os quais os dois honestos funcionários que já lá tinham estado –, foi à sala de tecelagem, onde os malandros faziam as suas palhaçadas, tão ativos como sempre.

– Que tecido esplêndido! – exclamou o velho ministro.

– Veja o padrão, majestade! Observe as cores! – disse o outro funcionário.

E apontavam para os teares vazios, porque estavam certos de que as outras pessoas viam o tecido.

"Isto é terrível!", pensou o imperador. "Não vejo nada! Serei estúpido? Serei incompetente como imperador? É assustador pensar uma coisa dessas."

Então, disse em voz alta:

– Oh, é encantador, encantador! Tem toda a nossa aprovação!

Acenou com ar satisfeito para os teares vazios; nunca iria admitir que não via absolutamente nada.

E os cortesãos que o acompanhavam também olhavam fixamente, todos eles secretamente alarmados por não serem capazes de ver um único fio. Mas, em voz alta, fizeram eco com o imperador:

– Encantador, encantador!

E aconselharam-no a utilizar o esplêndido tecido para a nova roupa real que teria de vestir num grande cortejo a ser realizado dentro em pouco.

– É magnífico e tão fora do vulgar... – Era o que se ouvia de todos os lados.

E o imperador condecorou os dois impostores com uma roseta para por nos botões dos casacos e o título de Funcionário Imperial do Tear.

Durante toda a noite anterior ao dia do cortejo, os dois tratantes fingiram trabalhar, com dezesseis velas à sua volta. Toda a gente podia ver como eles estavam atarefados, tentando acabar a tempo a roupa novo do imperador. Fingiam tirar o tecido dos teares, cortavam o ar com grandes tesouras de alfaiate, cosiam e tornavam a coser com agulhas sem linha. Por fim, anunciaram:

– A roupa está pronta!

O imperador foi vê-la com os seus cortesãos mais nobres, e os dois tratantes ergueram os braços como se estivessem a levantar alguma coisa.

– Aqui estão as calças – disseram eles. – Aqui está o casaco e aqui está a cauda... – E por aí afora. – São leves como espuma; pelo toque, dir-se-ia que não se tem nada vestido, mas a beleza está precisamente aí.

– Sim, claro... – disseram os acompanhantes do imperador, embora continuassem sem ver nada, porque não havia nada para ver.

– Se Vossa Majestade Imperial quiser fazer o favor de tirar a roupa que está vestindo, teremos a honra de ajudá-lo a colocar a nova diante do espelho.

O imperador despiu-se, e os dois tratantes fingiram entregar-lhe as roupas novas, uma peça de cada vez. Depois, com os braços à volta da sua cintura, fingiram ajustar a cauda, num toque final.

O imperador virou-se e deu uma volta na frente do espelho.

– Que elegante! Como assenta bem! – murmuravam os cortesões. – Que tecido tão rico! Que cores magníficas! Alguma vez, já tinham visto uma coisa tão magnífica?

– Majestade – disse o mestre de cerimônias –, o dossel já está lá fora.

O dossel cobriria o imperador durante o cortejo.

– Bem – exclamou o imperador –, estou pronto. Assenta realmente muito bem, não acham?

E tornou a dar umas voltas em frente do espelho, como quem se admira pela última vez. Os cortesões que tinham de pegar na ponta da cauda baixaram-se, como se erguessem alguma coisa do chão e levantaram as mãos diante de si. Não iam deixar o povo pensar que eles não viam nada.

E assim o imperador foi caminhando no imponente cortejo, sob o esplêndido dossel, e toda a gente nas ruas ou nas janelas exclamava:

– Que ar magnífico tem o imperador! E as roupas novas... não são maravilhosas? Olhem só para a cauda! Que elegante!

O fato é que ninguém queria admitir que não via roupa nenhuma, porque isso significaria que eram estúpidos ou incompetentes no seu trabalho. Nenhum dos belos trajes do imperador tinha sido tão admirado até então.

Foi quando se ouviu claramente uma voz espantada de criança:

– O imperador não está vestindo nada!

– Estes inocentes! As coisas ridículas que dizem! – exclamou o pai da criança.

Mas um murmúrio começou a crescer no meio da multidão:

– Aquela criança diz que o imperador não está vestindo nada... o imperador não está vestindo nada! – E daí a pouco, toda a gente repetia:
– O imperador não está vestindo nada!

Por fim, até o próprio imperador achou que eles deviam ter razão, mas pensou:

“Não posso parar, senão estrago o cortejo.”

E lá foi andando com um ar cada vez mais orgulhoso, enquanto os cortesões continuavam a segurar uma cauda que não existia.

* * *

SEGUNDA HISTÓRIA

Por que sou quem sou?

(James McSill)

Aprendi muito cedo que o que faz a diferença não é o que temos, mas quem temos na nossa vida. Uma boa família, os amigos que escolhemos, as pessoas com quem nos relacionamos.

E foi com uma boa família que cheguei a terras estranhas ainda menino, embora pouco me lembre disto. Recordo, no entanto, quando, num determinado domingo, fui visitar o Baras, um mercado popular em Glasgow, que se encontra tal como era até hoje.

Eu já devia ter certa idade, não era nenhum bebê, pois pedi para passear sozinho pelos corredores e ruas e os meus pais não se opuseram.

Numa dessas ruas, deparei-me com um mascate numa carroça puxada a cavalo. Mascate era um daqueles homens que percorriam as ruas de Glasgow vendendo quinquilharias de todo tipo, um vendedor ambulante.

A carroça ostentava a placa:

MASCATE SEAN
COMPRO AQUI E VENDO ALI PRODUTOS DE TODO TIPO.

Aproximei-me da carroça para ver o animal. Os cavalos escoceses, peludos, sempre me fascinaram.

A minha aproximação foi como um sinal para o Mascate Sean, que, com o seu cavalo, já puxava a carroça para a rua principal do mercado. Ele parou, olhou em volta e sorriu.

– "Whotsyernem, sunny?"

– Sou o Jimmy.

– Então, Jimmy!

– O que tem nesta carroça, senhor? – Tinha algumas coisas ali dentro, mas eu não identificava o que seriam.

– Histórias – disse ele. – Aos domingos, compro, vendo e troco histórias aqui em Glasgow. Nós a chamamos de a cidade das histórias. Esta é uma cidade toda a gente conta histórias, não é?!

Mascate Sean puxou as rédeas e estacionou bem perto do ângulo da calçada, em frente a mais um dos muitos prédios do Baras que "vendia" coisas, uma mistura de depósito e loja.

– Olhe ali. – Ele apontou para a entrada. – Sabe ler placas, menino?

Acima da entrada, um aviso anunciava:

TROQUE AQUI AS SUAS HISTÓRIAS.
TRAGA UMA E LEVE OUTRA.

O que se seguiu, e que até hoje não esqueci, foi o que eu, digamos, imaginei!

O aviso, quase o mesmo, de repente anunciava:

TROQUE AQUI AS SUAS HISTÓRIAS.
CONTE UMA E ESCUTE OUTRA.

– Então, Jimmy, tem uma boa história para trocar? – Teria me perguntado Mascate Sean, na minha imaginação, intrigado com o fato de eu ser moreno, ter cabelos pretos e esforçar-me para ser educado. Afinal, eu era diferente das outras crianças que corriam pelo Baras, brancas, cabelo cor de fogo e rudes com os adultos.

Na minha história imaginária, eu não disse nada. Apenas imaginei…

– Olá, Mascate Sean. – Ouviu-se a voz triste de uma menina, que apareceu não sei bem de onde, ao meu lado. Morena, cabelo preto e educada como eu, só que triste, muito triste.

– Olhe quem apareceu por aqui! – disse o Mascate. – Se não é a Penny, a minha jovem amiguinha! Tem uma boa história para mim, hoje, Penny? Posso trocar a sua por outra da minha carroça com prazer, antes de descarregar na loja estas aqui e levar umas novas para trocar por aí.

Penny, tenho certeza, soluçou e fungou; só depois falou:

– Eu não tenho nenhuma história hoje, Mascate Sean! Parece que ninguém em Glasgow tem histórias como antigamente. Olhe a sua carroça! A cada domingo mais vazia. Estamos todos a perder as nossas histórias!

– Perder as nossas histórias? O que quer dizer, menina?

– Não se deu conta? Começamos a contar uma história – disse Penny – e, então, ela se esvanece, desaparece no ar! Assim que a contamos já não conseguimos nos lembrar dela. Esta tarde, venha ao mercado de trocas de histórias para ver. Esta loja aí – apontou para a loja depósito com o aviso pendurado – não tem mais nada para trocar.

– Senhoras e senhores, meninos e meninas…

No outro lado da rua, outra carroça tinha estacionado com uma placa que dizia:

DR. SEBASTIAN, O ENCANTADOR:
TODO TIPO DE PARAFERNÁLIA PARA ENTRETENIMENTO.

Na carroça, um homem de sobretudo, chapéu e uma barba que se estendia pelo peito se equilibrava numa pilha de caixas de madeira.

De repente, uma pequena multidão avizinhou-se dele.

– Senhoras e senhores, meninos e meninas… – repetia ele. – Vocês já ouviram falar de um contador de histórias? – O Dr. Sebastian levantou a voz, gesticulando à multidão agora reunida; gestos que se fazem para

espantar moscas no Verão. – E vocês já ouviram falar de livros de histórias? Bem, eu estou aqui para mostrar algo mais interessante ainda: Os novos e patenteados Livros de Histórias do Dr. Sebastian, O Encantador. Esses livros, posso afirmar, são especiais, vêm fechados dentro destas caixas.

– Oh, Mascate Sean – gritou Penny, no que me pareceu em delírio. – Ele está vendendo histórias! A carroça dele está cheia até não poder mais.

O Dr. Sebastian ergueu da carroça uma das caixas de madeira, em um dos lados ostentava como que uma janela de vidro, no outro, muitos botões e interruptores. Girou um botão e o vidro acendeu-se. De repente, figuras minúsculas atravessavam, a vidraça, e vozes saíam das suas pequenas bocas.

– É a Cinderela! – gritou alguém na multidão.

O Dr. Sebastian girou um botão e apareceu uma imagem em movimento diferente.

– Agora é o Gato de Botas! – exclamou outra pessoa.

O Dr. Sebastian girou o botão novamente.

– E esta – ele sorriu e disse – é A Bela Adormecida! Nunca mais nenhum de vocês terá de pedir para lhes contarem uma história – clamou o Dr. Sebastian. – E nunca mais terão de imaginar as imagens, as vozes. Nunca mais terão de imaginar mais nada! Quem será o primeiro a comprar uma Caixa de Histórias do Dr. Sebastian, o Encantador?

– Vou levar uma!

– Eu também vou!

– Vou levar duas caixas! Aliás, três, uma para a minha sogra!

Em pouco tempo, a carroça do Dr. Sebastian estava vazia.

A rua do Barras estava atulhada de crianças e adultos de olhos fixos nas pequenas caixas.

– Não gosto da aparência disto – murmurou Mascate Sean. – Se não vão levar uma caixa para vocês, meninos – disse ele, referindo-se a mim e a Penny –, vamos ver se sobrou alguma história na loja depósito do meu amigo.

Pouco depois, Mascate Sean tinha amarrado as rédeas ao lado da carroça e com uma mão no meu ombro e a outra no de Penny acompanhou-nos para dentro do estabelecimento. Só que, para minha surpresa, a loja estava cheia; havia mais gente ali do que na rua, onde Dr. Sebastian apregoara as caixas. Zumbiam ali conversas sobre histórias perdidas e as caixas do Dr. Sebastian.

Por fim, um homem gordinho, de bengala, saltou para cima de uma mesa. Ele olhava ao redor, sacudindo a cabeça para todo lado, como se o pescoço fosse elástico.

– Bem-vindos à loja de troca de histórias. Acomodem-se como der. É uma honra contar a primeira história de hoje: *O Flautista de Hamelin*.

O Mascate Sean puxou duas cadeiras velhas de algum lugar.

– Sobe, Jimmy – disse o Mascate Sean –, assim ouvirá melhor a história.

– E eu? – retrucou Penny.

– Sobe nesta aqui!

Da minha cadeira, por uma janela aberta, eu pude escutar, através dos murmúrios da multidão, um zumbido fininho e um ruído de sucção.

– A vida na cidade de Hamelin era agradável – começou o gordinho sobre a mesa. – Ou teria sido, se não fosse o… o… – O gordinho ficou pálido. – Eu perdi a minha história, eu… – gaguejou ele, saltando da mesa e correndo para fora da loja.

Um murmúrio de horror elevou-se no recinto.

Uma mulher de óculos, que fazia de um banco uma escada, subiu à mesa e ajeitou a saia.

– Sou Sandra Barnes, professora – tentou em seguida. – A minha história é *João e o pé de feijão*.

Escutei, novamente, o zumbido e a sucção.

– Era uma vez uma pobre viúva que tinha um único filho chamado… nomeado… Oh, não! – Ela desceu da mesa, em lágrimas. – Eu não tenho medo de contar histórias – disse Penny, saltando para a cadeira ao meu lado e, no mesmo ímpeto, parecendo escalar a mesa palco. – Este é o mito de Pégaso…

Mascate Sean apertou o meu braço. Antes que eu pudesse ver o que ele queria, ouvi os ruídos mais uma vez.

– Há muito tempo, na Grécia, havia um cavalo chamado Pégaso – continuava Penny. – Este cavalo foi especial porque… pois… pois…

– Parem as trocas – gritou do fundo da loja o gordinho da bengala. – Não podemos nos dar ao luxo de perder mais histórias. Será o fim da contação de histórias na cidade de Glasgow!

Os murmúrios encheram outra vez o ambiente. Mascate Sean apertou ainda mais forte o meu braço. Tal como eu, devia ter ouvido uma gargalhada pela janela. Olhei bem e distingui o homem de sobretudo e chapéu caminhando a passos largos, já a uma certa distância da loja. Ele carregava uma grande caixa de madeira coberta de botões e mostradores, com uma longa mangueira ligada a ela.

– É o Dr. Sebastian! – disse Mascate Sean. – É melhor eu ir ver o que está acontecendo!

Saltei da cadeira e apressei-me atrás dele por entre as pessoas e pelas muitas ruas e corredores do mercado.

Ele seguiu o Dr. Sebastian à distância, até a saída da cidade, onde se iniciava o caminho até as montanhas.

– Mascate Sean, não consigo correr mais.

– Jimmy – ele virou e arregalou os olhos –, o que faz aqui?

Não expliquei porque nem eu sabia. Eu estava ali e pronto.

– Não pode ficar aí sozinho, Jimmy – disse com a expressão sisuda. – Vamos.

Finalmente, o Dr. Sebastian desapareceu pela boca de uma caverna. Mascate Sean o seguiu e eu, o Mascate Sean, até ele parar, antes de entrar na gruta.

– Jimmy! – disse, numa voz engasgada. E espalmou a mão, fazendo dois dedos da outra caminharem devagar pela palma, indicando-me que iríamos entrar pé ante pé.

Espiei para dentro e nem respondi. Entendi, naquele preciso instante, o espanto não só dele, mas o meu.

A enorme caverna estava repleta de mecanismos e engenhocas, ruidosamente pulsando ou batendo. O Dr. Sebastian parecia ocupado numa bancada coberta com caixas de histórias e outros dispositivos estranhos.

De repente, baixou-se e, quando se virou, levantou-se, segurando uma caixa maior do que as outras. Deitou-a sobre a mesa e acariciou-a, como a um cão.

Mais três histórias para colocar nas minhas lindas caixinhas! – disse. E tudo graças à minha invenção genial: o Aspirador de Histórias do Dr. Sebastian. Em breve, vou roubar todas as histórias de Glasgow. Melhor! Todas as histórias do mundo! Então, quem quiser ouvir histórias irá precisar de uma Caixa de Histórias do Dr. Sebastian. Vou ficar rico, rico, riquíssimo!

– Não se eu puder impedi-lo! – bradou Mascate Sean, fazendo-me saltar do lugar.

O Dr. Sebastian abraçou a caixa que antes acarinhava.

– Mascate Sean! O que é que está fazendo aqui?

– Colocando um ponto final nos seus planos malignos, Sebastian!

O Mascate Sean correu até à mesa. Queria fazer alguma coisa, mas meus pés colaram ao chão e minha cabeça tentava entender por que me

parecia que aqueles dois já se conheciam de longa data.

– Você nunca vai me parar, Sean! – disse, então, Dr. Sebastian e, agarrando o que havia chamado de Aspirador de Histórias, correu para fora da caverna, passando bem ao meu lado.

O Mascate Sean também passou voando por mim.

Quando consegui sair da caverna, o Dr. Sebastian já descia acelerado a colina, enquanto Mascate Sean parecia pular de pedra em pedra, enquanto o perseguia. Sem um Aspirador de Histórias para carregar, Mascate Sean foi mais rápido. Os meus pés, agora, acompanhavam a minha vontade de correr. Assim, ganhei terreno, pronto para ajudar o Mascate Sean.

– Não vai me agarrar assim tão facilmente – gritou Dr. Sebastian, levantando a tampa do Aspirador de Histórias. De dentro, escorreu uma bruma alaranjada. – Veja se gosta dessa história, Mascate Sean.

O Dr. Sebastian atirou alguma coisa para as pedras atrás de si. Ouvi um estrondo acompanhado por um clarão e, do nada, apareceu uma enorme multidão de crianças, correndo colina acima, em direção ao Mascate Sean. Um homem com um traje de muitas cores precipitava-se à frente, soprando uma flauta.

– Isso não vai funcionar comigo – disse o Mascate Sean, e empurrou o homem da flauta na direção das crianças que continuavam a correr, como que hipnotizadas. – É uma melodia cativante, crianças, mas se eu fosse vocês não seguiria um flautista!

O Dr. Sebastian estava muito à frente, porém Mascate Sean voltou a saltar de pedra em pedra e, por alguns instantes, quase conseguiu agarrar a mangueira do Aspirador de Histórias.

– Uma boa história merece outra! – esbracejou Dr. Sebastian, abrindo outra vez a caixa.

Outro clarão e, bem à frente do Mascate Sean, surgiu um pé de feijão gigante e, dele, saltou um rapaz com um machado.

– Cuidado, bom homem – gritou o rapaz, balançando de trás para frente e de frente para trás nos calcanhares, com o machado a dançar por cima da cabeça.

Mascate Sean, ainda acelerado, virou-se e parou no momento exato.

Neste instante, do céu caiu um homem gigantesco que aterrissou com um estrondo. A terra tremeu e o Dr. Sebastian foi de joelhos ao chão, mas levantou-se em seguida, sem abandonar a caixa, e continuou a fugir.

– Não sabia que as histórias poderiam ser tão perigosas – disse Mascate Sean, enquanto corria à volta do gigante.

Já saltando como antes, no encalço do Dr. Sebastian, virou-se para trás e, por um momento, acenou para o rapaz.

– Obrigado, João. Sabe mesmo equilibrar um machado.

Quando fixei os olhos naquela cena, o Dr. Sebastian tinha desaparecido por detrás de uma colina e Mascate Sean, ofegante, seguia logo atrás dele.

Corri até onde eles tinham desaparecido. Quando virei na curva, quase me engasguei. Amarrado a uma plataforma de aterragem, deparei-me com um balão, desses mais leves que o ar, e vi o Dr. Sebastian subindo no cesto.

– Oh, não! – gritou Mascate Sean. – Com certeza, agora, ele vai escapar! A menos… a menos…

– Está tudo acabado, Sean – gritou Dr. Sebastian, desamarrando a corda. O balão começou a flutuar no ar. – E eu ainda tenho mais uma história – completou –,ela vai mantê-lo bem ocupado.

– Se isso for o que eu acho que é… – murmurou Mascate Sean. – Atira-me a sua história!

O Dr. Sebastian fez o mesmo que das outras vezes e lançou ao chão mais uma história. Outro clarão e, dele, surgiu um cavalo com asas longas e graciosas.

– Pégaso! – gritou Mascate Sean. O cavalo galopou até ele.

Mascate Sean, então, saltou para a garupa do cavalo e cravou-lhe os calcanhares. O cavalo bateu as asas e elevou-se no ar. Voou em espiral, até começar a voar em círculos sobre um consternado Dr. Sebastian.

– Acho que você se esqueceu da mitologia, Sebastian – disse Mascate Sean. – Não lembra que Pégaso era um cavalo voador?

Assim, Mascate Sean voou mais baixo, agarrou o Dr. Sebastian pelo pescoço e o atirou para a garupa do cavalo

– A minha caixa – gritou Dr. Sebastian –, o meu Aspirador de Histórias – gritou outra vez, conforme o balão flutuava para longe com a sua invenção.

– Creio que, para onde vai, já não precisará dele, Sebastian – disse Mascate Sean. – Vai pagar pelo crime do roubo de histórias e qualquer juiz, com certeza, tirará você, para sempre, de circulação. Este será seu fim, meu irmãozinho.

– Não, mano, não faça isto com o seu irmãozinho…

No domingo seguinte, quando todas as caixas de histórias do Dr. Sebastian já tinham sido abertas, as histórias voltaram às mentes e aos corações do povo de Glasgow. Nesse dia, realizou-se um grande festival na praça da cidade.

– E nosso convidado especial de hoje – anunciou o prefeito Peruca, de cima do palco –, é o Mascate Sean!

– Viva! – gritou Penny, enquanto a multidão aplaudia.

– Obrigado – disse Mascate Sean. – Agora eu vou contar uma história chamada *O Mascate Sean e o Ladrão de Histórias*. Mas, nesta aventura, não estive sozinho, esteve comigo…

Subitamente, Penny, a multidão, a praça, o palco e os seus ocupantes já não estavam lá.

– Jimmy!

– Mãe?

– Jimmy, *darling*. Onde você se meteu? – perguntou-me

– O seu menino ia ver o que eu levo na carroça – completou Mascate Sean –, não é verdade, Jimmy? – disse e piscou-me um olho. – O Baras é um mercado seguro, senhora, fique tranquila.

O tempo passou. Quase cinquenta anos depois desse dia, voltei a Glasgow. Estive no Baras fazendo compras. Ali, até hoje, as pessoas trocam, compram e vendem histórias, na forma dos mais variados objetos antigos, quinquilharias que já tiveram outros donos. Nesta visita, no entanto, o que me espantou não foi ver o Baras como sempre foi, mas, sim, a sensação de que, se olhasse para cima, veria Pégaso voando em espiral, esperando Mascate Sean sair de uma loja e pedir para voltar para casa.

Ou a Penny, agora avó, realizada na vida, visitando o Baras, sem aquela face triste de menina. Só que não olhei para cima e, nos milhares de rostos de senhoras, não encontrei a Penny. Concluí, porém, que o tempo é precioso e não volta atrás. Por isso, não vale a pena resgatar o passado, não é mesmo? Vale é construir o futuro! Agora, uma coisa, confesso: a minha história de menino será um conto do qual vou sempre me lembrar.

Glasgow, afinal, não perdeu a magia de Cidade das Histórias. Pelo contrário…

* * *

TERCEIRA HISTÓRIA/POEMA

(Por Celeste Silva Araújo, poetisa portuguesa)

Como se verão fora
Caio de branco a minha casa
De portadas azuis

Como se verão fora
E tu vieras
Invento o peso do calor
Os gestos lentos
O ralo das cigarras
Como de verão fora
Mas já é rasa a luz
E fria
E o inverno principia

Vamos, outra vez, conversar um pouquinho?

Tal como nas quatro histórias no início do livro, você conseguiu extrair das cenas destas três novas histórias, duas contadas em prosa e uma em poesia, os elementos essenciais? Como é intuitivo, espero que sim.

Vamos, então, às questões para esta nossa nova conversa:

Ao se deparar com essas histórias, o que você acha que ficou sabendo sobre o AUTOR?

Ao gostar ou não dessas histórias, reagir a elas, o que ficou sabendo sobre si próprio?

Para falarmos da primeira questão, vou pedir que volte também às histórias do início do livro, ou seja, vamos lidar com a análise de sete histórias.

Você já se deu conta de que, quando está numa conversa com alguém, julga o seu interlocutor pelas histórias que ele conta? Se alguém só conta histórias positivas, você imagina que esta pessoa tem uma visão positiva da vida e dos outros. Ao contrário, se for histórias negativas, você poderá até se afastar ou ficar com má impressão.

Já ouviu histórias de traição que não gostaria de ter ouvido, histórias pornográficas numa festa infantil, que levou você a achar que a sogra da

sua amiga estava à beira da senilidade? Pois é! As histórias nos definem. Quando as contamos aos outros, eles no julgam e, quando nos contam as deles, nós os julgamos.

Para este exercício, não há uma resposta objetiva, mas o que você ACHA que ficou sabendo a meu respeito por causa das histórias que escrevi ou as que escolhi para este livro? O que você acha que ficou sabendo sobre a Lucrecia Welter e a Celeste Araújo?

Claro que, das minhas amigas poetisas, o que você imaginou permanecerá na sua imaginação, pois não as entrevistei sobre suas vidas pessoais para este livro. Porém, a meu respeito, tentem preencher o quadro abaixo com o maior número de detalhes possível. Logo depois, continue a ler o capítulo para descobrir mais sobre o poder das histórias.

A vida de...	Foi	É	Será
James McSill			
Lucrécia Welter			
Celeste Araújo			

Agora que você preencheu os quadros com base nos sete textos que você leu, os poemas da Lucrecia, da Celeste e os textos escritos ou selecionados por mim, seguem algumas "verdades" sobre a minha vida,

sobre aquele James que acho que sou, que vejo na segunda história deste capítulo, por exemplo.

James por James:

1. Acredito nos valores de família.
2. Tive uma família que me deu liberdade para explorar o mundo.
3. Adoro o mundo da fantasia.
4. Gosto da cidade de Glasgow.
5. Sou razoavelmente romântico.
6. Sou razoavelmente criativo.
7. Sempre gostei de aventuras.

Quantas "verdades" conseguiu identificar ou "prever" ao preencher a grade? TODAS? NENHUMA? QUANTAS?

Sem que eu lhe conte mais sobre o meu passado, você conseguiria "justificar", a partir das histórias que leu e por agora estar lendo este livro, como foi a minha vida emocional durante minha infância, como minha imaginação teve impacto na escolha da minha profissão?

Por meio das minhas histórias, as que contei, ou as que escolhi, não parece que somos mais íntimos do que somos? Muito mais do que se você fosse ao Google e lesse tudo a meu respeito!

Não são maravilhosas as histórias? Quando escrevemos um livro, seja ele qual for, de certa maneira ele é sempre autobiográfico! A história pode não ter nada a ver com a gente, mas só o fato de ter escolhido esta história, este jeito de escrever, ela já mostra quem somos e como pensamos. Ninguém é o mesmo após escrever e publicar a primeira história! O mundo nos verá de outra maneira, influenciando o modo como vemos o mundo.

Mais um rápido exercício demonstrativo.

Releia a minha história imaginária em Glasgow e as poucas linhas que escrevi sobre mim mesmo no início deste capítulo e, no quadro a seguir, escreva uma minibiografia do "James McSill", como o leitor

imagina que o meu passado tenha impactado quem sou e quais capacidades ainda poderei oferecer às pessoas.

Como foi o passado de James McSill com base no que você leu sobre ele neste livro, ou, até mesmo, no jeitão de ele escrever este livro? Ou nas escolhas que ele fez em termos de léxico e sintaxe?

Será o leitor um bom adivinho?

A seguir, sugiro que vá ao Google ou Facebook e ache algumas da mini biografias publicadas a meu respeito, ao às últimas páginas deste livro, onde reproduzo uma entrevista que dei não faz muito tempo.

Quanto o leitor conseguirá prever ou, se não previu, terá a sensação do "Ah! Eu já sabia!" depois de ler?

As histórias e VOCÊ!

Para falarmos da segunda questão, vou pedir, novamente, que você volte às histórias do início do livro. Caso esteja pensando: "estou lendo e relendo as mesmas coisas, que chato", lembre-se de que, a cada leitura, vamos aprofundando o assunto e você se torna mais capaz de compreender como funcionam as histórias, aprendendo a sua própria.

O que realmente somos?

Não sou filósofo, nem religioso. Então, quando me pedem para opinar a respeito das famosas questões "Quem sou? De onde vim? Para

onde vou?", respondo dentro da minha visão de mundo, da minha "crença" pessoal no poder das histórias.

Quem sou?

Sou o conjunto das minhas histórias passadas e do que essas histórias significaram, significam e virão a significar para mim. Não de uma história, mas de todas as que lembro, não lembro ou imagino que lembro. Tal como nos princípios de história que usamos para escrever um romance ou um roteiro de uma série para a TV, temos as evidências externas e internas, as marcas que essas histórias deixaram em nós.

Por exemplo, certa vez, aos nove anos, enfiei o meu dedo indicador esquerdo em óleo quente, o que me deixou com uma "marca" externa, ou seja, o dedo tem a pele mais grossa, e uma "marca" interior: não gosto de frituras até hoje e tenho um medo tremendo, cada vez que vou aos EUA, que os meus amigos me levem ao KFC!

De onde vim?

A minha origem são as histórias que me contaram, as histórias com que me criei. E não uma ou duas. Mas todas, mesmo as de que já não me lembro. Tal como no romance literário, carrego comigo o externo, tenho a pele morena, por minha ascendência portuguesa; falo inglês até hoje com sotaque "escocês", por ser a Escócia o local em que iniciei a minha vida no Reino Unido; e o meu português tem um sotaque gaúcho, pois foi naquele estado brasileiro que aprendi a falar português. Carrego, também, o interior, isto é, as histórias de migração e imigração da minha família; as histórias de multilinguismo, uma visão positiva de que falar línguas leva-nos a criar pontes e a alavancar as nossas vidas.

Para onde vou?

Vou para onde as minhas histórias me levarem mas, sobretudo, vou para onde eu FIZER as minhas histórias me levarem. Aqui traço também um paralelo com os princípios de história como aplicados, digamos, à criação do roteiro de um filme que ainda não foi filmado. Creio que,

com base nas minhas experiências passadas com histórias, poderei mudar, em parte ou na sua totalidade, o que vier a ser o lado interno da história desse roteiro. Enquanto não inventarem a máquina do tempo para eu voltar ao passado, penso e planejo, com grande entusiasmo, qual o conjunto de histórias desejo exibir no futuro, pois são elas que posso alterar, que vão me redefinir como pessoa.

Claro que posso mudar o exterior, se valer a pena pagar o preço. Confesso que o meu cabelo, na juventude, já foi azul, vermelho, roxo e, na idade adulta, castanho a preto azulado, variando sempre de longo a curto, liso ou crespo. Isto não me custou quase nada e me deu um grande prazer. A pele mais grossa do meu indicador esquerdo, entretanto, até gostaria de tê-la mais fininha, mas não estou disposto a pagar o preço. Esta história, a do dedo, ficará como está; o meu cabelo, veremos.

Pois bem, você nunca vai saber se eu disse a verdade ou se, por meio da minha história, você foi realmente capaz de entrar na minha mente e no meu coração. Porém, como costumo dizer, isto pouco importa. O que importa é essa "sensação" de que é um adivinho nato. De que, ao escutar de alguém uma história, vislumbra, momentaneamente, a alma do seu interlocutor. Os ingleses usam a metáfora "*flash in a pan*" (um rápido reflexo na superfície da panela), que sempre me pareceu muito adequada. É como ver um fantasma e tentar explicar a experiência: ele foi visto, sabe-se que está ali. Porém, a experiência não passa necessariamente pelos "olhos físicos", mas, sim, pelos olhos da alma.

Aqui, então, cabe uma pergunta: por que conseguimos identificar, prever ou imaginar que identificamos ou "acertamos" as histórias dos outros? É pura magia!

Quando eu ou você lemos um conto, uma biografia ou assistimos a um simples documentário de um desconhecido, sentimos que "agora"

partilhamos a sua intimidade, mesmo que nada mais venhamos a saber sobre aquela pessoa.

O interessante é que, se viermos a encontrar este personagem pessoalmente ou pesquisarmos mais acerca de sua vida, descobriremos que o nosso nível de "acerto" foi alto! Até nos piores casos, perceberemos que houve acertos. Por exemplo, o leitor deste livro deve ter "adivinhado" que tenho um mínimo de imaginação e sou capaz de ir atrás dos meus sonhos, como na história do mascate. Por quê? Porque temos esta capacidade mágica de "compreender os outros" mediante as histórias que partilham conosco!

Será que consegui passar um pouco de mim por meio de minha história? Será que disse a verdade?

Pouco importa! O que vale é o leitor ter a "sensação" de que me conhece. Isto basta para que minha audiência deseje, neste momento, que eu lhe mostre os truques necessários para criar esta sensação na mente do leitor.

Senhoras e senhores, bem-vindos ao maravilhoso mundo mágico dos princípios básicos subjacentes das histórias. Se usados com um propósito definido, eles poderão não só afinar os instrumentos indispensáveis para que uma história se transforme num *best-seller*, mas também podem se tornar poderosos instrumentos de mudança, verdadeiras "armas" para vencer nossa batalha diária pela sobrevivência.

Como diz um amigo meu: "a sua identidade não define a sua maturidade, as suas notas na escola não definem a sua inteligência, mas o que pensam de você em decorrência das histórias que você conta e o que você pensa de si pelas histórias em que acredita definem quem você é!".

Acelere na leitura das páginas, então! As cortinas estão se abrindo…

Deus meu, vou saber estruturar um livro?

Um conjunto de questões que o novo autor levanta é: nesta história que eu quero contar, a estrutura é estabelecida por meio de palavras, não? Quantas palavras eu terei de usar para estabelecer a estrutura? Não vai deixar o texto longo? A estrutura "aparece" no texto?

Sim, é verdade. A estrutura aparece no texto, aliás, deve aparecer. O olho treinado distingue o amador do profissional pela estrutura da história. Sim, é ainda mais verdadeiro que você irá usar palavras para estabelecer, isto é, mostrar a estrutura do texto.

Um objetivo será sempre revelado por palavras que mostrem o que o personagem almeja, deseja, precisa ou expressões sinônimas dessas palavras. Os obstáculos terão, necessariamente, elementos que estabeleçam surpresa, espanto, mistério, suspense, esforço, dor e por aí vai. E, ao concluir a jornada, utilizaremos ainda mais palavras para indicar que a história chegou a uma resolução.

O que chamamos de estrutura ocupará, em termos de palavras necessárias, um espaço de menos de 10% de tudo o que você escreve, filma, leva ao palco, ao consultório de seu analista ou ao espelho; bem como numa historinha usada em uma palestra ou para ilustrar um ponto em um livro de autoajuda. Ou seja, precisamos de muito pouca estrutura subjacente para gerar uma grande história.

Uma espécie de estrada

Contudo, vale lembrar para os que imaginam que a estrutura de uma história é tudo, que, sim, a estrutura certamente estará lá, por dentro, sustentando a história, mas não existe uma estrutura que baste para o

livro fazer sucesso, o filme ganhar um Oscar ou para você executar com maestria aquela mudança na empresa.

Quando falamos em estruturar uma história, nos referimos a maneiras de arranjar e rearranjar os elementos de um texto para que eles formem uma espécie de estrada por onde a audiência sente que chegará a algum lugar. Assim, pode-se afirmar que a estrutura é a consequência do léxico e da sintaxe da história, das palavras que escolhemos e da ordenação dos elementos das cenas, das cenas em si ("momentos em que"), dos capítulos, das partes da história ou de quaisquer outros elementos sintáticos da trama que venhamos a criar para comunicar nossa história ao outro.

Vamos, então, a um exercício bem simples, rudimentar, a respeito de como estruturar uma história. Comece respondendo, ou melhor, anotando as respostas para essas perguntas em uma folha de papel:

Você deseja encantar outra pessoa, pelo menos, por uma das razões a seguir?

- Para ela se dar conta de algo que desconhecia, totalmente ou em parte;
- Para QUE TENHA desejo de experimentar;
- TENHA a vida dela transformada ou
- Torne-se um fã ardoroso.

Decidiu-se por uma? Pois bem, essa será a sua razão principal. Agora, decida por outro dos três motivos restantes.

Em suma, você precisa ter uma boa resposta, uma BOA razão para escrever o livro – isto vale para a peça, o filme, a palestra, etc. –, para encantar. Ou seja, produzir uma história de sucesso é trabalhar para a audiência – quem lê, ouve ou assiste – não ser mais a mesma pessoa depois de passar pela experiência de leitura da história que você criou e narrou. Toda história tem de ser TRANSFORMADORA.

Agora que você tem as razões, vai precisar do veículo para disseminar a história. COMO transmitir uma história que lhe (co)move, mas que está escondida no seu cérebro, para o cérebro da outra pessoa? COMO realizará essa façanha e ainda levará essa pessoa a se emocionar também?

A boa notícia é que nascemos com cinco estradas que, se bem trabalhadas, transportam as histórias de nosso interior para o dos outros, mudando, em alguma medida, a vida deles. As cinco estradas são os cinco sentidos!

Então, agora, é com você!

Resgate a história que você planejou e replaneje, desta vez, detalhando como vai LEVAR SUA AUDIÊNCIA a:

- Ver o que você viu;
- Sentir os aromas que você sentiu;
- Ouvir o que você ouviu;
- Sentir as texturas que você sentiu e
- Sentir os gostos que você sentiu.

Cada um de nós tem um jeito de fazer isto, mas a melhor forma é evidenciar, em vez de apenas contar ou impor ao outro que sinta alguma coisa.

Por exemplo, vou pegar o paladar, que é bem complicado de levar do meu cérebro para o seu. Imagine que eu diga a você: "SINTA NOJO!" ou "naquele momento Maria sentiu nojo". A informação ficou vago. Se me pedem para "sentir" alguma coisa, aí que endureço o coração e nada sinto! Então, em vez de DIZER a você "sinta nojo", vou contar uma historinha:

> Duas senhoras idosas estavam tomando café da manhã num restaurante. Ethel notou alguma coisa engraçada na orelha de Mabel e disse:

– Mabel, você sabe que está com um supositório na sua orelha esquerda???

Mabel respondeu:

– Um supositório na minha orelha??

Ela o puxou, olhou para ele e então disse:

– Ethel, estou feliz que você tenha visto... Agora acho que sei onde encontrar meu aparelho auditivo...

Ou seja, agora você deve ter sentido o "nojo" que eu queria que você sentisse.

Vou mostrar outro exemplo: se eu disser para você "sinta-se enojado, mas ria" ou "Maria sentiu nojo do que ouviu, ainda assim achou engraçado" você não terá a menor noção do que é esta sensação, pois jamais experimentou NADA assim. Para você vivenciar algo parecido, eu teria de contar uma história mais ou menos assim:

"Uma loira pergunta à outra:

– Você acha que tem problema se eu tomar pílula com diarreia?

Ao que a outra, "ainda mais loira", responde:

– Acho que não. Mas por que é você não toma com água?"

Claro, não precisamos usar uma piadinha o tempo todo, podemos recorrer a uma frase, a uma metáfora. Por exemplo, outro dia, alguém me desafiou a transmitir um aroma para o cérebro dele. Eu simplesmente disse: "Se você acha que a sua vida é um drama, imagine a vida daquele gambá cego que se apaixonou por um peido!".

Parando uns segundos!

Para quem não está bem certo do que é uma metáfora e não quer ir à internet, trago a internet a você:

> Metáfora é uma figura de linguagem em que se usa uma palavra ou uma expressão em um sentido não muito comum, revelando uma relação de semelhança entre dois termos. Provém do latim "meta" – algo – e "phora" – sem sentido. Esta palavra foi trazida do grego, onde metaphorá significa "mudança" e "transposição".
>
> Trata-se da comparação de palavras quando um termo substitui outro. É uma comparação abreviada em que a palavra não está expressa, mas subentendida. Por exemplo, dizer "o meu amigo é um touro, levou o móvel pesado sozinho" não significa, obviamente, que ele é um touro ou se parece fisicamente com o animal, mas que é tão forte aponto de fazê-lo lembrar um touro. Neste exemplo, existe a comparação da força do animal e do indivíduo. Esta figura de linguagem corresponde à substituição de um termo por outro, por meio de uma relação de analogia. É importante referir que, para a analogia ocorrer, devem existir elementos semânticos semelhantes entre os dois termos em questão.[4]

Continuando…

Usando historinhas ou linguagem figurada, como as metáforas, pormenorize na sua folha de planejamento – ou na tela do computador onde está estruturando uma história – quais subterfúgios usará para LEVAR as sensações do seu cérebro ao cérebro de outra pessoa e, assim, fazê-la REAGIR!!!!

Feito isto, você já terá uma história minimamente estruturada ou, pelo menos, pronta para uma estruturação mais adequada. O grande erro é tentar estruturar uma história que não existe! Crie primeiro, estruture depois – óbvio!!!!

Ocorre que a estrutura, ou seja, como você vai transferir esta história para o outro, não é parte do processo criativo, mas o resultado, o subproduto, a consequência de pensar no que você PRECISA dizer para encantar o outro! Mas você já não estará criando? Estará!

Afinal, o processo criativo é natural, tal como a nossa capacidade de falar; a gente está sempre criando. Ou seja, capacidade de falar todos nós temos; já as regras e princípios da estrutura do discurso, aprendemos, e elas nos auxiliarão a "fazer amigos e a influenciar pessoas" para que comprem o nosso produto, por exemplo.

O mesmo se aplica à analogia de caminhar sobre duas pernas: intuir que uma história tem princípio, meio e fim é natural, mas ser um corredor de primeira e ganhar uma Olimpíada é algo que se desenvolve – primeiro, deve-se aprender os princípios, depois, basta aplicar as técnicas para alcançarmos o feito.

Programa dos mil cursinhos

Agora você entende porque não iniciei este livro falando em estrutura de três atos ou dando dicas de onde colocar os pontos sem retorno da história e tudo aquilo que você já deve ter ouvido nos mil cursinhos de como produzir uma história – inclusive nos meus, como na série *Book-in-a-Box*, promovida pela editora DVS (Brasil). O meu objetivo é que você mantenha o foco no que realmente é essencial para produzir uma história, sem precisar ter grandes conhecimentos de técnica literária.

Entendo que, no storytelling aplicado ao romance, as regrinhas circulam há mais tempo, pois o romance comercial é mais engessadinho. Episódios de nossa história pessoal, que precisamos reinterpretar para mudar, não precisam de muita estrutura se a intenção não for convertê-

los em romance, peça, filme ou em historinha para palestras. Portanto, bastará identificá-los e lidar com eles dentro dos princípios bem simples já expostos nos capítulos anteriores.

Uma liberdade maior

Quando você escreve um livro para alavancar a sua carreira, em que há uma liberdade maior para pensar na história e na sua aplicação, não acredite que uma palestra de "como escrever um livro", com duração de um dia e meio, é suficiente para mudar a maneira de se utilizar os princípios subjacentes à história e produzir um *best-seller*. Isso seria como imaginar que você vai do Brasil à África a nado apenas porque assistiu a um treinamento sobre princípios da natação e treinou numa piscina.

Para realmente investir na sua carreira, você precisa de um projeto, ou seja, saber como contará sua história no livro, pois, se seu objetivo é seus leitores aprenderem, transformarem-se ou obterem algo enquanto se transformam, nada disto será ficção. Tudo que você incluirá ou excluirá da história, ao seu estilo, é real, portanto, todo o impacto será real.

Se você não se lembra das aulas de literatura da escola, vou rever aqui o que é romance: obra literária que apresenta narrativa em prosa, normalmente longa, com fatos criados ou relacionados a personagens, que vivem diferentes conflitos ou situações dramáticas, numa sequência de tempo relativamente ampla.

Um romance pode contar diferentes tipos de histórias, configurando-se assim em "romance policial", "romance de aventuras", "romance regional", "romance histórico", "romance urbano", "romance

indianista", etc. Essas histórias são facilmente identificadas como "literatura".

Mas e os livros de autoajuda e de autodesenvolvimento?

Para quem não está certo sobre o que é autoajuda, vou emprestar parte de um texto que Ana Santana, a minha querida amiga que editou este livro, escreveu para o site do Infoescola:

> A literatura de autoajuda é um gênero, atualmente, muito procurado pelos leitores em busca de autoconhecimento, orientação espiritual e respostas para os males que os afligem. Atua como um bálsamo que aplaca a ansiedade, a angústia e o estresse, males tão característicos da modernidade. [...] Muitos autores se beneficiam deste contexto, oferecendo, ao ávido leitor, sua experiência própria e trajetória pessoal neste árido deserto psíquico, muitas vezes propondo caminhos para os que não tiveram a sorte de encontrar um oásis nesta travessia.[5]

Dentro do gênero autoajuda, há livros famosos, como *O Segredo*, de Rhonda Byrne, um clássico. Ele nos leva a refletir sobre o "grande segredo" no interior de cada um. Este grande segredo, que percorre gerações há muitos anos, foi lembrado por importantes personagens da nossa História, como Platão, Galileu e Einstein. Por meio deste livro, você vai descobrir como pode ser e fazer tudo o que deseja. E, principalmente, quem você é de verdade.

Porém, um livro de autoajuda pode ser algo mais prático, como a obra *A mágica da arrumação: a arte japonesa de colocar ordem na sua casa e na sua vida*, de Marie Kondo. Nele, a autora mostra que arrumar a casa, por exemplo, é possível, porém mantê-la organizada é outra história. Também ensina técnicas de desapego, que você pode aproveitar em vários aspectos da sua vida. O método, chamado de KonMari,

promete fazer com que você se livre de vez da bagunça. A ideia, segundo a autora, não é apenas arrumar, mas pôr em ordem sua casa e sua vida.

Hoje em dia, entretanto, há uma vertente da autoajuda, de cunho capitalista, que chamamos de literatura do empreendedorismo, ou literatura para motivar, inspirar, ajudar a realizar sonhos e ganhar dinheiro – também conhecida como autodesenvolvimento. Cito, como exemplos, dois livros:

- *Execução: a disciplina para atingir resultados*, de Larry Bossidy e Ram Charan. Este livro, supostamente, ajuda os empreendedores na hora de comparar resultados prometidos e alcançados.
- *O poder do hábito*, de Charles Duhigg. Neste livro, abordam-se temas, assim afirma o autor, extremamente importantes para todos os empreendedores.

Arestas

Dito isto, e quase consigo ouvir alguns leitores murmurando o "Deus meu!" lá de cima depois de ler minha explicação sobre autoajuda, afirmo que a estrutura é extremamente valiosa se entendermos o que ela representa e como funciona a nosso favor. A ideia é analisar uma história a fim de aparar suas arestas.

Sabe aquela situação em que a gente tem a história, mas pressente que alguma coisa não está no lugar, ou a bendita da história não funciona? Nesses momentos, caso sejamos conhecedores de estrutura, poderemos virar a história do avesso, separá-la em elementos e ajeitar o que estiver tortinho.

Deixei para falar de estrutura na quarta e penúltima lição justamente porque este é o papel da estrutura, o de achar defeitos e ajudar a turbinar

a trama, ou otimizar a aplicação do projeto de Storytelling em sua empresa, que poderá começar com um treinamento de um dia e meio!

Então, ouço você dizer: "por onde começamos?".

A teoria por trás disto é bem simples.

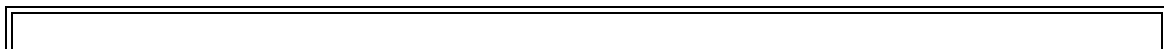
Começo por dizer que temos de entender como se constroem as histórias e sermos capazes de analisá-las a fim de consertá-las por meio do conhecimento de Estrutura (aqui grafo de propósito com letra maiúscula). A seguir, pretendo ilustrar as diferenças entre estrutura da história, história em si e elementos constituintes da história, bem como mostrar a você técnicas adicionais que melhoram a solidez da sua experiência criativa.

É mais simples do que você pensa!

Abordarei as histórias no nível estrutural mais profundamente a partir das próximas lições, quando você será convidado a produzir o seu futuro *best-seller*.

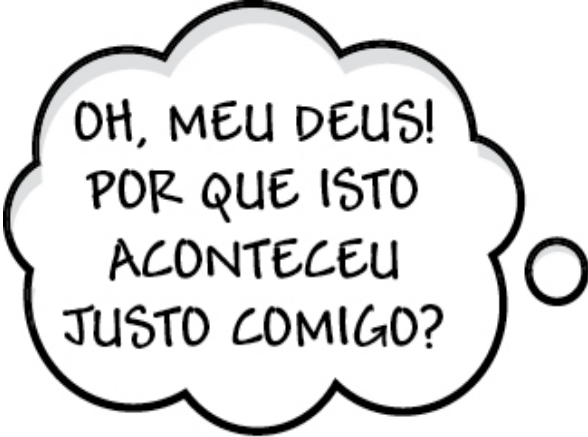
Antes disso, vamos à última questão, mencionada no início deste livro: onde você utilizaria ou não essas histórias, isto é, as histórias que aqui transcrevi, as minhas, as das poetisas, a do Hans? Por quê? Em outras palavras, para que servem as histórias, apenas para alavancar carreiras, entreter, ensinar, informar? Pois se não servirem para mais nada, além disso, para que vou gastar tempo e dinheiro para escrevê-las? Vou alavancar a minha carreira investindo em um bom agente ou assessor de imprensa que vai me colocar na boca do povo, vou me entreter e aprender no YouTube e nos milhares de sites de acesso gratuito às melhores universidades do mundo. Posso igualmente me informar por meio do Google e receber mais respostas do que poderei digerir em uma vida.

Resumo da ópera: para que servem as histórias?

Mais histórias…

Como se preparar para a próxima lição

Reflita brevemente sobre essa questão: “para produzir um livro de sucesso, que venda bem ou seja campeão de vendas no nicho a que se destina – o elusivo *best-seller* – é necessário o que chamo de ‘salto de fé’. Em vez de ficar falando sobre o que vai escrever, peço ao autor que escreva. ‘Mande ver’. Falar é fácil, sempre é. Pôr a mão na massa são outros quinhentos. É melhor saber que não sabe e ficar chateado do que ficar sempre se perguntando se, caso tivesse produzido o livro, teria feito sucesso”. Como você vê essa colocação?

Napoleão Hill escreveu um livro que discorre sobre as Leis do Triunfo.

A seguir, seleciono algumas que creio ser imperativas a quem deseja ter sucesso no mundo literário, independentemente do gênero do livro. Como você, de zero a dez, encontra-se em relação a cada uma dessas Leis do Triunfo?

Você tem:

1. Um objetivo principal definido?
2. Confiança em si mesmo?
3. Iniciativa?
4. Imaginação?
5. Entusiasmo?
6. Autocontrole?
7. O hábito de produzir mais texto do que o esperado?
8. Uma personalidade agradável?

Você:

9. Pensa com segurança?
10. Sabe se concentrar?

11. Sabe cooperar?
12. Sabe tirar proveito dos fracassos?
13. É tolerante consigo?
14. É ainda mais tolerante com os outros?

OH, MEU DEUS! POR QUE ISTO ACONTECEU JUSTO COMIGO?

DEIXEM O PDV REFLETIR ATÉ QUE...

O grande escritor

Mesmo que este livro seja técnico, gostaria de iniciar esta conversa com mais algumas pequenas histórias. Seja paciente e mantenha-se comigo. Afinal, ler histórias que ilustrarão os pontos técnicos e os não tão técnicos, no decorrer das páginas que se seguem, é que fará de você um grande escritor.

Como você se lembra, abri esta conversa, lá no início, mostrando a história que escrevi na faculdade, a do Mascate Sean e o Pégaso. Se bem me recordo, era para escrever algo baseado em contos populares de um país qualquer. Como não conhecia muitos lugares, acho que inventei o país e a história! Quem me conhece, já deve ter percebido por que é que esta história me define. Quem não me conhece, se a leu com cuidado, acabou por descobrir. Esta "descoberta", agora, irá pautar o que você pensa de mim e como se relacionará comigo.

Você pode estar a se perguntar: "uma pequena história já é suficiente para criar uma imagem mental de uma pessoa?". Se não houver uma segunda história, sim! Ou, se houver uma segunda história, mas menos impactante, a primeira (sim!) ainda pautará a imagem mental que formou de mim. Está vendo? Uma história serve, claro, para alavancar carreiras, entreter, ensinar, informar etc.; mas há outras formas de fazer isto. O que não tem outra forma de fazer é o método de usar histórias para definir a nós, nossa carreira, o tipo de entretenimento que prestigiamos, o que desejo saber…

O mundo das histórias

Sim! As histórias têm um mundo, onde elas pululam, um universo limitado. As histórias tradicionais, mitos e lendas, nos definem mais como membros da sociedade do que como indivíduos, enquanto as histórias contemporâneas dão sentido às experiências cotidianas, como a maioria dos livros, de todos os gêneros, que encontramos numa livraria.

Por exemplo, os mitos e as lendas cristãs tendem a definir a grande maioria dos falantes de português, espanhol e italiano.

Já as histórias contemporâneas sobre experiências rotineiras definem-nos individualmente, por exemplo, pelos livros que escolhemos ler para nosso entretenimento.

Querem ver?

O texto que se segue define mais a sociedade em que você vive ou a você?

Mas o anjo lhe disse:

– Não tenha medo, Maria; você foi agraciada por Deus! Você ficará grávida e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim.

* * *

Mas, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse:

– José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos

seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamarão Emanuel, que significa “Deus conosco”.

Ao acordar, José fez o que o anjo do Senhor lhe tinha ordenado e recebeu Maria como sua esposa. Mas não teve relações com ela enquanto ela não deu à luz um filho. E ele lhe pôs o nome de Jesus.

* * *

Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho. Enquanto estavam lá, chegou o tempo de o bebê nascer, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e colocou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

* * *

Mas o anjo lhes disse:

– Não tenham medo. Estou trazendo boas-novas de grande alegria para vocês, que são para todo o povo. Hoje, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Isto servirá de sinal para vocês: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura.

* * *

Quando os anjos os deixaram e foram para os céus, os pastores disseram uns aos outros:

– Vamos a Belém e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos deu a conhecer.

Então correram para lá e encontraram Maria e José e o bebê deitado na manjedoura. Depois de o verem, contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino, e todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados.

* * *

Depois de ouvirem o rei, eles seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino. Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo. Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ouro, incenso e mirra. E, tendo sido advertidos em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram a sua terra por outro caminho.

Sem dúvida, a lenda ou o mito do nascimento de Jesus é um evento muito importante para todos nós, religiosos ou não. Pois a História diz que Deus veio à terra e viveu entre nós, como um homem. A própria História foi dividida em antes e depois de seu nascimento!

E este outro texto, definiria toda uma sociedade ou somente você, se gostar de ficção científica?

A Terra tem espaço

(Isaac Asimov, tradução de Affonso Blacheye)

[...]

Ainda assim, havia momentos nos quais um redator científico que fosse da família podia mostrar-se conveniente. Não tendo recebido educação real, não precisava especializar-se. Por decorrência, um bom

redator científico sabia praticamente tudo... E o tio Ralph era um dos melhores. Ralph Nimmo não tinha diploma universitário e se orgulhava bastante do fato.

– O diploma – comentara certa vez para Jonas Foster, quando ambos eram muito mais jovens – é o primeiro passo na direção de uma estrada desastrosa. Você não quer desperdiçá-lo, de modo que passa a fazer trabalho de graduação e pesquisas doutorais. Termina como um ignorante total sobre tudo no mundo, a não ser por uma fatia subdividida de nada. Por outro lado, se você cultivar com cuidado a sua mente e mantê-la limpa de qualquer entulho de informações até alcançar a maturidade, preenchendo-a apenas com inteligência e adestrando-a apenas para obter um pensamento claro, então, terá um instrumento poderoso e poderá tornar-se um redator científico.

Nimmo recebera sua primeira designação para trabalho quando tinha vinte e cinco anos de idade, após haver completado seu aprendizado e ter estado no trabalho de campo por menos de três meses. Esse trabalho viera na forma de um original coagulado, cujas palavras não transmitiriam o menor vislumbre de compreensão a qualquer leitor, por mais capacitado que fosse, sem estudo cuidadoso e algum trabalho inspirado de adivinhação. Nimmo o despedaçara e voltara a emendar (após cinco encontros prolongados e exasperantes com os autores, que eram biofísicos), tornando a linguagem significativa e clara, usando estilo que conferira à obra um brilho agradável.

– E por que não? – indagaria cheio de tolerância ao sobrinho que rebatia suas restrições aos diplomas, incriminando-o por sua presteza em permanecer na orla da ciência. – A orla é importante. Os seus cientistas não conseguem escrever. E por que haveriam de saber? Não se espera deles que sejam grandes mestres no xadrez ou virtuosos no violino, assim, por que contar que seriam capazes de usar as palavras? Por que não deixar também isso aos especialistas?

“Santo Deus, Jonas, leia a sua literatura de cem anos atrás. Faça o devido desconto para o fato de que a ciência está desatualizada e que algumas das expressões estão desatualizadas. Procure ler e entender o sentido. É tudo difícil, coisa de amador. Páginas e mais páginas são publicadas sem necessidade, artigos inteiros incompreensíveis ou inúteis.”

– Mas o senhor não recebe qualquer reconhecimento, tio Ralph – protestava o jovem Foster, preparando-se para iniciar sua carreira universitária, a qual encarava com olhar vidrado. – O senhor poderia ser um pesquisador e tanto.

– Recebo conhecimento – disse Nimmo. – Não pense por um só instante que não o recebo. Está claro que um bioquímico ou um estratometeorologista não me vêm com aclamações, mas pagam-me bastante. Procure descobrir o que acontece quando algum químico de primeira categoria descobre que a Comissão cortou sua verba anual para a redação científica. Ele lutará mais para obter fundos com os quais possa me pagar, ou a alguém como eu, do que para obter um ionógrafo gravador.

E esse outro texto? Definiria mais a sociedade em que você vive ou mais a você? Será que teria o mesmo impacto em uma tribo perdida que nunca ouviu falar dos mitos cristãos?

Entre santos

(Machado de Assis)

Quando eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinária. Morava ao pé da igreja, e recolhi-me tarde, uma noite. Nunca me recolhi tarde que não fosse ver primeiro se as portas do templo estavam bem fechadas. Achei-as bem fechadas, mas lobriguei luz por baixo delas. Corri assustado à

procura da ronda; não a achei, tornei atrás e fiquei no adro, sem saber que fizesse. A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; além disso, notei que era fixa e igual, não andava de um lado para outro, como seria a das velas ou lanternas de pessoas que estivessem roubando. O mistério arrastou-me; fui à casa buscar as chaves da sacristia (o sacristão tinha ido passar a noite em Niterói), benzi-me primeiro, abri a porta e entrei.

O corredor estava escuro. Levava comigo uma lanterna e caminhava devagarinho, calando o mais que podia o rumor dos sapatos. A primeira e a segunda porta que comunicam com a igreja estavam fechadas; mas via-se a mesma luz e, porventura, mais intensa que do lado da rua. Fui andando, até que dei com a terceira porta aberta. Pus a um canto a lanterna, com o meu lenço por cima, para que me não vissem de dentro, e aproximei-me a espiar o que era.

Detive-me logo. Com efeito, só então adverti que viera inteiramente desarmado e que ia correr grande risco aparecendo na igreja sem mais defesa que as duas mãos. Correram ainda alguns minutos. Na igreja a luz era a mesma, igual e geral, e de uma cor de leite que não tinha a luz das velas. Ouvi também vozes, que ainda mais me atrapalharam, não cochichadas nem confusas, mas regulares, claras e tranquilas, à maneira de conversação. Não pude entender logo o que diziam. No meio disto, assaltou-me uma ideia que me fez recuar. Como naquele tempo os cadáveres eram sepultados nas igrejas, imaginei que a conversação podia ser de defuntos. Recuei espavorido, e só passado algum tempo, é que pude reagir e chegar outra vez à porta, dizendo a mim mesmo que semelhante ideia era um disparate. A realidade ia dar-me cousa mais assombrosa que um diálogo de mortos. Encomendei-me a Deus, benzi-me outra vez e fui andando, sorrateiramente, encostadinho à parede, até entrar. Vi então uma cousa extraordinária.

Dois dos três santos do outro lado, S. José e S. Miguel (à direita de quem entra na igreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. Falavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Batista e S. Francisco de Sales. Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para trás, arrepiado e trêmulo. Com certeza, andei beirando o abismo da loucura, e não caí nele por misericórdia divina. Que perdi a consciência de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo; só assim se explica a temeridade com que, dali a algum tempo, entrei mais pela igreja, a fim de olhar também para o lado oposto. Vi aí a mesma cousa: S. Francisco de Sales e S. João, descidos dos nichos, sentados nos altares e falando com os outros santos.

Tinha sido tal a minha estupefação que eles continuaram a falar, creio eu, sem que eu sequer ouvisse o rumor das vozes. Pouco a pouco, adquiri a percepção delas e pude compreender que não tinham interrompido a conversação; distingui-as, ouvi claramente as palavras, mas não pude colher desde logo o sentido. Um dos santos, falando para o lado do altar-mor, fez-me voltar a cabeça, e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da igreja, fizera a mesma cousa que os outros e falava para eles, como eles falavam entre si. As vozes não subiam do tom médio e, contudo, ouviam-se bem, como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão. Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exata quanto que, se fosse realmente luar, teria deixado alguns lugares escuros, como ali acontecia, e foi num desses recantos que me refugiei.

Já então procedia automaticamente. A vida que vivi durante esse tempo todo não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão estranho espetáculo, fiquei absolutamente sem medo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar.

Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma cousa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escalpelam um cadáver. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se, às vezes, enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Sales; esse ouvia ou contava as cousas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da *Introdução à vida devota*.

Era assim, segundo o temperamento de cada um, que eles iam narrando e comentando. Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, significando assim que nem todos os que ali iam à igreja levavam o coração puro. S. João abanava a cabeça.

– Francisco de Sales, digo-te que vou criando um sentimento singular enquanto santo: começo a descrer dos homens.

– Exageras tudo, João Batista – atalhou o santo bispo –, não exageremos nada. Olha, ainda hoje aconteceu aqui uma cousa que me fez sorrir, e pode ser, entretanto, que te indignasse. Os homens não são piores do que eram em outros séculos; descontemos o que há neles ruim, e ficará muita cousa boa. Crê isto e hás de sorrir ouvindo o meu caso.

– Eu?

– Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo: e, pela minha parte, posso fazê-lo, pois já

intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa.

– Que pessoa?

– Uma pessoa mais interessante que o teu escrivão, José, e que o teu lojista, Miguel...

– Pode ser – atalhou S. José –, mas não há de ser mais interessante que a adúltera que aqui veio hoje prostrar-se a meus pés. Vinha pedir-me que lhe limpasse o coração da lepra da luxúria. Brigara ontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lágrimas. De manhã, determinou abandoná-lo e veio buscar aqui a força precisa para sair das garras do demônio. Começou rezando bem, cordialmente; mas, pouco a pouco, vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. As palavras paralelamente iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios, afeitos à reza, iam rezando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada.

– Melhor é o meu caso.

– Melhor que isto? – perguntou S. José curioso.

– Muito melhor – respondeu S. Francisco de Sales –, e não é triste como o dessa pobre alma ferida do mal da terra, que a graça do Senhor ainda pode salvar. E por que não salvará também a esta outra? Lá vai o que é.

Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo; lembrei-me de que eles, que veem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou gérmen de pecado. Mas não tive tempo de refletir muito; S. Francisco de Sales começou a falar.

– Tem cinquenta anos o meu homem – disse ele. – A mulher está de cama, doente de uma erisipela na perna esquerda. Há cinco dias vive aflito porque o mal agrava-se e a ciência não responde pela cura. Vede, porém, até onde pode ir um preconceito público. Ninguém acredita na dor do Sales (ele tem o meu nome), ninguém acredita que ele ame outra cousa que não dinheiro, e logo que houve notícia da sua aflição desabou em todo o bairro um aguaceiro de motes e dichotes; nem faltou quem acreditasse que ele gemia antecipadamente pelos gastos da sepultura.

– Bem podia ser que sim – ponderou S. João.

– Mas não era. Que ele é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre; ninguém os amuou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim. A família compõe-se da mulher e de uma preta escrava, comprada com outra, há muitos anos, e às escondidas, por serem de contrabando. Dizem até que nem as pagou porque o vendedor faleceu logo sem deixar nada escrito. A outra preta morreu há pouco tempo; e aqui vereis se este homem tem ou não o gênio da economia. Sales libertou o cadáver...

E o santo bispo calou-se para saborear o espanto dos outros.

– O cadáver?

– Sim, o cadáver. Fez enterrar a escrava como pessoa livre e miserável, para não acudir às despesas da sepultura. Pouco embora, era alguma cousa. E para ele não há pouco; com pingos d’água é que se alagam as ruas. Nenhum desejo de representação, nenhum gosto nobiliário; tudo isso custa dinheiro, e ele diz que o dinheiro não lhe cai

do céu. Pouca sociedade, nenhuma recreação de família. Ouve e conta anedotas da vida alheia, que é regalo gratuito.

– Compreende-se a incredulidade pública – ponderou S. Miguel.

– Não digo que não porque o mundo não vai além da superfície das cousas. O mundo não vê que, além de caseira eminente educada por ele, e sua confidente de mais de vinte anos, a mulher deste Sales é amada deveras pelo marido. Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias. Sales ama a esposa; está abatido e desvairado com a ideia de a perder. Hoje de manhã, muito cedo, não tendo dormido mais de duas horas, entrou a cogitar no desastre próximo. Desesperando da terra, voltou-se para Deus; pensou em nós e, especialmente, em mim que sou o santo do seu nome. Só um milagre podia salvá-la; determinou vir aqui. Mora perto, e veio correndo. Quando entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a luz da fé, mas era outra cousa muito particular, que vou dizer. Aqui peço-vos que redobreis a atenção.

Vi os bustos inclinarem-se ainda mais; eu próprio não pude esquivar-me ao movimento e dei um passo para diante. A narração do santo foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aqui integralmente, mas em substância.

– Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Sales teve uma ideia específica de usurário, a de prometer-me uma perna de cera. Não foi o crente, que simboliza desta maneira a lembrança do benefício; foi o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectação do lucro. E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava ele querer deveras a vida da mulher – intuição de avaro –; despender é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lho a consciência pela mesma boca escura. Sabeis que

pensamentos tais não se formulam como outros, nascem das entranhas do caráter e ficam na penumbra da consciência. Mas eu li tudo nele logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fúlgido de esperança; li tudo e esperei que acabasse de benzer-se e rezar.

– Ao menos, tem alguma religião – ponderou S. José.

– Alguma tem, mas vaga e econômica. Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se pode ter tudo; é certo que ele teme a Deus e crê na doutrina.

– Bem, ajoelhou-se e rezou. – Rezou. Enquanto rezava, via eu a pobre alma, que padecia deveras, conquanto a esperança começasse a trocar-se em certeza intuitiva. Deus tinha de salvar a doente, por força, graças à minha intervenção, e eu ia interceder; é o que ele pensava, enquanto os lábios repetiam as palavras da oração. Acabando a oração, ficou Sales algum tempo olhando, com as mãos postas; afinal falou a boca do homem, falou para confessar a dor, para jurar que nenhuma outra mão, além da do Senhor, podia atalhar o golpe. A mulher ia morrer... ia morrer... ia morrer... E repetia a palavra, sem sair dela. A mulher ia morrer. Não passava adiante. Prestes a formular o pedido e a promessa não achava palavras idôneas, nem aproximativas, nem sequer dúbias, não achava nada, tão longo era o descostume de dar alguma cousa. Afinal saiu o pedido; a mulher ia morrer, ele rogava-me que a salvasse, que pedisse por ela ao Senhor. A promessa, porém, é que não acabava de sair. No momento em que a boca ia articular a primeira palavra, a garra da avareza mordia-lhe as entranhas e não deixava sair nada. Que a salvasse... que intercedesse por ela...

– No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que

virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre.

– Agora a súplica dos olhos e a melancolia deles eram mais intensas e puramente voluntárias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contrição, de humilhação, de desamparo; e a boca ia dizendo algumas cousas soltas – Deus; – os anjos do Senhor – –, as bentas chagas –, palavras lacrimosas e trêmulas, como para pintar por elas a sinceridade da fé e a imensidade da dor. Só a promessa da perna é que não saía. Às vezes, a alma, como pessoa que recolhe as forças, a fim de saltar um valo, fitava longamente a morte da mulher e rebolcava-se no desespero que ela lhe havia de trazer; mas, à beira do valo, quando ia a dar o salto, recuava. A moeda emergia dele e a promessa ficava no coração do homem.

– O tempo ia passando. A alucinação crescia, porque a moeda, acelerando e multiplicando os saltos, multiplicava-se a si mesma e parecia uma infinidade delas; e o conflito era cada vez mais trágico. De repente, o receio de que a mulher podia estar expirando, gelou o sangue ao pobre homem e ele quis precipitar-se. Podia estar expirando. Pedia-me que intercedesse por ela, que a salvasse...

– Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas. E o Sales, curvo, contrito, com as mãos postas, o olhar submisso, desamparado, resignado, pedia-me que lhe salvasse a mulher. Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos – não menos –, trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a

quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1.000... 1.000... 1.000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo, e com eles crescia o esforço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil... Vamos lá, podeis rir à vontade, concluiu S. Francisco de Sales.

E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranquilo, beato e católico.

Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro... Corria abrir todas as portas e janelas da igreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos.

* * *

Como você observou ao lê-las, as histórias têm começos, meios e fins e problemas que são resolvidos. Descrições ricas de pessoas, lugares e situações também fazem parte do mundo delas e, por isso, são metáforas e imagens memoráveis. O mundo rico de histórias!

De que tipo será a história do seu best-seller?

Vamos descobrir?

Escreva nas linhas a seguir a ideia central do livro que você pretende escrever. Se quiser, poderá já criar um título provisório.

Antes, veja um exemplo:

História de uma família de retirantes em busca de um lugar que lhes ofereça meios de melhorar suas condições de vida. Essa família é composta por Fabiano, homem humilde e trabalhador; Sinhá Vitória, esposa resignada e fiel; o Menino mais novo e o Menino mais velho, crianças inocentes, representantes do anonimato social; além da cachorra Baleia, animal que se humaniza em relação à dura realidade de Fabiano e sua família.

Durante um longo percurso por um caminho que parece interminável, os personagens enfrentam várias atrocidades, entre as quais a fome, a sede e a falta de um lugar onde pudessem se estabelecer. Depois de andarem muito, os retirantes encontram uma casa que parecia abandonada. Eles se aproximam, entram nela, mas logo chega o dono, para quem Fabiano, depois de oferecer seus préstimos, começa a trabalhar, sendo vítima da seca, sua maior antagonista, e da exploração por parte do proprietário das terras.

A família permanece por algum tempo na fazenda, cuidando do rebanho do proprietário até que, desiludidos com o aparecimento das arribações, para eles "coisas da seca", deixam a fazenda, numa manhã bem cedo, e continuam sua busca estrada afora, na tentativa de, um dia, encontrar alento para suas vidas.

Título provisório: VIDAS SECAS

Agora é a sua vez!

Vamos lá? No quadro abaixo, escreva a ideia central do seu livro e o título provisório, como no exemplo analisado.

Título provisório:
Ideia central do meu livro (não precisa ser muito longa, umas 45 palavras já bastam):

Anotações (coisas que vou lembrando, mas não cabem nas 45 palavras da ideia central):

A ideia é essa. Agora, qual mensagem você quer passar com o seu livro ou a sua história?

Por exemplo, se fosse *Vidas Secas*:

Ler *Vidas Secas* é conhecer um pouco do sertão nordestino e conviver com Fabiano e sua família, questionando o porquê de tanta injustiça social, pois na mesma situação encontram-se muitos Fabianos e Sinhás Vitórias, em busca do mínimo que um ser humano pode querer: que é viver.

Agora é a sua vez!

Qual mensagem você quer passar com o seu livro ou a sua história?

Se ainda tem dúvidas, para que eu possa ajudar, seguem algumas dicas sobre a função da maioria das mensagens que passamos em romances e em livros de autodesenvolvimento, quer inspiracional ou de autoajuda:

- História que indica um caminho a seguir;
- História que no ajuda a decidir quem somos;
- História que determina nossos valores, percepções e comportamentos;

- História que nos ajuda a lidar com experiências do dia a dia;
- História que recria em nós experiências alheias que nos ajudam a ver o mundo de outra maneira.

Agora que você mais ou menos sabe sobre o que deseja escrever e por que, sugiro uma técnica – que em absoluto não é a única – para ajudá-lo a construir mais depressa o seu livro: escreva o começo – que você imagina ser o mais adequado – e um possível fim – que você imagine ser o mais impactante.

A seguir, leia alguns começos e fins de livros de sucesso. Se estiver realmente interessado em escrever o SEU *best-seller*, preste atenção nos detalhes, leia várias vezes. Modele seus começos e fins de acordo com o que ler.

Começos famosos:

Moby Dick

(Herman Melville)

Chamem-me simplesmente Ismael. Aqui há uns anos, não me peçam para ser mais preciso. Tendo-me dado conta de que o meu porta-moedas estava quase vazio, decidi voltar a navegar, ou seja, aventurar-me de novo pelas vastas planícies líquidas do Mundo. Achei que nada haveria de melhor para desopilar, quer dizer, para vencer a tristeza e regularizar a circulação sanguínea. Algumas pessoas, quando atacadas de melancolia, suicidam-se de qualquer maneira. Catão, por exemplo, lançou-se sobre a própria espada. Eu instalo-me tranquilamente num barco.

* * *

Notas do subsolo

(Dostoiévski)

Sou um homem doente… Sou mau. Não tenho atrativos. Acho que sofro do fígado. Aliás, não entendo bulhufas da minha doença e não sei com certeza o que me dói. Não me trato, nunca me tratei, embora respeite os médicos e a medicina. Além de tudo, sou supersticioso ao extremo; bem, o bastante para respeitar a medicina. (Tenho instrução suficiente para não ser supersticioso, mas sou.) Não, senhores, se não quero me tratar é de raiva. Isso os senhores provavelmente não compreendem.

* * *

Dom Casmurro

(Machado de Assis)

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

Quais os ingredientes do começo de sucesso?

São três. Se quiser um *best-seller* e uma abertura que faça jus a ele, surpreenda, encante e conecte-se com o leitor. De preferência, alinhave esses três elementos, mas, claro, pelo menos um deles terá de abrir a sua história.

Elemento surpresa:

“Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu.” Veja que imediatamente suscita a pergunta “como assim?”.

Elemento encantamento:

“… sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos.” Veja que imagem encantadora, simples, fácil de compreender, que dá um belo tom ao que está por vir. Não deixa de ser surpreendentemente encantador!

Elemento conexão:

“Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.” Veja como o autor “conectou conosco”, isto é, criou uma situação que nos puxa para dentro do que irá acontecer a seguir, envolveu-nos, engajou-nos na história!

Você seria capaz de extrair das aberturas de *Mobi Dick* e *Notas do subsolo*, apresentadas anteriormente, as frases que evidenciam os três elementos básicos?

Moby Dick (Herman Melville) • Surpresa: • Encantamento: • Conexão:
Notas do subsolo (Dostoiévski) • Surpresa: • Encantamento: • Conexão:

E agora, muita atenção! Os best-sellers não são apenas definidos por começos espetaculares, são, sobretudo, definidos por finais impactantes. Veja alguns, a seguir.

Finais de sucesso:

Cem anos de solidão

(Gabriel García Márquez)

Macondo já era um pavoroso redemoinho de poeira e escombros centrifugados pela cólera do furacão bíblico quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo em fatos demasiado conhecidos e começou a decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse se vendo num espelho falado. Então deu outro salto para se antecipar às predições e averiguar a data e as circunstâncias de sua morte. Porém, antes de chegar ao verso final, já havia compreendido que não sairia jamais daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos, e que tudo que estava escrito neles era irrepetível, desde sempre e para sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra.

* * *

1984

(George Orwell)

Já não corria nem dava vivas. Estava de volta ao Ministério do Amor, tudo perdoado, a alma branca de neve. Estava na tribuna dos réus, confessando tudo, implicando todos. Ia andando pelo corredor de ladrilhos brancos, com a impressão de andar ao sol, acompanhado por um guarda armado. Por fim, penetrava-lhe o crânio a bala tão esperada. Levantou a vista para o rosto enorme. Levou quarenta anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro. Oh mal-entendido cruel e desnecessário! Oh teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo! Duas lágrimas cheirando a gin escorreram de cada lado do

nariz. Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta. Finalmente vencida a batalha contra si mesmo. Amava o Grande Irmão.

* * *

Lolita

(Vladimir Nabokov)

Nenhum de nós estará vivo quando o leitor abrir este livro. Mas, enquanto o sangue ainda pulsa nesta mão com que escrevo, você faz parte, como eu, da bendita matéria universal, e daqui posso te alcançar nas lonjuras do Alasca. Seja fiel a teu Dick. Não deixe que nenhum outro homem te toque. Não fale com estranhos. Espero que você ame teu bebê. Espero que seja um menino. Esse teu marido, assim espero, sempre te tratará bem, porque, se não, meu fantasma o atacará como uma nuvem de negra fumaça, como um gigante insano, e o destroçará nervo por nervo. E não tenha pena do C.Q. Era preciso escolher entre ele e o H.H., e era desejável que H.H. existisse pelo menos alguns meses a mais a fim de que você pudesse viver para sempre nas mentes das futuras gerações. Estou pensando em bisões extintos e anjos, no mistério dos pigmentos duradouros, nos sonetos proféticos, no refúgio da arte. Porque essa é a única imortalidade que você e eu podemos partilhar, minha Lolita.

Quais os ingredientes do fim impactante?

Normalmente, ouço os autores reclamarem das dificuldades em começar uma história. Na verdade, seguindo os passo apresentados anteriormente, iniciar uma história é fácil, pois ela sempre começa quando algo que era de um jeito foi alterado ou quando algo inesperado acontece. O problema é terminar uma história. As “fórmulas” para

concluir uma trama são várias. Pense bem antes de escolher a sua. De qualquer maneira, seguem algumas dicas básicas e essenciais.

Como planejar um final para uma história

O fim da história, ou do livro, se houver várias histórias no livro, provavelmente deve vir quando o personagem principal alcançou, ou não, o objetivo que no início desejava.

Você precisa decidir sobre um ponto final em sua história, após o qual não haverá mais grandes ações ou eventos. A quantidade desses acontecimentos é apenas importante em relação ao significado que você tenta comunicar ao leitor. Descubra, se possível no momento de planejar a sua história/o seu livro, quais eventos compõem o começo, o meio e o fim de sua narrativa. Depois de decidir onde termina a trama, você pode moldar e polir a conclusão.

Descubra qual é o principal conflito em sua história. Que tipo de história você planeja? As personagens estarão em luta contra a natureza? Um personagem contra outro personagem? Ou contra si mesmos, em uma batalha interna ou emocional? Dependendo do tipo de conflito principal explorado por você, os eventos finais da sua história irão apoiar ou não a resolução do conflito.

Como escrever o fim da história:

Vou propor três métodos apenas. Obviamente, podemos escrever um livro inteiro sobre "como concluir um *best-seller*". Esses três, porém, se bem aplicados, darão ao seu livro um belo e impactante final.

Método um: explicação

Termine o livro resumindo, em uma explicação, a jornada do personagem central da trama. Faça uma reflexão sobre os eventos da história. Esclareça o significado das sequências de eventos. Deixe o leitor saber por que esses eventos são importantes.

Por exemplo, o fim da sua história poderia dizer algo como:

> Não deixe que nenhum outro homem te toque. Não fale com estranhos. Espero que você ame teu bebê. Espero que seja um menino. Esse teu marido, assim espero, sempre te tratará bem, porque, se não, meu fantasma o atacará como uma nuvem de negra fumaça, como um gigante insano, e o destroçará nervo por nervo. E não tenha pena do C.Q. Era preciso escolher entre ele e o H.H., e era desejável que H.H. existisse pelo menos alguns meses a mais a fim de que você pudesse viver para sempre nas mentes das futuras gerações. Estou pensando em bisões extintos e anjos, no mistério dos pigmentos duradouros, nos sonetos proféticos, no refúgio da arte. Porque essa é a única imortalidade que você e eu podemos partilhar, minha Lolita.

Faça a pergunta "O que, você, leitor, tem a ver com isso?". Reflita sobre a importância ou a relevância de sua história para o leitor. Por que o leitor se preocuparia, se importaria com a sua história? Se você puder responder a esta pergunta, analise em seguida a sua história, para ver se a sequência de ações que você escolheu levaria o leitor à sua resposta.

Por exemplo:

> Porém, antes de chegar ao verso final já havia compreendido que não sairia jamais daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilônia acabasse de decifrar os pergaminhos, e que tudo que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e para

sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra.

Use a voz narrativa na primeira pessoa para passar ao leitor o que é importante na sua história.

Por exemplo:

Nenhum de nós estará vivo quando o leitor abrir este livro. Mas, enquanto o sangue ainda pulsa nesta mão com que escrevo, você faz parte, como eu, da bendita matéria universal, e daqui posso te alcançar nas lonjuras do Alasca. Seja fiel a teu Dick. Não deixe que nenhum outro homem te toque. Não fale com estranhos. Espero que você ame teu bebê. Espero que seja um menino.

Método dois: usando ação e imagens

Use ação para mostrar, não simplesmente dizer, o que é importante. Sabemos que histórias, escritas ou visuais, repletas de ação, apelam para todas as idades. Por meio da ação física, você também pode comunicar o significado e a importância de sua história.

Por exemplo:

Tombou morto em outubro de 1918, num dia tão tranquilo em toda a linha de frente, que o comunicado se limitou a uma frase: "Nada de novo no *front*". Caiu de bruços, e ficou estendido, como se estivesse dormindo. Quando alguém o virou, viu-se que ele não devia ter sofrido muito. Tinha no rosto uma expressão tão serena, que quase parecia estar satisfeito de ter terminado assim. (*Nada de novo no front*, Erich Maria Remarque)

Construa o fim da história com uma descrição e com imagens sensoriais. Detalhes sensoriais nos conectam emocionalmente com o tema da trama. A boa escrita utiliza imagens da primeira à última linha, no entanto, se você usar uma linguagem sensorial para "pintar figuras de linguagem" na parte final da sua história, permanecerá indelével no leitor a profundidade do significado de tudo aquilo que você escreveu e ele acabou de ler.

Por exemplo:

> Pela primeira vez, em muito tempo, pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida, arranjara um "noivo", por que recomeçara. Lá, também lá, ao redor daquele asilo onde as vidas se apagavam, a noite era como uma trégua melancólica. Tão perto da morte, mamãe deve ter se sentido liberada e pronta a reviver tudo. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela. Também eu me senti pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era. Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio. (O estrangeiro, Albert Camus)

Outro caminho é criar metáforas para seus personagens e seus objetivos, ou deixar pistas em sua história para o leitor/espectador construir uma interpretação. Há pessoas que adoram histórias que possam "ser debatidas" depois de as ler. Pode ser um fim perigoso, pois nem todo leitor gosta desse tipo de conclusão. Mas, se o seu público-alvo

gosta deste estilo, ao deixar um ponto final em aberto ou em suspense, você adicionará interesse e significado ao seu trabalho.

Por exemplo:

> Assim, na América, quando o sol se põe, eu me sento no velho e arruinado cais do rio olhando os longos, longos céus acima de Nova Jersey, e consigo sentir toda aquela terra crua e rude se derramando numa única, inacreditável e elevada vastidão, até a costa oeste, e a estrada seguindo em frente, todas as pessoas sonhando naquela imensidão, e em Iowa eu sei que agora as crianças devem estar chorando na terra onde deixam as crianças chorar, e você não sabe que Deus é a Ursa Maior? A estrela do entardecer deve estar morrendo e irradiando sua pálida cintilância sobre a pradaria, reluzindo pela última vez antes da chegada da noite completa, que abençoa a terra, escurece todos os rios, recobre os picos e oculta a última praia, e ninguém, ninguém sabe o que vai acontecer a qualquer pessoa, além dos desamparados andrajos da velhice. Penso então em Dean Moriarty, penso no velho Dean Moriarty, o pai que jamais encontramos, penso em Dean Moriarty. (*On the road*, Jack Kerouac)

Você pode optar também por realçar um tema, especialmente se estiver escrevendo uma história mais longa, como um ensaio baseado em uma história ou em um livro. Concentrar-se em um motivo específico, por meio de imagens ou ações de um personagem, pode ajudar a criar uma estrutura exclusiva para a sua história. Esta abordagem é particularmente útil para histórias abertas.

Por exemplo:

> Depois de alguma resistência, o ressentimento de Lady Catherine cedeu, talvez diante da afeição que tinha pelo sobrinho

ou da curiosidade de ver como a sua esposa se conduzia; e ela consentiu em ir visitá-los em Pemberley, apesar da ofensa que seus ilustres antepassados tinham recebido, não somente pela presença de uma esposa de tão baixa categoria, como pelas visitas dos seus tios de Londres. Com os Gardiner, eles ficaram sempre em termos muito íntimos. Darcy, a exemplo de Elizabeth, tinha a maior afeição por eles. E, além disso, nunca se esqueceram da gratidão que deviam às pessoas por cujo intermédio eles tinham reatado suas relações, durante aquele passeio pelo Derbyshire. (*Orgulho e Preconceito*, Jane Austen, tradução de Lúcio Cardoso)

Outra opção é voltar ao início do enredo. Esta estratégia implica concluir sua história repetindo algo que você inseriu no começo.

Por exemplo:

Doze vozes gritavam, cheias de ódio e eram todas iguais. Não havia dúvidas, agora, quanto ao que sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já se tornara impossível distinguir quem era homem, quem era porco. (A revolução dos bichos, George Orwell, tradução de Heitor Ferreira)

Método três: seguindo a lógica

Examine os eventos de sua história para ver como eles se conectam. Lembre-se que nem todas as ações têm a mesma importância ou conexão. A história segue um desdobramento do significado, porém nem todas as ações que se desenrolam em uma história chegam a uma conclusão bem-sucedida.

Por exemplo, no clássico grego *A Odisseia*, de Homero, Ulisses, o protagonista, tenta ir para casa várias vezes e não consegue, deparando-se com vários monstros ao longo do caminho. Cada falha dele acrescenta emoção à história, mas o essencial da trama é o que ele aprende sobre si mesmo, não que monstros ele derrota.

Pergunte a si mesmo: "o que acontece em seguida?". Às vezes, quando ficamos muito animados, ou muito frustrados sobre o desenrolar de uma história que estamos escrevendo, podemos esquecer que os eventos e comportamentos, mesmo em um mundo de fantasia, tendem a seguir a lógica, as leis físicas do universo que você criou.

Muitas vezes, chegar a um bom final é tão fácil como refletir sobre o que seria lógico ocorrer em uma determinada situação. Os finais devem fazer sentido com base no que aconteceu anteriormente. Pergunte a si mesmo: "por que esses eventos obedecem esta ordem?". Reveja a sequência de eventos na história, então questione ações que parecem surpreendentes, a fim de esclarecer a lógica e o fluxo de sua história.

Vamos imaginar que seus personagens principais estão procurando o seu cão perdido em um parque, quando encontram uma porta secreta para um reino fantástico. Não abandone a lógica; veja se é conveniente, após deixá-los viver sua aventura, permiti-los encontrar, no final, o seu cachorro, ou até possibilitar que o animal os encontre.

Imagine também variações e surpresas. Não queremos histórias engessadas na lógica, nas quais nada de novo aconteça. Pense sobre o que ocorreria se uma determinada escolha ou evento fosse ligeiramente alterado e inclua definitivamente surpresas em sua trama. Verifique se você incluiu eventos surpreendentes suficientes para o seu leitor.

Se o seu protagonista acorda, vai para a escola, retorna para casa e volta para a cama, então essa história não pode apelar para muitos personagens porque é tão familiar como uma sequência de eventos. Deixe algo novo e surpreendente acontecer. Por exemplo, seu

personagem está saindo de casa quando descobre, nos degraus, um pacote estranho com seu nome.

Finais que refletem sobre questões da história podem igualmente convidar o leitor a meditar. Neste sentido, a lógica presente nos temas da história conduz a outras questões. Que novos conflitos, por exemplo, esperam por seus heróis, agora que destruíram o monstro? Quanto tempo o reino permanecerá em paz?

Quer se trate de uma história real ou imaginária, tente reler a sua história a partir da perspectiva de um *outsider* e pense o que parece lógico para quem lê a história pela primeira vez. Como autor, você pode se sentir particularmente animado sobre um evento que envolve um de seus personagens, mas deve se lembrar de que um leitor pode ter um sentimento diferente sobre qual parte da história é mais importante. Manter alguma distância da sua história vai ajudá-lo a considerá-la mais criticamente.

Nos quadros que se seguem, discorra, em algumas linhas, a respeito das técnicas usadas pelos autores nos finais que você leu neste capítulo:

Cem anos de solidão

1984

Lolita

Faltou espaço?

Saída: sugiro que compre uma caderno ou abra um arquivo no computador para realizar os exercício deste livro!!! Mas agora, falando sério, o ideal seria que, antes de começar a escrever seu livro, você fosse à sua prateleira de obras preferidas e estudasse tantos inícios e conclusões que a sua paciência suportar.

Eu e outros especialistas neste tema podemos escrever à exaustão sobre o assunto, mas cabe a "você", e só a você, decidir como abrir e concluir seu *best-seller*. No fim das contas, se o livro fizer sucesso, ou for um fracasso, a "culpa" será sempre do autor e das suas escolhas – não necessariamente nesta ordem!

Pronto, então?

Já tem uma boa ideia de como iniciará e concluirá sua obra literária? Eis, então, a sua vez de praticar um pouquinho. Crie, agora, o seu início!

Quais elementos escolherá para a sua abertura?

Surpresa: ______________________

Encantamento: ______________________

Conexão: ______________________

Escreva a sua abertura, cuidando para que os elementos estejam claros e na ordem correta, como nas histórias que você leu:

Agora, crie o seu fim impactante!

Escreva o final da sua história, cuidando para que os elementos, não importando o método escolhido, estejam claros e na ordem correta, como nos que você leu.

As histórias são fundamentais para a vida. O que realmente sabemos é que elas, tal como a vida, têm princípio, meio e fim. Minha intenção, neste livro, é tentar instigá-lo a pensar sobre histórias e como elas funcionam. O próximo capítulo será justamente isto: histórias e o que chamamos de FOCO NARRATIVO, ou seja, qual personagem, ou nenhum, vai contar a história? Confesso que é um tópico complicado, mas vou fazer o possível para torná-lo mais simples.

Se a gente soubesse que um dia iria escrever um livro…

Aqui a gente vai parar a fluência do livro por algumas páginas. Quem for *expert* no assunto "foco narrativo" já pode pular para o próximo capítulo. Quem não for, sugiro que leia este texto várias vezes, pois poderá ser o capítulo que levará sua futura obra a ser um *best-seller* ou uma porcaria.

Começo me solidarizando com você. As suas aulas de literatura podem ter sido há muito tempo ou, na sua época de escola, nunca pensou que teria intenção de, um dia, escrever um livro. Então, pouco ligava para as aulas de literatura. Daí, coisas como “foco narrativo” ou ponto de vista ficarem meio apagados na sua memória.

Você sabe o que é, mas na hora de pôr em prática, fica tudo meio confuso. Portanto, aí segue um curto lembrete, publicado pelo site UOL, do que se trata este elemento da criação literária. Tendo em vista que o narrador representa um ser fictício, do qual o autor se vale em seu processo criativo, torna-se imprescindível compreender os pontos que envolvem o foco narrativo.

Define-se foco narrativo como a perspectiva usada pelo narrador para relatar os acontecimentos que se desenrolam em seu enredo. Ele participará da história, será um mero espectador, enfim, qual será sua escolha? De acordo com seu posicionamento, ao “filmar” a sua história por meio dos seus CINCO SENTIDOS (lembra-se de que já falamos sobre isto no início deste livro?), o foco assumirá distintas funções.

Destaco aqui o foco em 3ª pessoa e o foco em 1ª pessoa:

No foco narrativo de terceira pessoa, o narrador não participa ativamente dos fatos relatados. Nessa condição, pode-se afirmar que a narrativa assume um caráter mais objetivo, tendo em vista que ele permanece “do lado de fora”, limitando-se somente a nos repassar o que vê.

Assim sendo, manifesta-se sob dois aspectos:

- Narrador onisciente: ele conhece toda a história, até mesmo o pensamento dos personagens.
- Narrador observador: ele não conhece toda a história, apenas se limita a narrar os fatos à medida que eles acontecem. Assim sendo, o narrador se abstém de quaisquer intervenções, ou seja, ele não sabe o que ocorrerá nas próximas páginas da história.

No foco narrativo de primeira pessoa, como o próprio nome nos indica, o narrador se torna também um personagem, assumindo a condição de narrador protagonista ou narrador coadjuvante. Por essa razão, afirma-se que traços subjetivos tendem a se manifestar em sua narrativa, tendo em vista o envolvimento emocional ante o desenrolar dos fatos.

Por exemplo:

Na narrativa em PRIMEIRA PESSOA, quem conta foi quem viveu a história. Neste caso, a narradora vai contar como se fosse DEPOIS dos fatos ocorridos ("na noite passada", dirá ela). Portanto, os verbos ficarão no pretérito, sendo percebidos como se fossem o PRESENTE da história.

Veja:

Noite passada, fui convidada para uma reunião com "as meninas". Disse a meu marido que estaria de volta à meia-noite:

– Prometo!

Mas, com a champanhe rolando solta, as horas passaram rapidamente. Por volta das três da manhã, bêbada feito um gambá, fui para casa.

Mal entrei e fechei a porta, o cuco no *hall* disparou e "cantou" três vezes.

Rapidamente, percebendo que meu marido podia acordar, eu fiz "cu-co" mais nove vezes. Fiquei realmente orgulhosa de mim por ter uma ideia tão brilhante e rápida (mesmo de porre) para evitar um possível conflito com ele.

Na manhã seguinte, meu marido perguntou a que horas eu tinha chegado. Respondi meia-noite. Ele não pareceu nem um pouquinho desconfiado. Ufa! Tinha escapado!

Então, ele disse:

– Nós precisamos de um cuco novo.

Quando perguntei por que, ele respondeu:

– Bom, esta noite nosso relógio fez "cu-co" três vezes, depois, não sei por que, soltou um... "caraaaaalho!". Fez "cu-co" mais quatro vezes e pigarreou. Fez mais três vezes, riu, e fez mais duas vezes. Daí, tropeçou no gato, derrubou a mesinha da sala, peidou, deitou e dormiu...

Há também uma modalidade especial com foco na primeira pessoa, chamada *fluxo de consciência*. Oferece a perspetiva do PERSONAGEM-narrador sobre a história, procurando reproduzir o seu modo de pensar, em vez de simplesmente relatar ações e diálogos. O mundo interior do PERSONAGEM-narrador – incluindo aí seus desejos, motivações, pensamentos – é revelado ao leitor.

Agora, veremos uma historinha na TERCEIRA PESSOA, embora percebamos claramente que é a "linda garota (20 aninhos, loirinha, de olhos azuis...)" que conta o que ela vivenciou na loja de tapetes. O interessante é que ela, a garota, acaba reproduzindo a experiência da mãe e da avó. E, para dar vida à trama, reproduz até os diálogos, reconstruindo a experiência a partir do que a mãe e a avó lhe contaram, APÓS o ocorrido.

Uma linda garota (20 aninhos, loirinha, de olhos azuis...), a Andreia, entra na loja de um turco e pergunta o preço de um belo tapete.

– São 400,00 reais – responde o turco.

– Mas moço, eu só tenho 300,00. Vende por 300,00, vai!!?

– Não tem como, moça. Esse tapete me custou quase isso!

– Ah! Moço! Vende pra mim?

– Não posso...

E apesar da longa choradeira da menina, o turco não baixou o preço, mas fez uma proposta para a moça:

– Se você aguentar uma "trepada" em cima desse tapete, pode levar ele de graça.

– O quê? Trepar? O senhor quer dizer fazer sexo?

– Exatamente! Se você der pra mim em cima do tapete, ele é seu de graça, mas com uma condição: NÃO PODE PEIDAR!

– Tá bom, eu topo. Eu quero muito esse tapete.

O turco foi lá fora, deu uma olhada para os lados e fechou a porta da loja.

A Andreia já estava peladinha em cima do tapete quando o turco baixou as calças. Então, apareceu um negócio que parecia uma tromba de elefante. A ponta quase batia no joelho do infeliz. Era bem dotado mesmo. A moça arregalou o olho, mas o negócio já estava combinado. O turco se posicionou sobre a garota e, quando deu a primeira encostada com força, ela gemeu, suspirou e... peidou!...

Voltou pra casa chorando, desesperada, nada lhe consolava. Então, contou a história para sua mãe.

– O quê??? – disse a mãe. – Eu vou lá e vou resolver isso. Vou trazer esse tapete. É uma questão de honra!

Foi até a loja. O turco fez a mesma proposta.

– Não pode peidar! – Lembrou ele...

E foi só o turco encostar o "mandiocão" que a mulher prendeu a respiração, mordeu o lábio e... peidou.

Voltou pra casa chorando, lamentando, xingando o desgraçado. A vovó, que ouviu toda a história, disse que esse era um problema para ela resolver. E foi lá pra loja do turco.

Após uma hora, mais ou menos, a velha chegou, carregando o tapete enrolado no ombro... A mãe e a filha, que haviam ficado em casa, aguardando, fizeram a maior festa. Dando pulos de alegria, felizes, perguntaram como ela havia conseguido.

Ela respondeu:

– Consegui porra nenhuma! Tô trazendo só pra lavar. Me caguei toda!!!

Já nesta historinha, a seguir, vemos o que ocorre ora do ponto de vista de um personagem, ora do outro. Para histórias curtas, com foco NA PRÓPRIA HISTÓRIA – ou seja, neste caso, na moral da história –, este ponto de vista funciona, mas, em um romance, o recurso tende a distanciar a audiência e deixar o texto cansativo.

Veja:

Um homem jovem estava fazendo compras no supermercado **quando notou** que uma velhinha o seguia por todos os lados.

Se ele parava, ela parava e ficava olhando.

No fim, já no caixa, **ela tomou coragem** e **se atreveu** a falar com ele, dizendo:

– Espero que não o tenha feito se sentir incomodado; mas é que você se parece muito com meu filho que faleceu.

O jovem, **com um nó na garganta**, respondeu que estava bem, que não havia problema.

A velhinha lhe disse:

– Quero lhe pedir algo incomum.

O jovem respondeu:

– Diga-me, em que posso ajudá-la?

A velhinha falou que queria que ele lhe dissesse "Adeus, mamãe" quando ela fosse embora do supermercado.

– Isso me fará muito feliz – disse.

O jovem, **sabendo que seria um gesto que encheria o coração e o espírito da velhinha**, aceitou.

Então, enquanto a velhinha passava pela caixa registradora, ela se voltou sorrindo ao rapaz e, agitando sua mão, disse:

– Adeus, filho!

Ele, **cheio de amor e ternura**, lhe respondeu efusivamente:

– Adeus, mamãe.

A velhinha, **feliz e aliviada, apresou-se** para sair da loja.

Então ele, **contente e satisfeito**, pois, com certeza, havia dado um pouco de alegria à velhinha, continuou pagando suas compras.

– São 554 reais – disse a moça do caixa.

– Por que tanto, se só levo cinco produtos?

E a moça do caixa lhe disse:

– Sim, mas a sua MÃE disse que você pagaria pelas compras dela também.

Moral da história:

Não confie em nenhuma velha de merda que se aproxime de você em algum supermercado!

Não se perder no foco narrativo requer um pouco de prática, mas copie algumas dessas histórias disponíveis *on-line* e as reescreva, mudando o ponto de vista. Se estiver na 1ª pessoa, passe para a 3ª; se na 3ª, converta para a 1ª Se estiver num ponto de vista misto, escolha UM dos personagens numa versão e o outro personagem numa versão alternativa.

Veja, por exemplo, como ficaria a mesma historinha só no ponto de vista do rapaz. A moral da história permaneceria como o autor tencionava, mas com o PDV apenas do rapaz a "piada" ganha força, não precisamos pular das emoções dele para as da velhinha. Aliás, ao pular, não nos surpreendemos tanto com o desfecho.

Mesma história com PDV único:

Um homem jovem estava fazendo compras no supermercado quando notou que uma velhinha o seguia por todos os lados.

Se ele parava, ela parava e ficava olhando.

No fim, já no caixa, ela falou com ele, dizendo:

– Espero que não o tenha feito se sentir incomodado; mas é que você se parece muito com meu filho que faleceu.

O jovem, com um nó na garganta, respondeu que estava bem, que não havia problema.

A velhinha lhe disse:

– Quero lhe pedir algo incomum.

O jovem respondeu:

– Diga-me, em que posso ajudá-la?

A velhinha falou que queria que ele lhe dissesse "Adeus, mamãe" quando ela fosse embora do supermercado.

– Isso me fará muito feliz – disse.

O jovem, sabendo que seria um gesto que encheria o coração e o espírito da velhinha, aceitou.

Então, enquanto a velhinha passava pela caixa registradora, ela se voltou ao rapaz e, agitando a mão, disse:

– Adeus, filho!

Ele, cheio de amor e ternura, lhe respondeu efusivamente:

– Adeus, mamãe.

Então ele, contente e satisfeito, pois, com certeza, havia dado um pouco de alegria à velhinha, continuou pagando suas compras.

– São 554 reais – disse a moça do caixa.

– Por que tanto, se só levo cinco produtos?

E a moça do caixa lhe disse:

– Sim, mas a sua MÃE disse que você pagaria pelas compras dela também.

(Moral: a mesma)

Faça mais exercícios você mesmo! É de tanto tentar que a gente desenvolve um "senso" para criar e manter o foco narrativo, isto é, não

nos perdermos no foco mais adequado à história que desejamos transmitir à nossa audiência.

No próximo exemplo, temos alguém apenas relatando a história, vista de fora e de longe. O texto fica com um ar jornalístico. Serve para exemplificar ou ilustrar algum ponto num livro, mas raramente será o-ideal para uma obra inteira, pois vai ficar com jeito de livro didático ou de coisas que a gente lê de graça no Google.

Observe:

Não desistir de tentar! Além da Teoria da Relatividade, a persistência e a luta pelos nossos sonhos é uma das principais lições que Einstein deixou para a humanidade!

Muita gente não sabe, mas o maior gênio do século XX era considerado um "mau aluno" e "completamente inútil" por seus professores da universidade.

Mesmo totalmente desacreditado por docentes e alguns familiares, Einstein não desistiu e a sua incansável persistência o levou a conquistar o Prêmio Nobel da Física, em 1921, além de ser consagrado o mais memorável físico de todos os tempos!

Como Einstein costumava dizer:

– Eu tentei 99 vezes e falhei, mas, na centésima tentativa, consegui. Nunca desista de seus objetivos; mesmo que esses pareçam impossíveis, a próxima tentativa pode ser a vitoriosa.

E, às vezes, podemos escrever puramente na terceira pessoa. A maioria dos romances modernos tende a ser escrito na 3ª pessoa, com verbos no passado.

Veja um trecho de *Interlúdio*, publicado em segunda edição pela DVS Editora, um romance que escrevi faz alguns anos, mas que ainda sobrevive no mercado, de edição em edição. Este trecho está estritamente na 3ª pessoa. Pelos cinco sentidos do Dennis, experimentaremos o que se passa na história.

Para Dennis, podia ser dia, noite ou qualquer dia da semana. Havia perdido a noção de tempo e espaço, no instante em que deixara para trás sua amada cidade de Provo.

No assento traseiro do carro, a mãe e a irmã não se calavam.

– Já vai chegar, mamãe?

– Não, Candy, ainda temos de pegar um avião.

– Eu não quero pegar um avião, mamãe.

– Vai adorar, docinho.

– Vou?

– Vai.

O carro vencia a autoestrada vazia, acelerando. Quando Dennis acordou de verdade, ajuntaram-se, eles quatro, em torno do balcão da Pan Am, no aeroporto de Salt Lake. Os carrinhos com malas, sacolas, caixas e caixotes de todo tipo, foram abandonados no meio do saguão para eles seguirem atrás do pai que, a cotoveladas, abria caminho por entre os passageiros de voos bem anteriores aos deles.

No balcão, o pai mostrou o passaporte.

A atendente folheou as listas, fingindo não ver os passageiros, calados, disputando, numa dança sem música, o lugar no balcão que, segundos antes, ainda lhes pertencia.

– Mr. John Betts? Mrs. Rebecca Betts? Candice e Dennis…

A mãe anuiu com a cabeça.

Do fichário plástico, ao lado do telefone, a atendente produziu os bilhetes.

– Confira-os, por favor! – disse ela.

O pai mal examinou as folhinhas. Sem agradecer, virou-se de costas para o balcão, enfiando os bilhetes no bolso da sacola da mãe. Enquanto enxugava com os dedos o rosto empapado, anunciou que ia devolver o carro de aluguel.

– Não ainda. – A mãe, revolvendo o fundo da sacola e achando um frasco de comprimidos, enfiou-o na mão do marido. – Antes de entregar o carro, toma dois. – Como se adivinhasse que ia acompanhar o pai, a mãe abraçou Dennis pela cintura. – Vamos organizar as bagagens para o despacho – argumentou. – Deixe seu pai ir sozinho.

O pai se afastou pela porta do saguão, enquanto roçava o pequeno frasco ao lado do paletó, sem encontrar o vão do bolso.

Daquele momento em diante, nada mais ia dar certo na viagem. A começar pelas caixas que, à última hora, não puderam despachar. O atraso em Los Angeles e o dia sem fazer nada num aeroporto de um lugar muito pobre, em companhia de passageiros malcheirosos.

Depois, a espera.

Uma tarde toda? Uma noite toda?

Já não lembrava mais.

Que refeição fizera, o que comera? O que tivesse sido, o gosto residual era horrível! Além do mais, a mãe o obrigara a tirar as folhinhas de alface, uma a uma, para não pegar uma dor de barriga.

– Onde está a garrafa desta água?

– Ele me vendeu no copo.

– Não tome, Dennis! – alertou a mãe. – Parece água da torneira.

– É isso ou Coca-Cola.

– Quer ir para o Inferno, metendo cafeína nesta barriga?

– Estou com sede, mãe.

– Todos estamos. Faz de conta que é jejum. Aguenta e ora.

Candy, quando não estava desenhando, chorava. A mãe, sem abandonar o sorriso de fada que sempre ostentava na rua, consolava-a com histórias dos Pioneiros Mórmons que, em nome de Deus, atravessaram a América de carroça, quase exterminados pelos índios, para se estabelecerem em Utah. O pai, calado a viagem toda, lia e relia o

único jornal que trouxera, trocando-o pelas Escrituras cada vez que avisavam não ser ainda a hora de embarcar.

O voo para o sul do Brasil: deste, ele preferia nem se lembrar.

A mãe lhe passava o último saquinho.

– Vai vomitar de novo, Dennis?

– Não sai mais nada, mãe.

Ela abriu a bolsa, lançando um olhar ao marido.

– As pílulas, John.

Ele meteu a mão no bolso e devolveu o frasco à esposa.

– Toma uma! – disse ela ao filho, arremessando o frasco no colo dele. – E feche os olhos.

Sem exagero, Dennis achava que, ao fim da viagem, não teria mais tripas para vomitar. O calor sufocante, que o fizera passar mal (ele imaginava ser apenas um problema de refrigeração dentro da aeronave) provou ser ainda mais intenso quando as portas abriram e os passageiros se alinharam para caminhar pela pista rumo ao pequeno terminal. Lá fora, gritos, risadas e assobios.

– Olha só! – apontou a mãe.

Dennis travou o carrinho e apertou as mãos na barra.

O mais jovem de um grupo de cinco homens, encostado num carro azul claro de marca indefinida, segurava um pedaço de papelão com palavras em inglês, a intenção, calculou, era de dar boas-vindas à família.

BROTHERS BETTS AND THE HIS CHIDRENS WELLCOMES FOR ALL YOU

Horas depois, ou o que pareceram horas, empacados na frente do carro, não paravam de sorrir, abraçar, apertar mãos e estropiar a língua inglesa até a última gota de sangue, mais do que já a haviam estropiado naquele cartaz.

Dennis estava prestes a desatar num pranto, juntando-se à choradeira da irmã, quando os irmãos da Igreja, ao perceberem o estado da menina, resolveram abreviar os apertos de mãos, abraços e afagos. A família nem devolveu os acenos entusiasmados. Entraram depressa no carro e, minutos depois, já atravessavam uma ponte, lançando-se numa estrada esburacada, que se perdia numa vastidão verde-escura.

A mãe aproximou a boca à nuca do marido.

– Quanto tempo até Pelotas, John?

Ele não falou nada.

O motorista, sem entender palavra, sorriu.

A mãe recostou-se e ficou acariciando o cabelo de Candy.

Pelo espelhinho retrovisor, o pai observava a cena, apertando a boca em reprovação.

Em casa, o pai chegava ao fim do dia, como os pais nos comerciais de comida pronta. Porém, ao contrário do que Dennis via na TV, o seu nunca dizia "cheguei" ou beijava a esposa. Nos dias de suposto bom humor, apenas murmurava "boa noite". O normal era não dizer nada.

No Brasil, mudaria alguma coisa?

O vidro abaixou até a metade e emperrou. Devagar, Dennis pendeu a cabeça para o lado, encostou o nariz junto à fresta e perdeu-se pela planície verde. Em Utah, tudo era tão seco... A terra vermelha, as montanhas furavam as nuvens. Ao contrário dali, nunca se via o horizonte.

Um estalo, seguido de intermináveis solavancos.

Virou-se a tempo de enxergar o buraco por onde crescia um ramo de árvore.

Dentro do carro, os pacotes saltaram como pipocas na panela. Candy apertou contra o peito a caixa de lápis de cor. O pai, com o rosto lavado de suor, virou-se para o motorista. Começou vociferando e acabou grunhindo como um cão raivoso. A mãe balançou a cabeça. Retirou da

bolsa um estojinho de onde sacou um comprimido que, como um grão de areia, se esfarelava nos seus dedos. Sem vacilar, levou o comprimido colado na extremidade da mão à boca do marido. Ele lambeu-lhe o dedo até não sobrar nenhum resíduo de pó. Poucos minutos depois, num espanhol primário, o pai tentava se comunicar com o motorista.

Dennis riu aliviado, seus olhos esgueirando-se pela estrada para ver se entre os buracos que se aproximavam iria surgir outra cratera.

O motor passou a brandir e a lataria a trepidar.

Não entendia por que os traziam num carro só. O motorista e o pai na frente; no banco de trás, ele, com as pernas latejando contra o banco do motorista; a mãe e a irmã, acomodando no colo o que não coubera no porta-malas ou não dera para amarrar em cima do veículo.

E um texto puramente na 1ª pessoa? Segue também um exemplo de *Interlúdio*, na nova versão que estou ajustando para publicação em Portugal e Espanha:

Meados de março, 1978.

Cidade de Pelotas, extremo sul do Brasil.

Ela abriu a boca e saíram as palavras "Instituto Cultural Norte-Americano, boa-tar…!", mas não deu tempo de completar. Quem chamava do outro lado da linha já estava falando.

– Um homem com sotaque inglês – cochichou a secretária, trazendo o aparelho para mais perto de mim – quer falar com o professor Lázaro Prata.

Apanhei o telefone das mãos de Marta, cuidando para que o fio não derrubasse os livros nem as caixas de giz empilhadas na mesa.

– Sim. Lázaro falando.

O sotaque era americano. A voz nasalada mostrava desconforto.

Tomado de certa agitação, pus-me de pé para prosseguir a conversa.

Marta, enquanto isso, apressava-se em conduzir para as salas os alunos que chegavam.

O homem apresentou-se como Comandante John Betts, adido militar. “Adido. Adido?” Deixei a conversa fluir, não sabia tudo em inglês. Ele havia chegado com a família ao Brasil na quinta-feira da semana anterior e, na sexta-feira, se instalado na cidade, vindo de Porto Alegre. Entretanto, logo ao chegarem, um compromisso inesperado o obrigava a voltar à capital. O filho, lamentava, não poderia acompanhá-los; havia sofrido um acidente, uma queda, que lhe imobilizara uma perna, ferira as mãos e os braços. Por fim, quis saber se eu, que havia sido indicado como tradutor-intérprete e acompanhante, estaria disponível. Mais que tudo, precisava saber de minha disponibilidade para dormir no serviço. Iam se ausentar por duas semanas e, à noite, o filho não queria ficar sozinho.

“Eu? Quem teria me indicado a uma coisa dessas? Nunca trabalhei de tradutor-intérprete, muito menos de acompanhante! Mas... que seja!”, pensei. “Tudo tem uma primeira vez…”

Falei:

– Sem problema, faço isso com frequência. Em seguida, calei-me a fim de pensar melhor, receoso que o cliente fosse um garoto muito novo, que poderia passar as madrugadas acordado, querendo brincar. Afinal, eu tinha que dormir, ia dar aulas no outro dia. Entretanto, para minha alegria, antes que lhe perguntasse a idade do filho, tranquilizou-me avisando que era um rapaz de dezesseis anos.

Dei uma sambadinha no lugar para celebrar e resolvi mostrar mais entusiasmo pelo telefonema. Iria me valer um dinheirinho extra, dar uma de babá para o gringo!

O entusiasmo funcionou.

A voz de desconforto dele foi passando, tornou-se forte, firme, quase sensual.

– Um minuto! Vou anotar. Seu filho se chama... – Soletrei o nome do rapaz no bloco da Marta: D–e–n–n–i–s B–e–t– t–s. – Dois enes? E dois

tês?

Talvez percebendo que eu anotava o nome do filho, a voz dele abafou-se.

Eu o escutava, ao longe, dizer para alguém que eu estava aceitando o serviço.

Quando a voz ficou alta outra vez, quis saber dos meus honorários.

– Quinze dias? – confirmei. – Hum... Três horas durante o dia, mais as noites, isso vai dar... – Sem fazer cálculo nenhum, larguei o primeiro valor que me veio à cabeça. – Duzentos dólares. Se ficar bem assim, aceito.

Mentalmente, cruzei os dedos. Esperei.

– Fechado – declarou o americano.

Bom, já nos estendemos bastante. Porém, se você é daquelas pessoas que lê e fica curiosa com os processos que levam o leitor a se encantar, vou falar um pouco sobre escrever na 1ª pessoa com verbos no presente. Já percebeu isto em algum romance?

Pois é! Esta tendência tem muito a ver com o que se escreve em inglês. Os verbos e as suas desinências variam pouco em inglês, pois praticamente não se conjugam. Então, o efeito fica bonitinho. Já em português, espanhol e italiano, soa um tanto artificial ou agressivo. Eis uma escolha complicada. Se você não tiver muita prática ou se estiver produzindo o seu primeiro livro, lembre-se que um *best-seller* deverá ter, indubitavelmente, uma CONSISTÊNCIA no foco narrativo.

Aqui vai um exemplo, também do *Interlúdio*. Quem ler o romance verá que usei este ponto de vista num momento supercrucial da história, onde, na minha opinião, eu precisava que o leitor ficasse "colado" na alma do personagem principal, para sofrer com ele o desfecho da trama.

Veja:

– Alô...?

– Zé?

– Alô... – Ouço a voz mudar para inglês. – É da casa do Lázaro? Lázaro Prata?

A luz dourada da rua, de repente, envolve a sala, produzindo um tom suave de um alvorecer nos trópicos. Tanto quanto posso, aperto o aparelho contra o ouvido.

– Sou eu...

O interlocutor não ousa pronunciar o nome.

Não é necessário.

– Sou eu... – respondo.

– É você... – repetimos, ao mesmo tempo.

Escuto o Spencer se remexer na cama. Em seguida, os passos dele atravessando o corredor.

Viro-me de costas para proteger meu rosto na escuridão.

Pela sala inteira, a claridade que entra pelas janelas projeta sombras da água da chuva que, como lágrimas, escorrem pelas paredes, fazendo os ossos do Joãozinho, congelados na resina, nadarem outra vez, dividindo comigo aquele enorme aquário.

– É você... – sussurro como um autômato, em português, como se houvesse ensaiado aquele diálogo milhares de vezes e agora me esquecesse das palavras.

Na porta, o vulto do Spencer me pergunta:

– Tudo bem?

– Um amigo! – Cubro o bocal para responder.

– Não se demore muito. Vamos nos levantar às sete ou vai atrasar tudo.

Vou encostar a porta…

– OK.

A porta vai se fechando atrás do Spencer. Percebo que estou de novo sozinho na sala.

Sozinho é modo de dizer.

Estamos ali, eu e Dennis.

– Lázaro…

Deus do Céu! Houve tempo em que eu era capitão do meu pequeno mundo e só pensava em timonear o Rosas Amarelas nas margens rasas do São Gonçalo.

Mas agora, a lembrança do rio me vem como uma enxurrada à cabeça.

Do rio, em si, não. Das águas do rio. O São Gonçalo furioso como se fosse um mar agitado por uma tempestade. Suas ondas golpeando as margens, numa escuridão danada. Numa tormenta, intensificada por um vendaval misterioso, sem fim. É um *tsunami* que se avulta, porém eu não consigo correr das margens para longe da tragédia iminente. Será mesmo um *tsunami*? Apenas um *tsunami*? Ou será... putaqueopariu – justo agora! – outro Dilúvio, outro fim do mundo, por causa da ira de Deus? “Não sei. Não sei mesmo. O que sei, e isso é inegável, é que ali, do outro lado…”

– Lázaro – Dennis implora em português –, fala comigo…

Tento voltar à realidade e escutar os ruídos da casa.

– Lázaro…

Aguardo em silêncio ansiado.

– Lázaro... alô?

– Quanto tempo faz, Dennis?

– Você contou os dias?

O tapete por debaixo dos pés parece macio e reconfortante. Caminho dois passos para alcançar a cadeira perto da lareira, mas permaneço de pé, sem me sentar. Em vez disso, volto-me para fora, observando ao longe a chuva cintilante, também tingida de dourado pelas luzes da rua. As pequenas janelas, as chaminés nos telhados dos vizinhos, umas iluminadas, outras não, a essa hora da madrugada, são como janelinhas

dos contos de fadas que eu lia na infância. Para tomar coragem e continuar ouvindo ou me manifestar de novo, afasto meus olhos da distância, da ilusão peculiar. Meu olhar se fixa nas gotículas que correm pela vidraça, na minha imagem refletida que, enquanto me afasto, também se afasta de mim para dentro da chuva, ondulando no vento que sopra forte. Quando me aproximo, o reflexo vem para perto de mim, detendo-se a apenas alguns centímetros... e ficamos isolados pela vidraça molhada pelos aguaceiros de outono. Fixo-me no meu reflexo. O que vejo, é o de Dennis, não mais esperando, à distância, do outro lado da linha do telefone, mas ali, num ofegar aflito, do lado de fora do vidro.

Como eu disse, o truque é escrever, ler e reler, é mergulhar na alma do personagem e deixar que ele narre a história. Capriche na utilização dos cinco sentidos, crie figuras de linguagem – como metáforas –, abuse de mini-historinhas. O importante é você evidenciar de fato o que se passa para que o leitor crie na cabeça DELE uma imagem mental e "sofra" os dilemas e conflitos como se estivesse incorporado no personagem que vive a cena!

Tratado este assunto, vamos tocar o barco! Veja o que espera por você na sequência desta nossa conversa.

Nada melhor que exemplos

E vamos seguir falando de histórias.

Você está "CONTANDO" (no seu caso, escrevendo) HISTÓRIAS?

Darei aqui uma rápida palavra sobre a "contação de histórias", também chamada de "storytelling".

Embora haja um consenso sobre o poder da história, ou das histórias, ainda não há nenhuma definição consensual a respeito da

tradução da palavra “storytelling”.

Story = história; _tell_ = contar, narrar.

Traduzir como “contando histórias” é imaginar alguém num picadeiro, no palco, ou à volta de uma fogueira, a encantar uma audiência contando contos, anedotas, piadas, “casos” etc. Claro que isto também é storytelling, mas é importante chamar a atenção para a necessidade de uma definição geralmente compreendida no mundo dos negócios, no *marketing* e na criação de peças comercias de entretenimento, ou seja, o seu “*best-seller*”. Em inglês, tudo isto é *storytelling*! Na verdade, em inglês, a palavra *story* é usada para denotar qualquer mensagem – e muitas delas nem são exatamente “histórias”!

A cada livro que eu produzo sobre o assunto, vou refinando o conceito até, um dia, chegar a um acordo sobre a melhor definição. Neste livro, pois, para melhor compreensão do autor aspirante, definirei storytelling/contação de histórias como: “um processo de comunicação intencional, neste caso, por meio da escrita, que utiliza os princípios e estruturas inerentes às histórias para exercer com êxito um poder transformador no leitor, isto é, no receptor/audiência”.

Em resumo: o storytelling aproveita-se do poder hipnótico das histórias para encantar o leitor e passar-lhe mais facilmente informações necessárias para a transformação da sua própria história.

Quando estamos diante de dados numéricos, apenas a parte do nosso cérebro relacionada à linguagem trabalha para decodificar o seu significado. Entretanto, quando ouvimos ou lemos uma história, outras partes do cérebro são ativadas, as que seriam mobilizadas caso estivéssemos vivenciando realmente aquilo que estamos ouvindo ou lendo. Na verdade, o único momento em que as nossas mentes param de procurar distrações é quando temos uma boa história à nossa frente.

Embora a definição ainda seja difícil, os benefícios da contação de histórias, por exemplo, num bom livro, são propagandeados por todo o mundo.

O poder das histórias, claro, é, muitas vezes exagerado. Chega-se ao ponto de se afirmar que, se eu acreditar e contar a mim mesmo uma história na qual a verruga do meu dedo sumiu, a verruga vai desaparecer. Neste nível de autoengodo (autoengano), comunicar-se por meio de histórias se torna uma arma nas mãos de vigaristas.

Seleciono aqui, então, seis dos benefícios que creio serem de fulcral importância para todas as culturas humanas que, eticamente, utilizam histórias como um instrumento de "encantamento":

1. Capturamos a atenção da nossa audiência mais facilmente, isto é, do receptor da nossa mensagem.
2. Motivamos o outro a agir.
3. Construímos pontes entre o que pensamos e queremos e o que o outro pensa e quer.
4. Tornamos listas de informações mais saborosas, interessantes e, se possível, mais memoráveis e relevantes.
5. Auxiliamos o outro e a nós mesmos a questionar crenças.
6. Criamos razões externas (lógicas) ou internas (emocionais) para que o outro mude a maneira de pensar sobre um determinado assunto.

O que está por detrás de uma história que encanta?

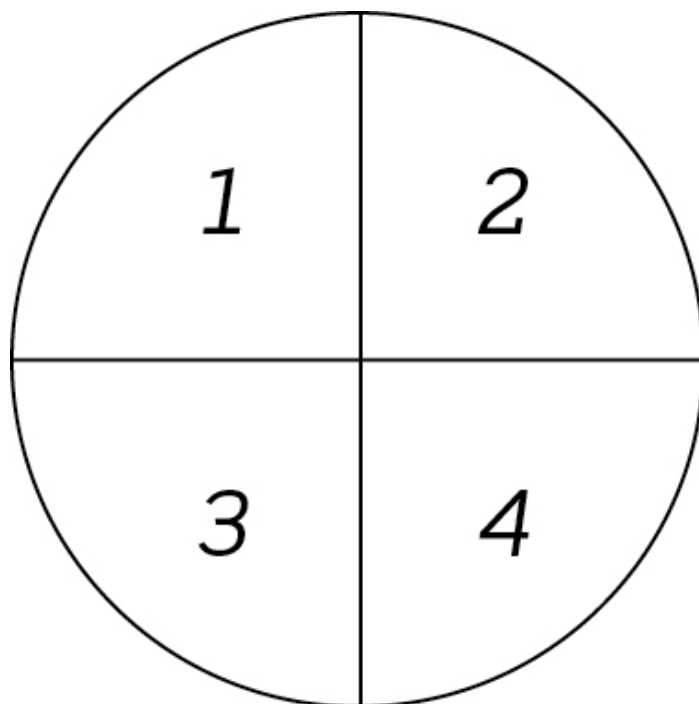
(Ou Joseph Campbell e a Jornada do Herói em dois minutos)

A "Jornada do Herói" ou Monomito é um conceito da jornada cíclica presente em mitos, de acordo com o antropólogo Joseph Campbell. Como conceito de narratologia, o termo aparece, pela primeira vez, em 1949, no livro de Campbell, *O herói de mil faces*. Campbell era um estudioso da obra de James Joyce e, por isso,

emprestou o termo Monomito do conto *Finnegan's wake*, deste autor irlandês. O que está por detrás das histórias poderá ser facilmente assimilado e verificado, já que storytelling – leia-se aqui, o poder de contar histórias e encantar-se com elas – é natural para todos nós.

Como compreender a estrutura da Jornada do Herói nas histórias?

A seguir, apresento um simples exercício para o leitor, para que se dê conta de como a Jornada do Herói permeia a nossa vida sem percebermos. Originalmente, ela tem doze passos, aqui simplificados em oito. Esses oito podem e devem ser usados sempre que o autor desejar elaborar uma história com o propósito específico de encantar uma audiência, transmitindo-lhe informações por meio de canais emocionais, quer simplesmente com o fim de entreter, quer para vender um produto, um serviço ou uma ideia.

Para o exercício, você vai precisar de uma folha de papel. Nela, desenhe um círculo e divida-o ao meio verticalmente. Divida agora o mesmo círculo novamente, só que na horizontal. A seguir, numere-o da esquerda para a direita, como na figura a seguir. Cada número significará uma fase da história, ou seja, uma etapa da jornada pela qual o herói passará ao vivenciar a história.

Como mostrei na introdução deste livro, todo ser humano é geneticamente "programado" para prestar atenção, encantar-se e hipnotizar-se com histórias "desvendadas" nesta mesma sequência estrutural.

Na história, por meio de fatos que evidenciam o que alguém está a passar, passou ou poderá passar, mostramos o personagem:

1. Na sua zona de conforto, isto é, vivendo como sempre viveu. Temos, aqui, que cuidar para não iniciar uma história muito antes, correndo o risco de ela ficar aborrecida; ou muito depois, pois poderá ficar incompreensível. De qualquer maneira, é importante que o personagem, mesmo afetado pelo ocorrido, ainda se encontre no seu "mundo natural".
2. A querer, a desejar, a precisar de alguma coisa que perdeu quando o seu mundo natural foi destruído. O personagem agora tem de agir, partir numa jornada, quer no mundo real ou no emocional, para que o seu universo natural volte a ser o que era.

3. A envolver-se numa situação estranha ou a entrar num ambiente inusitado, sem ter pleno controle do que está a acontecer ou do que poderá vir a acontecer.
4. A adaptar-se a essa nova situação ou a esse novo ambiente.
5. A lutar para conseguir o que desejava no incidente inicial.
6. A passar por provações em que fica metafórica ou literalmente entre a vida e a morte, lutando batalhas que parecem impossíveis e pagando um preço alto para obter o que deseja ou evitar que algo aconteça.
7. A vencer a batalha final, regressando à situação familiar, isto é, ao seu mundo natural, de que desfrutava antes do incidente inicial ter acontecido.
8. Na felicidade reconquistada e na vida transformada pela lição que aprendeu na jornada!

Pense nos seus filmes favoritos, analise-os e comprove como este padrão se aplica a eles. Agora pense nas suas histórias favoritas, aquelas que conta aos seus amigos nas festas de casamentos, nos churrascos, no café e também nos seus sonhos mais vívidos, em que acorda e, por um instante, não entende como não eram reais. Pense nos contos de fadas, ouça com atenção a letra de uma canção popular, ou apenas a música e concentre-se na jornada emocional pela qual está passando no interior de si mesmo. As histórias seguem esse padrão: mergulham nas suas próprias emoções e emergem transformadas.

Histórias! Somos programados para compreendê-las.

Histórias! Como já disse no início deste livro, nascemos com esta capacidade para manipular os seus elementos e usá-las como instrumento de mudança, arma de defesa ou para derrotar um inimigo no ataque.

Muito bem, você deve estar pensando, mas como aplico isto na prática?

Simples!

Vamos falar um pouco de jornada e trama. Todas as histórias são construídas nesses dois níveis. Ao dominar esses níveis básicos, o leitor será capaz de manipular esta poderosa arma com certa destreza!

Basta ir contando uma história e tudo se acerta?

Sim e não!

Na prática, se o leitor quiser apenas mostrar quem é, sem dúvida contará uma história e todos o julgarão pela história que contou. No outro dia, eu estava numa festa em que um convidado me contava histórias picantes sobre o que fazia quando deixava a sua esposa em Londres e viajava para Paris para participar de conferências. Ele me relatava, com muito orgulho, que deixava o celular na pasta de um amigo que estava, realmente, no local da conferência, pois sabia que a sua esposa poderia conseguir a localização do celular na internet.

Enquanto isto, ele… Pois bem, o restante da história não preciso aprofundar, é aquilo que você imagina. O que não imagina é que esse mesmo homem me fez uma proposta de negócio. Numa fase adiantada da conversa dizia: "E aí, 'sócio', que tal expandir a porcaria da tua empresa aqui nesta terra de gente que não lava o carro?". E, para arrematar, acrescentava: "Pode confiar!"

Confiar em quê ou em quem? Nele? Se trai a mulher, por que é que não trairia o "sócio"? Se demonstra preconceito com os franceses porque não lavam os seus carros, o que vai ser de mim, que corto a relva à frente da minha casa só duas ou três vezes por ano?

Compreendeu? Confiaria nele?

No entanto, se quiser usar as histórias, isto é, manuseá-las, como o cirurgião que maneja um bisturi ou um soldado que manuseia uma

arma, com um propósito definido de vencer a batalha contra um câncer ou um grupo terrorista, deve adotar outras medidas.

Para começar, precisa saber como funcionam as histórias. Cortar uma barriga com um bisturi ou atirar com um espingarda em qualquer direção é nato para todos nós, que contamos com dedos e força para apertar um pequeno cabo ou um gatilho. Realizar uma cirurgia precisa ou acertar num alvo em movimento a 100 metros de distância é outra história, aí é imperativo entender como um bisturi ou uma espingarda funcionam e de que forma utilizá-los para o propósito a que nos propomos.

Então, quando falo em “A arte do storytelling”, refiro-me a dominar os princípios básicos de storytelling, ou seja, dos elementos subjacentes às histórias, para que melhor possamos utilizá-las para transformar a nossa audiência: de não compradores a compradores, de não sócios a sócios, de não namorada a namorada, de inaceitável a aceitável, etc.

Repare que, se o meu “amigo” tivesse uma ideia mínima de que as histórias no definem, teria escolhido outra para tentar criar empatia comigo.

Dois passos básicos dão início ao processo do planejamento, para se usar histórias com eficácia.

1. Escolher a história certa para a pessoa certa. Parece óbvio, mas preste atenção como o leitor e seus amigos se comportam no dia a dia; meter os pés pelas mãos é muito mais comum do que imaginamos.
2. Pensar em história em dois níveis, a jornada e a trama. A jornada é o que o leitor viu no capítulo anterior, é a sequência lógica em que cada parte da história é contada, enquanto a trama é o que também chamamos de enredo. O enredo é o conteúdo sobre o qual esta história se constrói. Tem sempre um núcleo, chamado conflito. É esse conflito que determina o nível de tensão ou expectativa

aplicado na história. É no enredo que se desenrolam os acontecimentos que dão forma emocional à história.

Se não houver enredo, isto é, conflito – quero isto e a outra pessoa quer aquilo –, não haverá história, e as personagens ficarão estáticas, sem se mover no tempo ou no espaço. É com base nele, portanto, que os demais itens que compõem a estrutura da "jornada" vão se formando e se relacionando para a construção de uma história coerente e lógica.

A história certa para a pessoa certa não está no cerne deste livro, mas há um conselho antigo que diz: em boca fechada não entra mosca. É isto, em dúvida, não conte história alguma. Mas, se quiser contar, conte a história certa.

Vamos começar com um exercício muito simples para você ser capaz de descobrir quando o que imagina é história e quando não é.

Não tenho história: as velhas estão na praia.

Tenho história: as velhas estão na praia, sem saber o que fazer com o marinheiro morto na areia.

Não tenho história: o rei morreu.

Tenho história: o rei morreu; a rainha também, de desgosto.

Não tenho história: o gato apanhou o rato pela cauda.

Tenho história: o gato apanhou o rato pela cauda; o rato chamou o cão para o socorrer.

Agora, você!

Neste momento, não pense em técnicas. Continue apenas criando histórias como as que criei.

Não tenho história:	Tenho história:
Não tenho história:	Tenho história:
Não tenho história:	Tenho história:
Não tenho história:	Tenho história:

Viu como é fácil e intuitivo?

Continuando, vamos, então, analisar quando não tenho e quando tenho história.

Não tenho história quando digo "as velhas estão na praia", pois isto é apenas uma afirmação, não envolve a audiência. Se elas estão na praia, qual é o problema? Até que ponto isto instiga a minha curiosidade? Se estão na praia, que bom, ou mau para elas, deixem-me seguir o meu caminho. No entanto, se ouço: "as velhas estão na praia, sem saber o que fazer com o marinheiro morto na areia", tenho história!

Por quê?

A regra é bem simples: tenho história quando a audiência se pergunta: "E agora, o que é que vai acontecer?" Ou seja, você mostra, evidencia, o que aconteceu e a história é impulsionada para o futuro. Embora o combustível interno da história seja o conflito (trama/enredo), a curiosidade natural do ser humano, o combustível externo, é que cria o canal ou "estrada" por onde se desenrolará a trama. Uma jornada para as velhas e, por consequência, para você, leitor, avizinha-se!

E isto já bastaria para termos história?

Na prática, no momento em que envolvemos a nossa audiência, quando atingimos o instante do *engagement* ou engajamento/envolvimento da audiência/leitor, é que começamos a ter história, pois aí despertamos a curiosidade da audiência, que estará pronta para nos ouvir.

A partir daí, para a história se tornar um instrumento ou uma arma potente, você terá de alinhar os elementos para que a jornada e a trama/enredo fiquem claros e lógicos. Afinal, se a audiência não

acompanhar o que está se passando, poderá se desligar da história e você ficará falando com as paredes.

Neste caso, não persuadirá ninguém nem venderá nada, terá o seu livro fechado, abandonado para sempre numa prateleira ou, pior, jogado numa lata de lixo rumo à reciclagem. Ou seja, adeus *best-seller*!

Você não quer que isto aconteça, não é verdade? Então, há elementos sem os quais o impacto da sua história perde impulso.

Eis o segredo!

Toda a história deve ter um personagem com quem temos empatia, que se esforça até as últimas gotas de sangue e suor para – aqui remeto ao início deste livro – superar obstáculos aparentemente intransponíveis, a fim de atingir um fim satisfatório e, assim, passar por um processo de transformação para melhor.

Saliento que num romance há dois modelos:

Podemos utilizar apenas parte da fórmula: "um personagem com quem sentimos empatia, que se esforça até as últimas gotas de sangue e suor para superar obstáculos aparentemente intransponíveis a fim de atingir um fim satisfatório". Para ilustrar, o James Bond, que nunca se transforma no fim da história e, neste caso, dizemos que o foco do enredo está na ação.

Ou podemos também, nas narrativas emocionais, usadas para escrever um romance, um anúncio de publicidade, um livro de autodesenvolvimento ou que ensine um roteiro para vendas, etc., utilizar a fórmula completa, ou seja, no fim da história o personagem aprendeu uma lição e tornou-se uma pessoa diferente. Neste caso, o foco da trama está no personagem. Aqui, é dito que se estabeleceu uma curva do personagem, pois ele se transformou ao viver a aventura.

Mais um passo básico no processo de planejamento

Planeje uma história respondendo as questões a seguir. Se você realmente estiver usando esta obra para produzir o seu *best-seller*, recorra a um caderno para anotar as suas respostas.

Personagem instigante:

- Como é esse personagem no início da história e como será no fim? Que "lição" levará para casa?
- O que este personagem deseja atingir/evitar, naquele momento, que signifique vida ou morte?
- Com que obstáculos físicos e psicológicos, aparentemente intransponíveis, irá se deparar? Como lutará até a última gota de sangue para superá-los?
- Como os obstáculos quase abateram o personagem e, ainda assim, ele sobreviveu por um triz?
- Sobre o que o personagem reflete/pensa com base no que ocorreu?
- Quais os planos imediatos para reagrupar e voltar à luta, se necessário, para vencer de vez o inimigo?
- Qual a decisão final do personagem depois da reflexão?

Com pequenas modificações, esta mesma estrutura serve para o planejamento de uma história mais longa.

As histórias mais longas requerem 'cenas', ou seja, evidências de momentos em que micro-histórias ocorrem e, ao uni-las, formam uma história completa. Por exemplo, uma foto de casamento já nos conta uma história, enquanto um álbum de fotografias de casamento conta-nos uma história ainda mais completa.

Planeje, se quiser, cenas que, encadeadas, formem uma história mais longa e complexa. Responda, se possível anotando em seu caderno, as questões a seguir:

Personagem instigante para "aquela cena":

- Como é o personagem no início da cena e como será no fim? Que "lição" levará adiante que afetará a história maior?
- O que este personagem deseja atingir/evitar que, naquele momento, signifique vida ou morte?
- Com que obstáculos físicos e psicológicos, aparentemente intransponíveis, irá se deparar? Como lutará até à última gota de sangue para superá-los?
- Como os obstáculos quase abateram o personagem, e ainda assim, ele sobreviveu por um triz?
- Sobre o que o personagem reflete/pensa com base no que ocorreu?
- Quais os planos imediatos para reagrupar e voltar à luta, se necessário, para vencer de vez o inimigo?
- Qual a decisão final do personagem depois da reflexão?

Repita esta estrutura quantas vezes for necessário, até concluir a sua "grande história". Cabe aqui, entretanto, uma nota: no caso de uma história mais longa, por exemplo, caso seja convidado a escrever a história da sua empresa, ou a dar uma palestra em que discorrerá sobre vários episódios da vida de uma pessoa, ou, quem sabe, escrever aquele romance que guarda no coração há anos, em vez de oito etapas, pense na Jornada do Herói em doze, no seu formato original, por assim dizer.

As histórias de Osíris, Buda e Jesus Cristo seguem, quase literalmente, este paradigma, enquanto a Odisseia apresenta repetições frequentes e o conto de fadas Cinderela segue esta estrutura, mas de uma forma mais livre.

Os doze Estágios da Jornada do Herói completos, de acordo com Joseph Campbell, são:

1. O Mundo Comum (o mundo normal do herói antes da história começar).
2. O Chamado da Aventura (um problema se apresenta ao herói, quer seja um desafio ou uma aventura).
3. A Recusa ou reticência do Chamado (o herói recusa ou demora a aceitar o desafio ou a aventura, geralmente por medo).
4. Encontro com o mentor: o herói encontra um mentor que poderá ser alguém externo ao herói – um amigo –, algo ou alguém dentro do próprio herói – uma força estranha ou sobrenatural –, ou até mesmo um fantasma. O mentor levará o herói a aceitar o chamado, vai lhe oferecer as informações de que necessita e o treinará para enfrentar a sua aventura.
5. O Cruzar do Primeiro Portal – o herói abandona o mundo comum para entrar no mundo especial ou mágico.
6. Provações, aliados e inimigos ou A Barriga da Baleia. Aqui o herói passa por testes, encontra aliados e enfrenta inimigos de forma a aprender as regras do mundo especial.
7. Aproximação, ou seja, o herói alcança êxitos durante as provações.
8. A Provação difícil ou traumática: a maior crise da aventura, risco de vida ou morte.
9. Recompensa – o herói enfrentou a morte, venceu o seu medo e agora ganha uma recompensa – o elixir.
10. O Caminho do Regresso: o herói deve voltar para o mundo comum.
11. A Ressurreição do Herói: outro teste no qual o herói enfrenta a morte e, para vencer a batalha, deverá usar tudo o que aprendeu.
12. O Regresso com o Elixir: o herói volta para casa com o "elixir", usando-o para ajudar a si mesmo ou a todos no Mundo Comum.

Jornada do Herói desde sempre!

Se desejar, poderá pular esta parte do livro e não fazer o exercício que proponho a seguir. Na sequência, lerá um texto escrito em 1873 e publicado em Portugal em 1877. Reproduzo o texto na íntegra, no português como era escrito na época. Esta história foi contada e recontada por dezenas de anos, uma verdadeiro *best-seller* do fim do século 19.

Muitas vezes, quando discorro sobre a Jornada do Herói, há autores que, embora reconheçam que as histórias sempre tiveram tal estrutura, consideram que só após Campbell as "histórias modernas" foram, de certa maneira, induzidas a seguir tal estrutura. Ou também argumentam que seguir a Jornada do Herói é coisa de americano, uma história em português não precisaria se importar com quaisquer estruturas para ter sucesso.

Será?

Por isso, proponho este exercício!

Releia acima os doze passos da Jornada do Herói.

Como autor, imagino que já leu, pelo menos, o primeiro livro do Harry Potter (ou viu o filme) – se não o fez, faça-o! Segue um resumo da Jornada do Herói no primeiro volume da história do bruxinho. Tente identificar esses pontos no livro ou no filme:

» ***Passo 1*** – Mundo comum

O menino Harry, sem desconfiar que era um bruxinho, dorme no armário de vassouras sob a escada na casa dos tios .

» ***Passo 2*** – Chamado à aventura

Recebe cartas por todo lado.

» ***Passo 3*** – Recusa ao chamado

Hagrid diz:

– Tu és um bruxo, Harry.

Harry se esquiva por um instante, acreditando que não é a ele que o título de "bruxo" se refere.

» ***Passo 4*** **–** Encontro com o mentor

Hagrid

Minerva

etc.

» ***Passo 5*** **–** Caminho do limiar

Hagrid pergunta:

– Tu "queres ir ou ficar"?

E Harry pega o seu casaco e deixa a ilha do Farol.

» ***Passo 6*** **–** Aliados, inimigos e testes

Rony, Hermione e Neville.

Draco e o seu primo Duda

O chapéu seletor etc.

» ***Passo 7*** – Aproximação do objetivo

Harry precisa defender a pedra filosofal das mãos do professor Quirrel e de Voldermort. Ele e seus companheiros enfrentam um Cerberi etc.

» ***Passo 8*** – Provação máxima

Harry, uma criança de apenas 11 anos enfrenta o Lorde das Trevas. Valdemort foge, o vilão mais uma vez é derrotado. O pobre Harry ganha a luta, mas quase sucumbe, ferido. É quase morte do nosso herói.

» ***Passo 9*** **–** Conquista da Recompensa

Harry, ainda no hospital, recebe presentes dos amigos. A sua vitória traz esperança a todos ao redor.

» ***Passo 10*** **–** Caminho de volta

Harry está transformado e seus amigos também se transformaram com ele.

» ***Passo 11*** **–** Depuração/ressurreição

Harry sabe que é um bruxo e após a experiência de quase morte está mais forte.

» ***Passo 12*** **–** O retorno transformado

Harry vai usar magia sempre que precisar. Sobretudo, descobriu o mundo ao qual pertence, sem o qual não pode mais viver.

Então, conseguiu identificar esses pontos na história?

No Harry Potter, sem dúvida é fácil identificar. JK Rowling é uma autora "bem pós-Campbell". Mas agora vem o desafio: leia o conto a seguir no original português de 1877 e vá completando o quadro que o segue.

Nota: não é erro de edição, o português tinha outra grafia!

CONTOS PARA A INFANCIA

Escolhidos dos melhores auctores por Guerra Junqueiro

Lisboa. Typographia universal de thomaz quintino antunes, impressor da casa real, 1877.

A MÃE

Estava uma mãe muito afflicta, sentada ao pé do berço do seu filho, com medo que lhe morresse. A creancinha pallida tinha os olhos fechados. Respirava com difficuldade, e ás vezes tão profundamente, que parecia gemer; mas a mãe causava ainda mais lastima do que o pequenino moribundo.

N'isto bateram á porta, e entrou um pobre homem muito velho, embuçado n'uma manta d'arrieiro. Era no inverno. Lá fóra estava tudo coberto de neve e de gêlo, e o vento cortava como uma navalha.

O pobre homem tremia de frio; a creança adormecêra por alguns instantes, e a mãe levantou-se a pôr ao lume uma caneca com cerveja. O velho começou a embalar a creança, e a mãe, pegando n'uma cadeira, sentou-se ao lado d'elle. E contemplando o seu filhinho doente, que respirava cada vez com mais difficuldade, pegou-lhe na mãosinha descarnada e disse para o velho:

–Oh! Nosso Senhor não m'o hade levar! não é verdade?

E o velho, que era a Morte, meneou a cabeça d'uma maneira extranha, em ar de duvida. A mãe deixou pender a fronte para o chão, e as lagrimas corriam-lhe em fio pela cara. Sentiu-se estonteada com um grande peso de cabeça; estava sem dormir havia tres dias e tres noites. Passou ligeiramente pelo somno, durante um minuto, e despertou sobresaltada a tremer de frio.

–Que é isto! exclamou, lançando á volta de si o olhar hallucinado. O berço estava vasio. O velho tinha-se ido embora, roubando-lhe a creança.

* * *

A pobre mãe saiu precipitadamente, gritando pelo filho. Encontrou uma mulher sentada no meio da neve, vestida de luto. "A Morte entrou-te em casa, disse-lhe ella. Via sair a correr levando teu filho. Anda mais depressa que o vento, e o que ella furta nunca o torna a entregar."

–Por onde foi ella? gritou a mãe. Dize-m'o pelo amor de Deus!

–Sei o caminho por onde ella foi, respondeu a mulher vestida de preto.

Mas só t'o ensino, se me cantares primeiro todas as canções que cantavas ao teu filho. São lindas, e tens uma voz harmoniosa. Eu sou a Noite e muitas vezes t'as ouvi cantar, debulhada em lagrimas.

–Cantar-t'as-hei todas, todas, mas logo, disse a mãe. Agora não me demores, porque quero encontrar o meu filho.

A Noite ficou silenciosa. A mãe então, desfeita em lagrimas, começou a cantar. Cantou muitas canções, mas as lagrimas foram mais do que as palavras.

No fim disse-lhe a Noite: “Toma á direita, pela floresta escura de pinheiros. Foi por ahi que a Morte fugiu com o teu filho.”

A mãe correu para a floresta; mas no meio dividia-se o caminho, e não sabia que direcção havia de seguir. Diante d’ella havia um mattagal, cheio de silvas, sem folhas nem flores, de cujos ramos pendia a neve cristallisada.

* * *

–Não viste a Morte que levava o meu filho?” perguntou-lhe a mãe.

–Vi, respondeu o mattagal, mas não te ensino o caminho, senão com a condição de me aqueceres no teu seio, porque estou gelado.

E a mãe estreitou o mattagal contra o coração; os espinhos dilaceraram-lhe o peito, d’onde corria sangue. Mas o mattagal vestiu-se de folhas frescas e verdejantes, e cobriu-se de flores n’uma noite d’inverno frigidissima, tal é o calor febricitante do seio d’uma mãe angustiosa.

E o mattagal ensinou-lhe o caminho que devia seguir. Foi andando, andando, até que chegou á margem d’um grande lago, onde não havia nem barcos, nem navios. Não estava sufficientemente gelado para se andar por elle, e era demasiadamente profundo para o passar a váo. Comtudo, querendo encontrar o seu filho, era necessario atravessal-o. No delírio do seu amor, atirou-se de bruços a ver se poderia beber toda a agua do lago. Era impossivel, mas lembrava-se que Deus, por compaixão, faria talvez um milagre.

–Não! não és capaz de me esgotar, disse o lago. Socega, e entendamo-nos amigavelmente. Gosto de vêr perolas no fundo das minhas aguas, e os teus olhos são d’um brilho mais suave do que as perolas mais ricas que eu tenho possuido. Se queres, arranca-os das orbitas á força de chorar, e levar-te-hei á estufa grandiosa, que está do outro lado: essa estufa é a habitação da Morte; e as flores e as arvores que estão lá dentro, é ella quem as cultiva; cada flor e cada arvore é a vida d’uma creatura humana.

–Oh! o que não darei eu, para rehaver o meu filho! – disse a mãe. E apesar de ter já chorado tantas lagrimas, chorou com mais amargura do que nunca, e os seus olhos destacaram-se das orbitas e cairam no fundo do lago, transformando-se em duas perolas, como ainda as não teve no mundo uma rainha.

O lago então ergueu-a, e com um movimento de ondulação depositou-a na outra margem, aonde havia um maravilhoso edificio, com mais d’uma légua de comprido. De longe não se sabia se era uma construcção artistica ou uma montanha com grutas e florestas. Mas a pobre mãe não podia ver nada; tinha dado os seus olhos.

–“Como hei-de eu reconhecer a Morte que me roubou o meu filho!” – bradou ella desesperada.

–A Morte ainda não chegou – respondeu-lhe uma boa velha, que andava d’um lado para o outro, inspeccionando a estufa e cuidando das plantas. Como vieste tu aqui parar? quem te ensinou o caminho?

–Deus auxiliou-me, respondeu ella. Deus é misericordioso. Compadece-te de mim, e dize-me onde está o meu filho.

–Eu não o conheço, e tu és cega, disse a velha. Ha aqui muitas plantas e muitas arvores, que murcharam esta noite: a Morte não tarda ahi para as tirar da estufa. Deves saber, que toda a creatura humana tem n’este sitio uma arvore ou uma flor, que representam a sua vida e que morrem com ella. Parecem plantas como quaesquer outras, mas tocando-lhes, sente-se bater um coração. Guia-te por isto, e talvez reconheças as pulsações do coração de teu filho. E que davas tu por eu te ensinar o que tens ainda de fazer?

–Já não tenho nada que te dar, disse a pobre mãe. Mas irei até ao fim do mundo buscar o que tu quizeres.

–“Fóra d’aqui não preciso de nada – respondeu a velha. – Dá-me os teus longos cabellos negros; tu sabes que são bellos, e agradam-me. Trocal-os-hei pelos meus cabelos brancos.”

–“Não pedes mais nada do que isso?” – disse a mãe. – “Ahi os tens, dou-t’os de boa vontade.”

E arrancou os seus magnificos cabellos, que tinham sido outr’ora o seu orgulho de rapariga, recebendo em troca os cabellos curtos e inteiramente brancos da velha. Esta levou-a pela mão á grande estufa, onde crescia exhuberantemente uma vegetação maravilhosa.

Viam-se debaixo de campanulas de cristal jacinthos mimosissimos ao lado de peonias inchadas e ordinarias. Havia tambem plantas aquaticas, umas cheias de seiva, outras meio murchas, e em cujas raizes se ennovelavam cobras asquerosas. Mais longe erguiam-se palmeiras soberbas, carvalhos e plátanos frondosos; depois n’um outro sitio isolado havia canteiros de salsa, tomilho, ortelã e outras plantas humildes que representavam o genero de utilidade das pessoas que ellas symbolisavam. Havia ainda grandes arbustos em vasos demasiadamente estreitos, que pareciam rebentar; mas viam-se tambem floresitas insignificantes, em vasos de porcelana, na melhor terra, circumdadas de musgo, tratadas com esmero delicadissimo. Tudo isso representava a vida dos homens, que a essa hora existiam no mundo, desde a China até à Groenlandia.

A velha queria mostrar-lhe todas estas cousas mysteriosas, mas a mãe impacientada pediu-lhe que a levasse ao lugar onde estavam as plantas pequeninas; tacteava-as, apalpava-as, para lhes sentir o bater do coração, e,

depois de ter tocado em milhares d’ellas, reconheceu as pulsações do coração do seu filho.

–É elle! – exclamou, lançando a mão a um açafroeiro, que, pendido sobre a terra, parecia completamente estiolado.

–Não lhe toques – disse a velha. – Fica n’este sitio; e quando a Morte vier, que não tarda, prohibe-lhe que arranque esta planta; ameaça-a de arrancar todas as flores que estão aqui. A Morte terá medo, porque tem de dar conta d’ellas a Deus. Nenhuma póde ser arrancada sem o seu consentimento.

N’isto sentiu-se um vento glacial, e a mãe adivinhou que era a Morte, que se approximava.

–Como é què deste com o caminho? perguntou-lhe a Morte. Chegar ainda primeiro do que eu! Como o conseguiste?

–“Sou mãe” – respondeu ella.

E a Morte estendeu a sua mão ganchosa para o pequenino açafroeiro.

Mas a mãe protegia-o violentamente com ambas as mãos, tendo o cuidado de não ferir uma só das pequeninas petalas.

Então a Morte soprou-lhe nas mãos, fazendo-lh’as cair inanimadas. O halito da Morte era mais frio do que os ventos enregelados do inverno.

–“Não pódes nada comigo!” – disse a Morte.

–Mas Deus tem mais força do que tu, respondeu a mãe.

–“É verdade, mas eu não faço senão aquillo que elle manda. Sou o seu jardineiro. Todas estas plantas, arvores e arbustos, quando começam a murchar, transplanto-as para outros jardins, um dos quaes é o grande jardim do Paraizo. São regiões desconhecidas; ninguém sabe o que se lá passa.”

–Misericordia! misericordia! – soluçou a mãe. –“Não me roubem o meu filho, agora que acabo de o encontrar!” – supplicava e gemia.

A Morte conservava-se impassivel; a mãe agarrou então instantaneamente em duas flores lindissimas e disse á Morte:

– “Tu despresas-me, mas olha, vou arrancar, despedaçar não só esta, mas todas as flores que estão aqui!”

–Não as arranques, não as mates – bradou a Morte. – Dizes que és desgraçada, e querias ir partir o coração de outra mãe!

–“Outra mãe!” – disse a pobre mulher, largando as flores immediatamente.

–Toma, aqui, tens os teus olhos – disse a Morte. –“Brilhavam tão suavemente que os tirei do lago. Não sabia que eram teus. Mette-os nas orbitas, e olha para o fundo d’este poço; vê o que ias destruir, se arrancasses estas flores. Verás passar nos reflexos da agua, como n’uma miragem, a sorte destinada a cada uma d’essas duas flores, e a que teria tido o teu filho, se porventura vivesse.”

A mãe debruçou-se no poço, e viu passar imagens de felicidade e alegria, quadros risonhos e deliciosos, e logo depois scenas terriveis de miseria, d'angustias e de desolação.

–N'isto que eu vejo – disse a mãe afflictissima –, "não distingo qual era a sorte que Deus destinava ao meu filho."

–Não posso dizer-t'o – respondeu a Morte. –"Mas repito-te, em tudo isto que te appareceu viste o que no mundo havia de succeder ao teu filho."

A mãe desvairada, lançou-se de joelhos exclamando:

– Supplico-te, dize-me: era a sorte infeliz a que lhe estava reservada? Não é verdade! Falla! Não me respondes? Oh! na duvida, leva-o, leva-o, não vá elle sofrer desgraças tão horriveis. O meu querido filho! Quero-lho mais que á minha vida. As angustias que sejam para mim. Leva-o para o reino dos ceos. "Esquece as minhas lagrimas, as minhas supplicas, esquece tudo o que fiz e tudo o que disse."

–Não te compreendo – respondeu a Morte: – "Queres que te entregue o teu filho ou que o leve para a região desconhecida de que não posso fallar-te!"

Então a mãe allucinada, convulsa, torcendo os braços, deitou-se de joelhos e dirigindo-se a Deus exclamou: "Não me ouças, Senhor, se reclamo no fundo do meu coração contra a tua vontade que é sempre justa! Não me attendas meu Deus!" E deixou cair a cabeça sobre o peito, mergulhada na sua agonia dilacerante.

E a Morte arrancou o pequenino açafroeiro, e foi transplantal-o no jardim do paraiso.

Quadro para completar

Passo 1 - Mundo comum	
Passo 2 - Chamado à aventura	
Passo 3 – Recusa ao chamado	
Passo 4 – Encontro com o mentor	

Passo 5 – Caminho do limiar	
Passo 6 – Aliados, inimigos e testes	
Passo 7 – Aproximação do objetivo	
Passo 8 – Provação máxima	
Passo 9 – Conquista da recompensa	
Passo 10 - Caminho de volta	
Passo 11 - Depuração/ ressurreição	
Passo 12 – o retorno transformado	

Como foi a experiência? Conseguiu?

Embora a jornada seja sempre a mesma, alguns dos passos podem ser narrados quase em conjunto, sem necessariamente serem cenas ou capítulos separados. No caso do primeiro livro do Harry Potter, na minha opinião, os passos dez e onze são bastante rápidos. Podemos, então, omiti-los? Sim e não! Podemos no sentido de que não serão narrados na história. Não, no sentido de que percebemos que estão implícitos.

A literatura sobre este assunto é vastíssima e os detalhes fogem ao escopo deste livro. Entretanto, aconselho você a buscar, pelo menos artigos grátis na internet. Conhecer a Jornada do Herói é essencial para qualquer autor ou contador de histórias. Ler Campbell, de cabo a rabo,

contudo, como descobri através dos anos, é transformador para qualquer ser humano. O pensamento de Joseph Campbell é um monumento à coragem de viver a vida nos próprios termos. "Siga o que enche seu coração de alegria e o universo abrirá portas onde antes só existiam muros", dizia ele. Ou, em inglês, "Follow your Bliss". Essa frase é considerada a quintessência do seu pensamento. Em tradução livre, "bliss" significa "o que enche o seu coração de alegria".

A história está planejada ou, ainda, poderá ser aprimorada?

Vai sempre haver muito a melhorar!

Quanto mais repetimos uma história, mais natural se torna contá-la. É como se ela rolasse pela nossa língua e saísse redondinha. A "engrenagem" de uma história deve também ser planejada, para que a trabalhemos até ficar brilhando, sem protuberâncias desagradáveis. Vale salientar cinco aspectos essenciais para esse "planejamento da engrenagem":

1. O caminho ou o objetivo da história. É como se, na sua mente, começasse a pensar na história pelo fim, por onde deseja chegar. O objetivo claro conduzirá a ideias claras. Assim, a audiência poderá se localizar melhor no "Mundo Comum" do personagem, sentindo mais empatia com o problema enfrentado por ele, compartilhando o medo e a aflição da "LUTA PARA RESOLVER UM IMPASSE".
2. O clima ou como o leitor vai alinhar a história. De grosso modo, há duas formas:
    - Cronologicamente, isto é, o dia vem antes da noite, que vem antes do outro dia, etc.; e a sucessão das estações, por

exemplo, a história começa em janeiro, no hemisfério norte, num clima frio, e termina em setembro, no fim do verão.
- Emocionalmente: isto é, relato primeiro o que considero mais importante para gerar o máximo de emoção. Por exemplo, primeiro digo que a Maria foi quem matou o José, para depois relatar como tudo aconteceu. Já deve ter se deparado com essas duas maneiras de alinhar os eventos numa história, em muitos filmes e livros.

3. O terreno ou os obstáculos que o personagem terá de enfrentar e superar para atingir o objetivo. Este aspecto indica as condições da natureza: se o campo de batalha está perto ou longe, se é estrategicamente fácil ou difícil, se é amplo ou estreito e se as condições são favoráveis ou desfavoráveis para a sobrevivência.
4. O comando ou as razões internas e externas que motivam ou forçam o personagem a ir à guerra, a entrar na luta, a enfrentar os obstáculos postos pelo antagonista, a lutar e vencer. O personagem é o comandante, o herói inteligente, virtuoso, benevolente, corajoso e severo.
5. A doutrina ou como a batalha será travada contra o antagonista: como o personagem vai se organizar para lutar eficientemente e, espera-se, vencer.

Lute para que o seu livro seja mesmo um best-seller!

A verdade é que não basta apenas escrever um *best-seller*! Quem, hoje em dia, consegue realizar alguma coisa sem contar uma história? Vivemos num mundo permeado de histórias, as que contamos de nós mesmos e as que recebemos de outrem. Até podemos resistir, mas na

hora da sede, se estivermos perdidos no Saara, vamos pensar: caramba, uma Coca-Cola bem geladinha até me caía bem agora… De certa forma, não há mais quem conteste o poder das histórias. O problema é: qual seria a melhor história, ou a mais apropriada para cada circunstância?

Há história mais apropriada, então?

No geral, a história adequada a uma situação é aquela que:

- Envolve a audiência, desde uma pessoa ou um pequeno grupo a bilhões de pessoas dos mais diversos backgrounds, com poder total sobre o autor, podendo "deletá-lo" num milésimo de segundo. Ou você prende a atenção da audiência ou ela o devorará sem dó nem piedade!
- Inspira, levando à ação.
- Cria um vínculo emocional.

Ao utilizar estes três critérios, você será capaz de selecionar mais eficazmente as histórias adequadas ao seu propósito. As histórias adequadas serão instrumentos mais afinados, que vão ajudá-lo a se tornar um "comunicador" melhor.

Traduzindo, você se tornará:

- Um escritor melhor, capaz de escrever a coisa certa para a audiência certa.
- Um líder melhor, com poder de contar a história adequada para motivar o grupo certo a fazer a coisa que você considera ou sabe ser correta.
- Um persuasor melhor, mais hábil para vender os seus produtos e os seus serviços.
- Uma pessoa mais capaz, por meio do carisma, da presença e da conexão, de levar adiante as mudanças que deseja, na sua empresa e na sua vida, isto é, no mundo, por meio de um livro que faça a

diferença, isto é, um *best-seller*! Irá vender bem, ser campeão de compra e leitura, no nicho a que se destina.

Storyteller (autor, roteirista, blogueiro etc): conheça-se a si mesmo!

Nos meus cursos de formação, com pessoas que pretendem utilizar técnicas de storytelling, o que mais escuto é: "James, contar histórias, eu conto, mas fico muito 'preso' dentro de mim, sinto-me entupido".

É verdade, se formos muito presos por dentro, a história sai endurecida, robótica, sem graça.

A seguir, enumero vinte perguntas que chamo de "desentope *storytellers*". Elas nos ajudam a conhecer melhor o personagem principal de todas as histórias que experimentaremos em primeira mão nas nossas vidas: nós mesmos! Se o leitor se esconde de si, desconhece-se e mente para si mesmo, como será capaz de – honestamente – contar uma história com verdade?

Então, se você for um daqueles que sente as histórias trancadas dentro de si, faça o Teste dos Vinte Dias.

Instruções:

1. Copie as vinte perguntas "desentope *storytellers*", uma a uma, em um caderno escolar de cem folhas, deixando um espaço de cinco folhas entre uma pergunta e outra.
2. Durante vinte dias, responda uma questão ao dia, ocupando cerca de uma folha apenas – vai dar cerca de 600 palavras, se usar a frente e o verso. (Ninguém vai ler, somente você, então, não se preocupe com a escolha das palavras certas, com gramática adequada ou o que quer que possa impedi-lo de "despejar" a resposta no papel.)

No fim dos vinte dias, preste atenção à sua performance ao contar histórias aos seus amigos, na sua palestra ou em como deixa o texto fluir a partir "daquela" descrição tão necessária no romance que está escrevendo. A magia acontece quando passa a sentir as suas histórias internas serem destrancadas.

A sua autoconfiança torna-se mais potente, a sua imaginação mais fluída. "O túnel, antes entupido, agora parece desentupir, tudo flui" – uma vez, um *storyteller* com quem eu trabalhava descreveu esta sensação e aí teve origem o "desentope *storytellers*". Neste estágio, esta é a sensação, uma frescura interna. Sentirá mais empatia pelos outros e perceberá que as histórias, que antes saíam secas, espremidas, sem graça, distantes – ou nem saíam! –, agora fluem "redondinhas", e o túnel se abre.

E as quatro folhas que ainda ficaram em branco?

Calma. Tem mais! (Talvez precise ler estas instruções duas vezes). Na sequência, repita o exercício mais três vezes, utilizando sempre uma folha para cada resposta. Quando concluir o "período de tratamento de vinte mais três vezes vinte dias", sentirá que todas as histórias do Universo vão parecer habitar dentro de si, que é naturalmente capaz de recolher, escolher e contar a história certa, na ocasião certa, para atingir o propósito desejado.

Magia pura!

E a folha que sobrou?

Esta, guarde! Naqueles "dias de chuva" na sua vida, em que parece que o túnel mágico, por onde agora as histórias fluem tão "redondinhas", vai entupir outra vez, recorra, então, à página que ficou à sua espera.

Um segredo:

Antes de completar a folha em branco, leia as quatro folhas que já escreveu. No meu caderno, por exemplo, a quinta folha permanece em branco até hoje. Depois de ler as quatro anteriores, percebo que posso

guardar esta quinta para outra oportunidade. Ao recordar as histórias que realmente me definem, ganho forças para ajudar os outros a serem quem eles realmente são. Torno-me capaz de, intuitivamente, escolher e utilizar as histórias que eles necessitam ouvir para se superarem e se transformarem.

Perguntas para o seu caderno:

1. Já descobriu o seu propósito de vida e embarcou num caminho que faz com que não apenas o leitor, mas também outras pessoas sintam orgulho de você?
2. O que faz para atingir seus objetivos e sonhos?
3. O que realmente guarda, preza ou esconde dentro de sua alma?
4. O que faz para cultivar a sua própria felicidade?
5. As estratégias que utiliza para alcançar as suas metas funcionam?
6. Por que não é a pessoa mais produtiva? (Faça mais)
7. Por que não é mais eficiente no que faz? (Faça melhor o que faz)
8. Quais são os seus maus hábitos?
9. Que novos hábitos você cultiva?
10. O que faz para, de vez em quando, renovar o seu estilo de vida?
11. Como enfrentou e superou os maiores obstáculos da sua vida?
12. Que crenças você carrega e que o limitam na sua vida?
13. Que medos, limitações e emoções estão atrapalhando o seu caminho?
14. Como encara as coisas que não correm bem na sua vida?
15. Que histórias o levam a ter emoções negativas? E quais o levam a ter emoções positivas?
16. Que relações atrapalham a sua vida? Por que é que não as rompe?
17. O que significa desenvolver um relacionamento mais significativo com alguém?
18. O que você faz para se ligar novamente com o seu eu verdadeiro, o seu gênio interior?

19. O que contribuiria para você ter uma vida diária mais feliz?
20. O que duplicaria a sua satisfação de estar vivo?

Antes de seguir em frente, lembre-se:

Conheça a sua força interna! É ela que, verdadeiramente, vencerá por si as suas batalhas!

Nascemos para ouvir e contar histórias

Como tenho dito, todos nós somos *storytellers* natos, incontroláveis. Ser audiência, no entanto, é um papel que assumimos ou numa situação na qual nos colocamos ou nos colocam. A fim de continuarmos o nosso papo, tomarei o ponto de vista da audiência e mostrarei como ela deverá, se assim o quiser ou precisar, resistir ao encanto do *storyteller/storytelling*.

Há alguns anos escrevi um texto, que depois virou um livro, cujo título era *Quando a Arte da Guerra inspira a Arte do Storytelling*, mas acabou sendo publicado como *A Arte da Guerra no Storytelling*, pela Editora Top Books, de Portugal. Bem sei que comparar a escrita e a publicação de uma obra literária com a *Arte da Guerra* parece um tanto extremo, mas a realidade é outra. Principalmente quem precisa escrever um livro de autoajuda ou autodesenvolvimento para alavancar a carreira, enfrenta um mercado muito competitivo, de sobrevivência do mais forte e ponto final. É uma "guerra" lá fora, quer eu queira ou não.

Outra razão que me levou a escrever sobre storytelling comparando com estratégias quase militares, foram os infindáveis pedidos dos colegas que escrevem "*copy*" para marketing digital. Quando comparadas a um romance, eles precisam contar histórias, muitas vezes, mais complexas e carentes de um conteúdo emocional maior. É como usar o digital –

Facebook, Twitter, Instagram, LinkedIn, *e-mail* marketing e por aí vai – SEM uma boa história, isso não funciona. E muitas dessas histórias vão além de uma entrada num blog ou de um anúncio de um produto digital; muitas assemelham-se, ou talvez sejam idênticas em estrutura a gêneros literários, como o romance ou a autoajuda.

Na época, dizia-me um amigo, "é natural vir-nos à mente que o verdadeiro propósito para usarmos histórias seja para abrir portas, nomeadamente, vender ou vencer argumentos". Concordo com o meu amigo, mas gostaria de acrescentar algo mais: abrir portas é apenas um dos propósitos, o primeiro, o mais fácil. Depois de a porta se abrir, para manter a metáfora, o storytelling tem como objetivo envolver a audiência, hipnotizá-la e convidá-la a entrar. Mas é importante que a audiência também nos convide a sentar e se sinta impelida a nos escutar.

Somente depois da audiência passar a nos ouvir – quando tivermos quebrado toda e qualquer resistência – é que – aí sim! –, vamos estar com a faca e o queijo na mão. Neste ponto, é que passaremos a usar outro tipo de história para vender ou vencer argumentos.

Num mundo livre, ninguém é obrigado a nada, a não ser de forma consentida. Portanto, se a minha audiência não consentir em me "entregar", digamos, 200 reais por uma formação de um dia, por acreditar que, depois da formação, com os novos conhecimentos e capacidades, não será capaz de recuperar o investimento, obrigá-la, direta ou indiretamente, a fazer meu curso seria, na melhor das hipóteses, antiético, na pior, um crime.

Todos os segredos revelados, em exclusividade

Histórias são naturais para todos nós. Porém, a redução dos princípios de história a truques, às famosas fórmulas mágicas que

brotam no ciberespaço, este é o campo onde o leitor e eu, como audiência, temos de estar alertas e nas livrarias, em livros pré-fabricados, normalmente em edições nas quais o autor é “parceiro” — isto é, “contribuiu”.

As histórias têm uma estrutura lógica que pode sempre ser questionada com apenas duas palavras: como assim?

O engodo!

Compartilho, aqui, um *e-mail* entre as dezenas que recebo todos os dias, meias histórias que não passariam no teste do “como assim?”. São tentativas cruéis de arrombar a nossa porta, forçar a entrada, sentar-se sem ser convidado, meter-nos uma maçã na boca para que não falemos e sejamos obrigados a escutá-los. Eu sei que há o botãozinho do SPAM, o equivalente à porta de entrada de um prédio, que não deixa os malandros chegarem à porta do nosso apartamento. Só que existe sempre o malandro que consegue entrar com o carteiro ou com o rapaz das pizzas.

O Brasil, numa imitação muitas vezes um tanto grosseira da cultura norte-americana, presenteia-nos com pérolas como esta:

> Conheça as estratégias e segredos que estão fazendo muitas pessoas pelo Brasil obterem uma porcentagem de acerto constante nas suas apostas em loterias. São programas e conteúdos com metodologias valiosas desenvolvidos por matemáticos e pessoas que mudaram a maneira de apostar na loteria, agora com inteligência, deixando de lado as apostas aleatórias. Todos os segredos revelados, exclusivo e inédito. Descubra a verdade sobre o que deve fazer para ganhar a Loteria sem esforço e seja um mestre na arte dos jogos de sorte! Realize os seus sonhos aumentando as suas chances e gastando menos dinheiro.

Esta história vaga passaria no teste do “como assim?”

Vejamos!

Conheça as estratégias e segredos que estão fazendo muitas (como assim?) pessoas pelo Brasil obterem uma porcentagem de acerto constante nas suas apostas em loterias. São programas e conteúdos com metodologias valiosas (como assim?) que foram desenvolvidas por matemáticos e pessoas que mudaram a maneira de apostar na loteria, agora com inteligência, deixando de lado as apostas aleatórias (como assim?). Todos os segredos revelados (como assim?), exclusivo (como assim?) e inédito (como assim?).

Descubra a verdade (como assim?) sobre o que deve fazer para ganhar na Loteria sem esforço (como assim?) e seja um mestre na arte dos jogos de sorte! Realize os seus sonhos aumentando as suas chances e gastando menos dinheiro.

Aí têm a garantia da devolução do dinheiro investido. Infelizmente, as vítimas de engodo normalmente calam-se, envergonhadas com sua falta de discernimento. Não se dão conta que não é falta de discernimento. Escutar (ler) e acreditar em histórias, mesmo que incompletas e vagas, isso é algo que já está programado no nosso cérebro. Ao contra-atacarmos com o "como assim?" saímos momentaneamente do estado hipnótico, a fresta da porta que se abriu poderá ser fechada e a porta será, apenas momentaneamente, reforçada.

Num relacionamento equilibrado entre o *storyteller* e a audiência, o *storyteller* usa uma história para sensibilizar e, assim, mostrar como ele percebe o mundo. Isto é, uma história cria laços emocionais entre você e a sua audiência, gerando o que chamamos de empatia. Outra forma de pensar nesses laços emocionais seria concebê-los como "pontes emocionais", pelas quais podem passar informações que, transferidas do cérebro do *storyteller* para o da audiência, a farão considerar uma atitude que, se for para o bem dela, a levará a agir.

Quando a história é usada com ética e propósitos nobres, o resultado será uma audiência mais feliz.

Se utilizada como arma, o resultado será como uma dose de entorpecente, dando-nos um *boost* (uma alta) instantâneo, mas depois virá – e sempre vem – a depressão (uma baixa).

As histórias, para o bem ou para o mal, têm o poder de fazer parecer verdade o que pode ser mera ilusão, pois falam diretamente às nossas necessidades básicas, inconscientes. Já ouviu a frase "o *marketing*, isto é, a manipulação de histórias, cria desejos e necessidades nas pessoas"? Será que isto é ou, pelo menos, tem, então, algum fundo de verdade?

Já ouviu falar em Maslow?

Abraham Maslow (1908-1970) foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta da "hierarquia das necessidades de Maslow", em que dizia que as necessidades humanas estavam dispostas numa hierarquia, da mais urgente para a menos urgente. Segundo esta teoria, amplamente aceita nos campos de batalha do *marketing*/storytelling empresarial, as necessidades humanas podem ser agrupadas em cinco níveis:

1. Necessidades fisiológicas: são as necessidades básicas de todos nós, como água, comida, ar, sexo, etc. Quando não satisfeitas, sentimo-nos desconfortáveis, irritados, com medo, adoentados. Essa lacuna emocional, entre o que temos e o que precisamos ter para sobreviver, nos conduz à ação, na tentativa de rapidamente minimizar ou aliviar essas necessidades para (re)estabelecer o nosso equilíbrio interno. Uma vez satisfeitas, deixam então de ser preocupação e passamos a nos inquietar com o próximo nível.
2. Necessidades de segurança: é natural fugir dos perigos, buscarmos abrigo, segurança, proteção, estabilidade e continuidade.
3. Necessidades sociais: precisamos amar e pertencer. Queremos sentir que outras pessoas ou grupos necessitam de nós, que fazemos parte

desse agrupamento, que pode ser a "tribo", o seu local de trabalho, a sua escola, a sua igreja, a sua família, o seu clube, a sua rua. A política, a religião e a claque no futebol são as tribos de hoje em dia, como as dos primórdios do storytelling!

4. Necessidades de *status quo* ou de estima: buscamos ser competentes, alcançar objetivos, obter aprovação e ganhar reconhecimento. Aqui Maslow alerta-nos que há dois tipos de estima: a autoestima e a heteroestima. A primeira provém da aptidão de ser a pessoa que se é, de gostar de si mesmo, é crer e dar valor a si próprio; a heteroestima é o reconhecimento e a atenção que se recebe de outrem.
5. Necessidades de autorrealização: buscamos a nossa realização como pessoa, a demonstração prática da realização permitida e alavancada pelo nosso potencial único. "O ser humano pode buscar conhecimento, experiências estéticas e metafísicas ou, mesmo, Deus".[6]

Então, ciente agora de que as histórias têm um canal direto com suas necessidades humanas, poderá distinguir se o *storyteller* está utilizando o poder subjacente, hipnótico das histórias, como um instrumento para ajudá-lo a se tornar melhor ou para propósitos obscuros, como fazê-lo dizer adeus aos valores financeiros que levou horas para ganhar e que, por causa de uma "boa" história, engordarão a conta bancária de outra pessoa!

Vamos fazer um exercício rápido?

A seguir compartilho um dos milhares de anúncios disponíveis na internet a respeito de emagrecimento – ou seja, se formos mais magrinhos teremos mais amigos, amantes, saúde, felicidade, seremos mais bonitos, etc.

O anúncio é de uma excelente qualidade técnica, tem uma história muito bem contada. Então, para fazer uma análise, terá não só de

perguntar “como assim?” – pois o autor tenta responder a essas questões durante o anúncio –, mas deverá buscar evidências concretas e mensuráveis. Ou, pelo menos, se perguntar: “se isto funciona tão bem, por que é que governos em crise, que gastam milhões em médicos e medicamentos para manter a população minimamente saudável, não adotam um sistema miraculoso como este?”.

Instruções:

1. Leia o anúncio do princípio ao fim. Como mudei alguns detalhes, creio não haver perigo de correr para o telefone ou clicar num site e já começar a comprar.
2. Leia outra vez e pergunte-se “como assim?”. Sublinhe quando achar que precisa de provas mais concretas e mensuráveis. Não se iluda com os testemunhos! Quem colocaria no anúncio um testemunho contrário?
3. Identifique no texto as palavras ou expressões usadas no anúncio com o propósito de apelar para a sua capacidade inconsciente de acreditar em histórias e as escreva em um dos quadro a seguir, de acordo com o grupo de “necessidades” detectado.
4. Julgue! Como audiência, se tivesse se deparado com este anúncio na semana passada, estaria preparado para enfrentar esta guerra?

Necessidades fisiológicas

Necessidades de segurança

Necessidades sociais

Necessidades de *status quo* ou de estima

Necessidades de autorrealização

Nota: se for à internet ou à sua caixa de spam, verificará que haverá outros milhões de anúncios 100% dentro deste “modelo” à sua espera. Veja, no fim deste capítulo, o que digo sobre o assunto!

Ganhe um novo corpo

(Reprodução da estrutura do anúncio. Os nomes e as estatísticas foram modificados.)

Perca 6 quilos a cada 15 dias!

Depois de 27 anos de pesquisas científicas, aqui está o programa de emagrecimento mais poderoso QUE VOCÊ JÁ VIU! Um programa de dieta específico aliado à Ciência Neurossensorial. "Quem não gostaria de usar esta nova tecnologia cientificamente comprovada para destravar rapidamente os poderes do seu subconsciente e emagrecer com rapidez e saúde?"

Perca 6 quilos a cada 15 dias. Tenho usado esta tecnologia na minha vida pessoal e nos meus clientes com resultados excelentes.

A Terapia Neurossensorial aliada a um programa de dieta específico é a alavanca que faltava para as pessoas que têm dificuldades de emagrecer. Vai muito além do emagrecimento e da qualidade de vida… Se quer superar os seus bloqueios mentais para emagrecer, então a Terapia Neurossensorial é ideal para você. Não só funciona, como também é uma experiência agradável.

Promoção!!!

Reduzimos o preço de R$ 1.374,99 para apenas R$ 688,99 ou em até 20X de 34,44. COMPRE AGORA e economize R$ 686, a nossa promoção é por TEMPO LIMITADO.

O Programa Emagrecimento Neurossensorial foi concebido para localizar e queimar a gordura excessiva, usando um sistema de alimentação especial, baseado na variação das calorias e viabilizado pela terapia Neurossensorial. Com o nosso programa de dietas, aprenderá a dieta mais adequada ao seu perfil e, com o poder da Ciência Neurossensorial, garantimos o sucesso 100% do seu programa de emagrecimento. Como assim? Conheça mais abaixo um pouco do que encontrará no programa Emagrecimento Neurossensorial:

Livro digital (programa específico de dieta) e um pacote de áudio (programa Terapia Neurossensorial) com as 12 REGRAS secretas para emagrecer (informações valiosíssimas para a real perda de gordura).

Conseguirá perder até 6 quilos a cada 15 dias. A duração desta dieta é de 15 dias, mas poderá utilizá-la quantas vezes desejar.

Aprenderá a PERMANECER MAGRO(A) durante TODA A VIDA.

(...)

Além do rápido emagrecimento, por meio da diminuição do estresse e do aumento da concentração, além da disciplina necessária para seguir o programa de dieta (livro digital), as ondas neurossensoriais também têm sido usadas com sucesso para:

1. Aumentar o poder do cérebro até um nível que você nunca conseguiria, com todos os programas de motivação existentes atualmente.
2. Impulsionar seu autocontrole para conseguir seguir fielmente os programas de dietas específicos para um rápido emagrecimento com saúde. Todos os grandes gênios da nossa história, como Albert Einstein e Thomas Edison, recorriam ao seu subconsciente e diziam que era a fonte para conseguir realizar grandes feitos.
3. Reduzir naturalmente o estresse, a ansiedade, a tensão e a preocupação. Obterá paz, tranquilidade e relaxamento na sua vida.
4. Experimentar um elevado nível de felicidade e euforia, sem o uso de drogas que viciam, são prejudiciais e aumentam as químicas do prazer do cérebro.
5. Silenciar as vozes negativas na sua cabeça, que dizem que não merece ser magro(a) e feliz sem comer doces; viva o seu potencial pleno sem muitas calorias. Acabe com o inimigo interno que está tentando agarrá-lo.
6. Aumentar consideravelmente a sua autoconfiança e o poder pessoal, de tal maneira que vai fazer as pessoas repararem mais em você como nunca antes. Esteja preparado até para surpreender a si mesmo!

7. Equilibrar e fortalecer o seu sistema imunológico para um sentimento maior de bem-estar.

Vamos PROVAR por que o inédito método do Emagrecimento Neurossensorial FUNCIONARÁ COM VOCÊ em apenas 15 dias. Garantimos que o nosso sistema o deixará magro, não importando o excesso de peso que tenha, pois funciona para todos! Funcionará para pessoas que têm excesso de peso desde criança… Funcionará para aqueles que já tentaram muitas outras dietas e falharam.

15 DIAS PARA VER O RESULTADO OU O SEU DINHEIRO DE VOLTA

Está cético? “Bom demais para ser verdade”?

O Programa Emagrecimento Neurossensorial tem uma taxa de sucesso consistente: 99,14% comprovaram a eliminação do peso.

A pequena porcentagem que não obteve uma perda de peso significativa inclui aqueles que têm uma doença rara ou outras questões de saúde. Felizmente, temos testemunhos de que até problemas mais complexos de obesidade acabaram por ser solucionados.

“… não posso acreditar como é que o seu método ainda não é utilizado por todo mundo. Há pessoas que precisam emagrecer ou que simplesmente não querem engordar! Perdi 10 quilos em 12 dias, tal como prometeu, sem passar fome! Muito obrigada!”

“… Todo mundo pergunta o que eu fiz! Quando encontrei este *site* fiquei com algumas dúvidas, porque parecia bom demais para ser verdade. Eu já experimentei muitas formas de emagrecer, mas não obtive grandes resultados e voltava sempre a recuperar o peso perdido, mas, como não tinha nada a perder, decidi logo experimentar o seu método. Ao fim de 8 dias, tinha perdido quase 9 quilos. Obrigado por ter me revelado o seu segredo!”

(...)

Comece a emagrecer hoje mesmo!

Sim! Desejo adquirir o Produto Digital Emagrecimento Neurossensorial! (...) Reduzimos o preço de R$ 1.374,99 para apenas R$ 688,99 ou em até 20X de 34,44. COMPRE AGORA e economize R$ 686,00, a nossa promoção é por TEMPO LIMITADO.

Controle os movimentos do inimigo

Um bom general diz: "ocupe o terreno, controle os movimentos do inimigo, imponha a ele o combate, faça-o ir aonde for melhor para você, atrapalhe a sua vida, vigie-o atentamente, faça uso do elemento surpresa, cuidado com os inimigos nas trincheiras". O bom e bem treinado general tem razão! Ou o general controla a situação ou o "inimigo" irá controlá-lo.

Atenção!

Na guerra e no storytelling – na contação de histórias com um propósito específico – raramente há empates!

Como escrever a sua história?

Lembra-se do capítulo em que reproduzi uma das minhas histórias imaginárias dos meus tempos de menino? Lembra-se de que, ao fim da narrativa, eu lhe revelei por que tinha contado a história e reproduzi uma curta biografia? Tudo com um propósito específico: levar o leitor a me conhecer melhor e – espero – ler este livro, aplicando alguns dos princípios de história em seu próprio benefício.

Talvez você nunca teste o que vou lhe dizer agora, mas fique à vontade de fotocopiar os capítulos em que enfoco a estrutura subjacente à história. Eu o desafio a levar essa cópia com você com o intuito de verificar se alguma vez encontrará em outro texto, onde for, a mesma "fórmula". Aliás, se tentar reproduzir o mesmo modelo no seu livro, palestra ou anúncio, possivelmente não vai funcionar!

Lembra-se dos princípios básicos subjacentes às histórias? O personagem com que simpatizamos enfrenta um obstáculo complicado para atingir um fim satisfatório e, no fim, se possível, ele se transforma. Pois bem, utilizei aqui esses princípios, que são universais, para criar algo particular, uma ponte entre nós.

Se esta ponte é de carinho – "olha, de uma forma simples o James está chamando a minha atenção para maneiras de melhor utilizar princípios de storytelling" –, ou de desprezo – "estou lendo esta porcaria de livro para ver no que vai dar" – pouco importa. O que vale é que o meu propósito de levar o leitor a prosseguir na leitura deve ter funcionado ou ele já teria abandonado o livro antes desta página!

Começar pelo fim

O que fazer, quando tenho a sorte de falar em conferências ou congressos literários, e o azar de alguém na audiência me confrontar com uma variação da fatídica questão: "tenho seis manuscritos, todos bem escritos, já os enviei a 347 editoras implorando para que publicassem a minha linda obra; as malditas editoras, porém, ou não se deram ao trabalho de responder ou rejeitaram. Qual é o problema com as minhas histórias?"

E essa pergunta normalmente paira no ar quando faltam cinco minutos para eu deixar o palco. A veemência na voz do "questionador" é

tal que não tenho a menor dúvida de que, se não respondê-la bem, não saio vivo do evento. Então, desses cinco minutos, já gasto um pensando: "qual o problema com as histórias desses *storytellers*?". Em outras palavras:

Como resolver o problema com as histórias, deles e de todos nós?

Simples!

"Pense" nas histórias a partir do fim!

Aqui, fim pode ser entendido como "fim", ou seja, acabou o drama na trama, terminou o espetáculo e a audiência vai para casa transformada, vendo a vida com outros olhos. Pode também ser compreendido como "finalidade, objetivo", isto é, o que você quer atingir com a sua história, com o seu *parlapier*?

Pode ser o mesmo que já definiu nos capítulos anteriores, mas pode ir além disso: que ação ou atitude sua história levará seu leitor a executar? Será comprar um produto ou serviço? Continuar com a leitura do seu livro e captar a sua mensagem? Assistir a uma aula ou palestra até o seu encerramento?

Como, então, começar pelo fim?

1. Organizando a história a partir do fim.
2. Pensando no fim.
3. Refletindo sobre o que vai acontecer ao personagem.
4. Ponderando sobre o contexto (cenário físico e emocional) em que este personagem se encontrará ao viver a história.
5. Pensando no personagem que viverá a história.
6. Dando-lhe as armas para vencer a batalha.
7. Refletindo sobre o melhor início que leve ao fim desejado.
8. Basta agora "armar" a história e bingo! Acabou de atingir os seus propósitos!

Vamos então montar uma história?

Separe mais uma vez o caderno que o acompanha nesta jornada. E siga as instruções a seguir.

Esta sua história poderá ser imaginária, baseada inteira ou parcialmente em fatos reais – ocorridos com o autor ou observados por ele – ou em fatos que outros lhe contaram.

Há muitas formas de darmos origem a uma história e de alinharmos os nossos pensamentos para avaliar se a história é viável, ou seja, se, uma vez contada, faria sentido. E isto vale tanto para o romancista como para o produtor de "*copy*".

Dentre essas tantas maneiras, escolhi reproduzir neste livro o que os americanos chamam de "premissa de cinco pontos" ou de "*line-up approach*". É uma técnica fácil, que, com um pouco de prática (leia e releia esse trecho do livro após cada tentativa, se necessário), você conseguirá criar histórias instigantes.

Pronto?

Premissa de cinco pontos

Em suma, o enredo de qualquer romance deve responder às seguintes questões:

1. Qual é a situação central de sua história/trama (fábula/romance/narrativa)?
2. Quem é o personagem principal?
3. O que o personagem principal pretende alcançar ao chegar no fim da trama?

4. Quem/o que se opõe a que o personagem principal alcance o que pretende alcançar (ao final da trama)?
5. O que o oponente/antagonista/vilão faz para impedir o personagem principal de alcançar o que pretende (ao fim da trama)?

As perguntas 1 e 2 devem ser respondidas com uma afirmação. A pergunta 3 deve se respondida em duas partes. Uma frase afirmativa (a) e uma questão (b) que inicia na pergunta 3, abrangendo ainda as perguntas 4 e 5, cuja resposta FINAL tem que ser: SIM ou NÃO (TALVEZ é uma gradação do contínuo sim/não).

Seguem alguns exemplos de histórias de autores aspirantes, que chegam ao meu estúdio:

Maria da Silva enviou um manuscrito para ser avaliado. Respostas ao questionário de seu manuscrito:

1. Solitária, frustrada e cansada de viver num lar onde é tratada como escrava pela própria filha,
2. A viúva Eudineia dos Anjos
3. (**a**) pretende casar com o viúvo Mário de Castro, velha paixão dos tempos de escola. (**b**) Eudineia perderá essa última oportunidade de ser feliz por causa
4. da sua filha egoísta e ciumenta
5. que acusa Eudineia de imoralidade?

José da Silva enviou outro manuscrito. Respostas ao questionário de seu manuscrito:

1. Cansado do conformismo e da hipocrisia da alta sociedade carioca na qual circula por causa da importante posição política que exerce na Petrobrás e detentor de uma razoável poupança no Bradesco que lhe garante uma aposentadoria modesta,

2. Carlos Manuel
3. (**a**) decide se aposentar dez anos antes para auxiliar os favelados nos morros do Rio – o que sempre foi seu sonho secreto, acalentado desde que se convertera para a Igreja Evangélica Recomeçar em Cristo. (**b**) Será que Carlos Manuel conseguirá realizar seu sonho sem maiores empecilhos, quando
4. a sua esposa Cacilda, de família rica, ambiciosa e descrente, se recusa a abaixar seu nível de vida e arriscar o seu *status* de uma das mais badaladas *socialites* cariocas
5. e ameaça declarar seu marido doente mental e incompetente?

Observe que, se o autor, após responder o questionário, copiar e colar as cenas principais consideradas RESPOSTAS às perguntas/indagações apresentadas, em minutos é possível verificar se o proposto se concretiza. E usando o [editar/localizar] de qualquer editor de texto, [realço/destaco] onde a cena se encontra na trama. Se eu marcar as cenas-respostas em vermelho e [reduzir] o texto a 2%, vou visualizar ONDE as cenas se encontram (SIMETRIA) na trama.

Se a "amarração firme e forte do enredo" se confirmar, eu, como editor, posso relevar alguma assimetria, cortar algumas cenas ou pedir que o autor prolongue/escreva cenas adicionais. Também, como editor, leio essas cenas buscando entender COMO o autor deu VOZ aos personagens e à trama. Como a voz tem a ver com a linha editorial, posso pedir para o autor reescrever com frases mais curtas ou criar um texto mais erudito, usar menos obscenidades, cortar a cena em que os viúvos fazem sexo sem proteção etc. Ou seja, a partir destas CINCO indagações posso perfeitamente inferir a qualidade PRÉ- editoração de um texto. Se o autor não souber responder a elas, já será o primeiro indicativo de que há problemas!

No seu caso, você é o editor inicial da sua história. Com base neste, digamos, documento inicial que garantirá uma "amarração firme e forte do enredo", você saberá *a priori* o que incluir, melhorar ou cortar da sua história.

Para concluir, repito: uma boa estruturação de um trecho narrativo, seja ele um simples "*copy*", um livro de autoajuda ou um romance, é o mesmo. Vale a pena – SEMPRE – relembrar: a estrutura básica de qualquer história é a mesma!

E depois de uma bela e boa premissa, a sua história vai estar amarradinha, aí você passa a organizar as cenas que irá escrever. Veja, a seguir, a arquitetura básica da história:

- Cena de ação (obrigatória):
    - Qual o seu personagem?
    - Como o personagem é? Em que contexto físico ou psicológico, ou ambos, se encontra?
    - O que o personagem tem de especial, que o/a distingue dos demais? O que vale a pena contarmos sobre ele/ela?
    - O que o personagem quer atingir ou evitar que aconteça nessa história?
    - Que obstáculos enfrenta para realizar o pretendido?
    - Qual o desfecho?
- Cena de reação (opcional):
    - O que o personagem acha/pensa de tudo o que aconteceu na cena de ação?
    - Quais saídas esta reflexão leva seu personagem a considerar?
    - Por qual saída o personagem se decide?
- Como seu personagem se transformou? (obrigatório)
    - Não se transformou, apenas viveu uma aventura *a la* James Bond.
    - Transformou-se porque aprendeu uma lição.

- Transformou-se porque ensinou uma lição a alguém.
- Complementos da cena (opcional):
    - Qual a mensagem da história?
    - O que liga/impulsiona a audiência às cenas que se seguirão?

Conseguiu responder às questões?

Ora, então é meter as mãos à obra!!!

PRIMEIRO PASSO:

Organize as ideias, de preferência, no seu caderno ou tela do computador. Repare que estou utilizando o método de pensarmos uma história de trás para a frente. Isto dá a ela um “ar” de propósito desde a primeira linha, já que nenhuma audiência gosta de um “contador de histórias” que fique aquecendo a máquina! Como, então, será o fim ou a finalidade da história que pretende iniciar?

Após cada parágrafo, você encontrará uma letra, sinalizando que estará indo de trás para frente na construção de sua história.

Finalidade = o que quer atingir com esta história?

Por exemplo:

Que o seu vizinho compre o seu carro? Que o seu leitor se compadeça do protagonista de um drama? Que os valores da sua empresa sejam memoráveis para os seus colaboradores? (**k**)

Cena final/conclusiva da história. (**j**)

Cena que leva à cena final. (**i**)

Cena que leva à cena antes da cena final. (**h**)

Trecho final do corpo do texto. (**g**)

Corpo do texto. (**f**)

Trecho inicial do corpo do texto. (**e**)

Trecho final da introdução. (**d**)

Introdução. (**c**)

Trecho inicial de impacto da introdução, em que alguma coisa muda – era assim, agora é assado. (**b**)

Título. (**a**)

SEGUNDO PASSO:

Agora, reserve um espaço em seu caderno para copiar o texto completo, seguindo a ordem em que a audiência vai encontrar sua história na "vida real", não mais de trás para frente.

TERCEIRO PASSO: AS TRANSIÇÕES

Cada parte da estrutura de uma história está ali para melhor ajudá-lo a passar uma emoção à audiência. No entanto, raramente "saltamos" de uma emoção para outra – salvo alguns indivíduos com distúrbios comportamentais ou mentais. Normalmente, "arrefecemos" uma emoção e "entramos" na próxima. Ou seja, há um vale entre uma montanha e outra e, neste vale, corre um rio, o qual devemos atravessar. Este rio que transita no vale "liga" uma montanha à outra e é sobre estas montanhas que se encontram os picos emocionais de cada parte da história. No seu conjunto, estes picos dão o tom emocional que pretendemos atingir ao contar alguma coisa, real ou fictícia.

As transições podem ser representadas por palavras – então, agora, porém etc. –, expressões – logo a seguir, logo depois, sem tardar etc. –, por parágrafos inteiros ou até mesmo por nada – aquilo que chamamos de *jump-cut*, ou seja, um corte, um rio seco, por onde se salta.

Atenção: No exercício a seguir, a moral ou a mensagem da história e a transição final entre parênteses – (Moral/mensagem; transição) – são opcionais. Se não desejar rasurar o livro, copie os quadros em seu caderno ou reproduza-os em qualquer editor de texto que possua no seu computador.

Folha de planejamento

No planejamento da história, no passo dois, complete agora com as suas transições.

Título: Transição E

Transição F

Transição G

Transição H

Transição G

Transição I

Transição J

Transição K

Moral / mensagem; transição

Por incrível que pareça, as transições é que se encarregam do "tom" da história, muito mais do que os picos de ação ou reação. Na transição, é possível narrar, descrever, uma vez que, claro, ela leva a história adiante.

Observe que trocar ou não de parágrafo é uma escolha sua ou depende dos temas abordados. Ao aumentar, diminuir ou eliminar uma transição, a história pode permanecer a mesma, mas o tom muda completamente.

Conclusão: se manipularmos os elementos de uma história, a história se altera. Se manejarmos as transições, mudamos o tom da história.

Que implicações isto tem na prática?

Muitas!

Vire a página depressa e siga descobrindo mais na quarta lição.

Como se preparar para a próxima lição

Reflita brevemente sobre essas questões e faça uma rápida pesquisa:

1. Pense nos livros que você leu nos últimos dois anos. Quais deles você ainda lembra?
2. Se você lê livros de apenas um gênero, preencha os quadros a seguir dentro apenas do gênero que você lê. Se lê mais de um gênero, digamos, romances românticos e autoajuda, procure listar títulos diversos, que a judarão você a refletir sobre o que faz um livro de sucesso.

   Os três livros que li e me impressionaram, me transformaram de alguma maneira são:

Título do livro	Gênero	O que me impressionou/transformou

3. Se ainda possuir os livros, volte às suas páginas e examine com cuidado, tente descobrir pelo menos três "truques" que o autor usou para chamar a sua atenção e levar você a ficar colado na história e, ainda, conservá-la na sua lembrança tanto tempo depois.
   Truque 1 ______________________
   Truque 2 ______________________
   Truque 3 ______________________
4. Agora, vá a caixa de *spam* do seu *e-mail* e leia alguns dos *e-mails marketing* que deverá receber todo dia. Examine-os e veja se há algum "padrão" entre eles. Se, de forma velada, estão usando algum, ou o mesmo, truque para "pegar" você. Liste três desses truques, se conseguir.
   Truque 1 ______________________
   Truque 2 ______________________
   Truque 3 ______________________

POR AQUI QUE VOU
ESTÁ É A MINHA
DECISÃO

O bom livro é um “morde e assopra” do princípio ao fim

“Ai que prazer este livro me dá!”

Já ouviu esta frase de um amigo? Ou você diz isto a si próprio quando se depara com um bom livro, que contém boas histórias?

Isto acontece, repito, porque usamos histórias para que a audiência – os nossos leitores – abram a porta, nos convidem a entrar, a sentar e queiram nos ouvir (ler). Mas não somente isto, a ideia é que eles queiram nos ouvir porque têm a certeza de que o que vão ouvir (ler) contribuirá para que alguma coisa mude na vida deles.

Há apenas DUAS razões pelas quais nós lemos um livro, porque temos uma DOR e queremos que ela passe, ou porque temos MEDO DE TER UMA DOR e já lemos o livro para nos prevenir. Enfim, como saber o que “venceu” a resistência da audiência e se as histórias que escolhemos tiveram o efeito desejado? Nos gêneros autoajuda e autodesenvolvimento, isto fica bem claro.

No romance, PAGAMOS PARA QUE O AUTOR NOS CAUSE UMA DOR E DEPOIS A ALIVIE, a fim de que tenhamos PRAZER – a sensação que vem depois da dor. Por isso, alguns ficam viciados em romances e outros em sadomasoquismo. Afinal, quase todos gostam de um pouquinho de morde e assopra na hora do sexo ou a “coisa” não flui. Em suma, o autor está no mesmo ramo de tantos outros profissionais do prazer, ou do alívio de dores, se assim desejar definir.

E como a gente dá prazer a alguém?

Este nosso papo não fará este livro tornar-se o *Kama Sutra* do *best-seller*, mas há os truques, as dicas e os princípios tratados nos capítulos anteriores e nos que virão. Vamos, então, continuar. Porque, sim, temos que aprender a manusear, isto é, manipular certas partes do corpo da história para que ela chegue a um clímax estonteante e o leitor queira mais e mais, transformando o nosso livro num *best-seller*.

Como já mencionei, ao manipularmos os elementos de uma história, isto é, a estrutura subjacente, a história muda. Ela é um corpo vivo e real!

Por exemplo:

Posso manipular o objetivo, ou seja, o que o personagem deseja ao iniciar a trama. Para isso, vou retomar a minha história imaginária, a do mascate de Glasgow.

Versão original:

> Certo domingo, fui visitar pela primeira vez o Baras, um mercado popular em Glasgow, que se encontra tal como era até hoje.
>
> Eu já devia ter certa idade, não era nenhum bebê, pois pedi para passear sozinho pelos corredores e ruas e os meus pais não se opuseram.
>
> Numa dessas ruas, deparei-me com um mascate numa carroça puxada a cavalo. Mascate era um daqueles homens que percorriam as ruas de Glasgow vendendo quinquilharias de todo tipo, um vendedor ambulante.
>
> O mesmo texto, agora com pequena manipulação:
>
> Certo domingo, fui visitar pela primeira vez o Baras, um mercado popular em Glasgow, que se encontra tal como era até hoje.

Eu devia já ter certa idade, não era nenhum bebê, pois pedi para passear sozinho pelos corredores e ruas e os meus pais nem se aperceberam.

Numa dessas ruas, deparei-me com um mascate, um vendedor ambulante, numa carroça puxada por um cavalo. Mascate era um daqueles homens que percorriam as ruas de Glasgow vendendo quinquilharias de todo tipo.

O objetivo é o mesmo na abertura original e na abertura recriada. "O menino James quer passear pelas ruas do Baras". Mas como o leitor interpreta a história quando vivida por um menino que pediu aos pais para passear e eles nem se deram conta disso, e outro que saiu para passear sem os pais se oporem? Se tiver paciência ou curiosidade, leia também a outra pequena história de abertura do livro.

Agora, transporte esta técnica para um ambiente de histórias de vendas, ou histórias de persuasão, ou o romance que você sempre teve escondido no coração!

Se visitar o *spam* no seu *e-mail*, vai encontrar histórias com o objetivo explícito de, por exemplo, vender (para que você tenha PRAZER comprando!!!!!!!!!). Normalmente, é algo que você não quer, nem precisa. Observe como algumas palavras são manipuladas para gerar um efeito emocional e levá-lo a agir, isto é, pagar por alguma coisa. Certa vez, visitei na companhia de amigos americanos uma boate de *pole dancing* na Cidade do México. Após todo o rebolado, as mocinhas sentavam-se ao lado ou já ao colo dos clientes e utilizavam os mesmos truques do *e-mail* que se segue. Vou parar a comparação por aqui para que ninguém se chateie, mas…

Pois bem, o original da minha caixa de spam era assim:

Olá, James!

Vou oferecer-lhe um curso gratuito dado por mim. Gostaria de saber em qual dos cursos tem mais interesse. Clique aqui e responda: qual dos seguintes cursos grátis gostaria de ganhar?

Curso A | Curso B | Curso C

Que palavras deste curto texto estão sendo usadas com o objetivo de lhe vender um curso, descaradamente, no futuro? Sim, vender!

Leia cuidadosamente e, se quiser, sublinhe as palavras ou expressões, antes de prosseguir.

Olá, James!

Vou oferecer-lhe um curso gratuito dado por mim. Gostaria de saber em qual dos curso tem mais interesse. Clique aqui e responda: qual dos seguintes cursos grátis (você) gostaria de ganhar?

O objetivo, aqui, é levar o personagem (no caso, você) a ter um propósito: o de abocanhar um curso grátis que, sem dúvida, resultará na "oferta" de outros, embora com "descontos", "prêmios", etc., que custarão alguns reais à carteira de alguém!

Será que se você se deparasse com o mesmo texto sem ter sido manipulado, pagaria tão prontamente pelo curso A, B ou C? Talvez sim, talvez não. Mas o texto manipulado, muito bem construído, deixa-o praticamente sem escolha. Ponto positivo para o autor do *spam*, pois até eu fiquei com vontade de frequentar o curso e talvez até comprar o serviço ou produto oferecido.

Meu Deus, deve estar pensando, isto é certo? Isto é ético?

A decisão cabe a você! O fato é que, no momento em que escrevo este capítulo, há mais de 2.000 *e-mails* na minha caixa de *spams*, com textos que tentam manipular os objetivos. Assim caminha a humanidade! Se o leitor, porém, souber como funcionam as histórias,

poderá se defender destas manipulações ou, se for o vendedor, usar esta técnica.

Quando falo neste assunto, há quem me pergunte:

– James, o que neste texto tem a explícita intenção de manipular a audiência para lhe tirar alguma coisa?

– Muito.

– E há quem caia nisso?

– Muitos. Quase todos os desatentos.

– Eu preferiria uma pílula sem dourar…

– Será?

Para quem está se perguntando se a pílula sem dourar seria melhor, aqui vai uma rápida análise do texto, seguida pela mesma passagem sem a manipulação de elementos.

(Não devo mencionar de novo as moçoilas mexicanas, que se aproximavam dizendo "*soy Florinda Marieta, de Cuba. Y tu?? Como te llamas?*", para você não se imaginar na boate experimentando contundentemente o mesmo efeito do texto, do enfoque, da MANIPULAÇÃO deste *e-mail spam,* embora acredite que ele conta uma história diferente da das mexicanas – que se dizem todas DE CUBA, mas isto é outra história para outro livro!)

> Olá James! (*Ao sermos chamados pelo nome, temos a impressão de que o e-mail foi escrito e enviado para nós e mais ninguém. A ilusão é tão forte que, mesmo sabendo disso, "sentimos" que é para nós*).
>
> Vou oferecer (*todos gostamos de receber presentes. Remete a momentos felizes, de prazer*) a você ("*você*" *é o personagem. O ponto de vista na terceira pessoa, neste caso, com o uso da palavra você, tem o intuito de transformar a audiência em personagem*) um curso gratuito (*como vai ser grátis, não custa nada assistir. Fora tempo, não haverá outro investimento aparente. Sim, aparente.*

Logo que for fisgado, prepare a carteira!) dado por mim (*o autor capitaliza o fato de que a audiência-personagem talvez tenha orgulho de ser convidada a participar do grupo exclusivo de "amigos" dele*).

Gostaria de saber qual (*as opções são restritas porque o autor não vai passar todo seu conhecimento, somente aqueles que enumerar. Sem dúvida, o "substancial" será cobrado, mais tarde, da audiência já fisgada*) dos cursos (*você*) tem mais (*isto induz você a achar que já tem interesse em todos, dentre os cursos muito interessantes, e deve apenas escolher o melhor*) interesse.

Clique aqui e responda: (*o imperativo foi usado deliberadamente para levar você a agir naquele momento. Se pensar, poderá desistir, e o autor não lhe permite essa hipótese*) qual dos seguintes cursos grátis (*reforçando, caso o leitor, cabeça de vento, em três ou quatro linhas atrás tenha esquecido*) gostaria de ganhar? (*remetendo ao início, ao presente, à emoção, ao prazer de receber alguma coisa a custo zero*).

E se o autor não manipulasse este elemento, como seria? Quantos cursos ele conseguiria vender com um texto mais ou menos assim:

Olá Futuro Cliente!

Vou oferecer-lhe apenas este curso dado por mim, que sou uma pessoa importante e sei muito mais sobre o assunto, mas a continuação, que será a rampa de lançamento para conseguir alguma coisa, vai custar-lhe um bom dinheiro. Gostaria de saber em qual dos cursos tem interesse. Se quiser responder, as opções estão a seguir: gostaria de frequentar algum destes cursos introdutórios?

Viu como ficou?

Lá no íntimo, preferimos o primeiro. Mesmo sabendo que é manipulação. Sabe por quê? Porque lá no íntimo, adoramos histórias bem contadas! Nem tão no íntimo no meu caso e no de meus amigos americanos, já que adoramos uma boate mexicana ou equivalente. Caso você tenha se olhado no espelho e aberto o jogo, também deve adorar algo equivalente, nem que seja uma sessão de pregação e êxtase numa igreja evangélica neopentecostal.

Ok. Chega disto, vamos ao COMO se faz.

Manipulando os obstáculos

Só lembrando. Os obstáculos são os conflitos físicos e psicológicos que o personagem tem que vencer para atingir o objetivo a que se propôs ou lhe foi imposto na abertura da história. E, ao longo deste processo, ele passa por uma transformação. Sim! Toda a história é o relato da transformação de um personagem!

Porém, como o propósito deste livro não é discorrer apenas sobre literatura e técnicas literárias, mas também a respeito de storytelling, utilizarei apenas os obstáculos fisiopsicológicos como ilustração.

Nestes obstáculos, Jimmy, o personagem, fica intrigado quanto às placas e à fala do Mascate. Ou seja, ele está diante de obstáculos internos, baseados no suspense e no mistério. Caso se interesse por outros obstáculos, como os físicos, basta ler novamente o original da pequena história, assinalando todas as vezes em que Jimmy quer conseguir alguma coisa, mas algo ou alguém se interpõe.

Original:

A pequena carroça ostentava a placa:

MASCATE SEAN
COMPRO AQUI E VENDO ALI PRODUTOS DE TODO TIPO.

Aproximei-me da carroça para ver o animal. Os cavalos escoceses, peludos, sempre me fascinaram.

A minha aproximação foi como um sinal para o Mascate Sean, que, com o seu cavalo, já puxava a carroça para a rua principal do mercado. Ele parou, olhou em volta e sorriu.

– "Whotsyernem, sunny?"

– Sou o Jimmy.

– Então, Jimmy!

– O que tem nesta carroça, senhor? – Tinha algumas coisas ali dentro, mas eu não identificava o que seriam.

– Histórias – disse ele. – Aos domingos, compro, vendo e troco histórias aqui em Glasgow. Nós a chamamos de a cidade das histórias. Esta é uma cidade onde toda a gente conta histórias, não é?!

Mascate Sean puxou as rédeas e estacionou bem perto do ângulo da calçada, em frente a mais um dos muitos prédios do Baras que "vendia" coisas, uma mistura de depósito e loja.

– Olhe ali. – Ele apontou para a entrada. – Sabe ler placas, menino?

Acima da entrada, um aviso anunciava:

TROQUE AQUI AS SUAS HISTÓRIAS.
TRAGA UMA E LEVE OUTRA.

Nota: Neste trecho destaquei em letras maiúsculas apenas parte dos obstáculos, pois, na verdade, o texto inteiro trabalha o suspense e o mistério. Cada linha, tecnicamente, é parte do "obstáculo". Veja o mesmo texto, agora com uma pequena manipulação:

A pequena carroça ostentava a placa:

MASCATE SEAN
COMPRO AQUI E VENDO ALI PRODUTOS DE TODO TIPO.

Com cuidado e um coração que parecia querer saltar-me pela boca, aproximei-me da carroça para ver o cavalo. Um daqueles escoceses, peludos, com um focinho de monstro.

A minha aproximação foi como um sinal para o Mascate Sean, que, com o seu cavalo, já puxava a carroça para a rua principal do mercado. Ele parou, olhou em volta e fez cara de mau.

– "Whotsyernem, sunny?"

– Sou o Jimmy.

– Então, Jimmy!

– O que tem nesta carroça, senhor? – Tinha algumas coisas ali dentro, mas eu não identificava o que seriam.

– Histórias – disse ele. – Aos domingos, compro, vendo e troco histórias aqui em Glasgow. Nós a chamamos de a cidade das histórias. Esta é uma cidade onde toda a gente conta histórias, não é?!

Mascate Sean puxou as rédeas e estacionou bem perto do ângulo da calçada, em frente a mais um dos muitos prédios do Baras que "vendia" coisas, uma mistura de depósito e loja.

– Olhe ali. – Ele apontou para a entrada. – Sabe ler placas, menino?

Acima da entrada, um aviso anunciava:

TROQUE AQUI AS SUAS HISTÓRIAS.
TRAGA UMA E LEVE OUTRA.

O obstáculo é o mesmo na abertura original e na abertura recriada. "O menino James vê a placa misteriosa". Mas como o leitor interpreta a história quando vivida por um menino que não gosta de cavalos e, por essa razão, se aproxima com medo, cuidadoso. Imaginem o resto da

história se o Jimmy for um garoto medroso que não se sente bem na presença de cavalos. Seria a mesma coisa?

Assim se manipulam as histórias. Uma pequena palavra ou expressão e a emoção que o *storyteller* extrai do leitor é outra, gerando outros propósitos. Isto nos mostra que a manipulação é possível e amplamente utilizada.

Tal como no objetivo, você poderá pensar: "mas na 'vida real', se eu não me interessar por literatura, o que isto tem a ver comigo?".

Muito!

Ninguém, hoje em dia, a não ser um ermitão num local isolado da Floresta da Amazônia ou na Sibéria, está imune aos truques da manipulação de histórias.

Agora, transporte esta técnica para um ambiente de vendas, especialmente *on-line*, onde guerra é guerra e se vê o melhor e o pior de tudo, onde storytelling se torna a mais potente das armas "legais" para levar alguém a separar-se do seu "rico patrimônio".

Se visitar outra vez a caixa de *spam* no seu *e-mail*, encontrará ainda mais histórias com o objetivo explícito de vender. Caso seja daqueles que apagam automaticamente os seus *spams*, inscreva-se em dois ou três sites de *webmarketing* e, em poucas horas, a sua caixa ficará repleta de exemplos. Para quem ainda não teve o "prazer" de se deparar com este uso do storytelling, basta ir ao Google e colocar as palavras "*easy money webmarketing*/dinheiro fácil *webmarketing*" e aparecerão mais de meio milhão de "oportunidades". O mesmo ocorrerá se digitar as palavras "*change your life webmarketing*/mude a sua vida *webmarketing*".

Observe, no texto a seguir, como algumas palavras "obstaculizadoras" são manipuladas para gerar um efeito emocional e levá-lo a pagar por alguma coisa. Chamamos a isto "o truque 'do problema'/do obstáculo". Afinal, nada melhor do que o obstáculo para envolver, sugar a audiência para dentro da história…

Nele, propositalmente, não destacarei em maiúsculas as palavras ou expressões que, na forma de obstáculos – neste caso, pressão emocional – foram inseridos no *e-mail* com o objetivo explícito de levar ainda mais pessoas a participar da tal "apresentação" a que os autores se propõem. Se quiser, ao ler, sublinhe e, depois, compare com o texto que eu destaco e comento. Eis o original da minha caixa de spam:

> Terça-feira da semana passada, o meu sócio e eu demos uma palestra ao vivo. Naquele Hangout, prometi que a cópia da palestra estaria disponível a todos vocês no YouTube, logo depois da apresentação, mas… Infelizmente, tivemos um problema técnico e não salvamos a palestra para disponibilizar no YouTube…
>
> Isto não teria sido um problema se não tivéssemos recebido, e continuado a receber, milhares de *e-mails* de pessoas, como você, pedindo-nos o *link* para o vídeo prometido. Tivemos mais de 2.000 pessoas inscritas, a sala não comportava nem a metade, as perguntas não cessavam. Aí, com o ímpeto de atender a todos, os nossos assistentes não clicaram em salvar e…
>
> O resto, você já imagina! Muita gente quer o vídeo e nós sem o vídeo!
>
> Se for esse o seu caso, eu queria pedir as mais profundas desculpas e também dizer que decidimos realizar uma nova palestra na próxima terça-feira, dia 24, às 20 horas…
>
> Então, se você foi uma destas milhares de pessoas que não puderam estar presentes na terça-feira passada, esta é sua grande oportunidade! Desta vez, para não incorrermos no erro de ter tantos *e-mails* pedindo pelo *link* do Hangout no YouTube, a palestra não será gravada, nem repetida posteriormente. É realmente a última oportunidade, para quem ainda não assistiu, de ver a sua vida transformada para sempre!

Reserve, então, a sua agenda na próxima terça-feira, às 20 horas. O nosso encontro será muito especial! Esta é uma palestra em que iremos falar a respeito de ser pobre, nunca mais! Como fazer um milhão de reais num mês a partir de um investimento zero e construir um futuro de sucesso e felicidade para você e a sua família.

Estes segredos têm mudado a vida de milhões de pessoas em todos os continentes. Venha descobrir os princípios científicos por trás da busca do bem-estar permanente e do sentido da vida, de um propósito definido. Descubra também por que, sem esses princípios, você pode viver numa pobreza material e espiritual constante. Venha mudar a sua vida, venha mudar a sua história, venha aprender a atingir os objetivos que sempre sonhou!

********** O IMPOSSÍVEL É POSSÍVEL **********

Só tem de clicar no *link* a seguir, se quiser realmente participar. Só temos 600 vagas. Se confirmar e não estiver presente, estará roubando a vaga de outra pessoa, que precisa ouvir o que temos a dizer.

CLIQUE PARA CONFIRMAR QUE VAI PARTICIPAR!

(*E-mail* angolano vindo de certos José e Artur. Mudei os nomes e algumas informações para proteger os “inocentes”.)

Parece impossível que elementos desta história tenham sido manipulados para induzir você a agir contra a sua vontade? Continue lendo e veja a análise a seguir!

Cavalos de Troia estão soltos por aí!

Normalmente, *e-mails* que oferecem alguma coisa “especialmente” para você tendem a ser um cavalo de Troia, contêm alguma coisa embutida para levar você a comprar, verdade é, o que você nem quer, nem precisa. Não vou aqui discorrer sobre este assunto em detalhe, pois foge ao tema do livro, mas, em resumo, americanos ensinam a embutir palavras e expressões em textos de *marketing* e livros para “pegar você” pelas emoções. No livro é uma grande brincadeira, você sabe que as as suas emoções serão manipuladas quando começa a ler. No *e-mail marketing* o incauto não sabe e cai na teia, infelizmente, para se ferrar. E salvo as raríssimas exceções, não é figura de linguagem, você se ferra MESMO.

“Quem diria que técnicas de manipulação de ‘simples histórias’ tivessem tanto poder!”, exclamava há poucos dias um dos meus clientes, um empresário. E ele está certíssimo em se espantar. Esta é a mais pura verdade. Quem diria que um conto de fadas, por exemplo, pudesse embutir em si tanta força. Pior (ou melhor), pudesse esconder em seu interior um instrumento de transformação ou uma arma letal.

Vendo para crer!

Abrindo o jogo, então, eu vou lhe mostrar o que se esconde no íntimo de uma “história inocente”. Vamos ver como isto realmente se processa. Não quero ficar pegando no pé da “galera” que opera na internet, mas como recebo centenas de *e-mails* por dia oferecendo felicidade, curso de liderança, *coaching* que mudará a minha vida, como escrever *best-seller* em três passos, aprender inglês sem esforço, aumentar o tamanho das minhas velhas partes privadas, fazer dinheiro como nunca antes… Acho que são essas as “historinhas” que quaisquer

leitores, inclusive você, candidato a produzir um *best-seller*, têm acesso grátis, bastando apenas ir ao seu *spam*. Para não cometer os mesmos pecados, é imperativo saber como tentam nos levar na conversa, tal como "o Diabo faz", como já dizia a minha sábia avó! O escopo deste livro, porém, tem apenas o propósito de revelar os truques mais básicos para você evitar essas bobagens no seu *best-seller*.

Por esta razão, o que verá a seguir, quando eu comentar o texto do capítulo anterior, será apenas a ponta do *iceberg*. Todo e qualquer elemento de uma história poderá ser manipulado para levar a audiência, isto é, você, a agir. E agir, aqui, significa sentir ou fazer alguma coisa que o narrador deseja que você sinta ou faça.

Quando ouvimos a frase "esta história me encanta", muitas vezes não temos a menor ideia de que é isto mesmo que acontece: ao expor-me a uma história, eu me submeto a um encantamento, a um feitiço! Quem diria, a história é o que mais se aproxima da verdadeira magia.

Análise do texto

Considerando apenas como os obstáculos se inserem no texto para produzir um determinado efeito, o autor utiliza, também, só dois subterfúgios: medo e esperança, sempre presentes em maior ou menor dose em todas as histórias. Usar, assustar e dar esperança é o truque infalível do storytelling, do conto de fadas aos anúncios de medicamentos da CNN americana, ao *webmarketing* e à maioria das corporações do planeta. Se não se lembram, releiam o que escrevi sobre a dor e sobre as mocinhas cubanas/mexicanas.

Vamos à análise do *e-mail*:

> Terça-feira da semana passada (1), meu sócio e eu demos uma palestra ao vivo. Naquele Hangout, prometi que a cópia da

palestra estaria disponível a todos vocês no YouTube, logo depois da apresentação,

(2) mas…

… Infelizmente, tivemos um problema técnico e não salvamos a palestra para disponibilizar no YouTube…

Isto não teria sido um problema se (3) não tivéssemos recebido, e continuado a receber, milhares de *e-mails* de pessoas, como você, pedindo-nos o *link* para o vídeo prometido. Tivemos (3) mais de 2.000 pessoas inscritas, a sala não comportava nem a metade, as perguntas não cessavam. Aí, com o ímpeto de atender a todos, os nossos assistentes não clicaram em (4) salvar e…

O resto, você já imagina! Muita gente quer o vídeo e nós SEM o vídeo!

Se for esse o seu caso, eu queria (5) pedir as mais profundas desculpas e também dizer que (5) decidimos realizar uma nova palestra na próxima terça-feira, dia 24, às 20 horas...

Então, se você foi (6) uma destas milhares de pessoas que não puderam estar presentes na terça-feira passada, (7) esta é sua grande oportunidade! Desta vez, (8) para não incorrermos no erro de ter tantos *e-mails* pedindo o link do Hangout no YouTube,

(9) a palestra NÃO SERÁ GRAVADA, nem repetida posteriormente. (10) É realmente a última oportunidade, para quem ainda não assistiu, de ver a sua vida transformada para sempre!

Reserve, então, a sua agenda na próxima terça–feira, às 20 horas. O nosso encontro será muito especial!

Essa é uma palestra em que iremos falar a respeito de:

(11) SER POBRE, NUNCA MAIS! Como fazer um milhão de reais em um mês, partindo de um investimento ZERO e construir um futuro de sucesso e felicidade para você e a sua família.

Estes SEGREDOS têm mudado a vida de milhões de pessoas em todos os continentes. Venha descobrir os princípios científicos por trás da busca do bem-estar permanente e do sentido da vida, de um propósito definido. Descubra também por que, sem esses princípios, você pode viver numa pobreza material e espiritual constante. Venha mudar a sua vida, venha mudar a sua história, venha aprender a atingir os objetivos que sempre sonhou!

********** (12) O IMPOSSÍVEL É POSSÍVEL **********

Só tem de clicar no link a seguir, (13) se quiser realmente participar. Só temos 600 vagas. (14) Se confirmar e não estiver presente, estará roubando a vaga de outra pessoa que precisa ouvir o que temos a dizer.

(15) CLIQUE PARA CONFIRMAR QUE VAI PARTICIPAR!

Analisando o *e-mail*:

1. Todos os obstáculos devem se inserir num contexto. Creio realmente que realizaram a palestra no dia mencionado e que a promessa tenha sido feita. Mas não se espante caso receba um destes *e-mails* e não se lembre se foi convidado ou se tentou participar de alguma coisa e não conseguiu. Há sempre a possibilidade de não ter acontecido nada e aquele ser o primeiro *e-mail* a usar o truque o "problema". De qualquer forma, a criação de um obstáculo começa sempre com o estabelecimento de um "mundo perfeito, onde todos são generosos e querem bem uns aos outros". Ou seja, o Diabo bate à sua porta, mas não entra. O leitor é que sente vontade de convidá-lo para entrar quando ele se faz de vítima!

2. Observe como o obstáculo foi apresentado: de forma suave, usando palavras simples. O Diabo não disse: "poderia me deixar

entrar?". Mas baixou o olhar e a voz, talvez tenha apertado os lábios e ficado em silêncio. Sem cara de vítima, o Diabo não seria vítima. Na guerra, como diz Sun Tzu, tudo tem de ser minuciosamente planejado, veja aqui, neste excerto, como o Diabo sabe bem o que faz e como executa o plano. O Diabo tem estratégia!

3. Observe que, aqui, o obstáculo passa da audiência-personagem para as circunstâncias do acontecimento, afetando supostamente todos, isto é, o universo. Este é um dos "truques" mais importantes na construção de um "obstáculo" em storytelling – da construção de um romance à mentira que contamos a um amigo. Devemos passar a ideia de que estamos lutando não só para superar os obstáculos visíveis, mas também os invisíveis: as forças malignas do Universo. Se não vencermos no "micro", isto é, resolvermos um problema imediato, não seremos capazes de vencer no "macro", ou seja, salvarmos o Universo conhecido. No caso do anúncio, "resolver" a sua falta de dinheiro e felicidade, "deixar de" viver na miséria física e psicológica eternamente.

No momento em que o autor utiliza deste subterfúgio, suga de imediato a audiência para dentro do drama. Agora que o leitor já se encontra emocionalmente abalado, é hora de aproveitar sua vulnerabilidade emocional e iniciar a venda! Repare na linha autopromocional: "milhares de *e-mail*s de pessoas, como você, pedindo-nos o *link* para o vídeo prometido". Ou acha que esta passagem está aí por acaso?

Observe também que a palavra "milhares" é justificada, especificada com o número 2.000. Será que o autor do *e-mail* está dizendo a verdade? Só saberíamos se pedíssemos que nos enviassem um relatório das "mais de 2.000" pessoas inscritas, acompanhado por um relatório do Hangout. Mas quantos de nós se importam em testar a veracidade da história antes de acreditar piamente? Não tenho dúvidas de que poucos se importam com a "verdade verdadeira".

Por que isto acontece? Porque toda esta “apresentação” está sendo feita por meio de uma história e, naturalmente, o nosso cérebro aceita, pois é feito para acatar e se deleitar com histórias e deixa de questionar. Em storytelling, todas as histórias que nos emocionam são “emocionalmente verdadeiras”, quer sejam fatos, ficção ou fantasia!

4. Eis o grande obstáculo, a cadeia de montanhas que você “agora tem certeza” de que não será capaz de escalar para chegar ao outro lado. Uma boa história, construída para “vencer”, deve conter este momento: “não há como escapar desta!”. As adivinhas populares centram-se precisamente neste ponto; quando as ouvimos, parece que não têm solução. Quando ouvimos ou conseguimos encontrar a resposta, sentimos um alívio, um momento de prazer. Esse é um momento de vulnerabilidade emocional que o storyteller utilizará para “infectar o nosso sistema” emocional e nos levar – manipular??? – a comprar alguma coisa: uma ideia, um produto, um serviço.

Empresas que trabalham com o “recrutamento” de “devotos” aos seus produtos, em que o leitor se torna um comprador/vendedor e, além do lucro ao repassar os produtos/serviços, também ganha ao transformar outros em compradores/vendedores numa pirâmide supostamente sem fim, aproveitam-se deste momento em que a audiência se sente “num beco sem saída” para “apresentar” a solução para o seu problema – sem dúvida, criado ou realçado pela dita empresa.

5. Quem já teve a oportunidade de assistir às peças de Shakespeare, sabe bem como ele utilizou o “inverso” com uma maestria sem igual. Este elemento entra em cena quando levamos a audiência-personagem ao fundo do poço para, numa reviravolta, apontarmos uma luz no fundo do túnel. O propósito é criar tensão e alívio, tornar a audiência maleável. Uma vez maleável...

6. Aqui o leitor já está propenso a aceitar qualquer coisa, mas nada lhe é vendido explicitamente. Ainda! Neste momento de vulnerabilidade,

o Diabo informa subliminarmente que você pode confiar, pois milhares de pessoas querem o que você também "deseja". Qual é o truque aqui? O Diabo acabou de implantar um desejo na mente da audiência! Agora, como num passe de magia, você passa a desejar o que o *storyteller* quer que deseje, isto é, o que tem para lhe oferecer. Daí dizermos que a manipulação dos elementos subjacentes às histórias é altamente hipnótico.

7. Veja aqui o truque do "dobra e desdobra para 'aquecer' ainda mais": "você tinha perdido tudo, agora vai ganhar outra vez". Já que o leitor está maleável, chegou a hora de tirar vantagem sem dó nem piedade. Esta é a hora de iniciar o ataque, se o autor quiser vencer a guerra. Tente dobrar e desdobrar uma folha de metal – se quiser testar, use a tampa da lata de sardinhas, por exemplo, numa sequência de movimentos rápidos. Primeiro, perceberá que a folha de metal aquece até que, de repente, se parte! Este truque, que provém do mundo da Física, é exatamente o mesmo no mundo do storytelling! As histórias, sempre associadas com imaginação e fantasia, têm um impacto real no mundo físico.

8. Aqui, apresento mais um obstáculo. Ou seja, se achava que iria escalar facilmente a cadeia de montanhas agora que lhe ofereciam ajuda, ledo engano! Se você realmente quer algo, terá de lutar pelo que deseja. Este é o truque da escassez, que leva em conta que desejamos mais ardentemente as "histórias impossíveis". Lembra-se das vezes em que ficamos colados a filmes como *Titanic*, *Cidade dos Anjos*, *Notting Hill* ou a livros como *A Bela e a Fera*, peças como *Romeu e Julieta*, e por aí adiante… A "escassez" de um amor tão perfeito nos faz querer lutar ainda mais para conquistá-lo. Neste momento do texto, o autor já nos colocou os grilhões, agora nos amarra pelo pescoço, caso nos passe pela cabeça a ideia de "escaparmos". Porém, o Diabo sabe que, agora que já o

convidamos a entrar, sentar e morar com a gente, “ele é o novo dono da casa”. E sendo a casa dele…

9. Ele volta a ameaçar! “A palestra não será gravada”. Ou seja, se ainda acreditava que ele estava blefando, enganou-se! Ele está no comando: a casa agora é dele, quem manda é ele e decidiu não gravar! Você vai fazer como ele quiser. O interessante, neste estágio, é que já não nos passa pela cabeça reagir, pois o Diabo já matou em nós a vontade de dizer “*vade retro*, Satanás!”. Nem nos passa pela cabeça dizer “se não gravar, eu não assisto e nunca mais lhe compro nada”.

10. “Esta é a sua última oportunidade para ter a sua vida transformada” e agora você acredita nisto! Por que acredita sem contestar? Porque todas as histórias focam na transformação: “era assim no princípio, foi assim/será assim no fim”. Se houve transformação, o leitor naturalmente acredita. Somos feitos, como disse antes, para acreditar em histórias. Há quem questione se alguma vez o nosso cérebro, no dia a dia, seria realmente capaz de lidar apenas com fatos, como faz um computador! Aparentemente, não! Se não estiver emocionalmente envolvido com uma história, o cérebro desliga, deixa de prestar atenção, muda o foco para onde houver uma história acontecendo.

11. Depois de tantos obstáculos, finalmente a grande oferta: linda, forte, irresistível, imbatível. Neste momento, não queremos pedir estatísticas e fatos que corroborem a oferta. Queremos o que o Diabo no oferece: o prazer de ter dinheiro e felicidade sem fim. Nas linhas anteriores, já fomos submetidos a tantos “dobra e desdobra”, “puxa e larga”, “tensão e alívio”, que o lenitivo eterno, agora à nossa frente, SER POBRE, NUNCA MAIS!, nos parece a melhor prenda do mundo. O desejo que nos foi implantado está prestes a ser suprido. A vida não é linda? Pode até vir a ser, mas se examinar o seu extrato bancário daqui a um ano, verá que, ao se deixar seduzir pelo Diabo, pelo canto da sereia, a sua

conta, por sua própria decisão, foi esvaziada de uns bons e irrecuperáveis reais. O autor do texto, talvez, não seja pobre por um bom tempo. Quanto a você… Bem, quem conta a melhor história vence! Como o autor do texto usou muito bem os truques de manipulação dos elementos da história, desta vez saiu vitorioso.

12. O grande reforço! Aqui o Diabo parece conseguir ler a sua mente! É assim mesmo que você se sente, o impossível será possível. Você nunca mais será pobre porque assistiu à palestra grátis que, certamente, o levará a comprar as restantes! Mas qual é o problema de perder uns reaizinhos?! O impossível é possível. Na loteria da vida, você será um vencedor! Certamente "entende" agora por que tanta gente implorou pelo *link* na hora daquela maravilhosa palestra, menos a sua pessoa, mas haverá mais esta última chance de fazer parte de um grupo tão maravilhoso, de descobrir esses segredos…

13. Só que ainda há um último obstáculo! Ou estava achando que a coisa ia ser fácil? Claro que não! Dobra e desdobra, puxa e larga até o fim. Quanto mais vulnerável estiver, mais fácil será lhe vender o que o Diabo implantou na sua mente. A sensação de desejo, que deve estar jurando que é sua, na verdade é dele! Mas quem se importa com esse pormenor da história? Afinal, você está prestes a ser rico, feliz e bem-sucedido!

14. E como é o Demo agora quem manda, até envia uma "ameaçazinha" final, bem básica, mas você está tão carente que já não vê a hora de chegar o dia da "apresentação" e salta direitinho para as garras do sedutor autor.

15. A ordem final! O remate. O xeque-mate. Alma vendida. Ufa! Agora, sim, você será rico, feliz e bem-sucedido. Sempre desejou descobrir o caminho para este mundo perfeito, não é verdade?

Não! Possivelmente, não! Até que lhe foi implantado o desejo por meio de uma história bem contada!

Você acabou de perder a batalha: entregou-se.

Mas, afinal, os mesmos truques gerariam um best-seller?

Aí é que está! Muita gente jura de pés juntíssimos que sim, só que... Na verdade, não! Quem compra um livro tem tempo de refletir. Sim, há histórias que nos controlam, como a que analisamos; porém, num livro, normalmente somos nós, os leitores, que o controlamos. Até porque lemos, paramos por certo tempo e continuamos a ler depois. O formato livro, embora partilhe dos princípios do *e-mail marketing*, é mais honesto.

O *best-seller* precisa ser honesto, pois sucesso literário vem a conta-gotas, não numa explosão de clientes querendo comprar o nosso cursinho de bordado e crochê *on-line* por somente R$ 49,90, e com devolução garantida, sem questionamentos, se o consumidor não gostar do produto. O livro, já disse isto nas páginas anteriores, não dá para devolver! Oops! *Big problem*, se o comprador tiver comprado gatinhos por lebrezinhas.

O que é mais perigoso: uma história ou uma bomba atômica?

O poder das histórias é tremendo, a ponto de fazer com que uma bomba atômica pareça um brinquedo infantil. A manipulação dos elementos da história para se atingir um propósito específico, como mencionei várias vezes neste livro, é uma arma ou um instrumento que

realmente poderá transformar a vida de quem o utiliza ou a vida sobre quem este poder é utilizado.

No exemplo analisado, esses truques são muito óbvios. Há dezenas de manuais disponíveis gratuitamente na internet que ensinam como escrever um "texto hipnótico", quer para o bem, quer para o mal. A decisão é sua! O importante, porém, é conseguir criar o seu próprio método ou selecionar histórias que se adequem aos propósitos que deseja atingir.

Sugiro que fuja desses modelos, pois quem ler este livro, por exemplo, já não cairá mais nessa cilada. Assim, como todos nós temos esta capacidade inata para contar e crer em histórias, temos também uma capacidade inata para ser criativos!

Portanto, seja criativo!

E, agora, proponho um exercício bem simples: com base no que descobriu, escreva um texto parecido e envie, em forma de brincadeira, para dez dos seus amigos e veja quantos respondem. Sente-se mais preparado para a arte da guerra no storytelling? Avalie-se!

Descubra se todos têm dentro de si esta capacidade de usar histórias como armas.

Vejamos… Examine hoje mesmo a sua caixa de *spam* e procure sequências de *e-mails* enviados por vendedores da *web* – *web marketeers* – que venham de qualquer país! Você pode se surpreender.

Você ainda deve estar se perguntando: "afinal, manipular histórias para vencer as batalhas da vida, ganhar dinheiro ou mais dinheiro por meio do engodo é ético ou não? A audiência sabe que está sendo manipulada pelo poder das histórias?".

Como já mencionei antes, não tenho uma resposta para isto. O que sei é que as histórias e os seus elementos são poderosíssimos e eis o exemplo anterior para provar este ponto. Aqui repito: a decisão é sua!

Para que não haja represália nem gente brigando comigo – essa coisa de *webmarketing* nos EUA, Brasil, Austrália, etc. é como uma seita – pelo fato de eu revelar um segredo, como fazem ao mágico mascarado – http://www.the-maskedmagician.com/ –, confesso que eu também utilizo muitos desses truques do *webmarketing* ou ensino pessoas a realizá-los, a torná-los mais poderosos e, por que não, mais honestos, como a literatura. A seguir, um exemplo da chamada para uma palestra *on-line* que realizei há alguns meses.

Texto original:

> Olá,
>
> É interessante pensar um pouco sobre como o nosso pensar afeta o nosso sentir e como o sentir afeta o agir. Isso parece filosófico, mas, na verdade, é científico.
>
> Nos últimos anos, a neurociência avançou muito nas pesquisas sobre o funcionamento do cérebro. O que se descobriu é que nossas atitudes derivam dos pensamentos que alimentamos, isto é, se queremos atitudes mais assertivas e coerentes, precisamos nos conhecer melhor e vigiar não o que fazemos, mas o que sentimos. Os pensamentos desencadeiam sentimentos, que resultam em ações.
>
> Contar histórias é relativamente fácil, quase orgânico, mas fazer isso tocando a alma das pessoas, passando pelo crivo da razão, despertando emoções e aguçando os sentidos apenas com as palavras ditas ou escritas, não é para qualquer um.
>
> Será que não? Acredita que escrever bem e tornar- se um autor de sucesso ou um palestrante que todos querem ouvir é um privilégio somente de alguns, dotados com dons que uns têm e outros não?
>
> O James garante que não. Ele costuma dizer que somos todos “caixinhas de histórias”. Ou seja, nascemos plenos de potencial,

mas para nos tornarmos verdadeiramente *storytellers,* é preciso conhecer as técnicas corretas e praticá-las.

Adultos, em função das crenças que alimentam, dos medos de ser envergonhados, do receio de errar e, algumas vezes, por subvalorizarem as suas experiências, bloqueiam-se, sentem-se incapazes.

Para entender exatamente como fazer isso e desbloquear o contador de histórias que existe dentro de você, leia este texto do James e pratique o exercício que ele sugere. Nós adoramos a parte da folha em branco…

Leia agora o artigo do James – Storyteller (seguido de *link* para um artiguinho meu)

Forte abraço,

Caroline Calaça e Cássia Morato

Ps: Deixe o seu comentário sobre o que achou do texto. Nós lemos cada texto e o James também.

Deus todo poderosíssimo! O James também usa truques?

O meu uso, aliás, o uso que as minhas amigas Caroline e Cássia fazem das técnicas do storytelling – sim! "Truques" para vencer a batalha nesta guerra dos cursos de formação – no Espaço Lusófono, com o intuito de promover as minhas palestras *on-line*, é melhor ou pior do que os que eu analisei?

As opiniões vão variar. E devem variar. Pois assim são as histórias: elas nos servem mais ou menos, dependendo do momento em que nos encontramos em nossa vida.

Acha que seria capaz de identificar o objetivo e os obstáculos no texto delas?

Quando trabalho com autores, tenho um conselho bem simples: fujam da fórmula, como o Diabo foge da cruz! Acredito piamente que

isto é totalmente possível, contudo, não necessariamente o mais fácil de realizar. Se quiser testar, fotocopie o *e-mail* original da dupla que vende dinheiro, felicidade e sucesso (sem as marcas de palavras e expressões que seduzem o leitor) e o original da Caroline e da Cássia, que promove a minha palestra.

Peça que um amigo identifique em ambos as palavras e as expressões que levam o leitor a "comprar", a agir como deseja o autor da história. Vai ver que a maioria acha mais fácil encontrar os "truques" no primeiro do que no segundo. A razão disto é que o segundo foge dos clichês; soa, então, mais verdadeiro!

Note também que mais de 90% do texto das minhas amigas gira em torno dos efeitos-obstáculos. A maioria dos obstáculos foram criados a partir de informações; as autoras praticamente não abusam diretamente do medo. Elas capitalizam sua mensagem principalmente a partir da esperança.

O "fator medo" fica diluído pelo texto todo: se não ler o artigo será um *storyteller* pior. "James", porém, já oferece o exercício ao leitor assim que ele clicar no *link*, proporcionando-lhe prazer imediato. Se o leitor fizer o exercício proposto, verá que James disse a verdade e será atraído por ela. Aqui implantamos o desejo de progredir, de saber mais. Assim, intimamente, você desejará frequentar cursos ou palestras do James.

Histórias sem fim...

Enfim, storytelling utilizado para escrever um *best-seller* é um assunto, a meu ver, e já devo ter dito isto algumas vezes nesta nossa conversa, fascinante e sem fim. Porém, depois destas breves demonstrações, o que fica claro é que, ao alterarmos os elementos da história, alteramos o desfecho da mesma. E quanto mais hábeis formos

neste quesito, mais afiada será a arma com que enfrentaremos o 'inimigo'. "São somente esses dois elementos?" Claro que não, uma pequena alteração numa transição, por exemplo, poderá levar a história a outro destino. Experimente por si mesmo com as suas histórias.

Para terminar, uma nota: se usar estes truques para escrever um conto, uma crônica, um artigo ou um romance, não se esqueça de um título ou de um cabeçalho. Procure alguma coisa que, já naquelas primeiras palavras, suguem a audiência para dentro da história, que a faça querer prosseguir.

O que nos define como pessoas, sem nenhuma sombra de dúvida, é termos histórias para contar e possuirmos esta capacidade mágica de nos fascinarmos com as histórias que nos contam.

Aproveite!

Seja um bom *storyteller*, o fabuloso autor de um *best-seller*, ou contrate um bom *ghost-writer*. Tanto faz. Só que – má notícia – você tem pelo menos de passar os critérios, os parâmetros ao seu *ghost-writer*, ou o coitado, se for honesto, vai escrever um texto que NÃO será um *best-seller*. Se for desonesto, copiará e colará "aquele" texto superpronto que usou para "escrever" o livro de outros clientes e, no futuro, você poderá se deparar com um pretenso *best-seller* igualzinho ao seu!

"Isto não acontece!", você deve estar gritando.

Não?

Estive, certa vez, num congresso de RH em Boston em que três pretensos "livros de sucesso" exibiam o mesmo texto; nem 2% havia sido modificado!

Assustador?

Sim! Terrível. É saia-justa que o leva a morrer na frente da sua plateia, com os globos oculares espremidos para fora das órbitas!

Por isso, mesmo que você vá contratar outra viva-alma para produzir o seu tão sonhado livro, PRECISA entender como se faz um *best-seller*, PRE-

CI-SA conhecer os critérios, os quais serão explorados a seguir.

Chegou a hora de aprender a criar seu *BEST-SELLER*!

Best-seller: livro que muitos querem ou precisam ler num nicho de mercado

Começando de forma opoteótica…

– Senhoras e senhores, admirável público – digo eu –, e agora… E agora… E agora… Preparem-se para os emolientes, fabulosos, esfoliantes, inesquecíveis, rugosos truques para gerar histórias...

Ufa!

Consigo ouvir daqui, suas reclamações daí. Quando, afinal, viriam os truques "quentes" para você aplicar no seu futuro texto? Chegaram! Melhor, estão chegando! Espero, entretanto, que tenha lido – e, por que não, relido – as lições anteriores. A pior coisa que poderá acontecer doravante é você não ter a menor ideia do que eu estou falando.

Todavia (gosto desta palavra!), o momento cá está!

Pronto para criar o seu *best-seller*?

Prontíssimo?

Lá vamos nós…

Uma história é sempre a respeito de ALGUÉM. Se for sobre "alguma coisa", essa "alguma coisa" será antropomorfizada, isto é, representada como HUMANA. Em suma, nosso cérebro reage com "mais emoção" quando vemos nossa irmãzinha querida amassada por um ônibus, do que quando testemunhamos a galinha do vizinho escapar e virar recheio

de sanduíche entre o asfalto e o pneu de um ônibus. Ou a árvore, que contribuiu para o tal ônibus desgovernar, perder os galhos no instante do impacto.

Assim combinado, vamos aos cinco elementos que compõem o drama, isto é, o cerne de todas as histórias:

1. O que o personagem principal quer.
2. Quem/o que o impede de conseguir o que ele quer.
3. Que desastre ocorre quando seu personagem principal “força a barra” para conseguir o que deseja.
4. Como ele se transforma ao passar por essas complicações.
5. Como o leitor/a audiência se transforma ao vê-lo passar por essas complicações.

Tenham em mente esses elementos ao criar sua história. Leia e releia essa passagem quantas vezes for necessário para fixar em sua mente. Vamos, agora, planejar histórias?

(Como há pouco espaço para escrever nas páginas deste livro, use um caderno ou o seu computador para fazer as anotações – e não se esqueça de salvá-las!)

Criar um livro é muito difícil?

Não! Pode ser até mesmo muito simples!

Todas as histórias começam com ideias. E agora você já tem a sua! Não sabemos de onde vêm as ideias ou por que as temos, então, deixe-as fluir e as anote. Observe que, mesmo para quem quer escrever um livro para alavancar a carreira ou para consolidar, digamos, apresentações que faz em público, precisará selecionar ideias. Um livro não pode ser a respeito de TUDO. Ele será sempre a respeito de UM assunto ou UM CONJUNTO de assuntos relacionados.

(Observe que muito se refere aos tópicos da nossa conversa inicial neste livro. Retorno, contudo, ao papo de que *agora é p’ra valer*!):

Responda, então, as perguntas a seguir:

Quais as ideias sobre livros que pululam por minha cabeça?

Ideia 1: ______________________

Ideia 2: ______________________

Ideia 3: ______________________

Ideia 4: ______________________

Ideia 5: ______________________

Ideia 6: ______________________

E daí por diante.

Então, responda em seu caderno ou em seu computador:

- Qual delas é mais adequada?
- O que conheço sobre o tema escolhido?
- Tem algo a ver com minha profissão?
- Que mensagem pretendo transmitir aos meus futuros leitores?
- Quem é meu público-alvo?
- Que tempo tenho para escrever?
- Que tipo de editora publicaria meu livro?
- Por que quero ou preciso escrever este livro?
- Qual enfoque, viés, quero dar a esta história? A minha história terá como objetivo principal:
    - Informar?
    - Entreter?
    - Transformar?
    - Educar?
    - Outro? Qual?

Resuma em seu caderno ou no computador a ideia ou conjunto de ideias que você quer passar com o seu livro (o ideal seria resumir em não mais que 45 palavras).

Resumiu?

Pois bem, com as perguntas agora respondidas e o resumo feito, vamos a outro passo: imaginar COMO você vai mostrar esta história ao seu leitor.

Agora chegou a hora de aplicar a questão dos cinco elementos que compõem o drama, exposta anteriormente, à sua história, isto é, descobrir qual a essência de sua história:

Responda as seguintes questões:

1. O que o personagem principal (foco narrativo ou PDV) quer?
2. Quem/o que o impede de conseguir o que ele quer?
3. Que desastre ocorre quando seu personagem principal "força a barra" para conseguir o que deseja?
4. Como ele se transforma ao passar por essas complicações?
5. Como a leitor/a audiência se transforma ao vê-lo passar por essas complicações?

Com base nas suas respostas, resuma em um só parágrafo a sua história.

Deixando a imaginação fluir...

Observe a figura a seguir. Use a imaginação. Afinal, você é um artista talentoso. Agora escreva um DIÁLOGO de doze falas bem curtas que conte

uma história. Ou seja, diálogo aqui é a reprodução da “fala mesmo”, NADA de pensamento ou gestos.

Vamos supor que seja uma novela radiofônica, ou que você é cego e foi ao teatro: ouve, mas não enxerga. Somente pela FALA terá de entender o que está acontecendo. E, claro, o que aconteceu e o que, espera-se, vai acontecer.

Imaginemos uma rainha discutindo com um duende sobre a presença de um desconhecido dentro do palácio:

Reproduza em seu caderno ou arquivo o diálogo entre a Rainha e o Duende, exatamente nesta sequência.

Rainha: ______________________
Duende: ______________________
Rainha: ______________________
Duende: ______________________
Rainha: ______________________
Duende: ______________________
Rainha: ______________________
Duende: ______________________
Rainha: ______________________
Duende: ______________________
Rainha: ______________________

Duende: ____________________

Agora, você deve estar pensando… "Droga, doze linhas não dão para nada!"

Dão, sim! Olhe uma de minhas bobagens em forma de diálogo:

– Bem ruim...

– Bem ruim, mesmo.

– Seu parente?

– Sou português e não tenho parente no Reino Unido, só amigos.

– Tem certeza?

– Não sou louco. Se tivesse um parente morando aqui, por que não ia dizer?

– Aquela pessoa perdeu uma perna e muito sangue, mas ainda está viva.

– E?

– É que... Por que ele teria implorado aos paramédicos para avisar o homem moreno na janela, sentado sozinho no vagão do trem de York para Leeds?

– Sei lá.

– Você sabe as consequências de mentir para a Força Policial de Sua Majestade? O homem que saiu na ambulância poderia ser seu irmão gêmeo, mesmo ovo, sabe… Iguais.

– Irmão gêmeo …? Ele…? Mas ele já estava enrolado feito peru quando o trem parou, como teria me visto na janela?

Agora que você já experimentou a produção de diálogos, crie um que mostre o "drama", a questão central do seu *best-seller*.

Use a grade para garantir que não se estenderá!

Personagem	Fala

Viu? Fácil, fácil. Você que é escritor ou ama escrever é naturalmente supercriativo. Vai produzir algo espantoso, excepcional, engraçado, tocante ou uma combinação de tudo isto. Está prestes a produzir o seu *best-seller*, nem mais, nem menos. Neste ponto, reveja o seu diálogo e faça uma autocrítica.

- O que você escreveu é instigante?
- Você usou um vocabulário simples ou quis se mostrar e se perdeu na oratória?

- Deu para entender mais ou menos qual será a história, ou seja, ela terá VOZ?
- O ritmo ficou razoável?

Aproveite para melhorar o diálogo. Se em algum momento tiver que "descrever", isto é, esclarecer ou explicar o que o personagem está pensando ou fazendo, é porque você não escreveu o texto ADEQUADAMENTE. Tente criar um diálogo que leve o leitor a sentir, ver o que se passa.

Deve ficar claro para o leitor:

- Sobre o que os personagens falam.
- Por que falam.
- Quais as consequências desta conversa?
- O que o personagem A quer e por que o personagem B se opõe a esse desejo?
- O que os personagens PENSAM quando falam, mas não expressam.
- Se A ganhar a "batalha", o que você imagina que acontecerá? E se for o B?
- Em que contexto, isto é, "cenário físico e emocional", o diálogo ocorre?

No início deste livro, falamos um pouco sobre cena, na teoria. Vamos, agora, ver uma cena de verdade, na prática. Você terá que escolher apenas UM protagonista, isto é, o personagem principal da cena.

Escolherá a Rainha ou o Duende? A escolha é sua e não pode mais trocar!

Por que não pode mais trocar?

Porque o ideal, numa trama mais curtinha, é mostrarmos a história apenas pela perspectiva de um dos personagens. Um autor com mais prática poderá se dar a liberdade de jogar com pontos de vistas

múltiplos. No entanto, sempre digo aos meus autores, e a grande maioria atinge publicação comercial: MENOS É MAIS.

Então... Escolheram o personagem *ponto de vista* (PDV), ou seja, aquele pelos "olhos" de quem vamos viver a história?

Pois bem:

O que ele [a] pensava enquanto interagia com o interlocutor?

NOTA: esses pensamentos devem se referir apenas ao que está acontecendo naquele momento, não ao que se passou na vida do PDV quando criança. Nem este passado, nem o que vai acontecer no futuro distante, tem diretamente a ver com o diálogo retratado nesta cena.

Enumere os pensamentos do seu PDV.

1. ________________________
2. ________________________
3. ________________________
4. ________________________
5. ________________________
6. ________________________
7. ________________________
8. ________________________
9. ________________________
10. ________________________

A seguir, para poupar páginas no livro, copie o diálogo que você escreveu numa folha à parte. Logo depois, insira os pensamentos entre as falas. Mais ou menos assim:

– Fala.

Pensamento

– Fala.

– Fala.

Pensamento

– Fala.

– Fala.

Pensamento

– Fala.

Como ficou?

Ficou um tanto distorcido?

Tudo bem! Ainda não chegou a hora de se preocupar com a linguagem. Sim, o português está meio tortinho, sem ritmo, com erros, e a D. Maricota, professora aposentada de Língua Portuguesa, mudaria tudo. No entanto, o nosso foco agora é a HISTÓRIA, na construção de uma trama viável.

Agora, em outra folha, recopie o seu diálogo com os pensamentos inseridos. Lembre-se de que pensamos antes de falar, falamos enquanto pensamos ou falamos antes de pensar. Qual efeito terá um ou outro? O artista decide! Na hora de inserir pensamentos, a fala pode mudar um pouquinho; sinta-se à vontade para ser criativo. Sem exagero, ou mela tudo!

Um exemplo. (Vale salientar que é um exemplo, não estou dizendo que este texto seria ou será publicado ou publicável.) Os pensamentos estão em itálico.

– Bem ruim...

– Bem ruim, mesmo.

– Seu parente?

Ele me conhece?

– Sou português – *decido dizer, caso ele me conheça mesmo ou tenha informação prévia a meu respeito* – e não tenho parente no Reino Unido – *concluo* –, só amigos.

– Tem certeza? – *ouço-o perguntar*.

– Não sou louco. Se tivesse um parente morando aqui, por que não ia dizer?

– Aquela pessoa perdeu uma perna e muito sangue, mas ainda está viva.

– E...?

Depressa, Andrew. Aí vem bomba de verdade. Se prepara. Vai enfrentar cana e deportação.

– É que... Por que ele teria implorado aos paramédicos para avisar o homem moreno na janela, sentado sozinho no vagão do trem de York para Leeds? Você sabe as consequências de mentir para a Força Policial de Sua Majestade? O homem que saiu na ambulância poderia ser seu irmão gêmeo, mesmo ovo, sabe… iguais.

Intrigado digo:

– Irmão gêmeo…? Ele…? Mas ele estava enrolado feito peru quando o trem parou, como teria me visto na janela?

ATÉ AQUI TUDO OK?

Um minuto, ENTÃO, para que voltemos ao que já conversamos até agora e possamos refletir um pouco mais sobre cena…

Aqui não haveria tempo de discutir gênero literário, nem seria o escopo deste livro, mas agora que você está com uma cena de ação 1/3 pronta, que tal falarmos um pouquinho sobre o que entendemos por LITERATURA?

As opiniões vão variar! Ainda bem! O conceito de literatura que você tiver, vai ser diferente do meu e dos seus colegas, e vai influenciar a forma como você finalizará a cena! Isto é, a cena vai ganhar a VOZ DO AUTOR: a sua voz!

Texto para reflexão:

Mais produtivo do que tentar definir Literatura, talvez seja encontrar um caminho para decidir o que torna um texto, em sentido lato, literário. A definição de literatura está comumente associada à ideia de estética. Um texto é literário, portanto, quando consegue produzir um efeito estético e provocar catarse no receptor, segundo a concepção aristotélica.

A própria natureza do caráter estético, contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário. Para simplificar, pode-se exemplificar por meio de uma comparação por oposição. Vamos opor o texto científico ao texto artístico: o texto científico emprega as palavras sem preocupação com a beleza ou com o efeito emocional. No texto artístico, ao contrário, essa será a preocupação maior do artista. É óbvio que também o escritor busca instruir, e transmitir ao leitor uma determinada ideia; mas, diferentemente do texto científico, o literário une essa instrução à necessidade estética que toda obra de arte exige. O texto científico emprega as palavras no seu sentido dicionarizado, denotativamente, enquanto o artístico busca empregar as palavras com liberdade, preferindo seu sentido conotativo, figurado.

O texto literário é, portanto, aquele que pretende emocionar e, para isso, emprega a língua com liberdade e beleza, utilizando-se, muitas vezes, do sentido metafórico das palavras. A compreensão do fenômeno literário tende a ser marcada por alguns sentidos, uns marcados de forma mais enfática na história da cultura ocidental, outros diluídos entre os diversos usos que o termo assume nos circuitos de cada sistema literário particular.

Assim, há uma concepção “clássica”, surgida durante o Iluminismo – uma “definição moderna clássica”, que organiza e estabelece as bases de periodização usadas na estruturação do

> cânone ocidental –; uma definição "romântica" – uma intenção estética do próprio autor torna-se decisiva para essa caracterização –; e, finalmente, uma "concepção crítica" – aí as definições estáveis tornam-se passíveis de confronto, e a partir dela se buscam modelos teóricos capazes de localizar o fenômeno literário e, então, "defini-lo". Deixar a definição a cargo do leitor individual implica uma boa dose de subjetivismo. A menos que se queira ir às raias do solipsismo, encontrar-se-á alguma necessidade para um diálogo quanto a esta questão. Isto pode, entretanto, levar ao extremo oposto, de considerar como literatura apenas aquilo que é entendido como tal por toda a sociedade ou por parte dela. Esta posição não só sufocaria a renovação na arte literária, como também limitaria excessivamente o *corpus* já reconhecido.
>
> De qualquer forma, destas três fontes – a "clássica", a "romântica" e a "crítica" – surgem os demais conceitos de literatura.[7]

Complicado? Definir literatura e gênero literário é complicado para todo mundo. O importante é que você saiba que tipo de história quer escrever. Que mensagens quer passar.

Pois bem…

Volte ao seu texto e complete o exercício a seguir. Responda essa duas perguntas:

No meu *BEST-SELLER* qual SENTIMENTO/SENSAÇÃO desejo passar (em uma palavra!)? E qual mensagem quero enviar, isto é, o que quero dizer para minha audiência (em uma frase)?

Responda em:

UMA palavra apenas!

Uma frase apenas!

Um exemplo rapidinho para quem está perdido no exercício:

Uma palavra:

desilusão

Uma frase:

Perceber que tudo que acreditamos é uma verdadeira mentira: destino, alma gêmea, amor verdadeiro e todas as bobagens infantis de contos de fadas.

Preparando-se para a cena de reação (também chamada de "sequela")

Antes de o seu personagem principal da cena de ação entrar em "pensamento", desta vez refletindo a respeito do que lhe aconteceu no passado e que o levou a agir ou reagir de uma determinada forma na

CENA em questão e/ou a mergulhar em um dado problema nesta mesma CENA, vamos concluir a cena de ação.

Nesta altura, você já está com as linhas do diálogo prontas e com os "pensamentos/reações internas" do PDV inseridas. Vamos, então, completar com o GESTUAL, isto é, a interação dos personagens com o ambiente.

Falando sobre o cenário...

O "cenário", isto é, o ambiente físico e psicológico, terá duas funções:

1. Dar ao leitor a ESPERANÇA de que tudo vai se resolver;

2. Dar ao leitor um MEDO INTENSO de que tudo poderá ficar pior ainda.

Ou seja, lembre-se de que o cenário tem também a função de levar a trama adiante.

Exemplo:

Errado: De dentro do carro, eu via a fachada escura da casa de Maria. As janelas da casa tinham as luzes acesas. Eu pretendia descer do carro e esclarecer por que Maria...

Melhorzinho: De dentro do carro, as janelas da casa de Maria me observavam como dois gigantescos olhos amarelados, acusavam-me de um crime que eu não pretendia cometer...

DICA: Menos é mais! Sempre!

E AGORA? A próxima etapa será juntar tudo em seu diálogo.

Quando colamos tudo, podemos:

- Cortar as redundâncias: evitar mostrar duas vezes a mesma coisa.
- O que for menos relevante pode ser apenas CONTADO, ou seja, a gente poderá passar o diálogo, que está em DISCURSO DIRETO, para DISCURSO INDIRETO OU DISCURSO INDIRETO LIVRE. Lembram-se desta matéria nas aulas de Português? Se não lembra, vá ao Google, assim não paramos a nossa conversa.

Veja um exemplo:

– Bem ruim...

– Bem ruim, mesmo – concordo, para depois olhar para ele.

Ele se atira no assento paralelo ao meu, do outro lado do corredor.

– Seu parente?

A pergunta dele, ou a estranheza da pergunta, explode nos meus ouvidos como uma bomba atômica. Ele me conhece?

– Sou português – decido dizer, caso ele me conheça mesmo, ou tenha informação prévia a meu respeito – e não tenho parente no Reino Unido – concluo –, só amigos.

Os olhos azuis dele aumentam de tamanho. A pele pálida, que se torna subitamente rosada, denuncia que não acredita. Volto-me para a janela e vejo os homens de colete amarelo e mais três policiais olhando para mim, me encarando.

– Tem certeza? – ouço-o perguntar.

Passo a minha mochila para o colo e volto a olhar para o policial antes de responder.

– Não sou louco. Se tivesse um parente morando aqui, por que não ia dizer?

– Aquela pessoa perdeu uma perna e muito sangue, mas ainda está vivo – explicou, com um leve gesto da cabeça. – É que…

Depressa, Andrew. Aí vem bomba de verdade. Se prepara. Vai enfrentar cana e deportação.

– É que – continua ele –, por que ele teria implorado aos paramédicos para avisar o homem moreno na janela, sentado sozinho no vagão do trem de York para Leeds? Você sabe as consequências de mentir para a Força Policial de Sua Majestade? O homem que saiu na ambulância poderia ser seu irmão gêmeo, mesmo ovo, sabe… iguais.

Intrigado e sentindo os meus joelhos apertarem, levo o dedo teso na direção da janela. O policial já está sacudindo a cabeça como um boneco de mola quando digo:

– Irmão gêmeo …? Ele…? Mas ele estava enrolado feito peru quando o trem parou, como teria me visto na janela?

Pois bem, escreva aqui a sua cena de ação completa!

E AGORA VAMOS CRIAR UMA "SEQUELA": cena de reação.

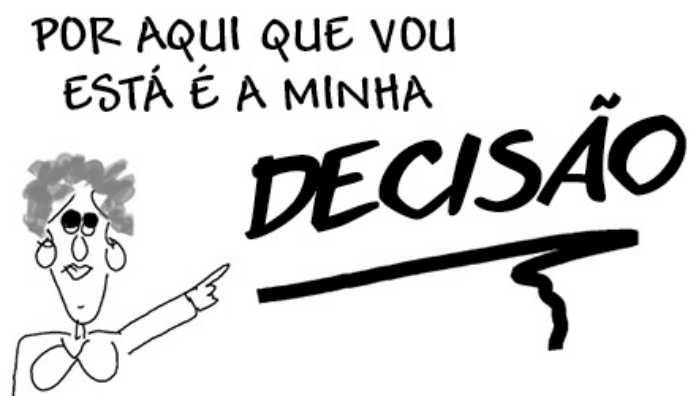
Para tal, complete os quadros a seguir.

OECLETE E OECLETE E OECLETE... sobre o que aconteceu na cena, sobre a experiência que teve…

De tanto refletir, entra em dúvida, isto é, entra num dilema moral criado pela situação em que se meteu na história.

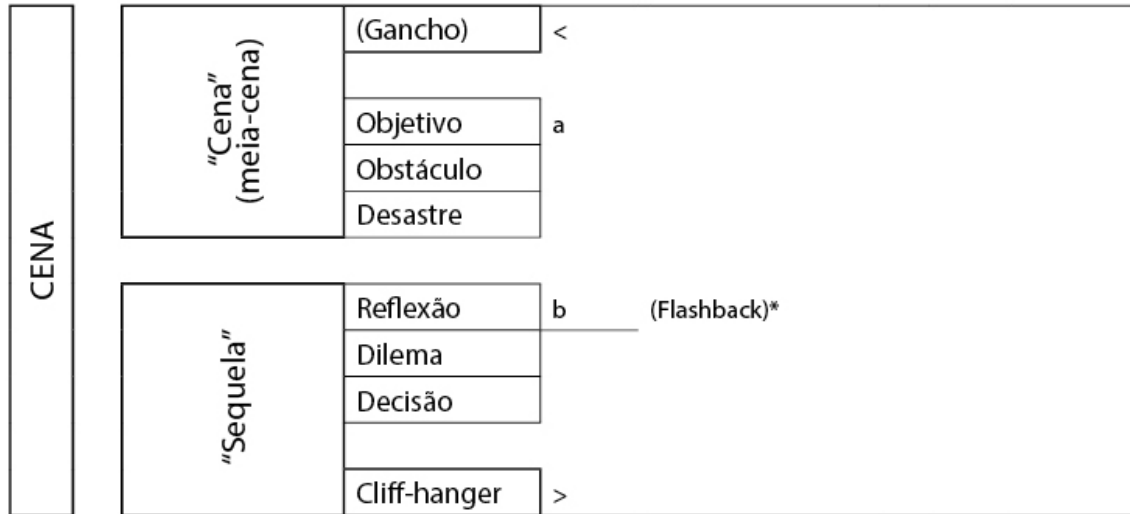
Vou por esse caminho? Ou...

Vou por esse? Qual será o MENOS *pior? O* MENOS *perigoso?*

E é por esse que vou!

E a minha decisão vai me levar a escrever (relatar) a minha próxima… CENA DE AÇÃO! Ou seja, a decisão tomada pelo seu personagem será o gancho para a próxima cena de ação, que levará à próxima cena de decisão, que levará ao gancho da próxima cena, E ASSIM POR DIANTE ATÉ TERMINAR A SUA HISTÓRIA.

Não se esqueça:

- Dica 1: de estabelecer quantas cenas de ação/reação precisará para formar um capítulo. Vai, claro, precisar de pelo menos UMA por capítulo. Mas poderá ser uma e meia, duas, duas e meia, três... Você decide e o editor JULGA.
- Dica 2: um capítulo poderá omitir uma cena de reação, mas não poderá omitir jamais uma cena de ação, seja física ou psicológica.

Para ajudar, fotocopie e cole na parede o fluxograma reproduzido a seguir.[8]

Observe que o objetivo poderá ser expresso em frases diretas, como:

"– Bom dia, Dona Amália, estou aqui para pedir emprestada uma xícara de açúcar" ou "Naquela manhã, James precisava aproveitar a névoa para escapar do castelo. O verão estava cada vez mais seco, se não escapasse agora, só escaparia no outono, quando já seria tarde demais para salvar a sua filha do dragão…" ou "Garry Kasparov balançou a cabeça enquanto terminava o prato de salada. Usou as mesmas palavras pela terceira vez: 'É impossível'. Já falava com um tom de irritação na voz. Pep Guardiola insistia em lhe perguntar as razões pelas quais considerava ser impossível competir com o jovem mestre Magnus Carlsen, o mais promissor enxadrista do momento[9]".

Ou diluído na abertura da cena, prolongando-se capítulo afora! Exemplo:

Abertura de Dom Casmurro

Objetivo: o personagem quer explicar o porquê do título deste livro. Em vez de ir direto ao ponto, lindamente escreve um capítulo inteiro em que dilui o que pretende (neste caso, mais que 70%!).

CAPÍTULO PRIMEIRO DO TÍTULO

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu.

Cumprimentou-me, sentou-se ao meu pé, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

– Continue – disse, acordando.

– Já acabei – murmurou ele.

– São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte, entrou a dizer de mim nomes feios e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que, afinal, pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você".

– "Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo".

– “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça”.

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Para não nos estendermos, o importante é sempre usar o BOM-SENSO. Se eu quebrar o meu braço e as cenas ocorrerem em tempo real, o meu braço ficará quebrado, doendo – ou aliviando aos poucos – durante muitas cenas. Normalmente, o incidente que abre a história de um livro serve de material para reflexões até o FIM da história! Veja, por exemplo *P.S. Eu te amo*, da querida autora irlandesa, Cecelia Ahern!

Então, como você pôde ver, escrever um romance é muito fácil. Sinceramente, estou torcendo para que, apenas com essas técnicas básicas iniciais, você já esteja com a mão totalmente mergulhada na massa, a trabalhar e trabalhar!

Nesta etapa, chegou a hora de falarmos sobre a construção de uma VOZ SINGULAR para o seu texto. Por exemplo, depois de tudo que você já leu neste livro, você já deve ter adquiro um “ouvido” para a minha VOZ, para o meu jeito de dizer as coisas.

Você pode gostar ou não– o que é perfeitamente aceitável – mas que eu não pareço de forma alguma a sua prima de segundo grau escrevendo uma carta de amor para o namorado na Austrália, tenho certeza de que não pareço! Sabe a razão? Por que escrevo com a MINHA VOZ. Claro, se fosse um romance, eu escreveria com a VOZ DO PERSONAGEM narrador,

que, de uma forma ou de outra, acabaria com certa influência de minha voz pessoal. É como um ator, ele é o mesmo em suas interpretações, mas seu estilo e sua voz mudam de personagem para personagem, de história em história.

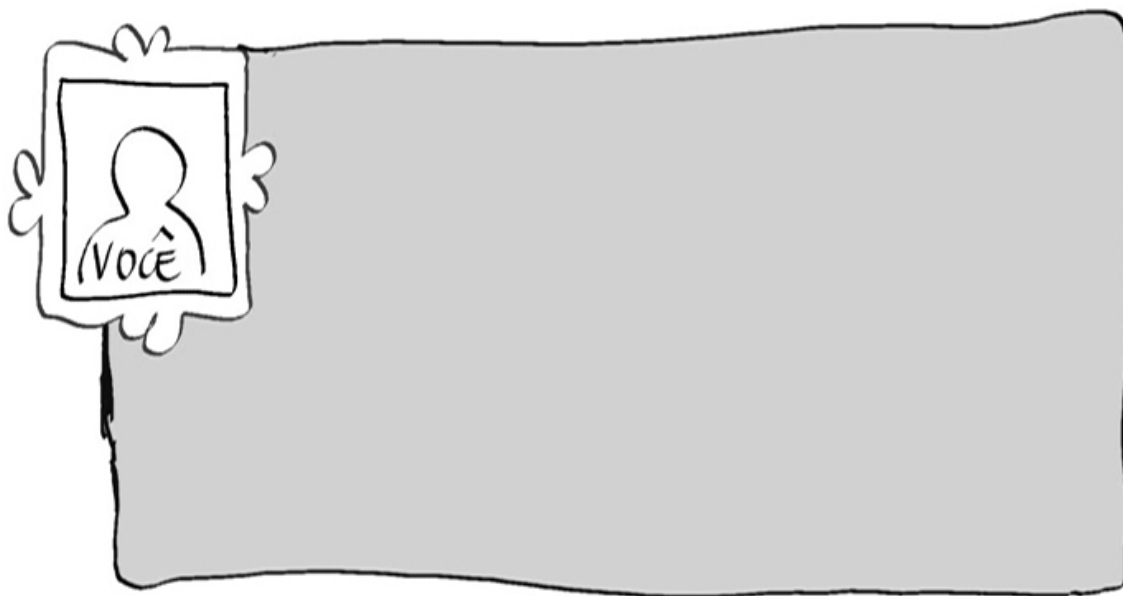
Voz

"O ponto de vista, por exemplo, poderá ser um dos elementos que constituem a VOZ. Ela, portanto, é determinada pelo ESTILO." Como disse, pelo nosso "jeitão" ou o "jeitão" do personagem de dizer as coisas.

Ponto de partida...

Imagine-se (ou até mesmo cole uma foto sua) no quadro a seguir e, em CINCO minutos, descreva o que lhe aconteceu na noite passada, entre 20 e 21 h.

Regras:

- Não dramatize, conte a verdade.
- Use entre 40 e 55 palavras apenas.
- Não use os verbos SER, ESTAR, FICAR ou SENTIR.
- Evite palavras como COM ou que terminem em MENTE.

Então?

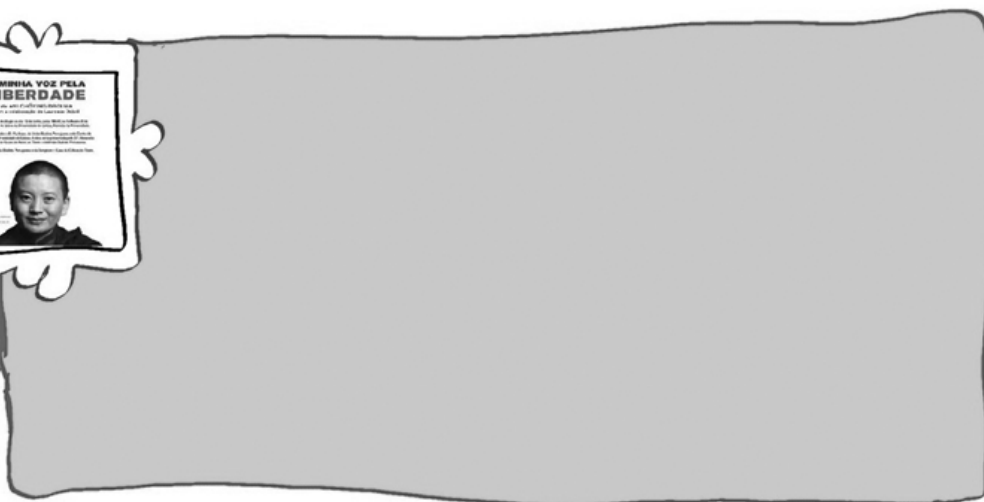
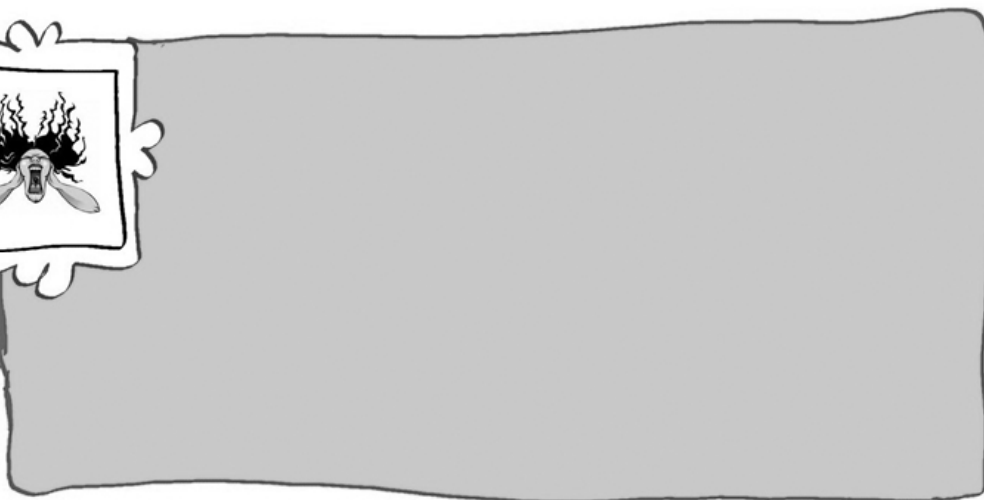
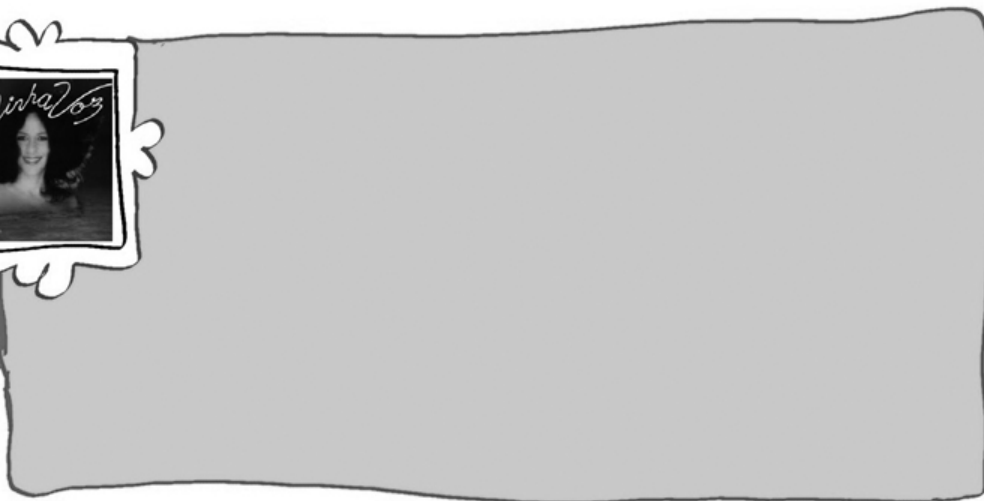
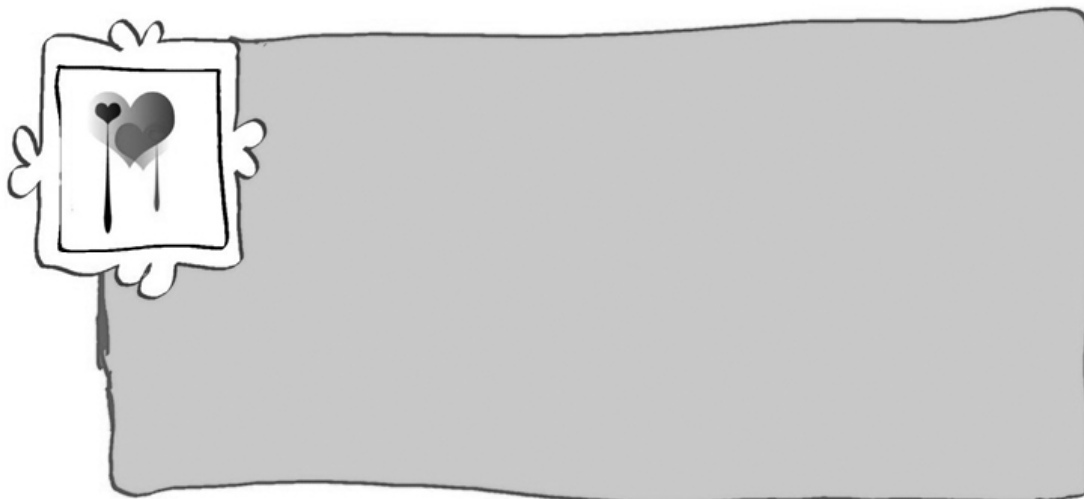
Leia em voz alta, escute-se.

Certamente, não é a voz de seus personagens. Esta é a SUA voz.

Concluindo, o TEXTO precisa da SUA VOZ, do seu jeito, do seu ESTILO. Com base nisto é que o autor constrói a VOZ de seus personagens.

Desafio...

Escolha um ou dois dos quadros a seguir e escreva a MESMA coisa, mas pela VOZ/ESTILO do personagem na moldura do lado esquerdo. Observe as "regras"!!!!

Minha Voz
A MINHA VOZ PELA
LIBERDADE

Escolha o texto cuja VOZ diferiu mais da sua e liste CINCO diferenças:

EU	O OUTRO
1.	1.
2.	2.
3.	3.
4.	4.
5.	5.

Outro desafio...

Na voz do OUTRO, descreva o que aconteceu ontem, entre 20 e 21 h.

____

____

____

Na voz do OUTRO, descreva o que acontecerá amanhã, entre 20 e 21 h.

____

Na voz do OUTRO, descreva o que aconteceria ontem, entre 20 e 21 h, se o mundo fosse acabar em duas horas.

Desafio final...

Reúna os três parágrafos em apenas UMA UNIDADE. Se quiser, poderá usar diálogo ou quaisquer outros subterfúgios para atrair a atenção de seu leitor.

Regras:

- Evite a todo custo palavras que apenas CONTEM, ou seja, palavras vazias.
- Use palavras que PINTEM um quadro na cabeça do leitor.

Por exemplo:

Maria chorou. (Vazio)

Maria, com o cão morto ao colo, soluçava baixinho. (Melhor)

Passe os olhos nos textos a seguir e identifique pelo menos CINCO características de VOZ/ESTILO em cada um. Sim! O fato de ser escrito na terceira, primeira ou, até mesmo, na segunda pessoa, modifica a VOZ, ou seja, confere a ela um estilo diferente. Se escrever como um narrador que vê os acontecimentos de FORA, também modificará a VOZ, pois afastará o leitor da trama!

TEXTO UM

(Rosa Lobato Faria, *As esquinas do tempo*)

Quando Margarida chegou à Casa Azenha, teve aquela sensação, não desconhecida, mas sempre inquietante, de já ter estado ali.

Margarida sentiu um arrepio ao pensar nisto. Apalpou o colchão e encantou-se com o minucioso bordado dos lençóis de cambraia. Verificou a luz da mesa de cabeceira e foi à casa de banho fazer a sua *toillet* noturna. Tomou um duche delicioso, enxugou-se com uma toalha de ótima felpa. Voltou para o quarto nua, pendurou o *jeans* e uma *t-shirt* que tirou da mala para vestir no dia seguinte. De repente, sentiu-se incomodada, como se alguém a observasse. E percebeu. Na parede fronteira à cama estava um quadro a óleo representando um homem moreno. Um belíssimo homem, por sinal, que, ao contrário das fotografias da cômoda, parecia bem vivo e a olhava com olhos trocistas. Ela conhecia o truque dos pintores que fazem com que as figuras dos quadros mirem os observadores para onde quer que estes se dirijam. Mas aquilo era demais. Não se tratava dos olhos vazios e inexpressivos que já vira tantas vezes, mas de um olhar bem vivo, irônico, crítico, apreciador, o olhar de um homem que conhece e ama as mulheres e, instintivamente, Margarida foi à mala buscar um pijama e vestiu-o.

– O que é que queres? – perguntou, desafiadora. E ouviu nitidamente uma voz masculina, grave, doce, responder: *tudo*.

Ficou aterrada. Era muito estranho o que se passava ali. Meteu-se na cama, mas não conseguia despregar os olhos do quadro. Foi com mãos trêmulas que tirou os brincos das orelhas e os pousou na mesinha de cabeceira, ao lado do castiçal. Castiçal? Claro, para quando faltasse a luz. Que, pelo visto, nunca faltava porque a vela era nova. E o homem a olhar para ela. *Tudo*, continuava a dizer, agora em silêncio. Tinha-a visto nua, o que poderia esconder-lhe? A não ser o desejo que, de repente, a assaltou e acreditou que, durante o sono, ele desceria do quadro e viria violá-la, amá-la com todas as forças, aventura de uma noite com um desconhecido, um feiticeiro, um fantasma.

A verdade é que o homem do quadro parecia ter uma inquietante semelhança com a pessoa por quem estava apaixonada, mas, quando se está louco de amor por alguém, parece-nos ver esse alguém em toda parte.

O chá acabou por fazer efeito e dormiu até de manhã. Os lençóis de cambraia não guardavam qualquer sinal de violação ou de lutas amorosas, tão lisinhos e arrumados como se ninguém ali tivesse dormido. Margarida abriu os olhos e sentiu que qualquer coisa de muito estranho se passava consigo. Deixou-se ficar de olhos fechados, buscando a certeza de que não estava a enlouquecer. Para começar, não tinha o pijama vestido. Apalpou-se sem olhar e sentiu um tecido finíssimo, idêntico aos lençóis. Pôde perceber as rosinhas bordadas na gola, as nervuras do peitilho. Sentiu também que o tecido se lhe enredava nas pernas, como se de uma camisa de noite se tratasse. Tinha a certeza de ter vestido um pijama azul: casaco e calças. Mas quando ousou abrir os olhos e levantar a roupa e espreitar para dentro da cama, viu a longa saia cor-de-rosa cheia de babados. Foi ele, pensou. Está a fazer troça de mim. Mas quando olhou para a parede, resolvida a perder o medo e a pedir-lhe satisfações, o quadro não estava lá.

TEXTO DOIS

(Lee Carol, *Viagem para casa*)

– Incline-lhe a cabeça para a esquerda, para a bandeja! – gritou a enfermeira. – Ele está a vomitar.

Nessa noite, a sala de emergência do hospital, como sempre às sextas-feiras, estava a abarrotar. Desta vez, a lua cheia voltou a complicar bastante. Embora não possuíssem conhecimentos sobre Astrologia ou outro assunto metafísico, a maioria dos hospitais tinha o hábito de colocar mais funcionários nas Urgências nessa época do mês. Dava a sensação que ocorriam coisas nesses períodos que não aconteciam noutras alturas. Dito isto, a enfermeira saiu a correu para atender outra chamada urgente.

– Ele está consciente? – perguntou o vizinho, que o acompanhara ao hospital.

O enfermeiro de bata branca inclinou-se para examinar atentamente os olhos do paciente. – Sim. Está a acordar. Quando falar com ele, não permita que se levante. Está com um corte muito feio na cabeça e levou alguns pontos. E o maxilar ainda vai doer por muito tempo. A radiografia mostrou uma fratura. Felizmente, conseguimos corrigir o desvio do osso, enquanto estava inconsciente.

O enfermeiro também saiu do cubículo, uma área separada por uma cortina, presa numa armação semicircular. Ao sair, fechou a cortina, para ambos ficarem sozinhos. Os sons daquela ala de emergência eram quase imperceptíveis, mas conseguia se ouvir as pessoas e as atividades nos cubículos de ambos os lados. À esquerda, estava uma mulher, vítima de uma punhalada; do lado direito, estava um senhor idoso com falta de ar e um braço inchado. Estavam ali há tanto tempo quanto Mike – cerca de uma hora, aproximadamente.

Mike abriu os olhos e sentiu uma forte dor no maxilar inferior. Soube imediatamente que estava acordado.

"Acabou-se o sonho com Anjo", pensou, assim que a forte dor e toda a situação se transformaram lentamente em realidade.

A luz fluorescente, que iluminava a sala com uma luz brilhante, fez-lhe crispar o rosto e fechar os olhos. Devido ao frio, sentiu necessidade de um cobertor. Mas ninguém lhe deu.

– Você esteve inconsciente durante um bom bocado, companheiro – disse o vizinho, sentindo-se um pouco embaraçado por não saber o nome dele. – Eles coseram-lhe a cabeça e puseram o maxilar no lugar. É melhor não falar.

Mike olhou agradecido ao vizinho, curvado sobre ele. Apesar de ainda estar um pouco atordoado, analisou-lhe as feições. Reconheceu-o como o morador do apartamento do lado. Sentiu-o a sentar-se junto da cama… e caiu num sono profundo.

* * *

Quando acordou, percebeu-se num local diferente. Estava deitado numa cama, num espaço tranquilo e silencioso. Assim que abriu os olhos e tentou clarear a mente enevoada, compreendeu que continuava no hospital, mas, desta vez, num quarto particular.

"Que quarto mais acolhedor", pensou.

O seu olhar apático o levou até os quadros na parede e à vistosa cadeira ao lado da cama. O material de isolamento acústico do teto formava pequenos e elegantes quadrados, que a sua visão distorcida transformava em losangos. As lâmpadas fluorescentes continuavam lá, mas desligadas e semiescondidas pela decoração. A claridade vinha principalmente de uma janela com vista para a baía e de um par de lâmpadas dentro do quarto.

Em vez do suporte do aparelho de TV, que a maioria dos hospitais costuma ter na parede em frente da cama, havia um armário com um fino acabamento. As lâmpadas tinham vários tons, como num hotel de luxo, combinando com o papel de parede! Que espécie de lugar era este? Uma residência particular?

Mas bastou examinar com mais cuidado para reparar que, em vários pontos do quarto, havia canalizações de ar condicionado, gás e eletricidade, habituais em todos os hospitais. Adivinhou que, atrás dele, estariam diversos equipamentos de diagnóstico. Inclusive, um deles estava preso ao seu braço, com adesivo, emitindo um sinal intermitente e periódico.

Aparentemente, não havia ninguém por ali, pelo que começou a analisar o que acontecera. Teriam lhe operado a garganta? Conseguiria falar? Levou a mão, bem devagar, até a garganta, esperando encontrar ligaduras e até mesmo um aparelho de gesso. Em vez disto, porém, encontrou uma pele macia! Apalpou-se em volta do pescoço e verificou que tudo estava bem. Gradualmente, tentou aclarar a garganta e logo se surpreendeu ao ouvir a sua própria voz. Foi só quando abriu a boca que descobriu qual era o problema. Uma dor violentíssima, capaz de causar náuseas, ferrou-se-lhe na boca e na base dos ouvidos.

"Já sei onde doeu" pensou, enquanto decidia não abrir novamente a boca tão depressa.

Uma voz feminina, lamurienta, mas gentil, vinda da porta do quarto, disse:

– Ah! Vejo que já acordamos! Posso dar-lhe algo para lhe tirar essa dor, Sr. Thomas? Mas recuperará mais depressa se conseguir aguentar sem analgésicos. Não tem nenhum osso partido; só precisa exercitar a mandíbula.

A enfermeira, usando um uniforme padronizado, aproximou-se da cama. Para além desse uniforme, bem passado e perfeito, notava-se que

era muito experiente. Acima do bolso, várias medalhas e distintivos demonstravam a sua capacidade. Com a boca entreaberta para evitar as dores, movendo apenas a mandíbula para pronunciar as palavras, perguntou:

– Onde estou?

– Está num hospital privado de Beverly Hills. Passou aqui a noite, depois de ser trazido dos Cuidados Intensivos das Urgências. Mas em breve terá alta.

Surpreendido, abriu os olhos, assumindo uma expressão de grande preocupação. Sabia de casos em que se pagava 2 e 3 mil dólares diários por estar internado num lugar assim. O seu coração palpitou aceleradamente ao pensar como iria pagar a fatura.

– Não se preocupe, Sr. Thomas – disse a enfermeira tranquilizando-o. Tudo está solucionado. O seu pai tratou de tudo e já pagou a fatura.

Mike permaneceu em silêncio por um momento a pensar como é que o seu pai, já falecido, pudera pagar a fatura. Talvez ela tivesse deduzido que era o pai, mas realmente era o vizinho. Recuperou as forças para dizer o seguinte:

– Você o viu?

– Claro que o vi! É muito simpático, o seu pai. Alto e louro como você, e com uma voz de santo. Sabe? Teve muito êxito entre as enfermeiras.

Ao ouvir a enfermeira, reparou no seu sotaque de Minnesota, onde ele nascera. Naquela zona fala-se um pouco arrevesado, pondo o sujeito no final da frase: uma forma estranha de falar, que ele tivera de corrigir quando chegou à Califórnia. A forma de falar de Minnesota fazia lembrar Yoda, uma das personagens da Guerra das Estrelas.

A enfermeira continuou:

– E pagou em dinheiro. Não se preocupe, Sr. Thomas. Ele até deixou uma mensagem para você.

Mike sentiu o coração aos pulos, embora continuasse a suspeitar que o “pai” era o vizinho. Porém, a descrição não se enquadrava com nenhum dos dois. A enfermeira saiu do quarto e regressou, pouco depois, com um pedaço de papel com uma mensagem escrita à máquina.

– Ele ditou a mensagem – explicou a enfermeira, enquanto tirava a folha de papel de dentro de um sobrescrito timbrado com o logotipo do hospital. – Disse que não tinha boa letra, por isso o escrevemos à máquina. Mesmo assim é difícil de entender. O seu pai o tratava por Pepe quando você era pequeno?

Ao pegar na folha de papel, leu o seguinte:

– Querido Michael – PePe: Nem tudo é o que parece. A tua busca começa agora. Cura-te rapidamente e prepara as coisas para a Viagem. Preparei a tua rota para Casa. Aceita este presente e segue em frente. O Caminho ser-te-á mostrado.

Sentiu um calafrio a percorrer-lhe a espinha. Olhou para a enfermeira com gratidão e, colando o papel contra o peito, fechou os olhos, dando a entender que queria ficar sozinho. A enfermeira captou a mensagem e abandonou o quarto. A sua mente processou várias possibilidades. A nota dizia: Nem tudo é o que parece. Mas era uma explicação insuficiente! Sabia perfeitamente que, na noite anterior, um facínora tinha pontapeado e ferido a sua garganta, deixando-o meio morto no chão do apartamento. Sentira como todos os ossos tinham chiado durante aquele horrível incidente. No entanto, nada sofrera, exceto a mandíbula deslocada, que logo fora recolocada no lugar.

TEXTO TRÊS

(Nicholas Sparks, *Laços que perduram*)

E Julie gostava realmente do som do seu riso.

Porém, como sempre acontecia quando se deixava levar por aquele tipo de pensamentos, ouviu logo uma voz interior. “Não te metas nisso. Mike é teu amigo, o teu melhor amigo, e não pretendes destruir um relacionamento assim, pois não?”

Enquanto meditava na questão, sentiu que Singer se encostava nela e a libertava daqueles pensamentos. O cão levantou os olhos.

– Vá, continua, meu grande vadio – mandou.

Singer trotou à frente dela, passou pela padaria, até mudar de direção diante da porta aberta do salão de Mabel. Todas as manhãs tinha um biscoito à sua espera, oferta da Mabel.

Henry estava encostado à ombreira da porta, junto da cafeteira, a falar por cima da borda de uma chávena de café.

– Então, como é que correu o jantar da Julie?

– Não lhe fiz perguntas acerca disso – respondeu Mike, como se considerasse ridículo falar dessas coisas. Enfiou as pernas no macacão, que vestiu por cima das calças de ganga.

– Por que é que não perguntaste?

– Nem sequer pensei nisso.

– Ah!

Com 38 anos de idade, Henry era quatro anos mais velho que Mike e, em muitos aspectos, era o verdadeiro alter ego do irmão, embora mais maduro. Henry era mais alto, mais pesado, e estava a aproximar-se da meia-idade, com uma barriguinha que se expandia à mesma velocidade com que a cabeleira se retraía; um casamento de 13 anos com Emma, três filhas e uma casa em vez de um apartamento, gozava de uma vida bem mais estável.

Ao contrário de Mike, nunca alimentara quaisquer sonhos de vir a ser artista. Na universidade, tinha-se formado em gestão financeira de empresas. E, como acontece à maioria dos irmãos mais velhos, não conseguia resistir à ideia de que tinha de trazer o irmão mais novo sob

seus olhos, de se assegurar de que ele estava bem, de que não andaria a fazer coisas de que mais tarde se viesse a arrepender. Para muitas pessoas era insensibilidade demasiada que o apoio fraternal incluísse uma boa dose de chacota, insultos e berros ocasionais, tudo destinado a obrigar o Mike a aterrissar; mas quem mais é que poderia se encarregar dessa tarefa? Henry sorriu. Alguém tinha de zelar pelo irmão mais novo.

Mike tinha conseguido enfiar-se dentro do macacão.

– Só quis lhe dizer que o carro está pronto.

– Já? Pareceu-me ouvir dizer que havia uma fuga de óleo.

– Pois havia.

– E já foi reparada?

– Precisei apenas de umas horas.

– Ah! – assentiu Henry, a pensar: "se fosses só um pouquinho mais mole, irmãozinho, podiam incluir-te na massa dos gelados."

Em vez de dizer isso, Henry pigarreou. – Então, foi isso que fizeste durante o teu fim-de-semana? Estiveste a reparar o carro da Julie?

– Não precisei do tempo todo. Também estive a tocar no Clipper, mas acho que te esqueceste disso, não foi?

Henry levantou as duas mãos em atitude de defesa.

– Sabes que aprecio mais Garth Brooks e Tim McGraw. Não gosto dessas coisas novas. E, além disso, os pais da Emma vieram jantar conosco.

– Também podiam ter ido.

Henry soltou uma gargalhada, quase entornando o café.

– Claro, tens razão. Estás a ver-me a levar aqueles dois ao Clipper? São dos que pensam que a música de fundo que se ouve nos elevadores é demasiado barulhenta, e que a música rock foi a fórmula descoberta pelo demônio para controlar o espírito das pessoas. Se fossem ao Clipper, ficariam com os ouvidos a sangrar.

– Vou contar à Emma as coisas que tu dizes dos pais dela.

– Emma concordará comigo – respondeu Henry. – As palavras que ouviste não são minhas, são dela. Mas, como é que correram as coisas? No Clipper, quero eu dizer?

– Bem.

Henry fez um gesto de compreensão, percebendo perfeitamente.

– Lamento ouvir isso.

TEXTO QUATRO

(David Nicholls, *Um dia*)

Sexta-feira, 15 de julho de 1988

Rankeillor Street, Edimburgo

– Acho que o importante é fazer diferença – disse ela. – Mudar alguma coisa, sabe?

– Você está falando de “mudar o mundo”?

– Não o mundo inteiro. Só um pouquinho ao nosso redor.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, os corpos entrelaçados na cama de solteiro, depois começaram a rir em voz baixa, na mesma altura do amanhecer.

– Nem acredito que eu disse isso – murmurou ela. – Um pouco batido, não é?

– É, um pouco batido.

– Estou tentando servir de inspiração. Preparar sua alma negra para a grande aventura à sua frente. – Virou-se e olhou para ele. – Não que você precise disso. Imagino que já esteja com o futuro bem planejado, muito bem planejado. Deve ter até um fluxograma ou coisa assim guardado em algum lugar.

– Até parece.

– Então, o que você vai fazer? Qual é o seu grande plano?

– Bom, meus pais vão guardar minhas coisas na casa deles, depois vou passar uns dias no apartamento de Londres, ver alguns amigos. Depois França...

– Muito legal...

– Depois talvez China, ver o que acontece por lá, quem sabe ir até a Índia, viajar um pouco pelo país...

– Viajar – ela suspirou. – Tão previsível.

– O que há de errado em viajar?

– É mais uma forma de fugir da realidade.

– Eu acho que a realidade é algo muito superestimado – contestou, esperando que a frase soasse cínica e carismática.

TEXTO CINCO

(David Baldacci, *Toda a verdade*)

A IMAGEM DO HOMEM TORTURADO surgiu no site mais popular do mundo à meia-noite do Tempo Universal, o fuso horário de referência mundial.

As primeiras quatro palavras que ele disse seriam lembradas para sempre por todos que as ouviram.

– Estou morto. Fui assassinado.

Ele falava russo, mas, na parte inferior da tela, sua trágica história era contada em praticamente qualquer idioma que se quisesse; bastava clicar em um botão. A polícia secreta da Federação Russa tinha arrancado dele e de sua família "confissões" de traição. O homem havia conseguido escapar e gravara aquele vídeo tosco.

Quem quer que tenha segurado a câmera estava morrendo de medo, bêbado ou as duas coisas, porque o filme, de imagem granulada, tremia a cada segundo.

O homem disse que, se o vídeo fosse exibido, era porque ele tinha sido recapturado pelos agentes do governo e já estava morto.

Seu crime? Simplesmente querer a liberdade.

– Há dezenas de milhares como eu – disse ele ao mundo. – Seus ossos jazem na tundra congelada da Sibéria e nas águas profundas do lago Balkhash, no Cazaquistão. Vocês logo verão evidências disso. Outros retomarão a luta agora que me fui.

Ele alertou que, enquanto as pessoas passavam tanto tempo concentradas nos Osama bin Ladens do mundo, o mal antigo, com uma força destrutiva um milhão de vezes maior do que a de todos os renegados islâmicos juntos, havia claramente voltado, mais mortal do que nunca.

– É hora de o mundo saber toda a verdade – gritou para a câmera e depois irrompeu em lágrimas.

Após um momento, continuou:

– Meu nome é Konstantin. Meu nome era Konstantin – corrigiu-se. – É tarde demais para mim e para minha família. Estamos todos mortos agora. Minha mulher e meus três filhos, todos se foram. Não se esqueçam de mim e do motivo para eu ter morrido. Não deixem minha família perecer em vão.

Enquanto a imagem e a voz do homem desapareciam gradualmente da tela, surgia uma nuvem em forma de cogumelo e, sobreposta à parte inferior dessa imagem apavorante, lia-se a nefasta frase: primeiro o povo russo, depois o resto do mundo. Podemos nos dar ao luxo de esperar?

Os créditos da produção eram rudimentares, os efeitos especiais amadores, mas ninguém se importou com isso. Konstantin e sua pobre família haviam se sacrificado para que o resto do mundo tivesse uma chance de viver.

O primeiro a ver o vídeo, um programador de computadores de Houston, ficou estupefato. Ele enviou o arquivo por *e-mail* para uma

lista de vinte amigos.

A próxima pessoa a vê-lo, segundos depois, morava na França e sofria de insônia. Chorando, ela o enviou para cinquenta amigos. O terceiro espectador era da África do Sul e ficou tão furioso com o que viu que telefonou para a BBC e depois encaminhou o vídeo para oitocentos de seus amigos "mais íntimos" na internet.

Uma adolescente na Noruega assistiu ao filme horrorizada e depois o encaminhou para todos que conhecia. As próximas mil pessoas a vê-lo eram de 19 países diferentes e cada uma delas o compartilhou com trinta amigos, que por sua vez o compartilharam com dezenas de outros. O que havia começado como uma gota de chuva digital no oceano da internet rapidamente explodiu em um *tsunami* de *pixels* e *bytes* do tamanho de um continente.

O vídeo se espalhou como uma pandemia, causando comoção em todo o mundo. A história foi passada adiante por meio de *blogs*, mensagens instantâneas e *e-mails*. A cada vez que era recontada, também era aumentada, até que aparentemente o planeta estivesse correndo o risco de ser devastado a qualquer momento por russos malucos e sedentos de sangue.

Três dias após a triste declaração de Konstantin, o mundo ecoava seu nome. Logo metade da população mundial, inclusive aqueles que não tinham a menor ideia de quem era o presidente dos EUA ou o papa, sabia tudo sobre o russo morto.

A história foi aproveitada por jornais menores, então o The New York Times, o The Wall Street Journal e outros veículos proeminentes foram tomados pelo frenesi, ainda que por nenhum outro motivo além do fato de que todos estavam falando sobre aquele assunto.

A partir daí, a história chegou ao circuito televisivo com todas as emissoras – do Channel One, na Alemanha, à BBC, ABC News, CNN e à

TV controlada pelo governo chinês – anunciando um possível novo apocalipse.

Com isso, a história ficou tão firmemente plantada na mente, alma e consciência coletiva do mundo que ninguém se importava com mais nada. O grito de ordem "Lembrem-se de Konstantin" foi ouvido dos lábios de pessoas em todos os continentes.

Após ler estes textos, tente responder. Caso seu livro chegasse às mãos de um editor HOJE...

- Quantas linhas ele teria de ler para perceber a VOZ de seu texto?
- Esta voz é CONSISTENTE durante toda a sua trama?
- Esta voz evolui?
- Como você construiu esta evolução?
- Quais mudanças internas e externas em seus personagens marcam/sugerem essa evolução?

Se você quer ter uma verdadeira chance de publicação comercial, então escreva um texto com uma voz SINGULAR. A beleza estará nos DETALHES!

E não se esqueça de outro ponto muito importante: literatura, storytelling, a escrita criativa em si é arte. É fundamental que você experimente, não tenha medo de errar e refazer.

Como se preparar para a próxima lição

Reflita brevemente sobre essas questões:

1. Seria possível ensinar sensibilidade artística, uma das qualidades essenciais para o autor de textos literários? Ou

ensinar inspiração para quem quiser escrever um livro de autodesenvolvimento? Entretanto, não é isso o que livros como esse e oficinas de escrita oferecem?

2. O que você imagina que seja a habilidade técnica para repensar e reescrever os primeiros rascunhos de um texto para que ele expresse certas ideias com mais precisão e impacto?
3. Eis uma definição de Literatura:

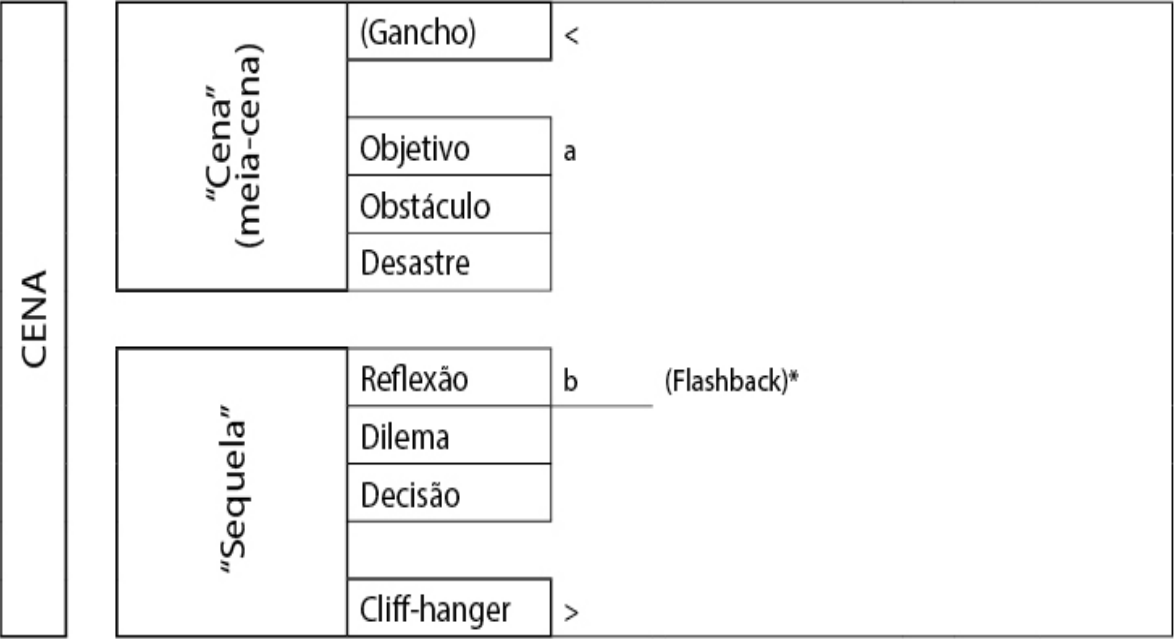
   Literatura é arte. Teve início quando os seres humanos registraram desenhos e escritas rupestres nas paredes das cavernas para criar representações do mundo e da própria vida. Desde então, foram surgindo muitas manifestações artísticas a fim de (re)construir os mundos real e ficcional, registrar e representar nossa cultura e nossa história.

Você concorda?

Como VOCÊ define literatura?

Para mim,...

4. Na sua opinião, qual o ofício do autor?
5. E os instrumentos?

Estrutura das cenas

Macroestrutura

Microestrutura

Ação/motivação
Reação/consequência

a Pode estar implícito ou diluído nos demais elementos.

b Pode estar implícito ou diluído nos demais elementos.

Nota: normalmente, 70% ou mais no elemento seguinte.

Escrever é reescrever...

Até agora, se você seguiu as instruções, a sua história já deve fazer sentido. Entretanto, para termos uma CENA VIÁVEL, precisamos, agora, reordenar as nossas ideias. Há diversas formas de estruturar uma cena, esta é a mais usual.

Um pouquinho de teoria:

Imagine que você é um diretor de cinema. Se tivesse de filmar a sua história, conseguiria sublinhar no seu texto aquilo que FILMARIA? Observe que normalmente não há como filmar por dentro dos personagens, só podemos filmar as ações exteriores e as consequências exteriores das emoções interiores.

Na prática...

Em cinco minutos, liste uma das ou um conjunto de ações exteriores, isto é, detalhes da sua história que possam ser FILMADOS, digamos, com a sua filmadora caseira.

____

____

____

Agora, separe os seguintes elementos:

- O que o seu personagem deseja que ocorra na cena ou quer evitar?

- O que, ou quais eventos, pessoas, coisas o atrapalham?

Nesta série de obstáculos, qual (único) evento foi a gota que fez transbordar o balde?

____

____

____

____

Agora, crie uma frase instigante que puxe/empurre o leitor a ter interesse em ler o que você planeja escrever.

____

____

____

____

O resultado se enquadrará no esquema a seguir:

Agora, logo após o balde ter transbordado, o personagem fechou os olhos e ficou PENSANDO. Ou seja, desligamos a câmera e levamos a ação para dentro de seu personagem.

Muito bem. Separe os seguintes elementos de sua história:

- Como o personagem se sente quanto ao BALDE TRANSBORDADO?
- Há algo, quanto aos obstáculos, às dificuldades que levaram a última gota a pingar no balde e transbordá-lo, que só agora ele se dá conta?
- Então, o que vai acontecer? Se acontecer (A) o personagem terá de... mas se acontecer (B) o personagem terá de...

Qual será/seria o melhor caminho a seguir? A quem escutar? O que fazer? POIS BEM... a ESCOLHA será...

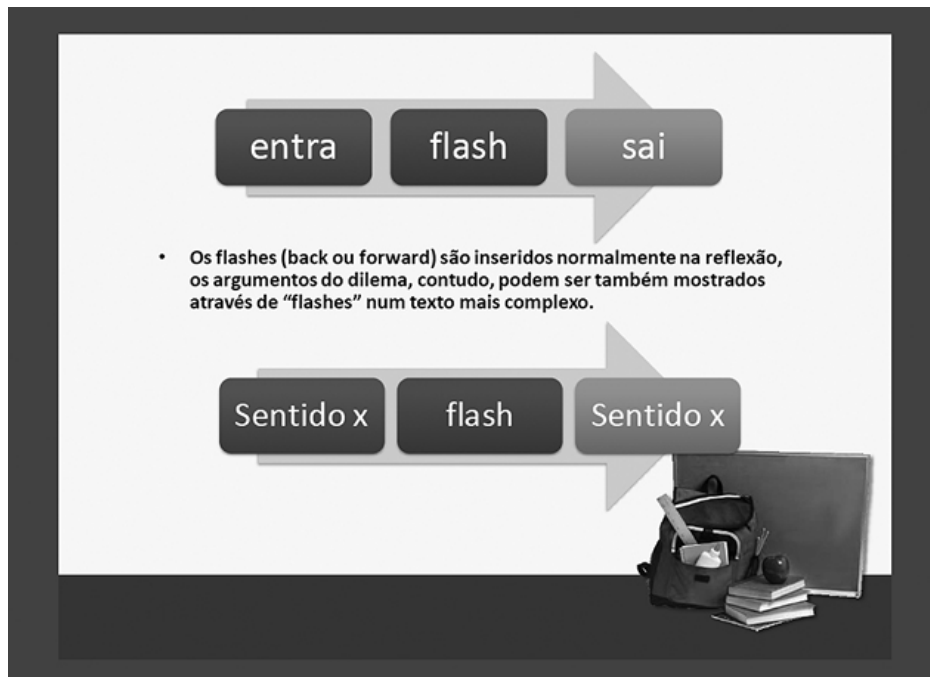
OU

Próxima cena...

Volte a olhar o esquema anterior. Lembre-se de que um gancho proporcionado pela cena anterior dá origem a uma nova cena. Sendo assim, com vista no que acabou de acontecer em sua história, qual será o objetivo de sua próxima cena?

O resultado se enquadrará no esquema a seguir:

O personagem pode também reviver uma cena do passado ou imaginar uma cena futura (*flashes*). Use o esquema a seguir para

encaixar a cena "*flash*" (*back/forward*):

Filtros da cena

Um pouquinho de teoria:

São parâmetros básicos pelos quais podemos "filtrar" (burilar) a nossa cena.

A cena sempre:

- Ocorre por meio dos filtros emocionais dos personagens (ou do narrador, se este for o personagem);
- É vista de fora: visão, audição, tato, paladar e cheiro;
- Sentida por fora;
- É aqui e agora;
- Acontece do meio do "palco" para frente.

A sequela sempre:

- É vista por dentro;
- Mostra as consequências do desastre recentemente experimentado na cena ao mais profundo sentimento;
- É narrada;
- Ocorre por meio dos filtros emocionais dos personagens (ou do narrador, se este for o personagem);
- Mostra o então e o porvir;
- Acontece do meio do "palco" para trás, englobando emoções, sonhos, plano.

Agora retome sua cena e, com base no que já viu, reagrupe, em seu caderno ou no seu arquivo, as sequências que formam os elementos.

Há também outros "filtros", entre os quais, escolher a forma COMO sua cena aparecerá na sua história, que efeito ela pretende provocar. Muito possivelmente, na versão que você já escreveu, optou por uma VOZ objetiva.

Voz objetiva: É quando o narrador apenas MOSTRA a história, sem descrever ou comentar nada sobre o mundo dos personagens, procurando apenas registrar acontecimentos, sem interpretá-los.

Quando desejamos que a audiência interprete, sinta, experimente a voz, há alguns truquezinhos de criação de voz que vou passar a seguir. Pois, tal como na realidade, na ficção ou nos livros de não ficção, como este, o autor tem de escolher uma voz que será expressa pelas palavras e pela gramática – léxico e sintaxe, para quem gosta de palavras difíceis.

Por exemplo, para produzir o exercício deste livro, respondi para mim mesmo as seguintes questões antes de iniciar a escrita:

- Qual é o vocabulário do seu *personagem*? (Neste caso, listei as expressões que uso com frequência, já que este livro é uma conversa

minha com o leitor. Daí você encontrar muito as expressões “pois bem”, “então”, “daí” etc.)

- Qual o *nível educacional* do personagem? (Perceberam que este livro está looooooonge de ser o texto de uma tese).
- Qual a cultura em que se enquadra sua narrativa? (Neste caso, embora eu more na Escócia, tentei inserir o texto na cultura luso-brasileira, mas deixei passar o modo direto e cáustico do escocês falar e ver o mundo).
- Há influências regionais no seu discurso? (Eu me sinto mais confortável escrevendo em português agauchado, referência do espaço em que eu vivi e trabalhei. Mas há muito do jeito lisboeta, onde hoje moro e trabalho parte do meu tempo).
- A gíria ou a cultura *pop* fazem parte de seus padrões de fala? (Evitei usar jargões como forma de distinguir a voz do personagem).
- Qual a idade de seu personagem? (Estou ciente da lacuna de geração que há entre eu, com 60 anos, e os leitores bem mais jovens. Mesmo assim, optei por uma idade um tanto neutra, entre 40 e 60).
- Seu personagem é de outro país? (É, e não escondo. As escolhas de expressões, a construção de frases mais diretas e algumas expressões em inglês indicam de onde sou. Contudo, como escritor, tenho familiaridade com nuances de uma região particular do Brasil – o Sul – e de Portugal – o Centro. Mas decidi não obter ajuda do Google ou de dicionários para construir frases intelectualoides só para “me mostrar”. O texto ficou, portanto, numa voz *fusion*, como nos restaurantes chiques de Lisboa.)
- De qual gênero é o personagem? (O gênero pode desempenhar um papel importante na diferenciação da narrativa: é masculino, neste livro, mas evitei clichês, tentei criar um indivíduo único).

Então, de posse desta informação, continuemos a conversar sobre os tipos de voz.

A voz do personagem (EU/ELE) é quando o narrador é um dos ou o personagem que conta a história para o leitor. Ele poderá integrar o enredo, ter contato com outros personagens ou simplesmente assumir uma postura de distanciamento em relação à trama. Temos a voz *duvidosa, em que* o autor se vale de um narrador com pouca ou nenhuma credibilidade, no intuito de passar ao leitor um senso de descrença, suspeita ou mistério sobre o que se deve considerar verdadeiro ou não na história.

E, claro, as mais antigas, como a v*oz epistolar,* quando o autor utiliza uma série de cartas e outros documentos para contar uma história; e a *voz onisciente,* em que o narrador não participa da história, mas tem o conhecimento de todos os fatos, incluindo o que pensam e sentem os personagens.

Parece complicado escolher UMA só voz no seu primeiro livro. Nos seus livros posteriores, você pode estudar mais sobre o efeito da voz na narração e testar novas formas de se expressar. Aqui vai um conselho que vale esse nosso papo: MENOS É MAIS!!

Espero que você esteja acompanhando até aqui. No próximo capítulo, você vai aprender a compor a versão final do seu *best-seller*. Passo a passo a gente chega lá!

Versão final

Chegou o momento de turbinar o texto, antes de publicá-lo. Após a conversa, no capítulo anterior, a respeito da VOZ, leia os textos adiante e complete os exercícios.

Vamos começar com algo bem simples. Observe a seguir a mesma fala em vozes diferentes:

1. Olha, tchê, tu sabes que tudo vai ser divino se ele te levar pra comer no MacDoni.
2. Bem sabes que tudo será divino se o gajo te levar a jantar, mesmo que a um restaurante popular.
3. Você bem sabe que tudo será divino se ele a convidar a jantar, nem que seja no McDonald's.
4. Jantar no McDonald's, eu, heim! Di-vi-no. Para você, claro, não é, meu amorrr.

Tente associar a voz ao tom do personagem (as opções estão fora de ordem!):

( ) Lisboeta

( ) Gaúcho.

( ) Travesti carioca

( ) Paulista educado

O que mais você diria a respeito da voz número:

1: ________________________

2: ________________________

3: ________________________

4: ________________________

Agora que você já praticou um pouco, leia os textos a seguir. Todos são de autores consagrados, que já venderam pelo menos meio milhão de cópias.

Examine atentamente cada texto e responda as perguntas que virão na sequência.

TEXTO UM

(M Keys, *Melancia*)

Quinze de fevereiro é um dia muito especial para mim. É o dia em que dei à luz meu primeiro filho. E também o dia em que meu marido me deixou. Como ele esteve presente ao parto, só posso supor que os dois acontecimentos tiveram alguma relação entre si. Eu sabia que deveria ter seguido meus instintos. Era a favor do papel clássico, ou, digamos, tradicional, que o pai desempenha no nascimento dos seus filhos. Que é o seguinte: tranque-o num corredor do lado de fora da sala de parto. Não deixe que entre, em momento algum. Dê-lhe quarenta cigarros e um isqueiro. Instrua-o a caminhar até o fim do corredor. Quando chegar a essa feliz posição, instrua-o a dar a volta e retornar ao local de onde veio. Repita, se necessário. A conversa deve ser reduzida. Tem permissão para trocar algumas palavras com qualquer outro pai em perspectiva caminhando ao seu lado.

"Meu primeiro" (sorriso amarelo).

"Parabéns... meu terceiro" (sorriso pesaroso).

"Mandou brasa" (sorriso forçado – ele está tentando sugerir que é mais viril do que eu).

A essa altura, os sentimentos tendem a se exacerbar. Ou eles têm permissão para se jogar em cima de qualquer médico que saia exausto da sala de parto, coberto de sangue até os cotovelos e arquejar: "Alguma notícia, doutor???". Ao que o médico poderá responder: "Ah, meu Deus, não, cara! Está com uma dilatação de apenas três centímetros". E seu marido fará um sinal afirmativo com a cabeça, como se entendesse tudo, embora não entenda nada além do fato de que ainda há um bocado de vai e vens pela frente. Ele também tem permissão para deixar um espasmo de angústia passar por seu rosto, ao ouvir as agonias de sua amada lá dentro. E quando tudo termina, mãe e filho estão limpos: a mãe, com uma camisola imaculada, está recostada em travesseiros rendados, com um ar exausto, mas feliz, e o bebê perfeito está mamando; então, e apenas então o pai deve ter permissão para entrar.

Mas não, cedi à pressão das colegas e concordei em agir de uma maneira inteiramente *New Age* a respeito do assunto. Só posso dizer que as dúvidas foram muitas. Quero dizer que não desejava nenhuma de minhas amigas íntimas e nem parentes na remoção... digamos... do meu apêndice. Humilhante! A pessoa fica numa situação de tamanha desvantagem. Todas aquelas pessoas olhando-a, reparando em lugares que você mesma nunca viu, nem sequer com um espelho. Eu não sabia como era o aspecto do meu intestino grosso. E, como prova do que digo, não sabia como era o aspecto do colo do meu útero. Nem queria saber. Mas metade do pessoal do Hospital St. Michael, sim. Senti-me em grande desvantagem. Assim, não estava fazendo justiça a mim mesma. Em poucas palavras, eu não estava com a minha melhor aparência. Como digo, uma coisa bastante humilhante. Eu vira na televisão, uma porção de motoristas de caminhão, machistas, que mal sabiam se expressar, com lágrimas nos olhos, a voz embargada, esforçando-se para nos dizer que estar presente no nascimento do seu filho fora a coisa mais pr...pro... prof.. funda que já acontecera com eles! Histórias sobre atléticos jogadores de futebol americano, entornadores de cerveja, que convidaram a equipe inteira para fazer uma visita e assistir ao vídeo da mulher deles parindo. Mas, novamente, a gente fica imaginando seus motivos. De qualquer jeito, James e eu ficamos muito emocionados com relação ao parto e decidimos que ele deveria estar presente. E esta é a história de como ele estava lá, na sala de parto. A história do motivo pelo qual ele me abandonou, e como o fez... é um pouquinho mais longa.

TEXTO DOIS

(James Patterson, *Private*)

De acordo com minhas lembranças compreensivelmente prejudicadas, a primeira vez que morri foi mais ou menos assim: os

morteiros explodiam à minha volta, produzindo o que parecia uma chuva de lâminas de barbear. Eu carregava nos ombros o cabo da Marinha Danny Young. Eu adorava aquele cara. Era o soldado mais corajoso ao lado do qual eu já havia lutado, divertido como nenhum outro e, acima de tudo, cheio de esperança – a esposa o esperava, no Texas, grávida do quarto filho do casal. O sangue de Danny encharcava meu uniforme, respingando nas botas como água saindo de um cano furado.

Eu corria pelo terreno rochoso no escuro.

– Peguei você – falei para Danny, com a voz abafada. – Continue comigo, está ouvindo?

A alguns metros do helicóptero, eu o pus no chão. De repente, houve uma explosão violenta, como se o solo se abrisse à nossa volta. Senti um forte impacto no peito e esse foi o fim.

Morri. Passei para o outro lado. Nem sei quanto tempo fiquei desacordado.

Mais tarde, Del Rio me contou que meu coração havia parado.

Só me lembro da dor, de flutuar para a luz e do cheiro horrível de combustível de aviação.

Abri os olhos e vi o rosto de Del Rio perto do meu, suas mãos pressionando meu peito. Ele ria e chorava ao mesmo tempo.

– Jack, seu filho da mãe, você voltou – disse ele.

Uma densa cortina de fumaça preta nos cercava. Danny Young estava deitado ao meu lado, as pernas dobradas em ângulos estranhos. Atrás de Del Rio estava o helicóptero, ardendo em chamas vibrantes, prestes a explodir.

Meus companheiros ainda estavam lá. Meus amigos. Homens que arriscaram a vida por mim. Quase sufocando, consegui dizer algumas palavras:

– Temos que tirá-los de lá.

Del Rio fez o que podia para me deter, mas consegui acertar uma cotovelada em seu queixo, fazendo-o cair para trás. Comecei a correr para o pássaro de metal cuja pele de magnésio pegava fogo.

Havia fuzileiros navais lá dentro e eu precisava salvá-los.

TEXTO TRÊS

(Nora Roberts, *Mais uma vez com ternura*)

Enquanto a observava a distância, ele pensava que ela não mudara nada naqueles cinco anos. O tempo, ao que parecia, não correra nem se arrastara; mantivera-se simplesmente inalterado, para ela.

Kate Williams era uma mulher pequena e esbelta, de gestos rápidos e nervosos que a tornavam inexplicavelmente atraente. Trazia no corpo o bronzeado dourado do sol da Califórnia; aos vinte e cinco anos, sua pele era macia e fresca como a de uma criança. Não porque se preocupasse com ela. Cuidava do corpo apenas quando se lembrava, mas ninguém diria isso. Os cabelos longos eram negros e fortes e ela costumava usá-los sempre soltos, as pontas quase tocando-lhe a cintura.

O rosto era o de uma fada, com maçãs bem definidas e queixo levemente pronunciado. Sabia sorrir com a boca e com os olhos que, redondos e acinzentados, deixavam transparecer todas as suas emoções.

Talvez por isso, e também por possuir uma voz macia e melancólica, fizesse tanto sucesso junto ao público.

Kate nunca se sentia à vontade no estúdio de gravação. Seis anos haviam-se passado desde que lançara o primeiro disco, mas ainda experimentava uma sensação de desconforto sempre que era obrigada a isolar-se entre aquelas paredes de vidro à prova de som. Nascera para o palco, para as apresentações ao vivo. Uma comunicação mágica, uma troca fantástica de energias e de vibrações estabelecia-se entre ela e a plateia, num êxtase que se renovava e crescia a cada interpretação.

Enquanto profissional, não podia prescindir das gravações, mas eram os *shows* que a realizavam como artista. Entretanto, sempre que se enfiava durante horas num estúdio, exigia que o resultado fosse perfeito. Da qualidade, Kate não abria mão. E, para chegar a isso, trabalhava arduamente. Como agora, por exemplo.

Com o fone de ouvido, ela acompanhava atentamente o *playback*. A música estava boa, mas havia qualquer coisa que... Não sabia dizer ao certo, mas a gravação poderia ter saído melhor. Fez sinal aos engenheiros de som para que parassem o *playback*.

– Marc?

Um rapaz de cabelos ruivos, com o físico de um lutador de boxe, entrou na cabine.

– Problemas? – perguntou, tocando o ombro de Kate.

– O último número está um pouco... – procurou a palavra exata –... vazio. O que você acha?

Respeitava Marc Ridgely como músico e dependia dele como amigo.

Era um homem de poucas palavras e, além da música, tinha paixão por filmes de *western*.

Marc coçou a barba por alguns segundos, num gesto que lhe era característico e que dispensava palavras inúteis. Foi direto ao ponto:

– Tente de novo. A parte instrumental está perfeita.

Kate riu, produzindo um som tão quente e rico quanto as suas melodias.

– Cruel, porém sincero – murmurou, tornando a ajustar o fone de ouvido. Aproximou-se do microfone. – Um novo vocal para *Love and Lose*, por favor – solicitou aos engenheiros. – A grande autoridade no assunto acaba de dizer que a falha é da cantora e não dos músicos.

Viu Marc sorrir, mas, logo em seguida, fechou os olhos para mergulhar na canção que reiniciava. Uma balada lenta e triste, adequada ao timbre da sua voz e às suas características de intérprete. A letra era

dela, como tantas que havia composto anos atrás. Só recentemente tivera coragem para trazê-las a público.

Aos seus ouvidos chegavam as primeiras notas, num arranjo que ela mesma produzira. No exato instante em que acrescentou a voz, Kate descobriu o que havia saído errado: ela não se soltara o suficiente antes.

A música fluía, mas agora as palavras saíam carregadas de emoção, como se aquele lamento viesse do fundo da sua alma. Contagiada pela própria interpretação, Kate sentiu renascer a dor que julgara enterrada há anos. Soltou ainda mais a voz, único meio de aliviar a angústia que subitamente se abatera sobre ela.

Final de gravação. Silêncio total. Todos os olhares convergiram para a intérprete, que, ainda atordoada, não se deu conta da admiração dos companheiros. Exausta, tirou o fone de ouvido, subitamente consciente da pressão exercida em torno de sua cabeça.

– Tudo bem? – Marc entrou na cabine e apoiou a mão no ombro da amiga. Sentia-a tremer ligeiramente.

– Tudo bem. – Kate pressionou os dedos na testa e sorriu, surpresa. – Acho que me envolvi demais.

Marc inclinou a cabeça e, numa demonstração de afeto surpreendente para um homem tímido, beijou-lhe a testa.

– Você foi fantástica.

Ela sorriu, comovida.

– Obrigada. Eu estava precisando disso.

– Do beijo ou do elogio?

– Dos dois. – Alargou o sorriso e jogou os cabelos para trás com um movimento de cabeça. – Os artistas precisam da admiração dos outros, você sabe.

– Artista? Onde? – caçoou um dos vocalistas.

TEXTO QUATRO

(Elizabeth Scott, *Bloom*)

Acho que eu tinha a esperança de que uma espécie de milagre fosse acontecer. Não que eu quisesse alguém para me dizer que eu tinha um cabelo liso perfeito, nem nada. Eu só não queria pegar uma aula ruim. Isso era pedir muito? Com as unhas perfeitamente polidas, apontei para o horário de minhas aulas.

– Eu lhe disse... – A voz de Karen soava preocupada.

Olhei para ela, afastando a vista da minha lista de horários, ainda pensando na tal aula estúpida, maldição. Sorri para mostrar que eu estava bem.

– Lauren – ela chamou. Dei de ombros e dobrei meu horário até deixá-lo bem pequeno. Ainda conseguia, no entanto, ver o "M" de História Mundial. Suspirei e joguei o papel na bolsa, perguntei-lhe: – Quantas aulas com o Marcus?

– Nenhuma. Pensei que poderíamos ter uma, mas... – Enquanto ela continuava a falar, olhei-a de soslaio. Como sempre, parecia ter saído de uma revista de moda. Isto porque ela se levantava às quatro e quarenta e cinco toda manhã. Não sei como conseguia. Só de pensar em acordar tão cedo, já fico com sono.

– *Mm* – retruquei, porque era a única coisa que precisava dizer. Perguntar sobre o Marcus garantia, ao menos, cinco minutos sem eu ter que fazer nada além de assentir e emitir ruídos vagos de concordância. Karen estava saindo com Marcus há seis meses, e ele se tornara o seu mundo. Quando a gente se encontrava, costumava falar interminavelmente sobre como seriam nossos namorados e o que a gente faria quando arrumasse um; hoje, que realmente temos namorados, percebo que, sem eles, tínhamos muito assunto, agora não temos nada em comum. E isso era uma droga porque Karen era minha melhor amiga.

Eu tinha uma amiga. Oh, Deus, a melhor, até a nona série, e era realmente honesta. Chamava-se Jane, mas logo se foi, para longe. Assim que se mudou, ainda conversávamos muito e tudo parecia igual, embora não fosse, daí a verdade é que começamos a conversar cada vez menos, e quando ela falava de pessoas que eu não conhecia, isso me afastava ainda mais. Eu até tentava dar um jeito nas coisas e responder, mas antes que me desse conta, o assunto morria, e a única coisa que eu tinha era meu trabalho voluntário na biblioteca. Para se formar, você tem que fazer serviço comunitário e, embora a maioria só fizesse isso no último minuto, Jane e eu já tínhamos planejado tudo antes que ela fosse embora. Passei o verão entre livros; ali estava eu, com os livros da estante, mostrando às pessoas como usar os terminais de internet.

Foi assim que conheci Karen. Eu já a tinha visto algumas vezes – mas nunca falado com ela – que era mais popular, bem não muito mais que eu, mas o suficiente para ser quase inadmissível lhe dirigir a palavra. Então começou a trabalhar na biblioteca, nas estantes de livros, onde ficávamos juntas todos os dias. Uma tarde, ela só me olhou fixamente e disse odiar a biblioteca, falei que também, mas a verdade é que me encantava. Os livros me encantavam. Gosto da hora que você abre um livro e pode se fundir nele e escapar do mundo, em uma história bem mais interessante do que a sua própria. Mas percebi que Karen não era o tipo de pessoa que falava de coisas assim, então, em vez disso, perguntei-lhe sobre seus esmaltes.

Ok. Chegou a hora de responder as perguntas:

- O que fez do princípio do texto um início interessante?
- Você conseguiria distinguir pelo menos quatro características da "voz" de cada texto?

- Como o autor obteve este efeito? Se você fotocopiar estas páginas, poderá sublinhar as palavras, expressões e fazer anotações diretamente no texto.
- A quem cada texto se destina? Quais palavras ou expressões indicariam a um editor/agente o seu público-alvo?
- Quanto, você imagina, seria o preço de mercado de cada texto?
- Se você fosse o editor, em qual texto investiria e por quê?

Vamos a mais alguns TRUQUES SIMPLES para triplicar as sensações que o texto poderá gerar no leitor? Sobretudo no primeiro, claro, que será um agente ou um editor. Vamos começar com um exercício bem simples.

Transcreva em seu caderno/arquivo ou tenha consigo um texto seu e que pretenda submeter à publicação comercial (*i. e.*, a editora vai pagar para publicar seu livro!). Se você ainda não escreveu algo, aproveite e escreva agora.

Abra seu texto e comece a examiná-lo. Você vai dar início à turbinação. Lembre-se de que o texto é turbinado passo a passo...

Prepare-se. Você será convidado a reescrevê-lo. "Escrever é reescrever". Portanto, é imperativo que reserve um tempo para examinar seu texto, incorporar os critérios e reescrevê-lo.

- PRIMEIRO CRITÉRIO: não se considere intelectual demais! Sempre imprima à sua trama, na medida do possível, uma linguagem que todos entendam. Simplifique a estrutura. Não canso de repetir. Lembra que já falei antes? Menos é mais!!!!! Assim, utilize apenas o suficiente para contar sua história. Jamais escreva para se mostrar, e sim para passar uma mensagem ao leitor, da forma mais clara e simples possível.
- SEGUNDO CRITÉRIO: não use a "realidade tal como ela é". Ou seja, evite descrever o nascer/pôr do sol; usar "pessoas reais" na trama; utilizar gente "fraca" na trama – gente com quem nada acontece, ou se

acontece nada faz para superar o obstáculo –; assustar-se com problemas/conflitos; ficar "esquentando a máquina". Além disso, jamais permita que algo aconteça sem uma razão, e tudo também deve ocorrer de forma bem clara. Nunca se esqueça da regra: "motivação/comportamento"; "estímulo/resposta"; "causa/efeito"; "ação/reação".

- Terceiro critério: não se esqueça do ponto de vista. Lembre-se sempre: de quem é o protagonista da cena; do ponto de vista pelo qual a cena está sendo narrada (mostrada e evidenciada). Evite "entrar na história"– a não ser que seja a sua própria história, ninguém quer saber o que o autor acha a respeito do que está acontecendo, ninguém quer saber o que o autor sabe ou diz que sabe sobre a história. O leitor quer saber do personagem; jamais dê "sermão" no leitor – ou seja, diga o que ele deve ou não fazer. Livro não é, ou não precisa ser, uma oportunidade de pregação moral ou "a frente de uma sala de aula" do século 19; deixe as falas bem claras – leitor quer compreender o que se passa para poder refletir e tirar as suas próprias conclusões.
- Quarto critério: não tenha vergonha de ser óbvio; de usar o termo "disse"; de não saber tudo (para isso há editor); de planejar a cena antes de escrever; de mostrar os seus sentimentos; do que sua mãe vai pensar; das suas ideias para enredos; dos primeiros rascunhos; de ser profundamente editado.
- Quinto critério: jamais critique a si mesmo além do necessário; tenha preguiça de revisar; crie uma cena sem precedentes (nada poderá "cair de paraquedas na cena"); mostre o que escreve para quem não entende do assunto; descarte ideias e complicações para suas histórias.

E agora o seu texto está pronto... para ser editado. Ou seja, você tem em mãos uma VERSÃO ZERO.

Então o jeito é escrever, escrever, escrever. Porque, e isso é essencial ter em mente, sua versão "zero" não é a que você vai publicar. E não adianta chorar, pois o caminho é um só: CORTE, CORTE, CORTE – toda trama pode perder 20, 30, 40% de seu conteúdo.

Volte à sua versão zero e analise mais uma vez. Levando em conta tudo que aprendeu sobre os elementos que compõem uma cena, pode dizer que cada uma de suas cenas é viável?

Se for necessário, reordene o texto para os elementos ficarem explícitos. Após esta etapa, claro, ainda vai precisar burilar o texto.

Cuide que, entre uma emoção e outra, seu texto tenha sempre uma TRANSIÇÃO EMOCIONAL. Mesmo quando a gente "estoura", é porque alguém já vinha torrando nossa paciência. NADA em uma trama acontece por acaso!

Depois de burilar, que também chamos de turbinar, o seu texto, finalmente você vai chegar na versão um. Mantenha sempre em seu computador/caderno as várias versões que produzir, para compará-las e ter uma ideia do processo como um todo. É preciso ter coragem e persistência, é preciso ter olho para o detalhe.

Aqui, seguem exemplos de coragem e persistência de dois dos meus autores, a quem prestei consultoria para que escrevessem o primeiro romance com intuito de publicação comercial, a Ana Santana e o Arnaldo Devianna. Os textos são exemplos de primeiras tentativas em escrever um romance dentro de padrões aceitáveis. Observem a primeira versão, alguns dos meus comentários e a versão final. Ambos responderam bem e refizeram o texto. Ou seja, não tiveram medo – nem preguiça, devo acrescentar – de repensar, estudar e reescrever.

Ana Santana, Terras dos encantados – A jornada do círculo

(Versão inicial já comentada)

Nina quase podia sentir *(Aqui o verbo SENTIR está adequadamente usado, pois faz parte de uma expressão idiomática – sublinhada)* a emoção dele, mas aquele lugar lhe dava arrepios. Sentia que alguém os espreitava. *(SENTIR é uma palavra fraca, a personagem é naturalmente ciente, apenas MOSTRA o que ela sente, não há necessidade de redundância)*. De onde? A montanha parecia uma muralha de ferro, estendendo-se a leste, oeste, encobrindo o próprio sol. *(Lê com cuidado o fluxo de pensamento, tenho a impressão de que a unidade dramática está desnecessariamente separada)*.

(Versão definitiva)

Nina quase podia sentir a emoção dele, mas aquele lugar lhe dava arrepios. Alguém os espreitava. De onde? A montanha parecia uma muralha de ferro, encobrindo o próprio sol.

Aqui temos *A minha turma é demais*, de Arnaldo Devianna.

Este já é o segundo livro do Arnaldo, então ele conhece os truques, basta indicar a ele que edite e o Arnaldo, um autor que se profissionalizou, sabe editar sozinho.

Arnaldo Devianna, A minha turma é demais

(Versão inicial)

Léo saiu correndo e parou num banco da praça em frente à escola. Ângela, sua mãe, prometera buscá-lo naquele dia. Então, o jeito era esperar. De quando em quando, vigiava à sua volta a procura de Metralha. Mas nem sinal do garoto-problema. Talvez nem estivesse falando dele...

Por que que a gente tem que mudar de cidade, de escola, de casa? Por que que o pai da gente, que a gente gosta tanto, precisa ir trabalhar no estrangeiro? E por que ele tem que ficar tanto tempo sem se comunicar? Puxa! Nem um *e-mail*, um torpedo ou uma carta... E minha mãe que não chega. – Ele abria e fechava os punhos, ora coçava os cabelos com força.

(*O comentário foi apenas que editasse a cena para que ela tivesse mais vida, para que o leitor se deleitasse mais ao lê-la.*)

(Versão turbinada)

Léo passou voando pelo portãozinho lateral dos professores, cruzou a rua, tapou o rosto, flexionou os joelhos e se escondeu entre os outros alunos que aguardavam o ônibus na calçada oposta. Como lutaria sozinho contra três? Seria suicídio na certa.

Conferiu o entorno. A rota de fuga mais rápida para casa passava bem no meio da praça em frente à escola, em campo aberto. Não teria a menor chance de usar aquele caminho sem ser visto. Abaixou-se um pouco.

O ar cheirava a diesel queimado.

Mordeu a ponta do dedo, massageou a testa. Preferiu avançar pela mesma calçada, mas a dor, no local do murro que tomara há pouco no pátio da escola, ainda embaralhava seus passos. Não conseguiria fugir por muito tempo.

Rigorosamente, não há certo ou errado, mas os exemplos mostram que temos de trabalhar para conseguir o melhor texto possível. Aquele com muita arresta a ser aparada, muito a ser editado, raramente tornar-se-á um *best-seller*. Espero que não só a Ana, que hoje se tornou revisora, e o Arnaldo, que publicou comercialmente o seu primeiro livro e agora

vai para o segundo com o terceiro em andamento, você também partilhe da determinação deles. Como disse, digo e sempre direi: escrever é reescrever.

Tal como eles, tenha sempre na sua mente essas questões essenciais:

- Como turbinar a sua história?
- Como publicar e vendê-la?

Se responder da forma mais adequada cada uma delas, só haverá uma conclusão para sua jornada na direção do *best-seller*: VEJO VOCÊ NUMA LIVRARIA.

Mas como posso ter certeza de que o que escrevo terá futuro?

Então, agora, no ocaso da nossa conversa, dedico o que se segue a quem me pergunta: “James querido, será que o que eu escrevo terá audiência?

Eis uma boa pergunta! Vale lembra, claro, que toda produção literária, já que é arte, está integrada a um tempo, uma cultura, histórias e tradições e, por isso, a obra pode ser considerada um exemplar da expressão de sua época, de sua cultura. Você não escreve para ONTEM, mas para AMANHÃ.

Há, então, algumas respostas ou considerações e, depois, prometo algumas dicas.

Primeiro papinho para responder a esta questão

Bem, se você é um palestrante famoso – famoso mesmo, daqueles que se olham no espelho e se deslumbram com a famosa imagem refletida –, é fácil saber o que escrever (ou mandar escrever). Tenho certeza de que Tony Robbins não me faria esta pergunta. Ele se olha no espelho ou conversa com os assessores e sabe, ou eles sabem, MUITO BEM OBRIGADO, o que os fãs querem ler naquele momento.

Deve ter, inclusive, editoras que já sondaram e enviaram convites para que escreva sobre determinado assunto. Mas não precisamos ser o Tony para também receber convites, já que cerca de 80% dos livros de autoajuda, autodesenvolvimento, inspiracionais, religiosos, técnicos ou semitécnicos, como este, são frutos do convite de uma editora.

Por exemplo, o meu editor, sabendo que vários palestrantes são aconselhados a escrever um livro com a finalidade de autopromoção ou promoção do seu trabalho – ou de um determinado aspecto do mesmo –, convidou-me a escrever um livro que ajudasse esses profissionais a entenderem melhor o processo.

Portanto, para quem não foi convidado a escrever nada, a sugestão seria, como se dizia quando comecei nesta profissão, "bater perninhas" em eventos editoriais para que os editores saibam que você é bem-sucedido no que faz e poderá, portanto, produzir um livro sobre "determinado assunto" com certo grau de autoridade. Aí você será convidado.

Agora, não adianta se oferecer. Editor não é burro, normalmente são empresários espertíssimos que conhecem bem o mercado. Se ele QUISER PUBLICAR um livro seu, ele vai contatar você, nem precisa trocar cartões! Digo isto porque é assim que se desenrola esse processo em boa parte do que chamamos "indústria do livro". E é assim com a maioria dos profissionais que conheço, é comigo e com muitos dos meus amigos.

Eu mesmo conheci o editor deste livro em um dos meus eventos. Ele era um dos participantes e eu nem sabia que era proprietário de uma

editora. Logo depois, ele se interessou por catorze dos meus autores e iniciou um projeto em parceria com meu estúdio. Meses depois, pelas razões já expostas, me convidou a produzir este livro. Fui convidado porque sou uma gracinha no palco, tenho uma barriguinha sarada ou paguei para ele me publicar?

Não. Não. Não.

Razões para o convite:

1. Tem gente querendo pagar para ler o que escrevo e espera-se que o leitor, depois desta conversa comigo por meio deste livro, seja capaz de produzir a sua própria obra, com alguém que também desejará pagar para lê-lo, o que fará a editora publicá-lo. Ou seja, a editora está semeando um grão de milho para colher várias espigas.
2. O editor sabia do meu *expertise* no assunto. Claro que tive a sorte de estar no lugar certo, na hora certa; o que sempre faço: manter-me em evidência e, se estou ministrando um treinamento ou formação, dou o meu melhor. Até porque me orgulho do fato de ser remunerado de acordo com o que creio merecer, equivalendo, em muitos casos, a dez vezes mais que a "concorrência".

   (Nota: Tony Robbins cobra milhares de vezes mais que a concorrência! Porque, quanto a sermos bem ou mal remunerados por nosso trabalho, o pior inimigo somos nós mesmos ou a nossa ignorância sobre o assunto com o qual lidamos.)
3. O editor tem a possibilidade de convidar a Maria da Silva – nome inventado, *pelamordedeus* –, que pode até ser tão boa quanto eu no assunto ou melhor, e ainda ser gracinha no palco. Mas eu tenho, nos resultados do meu trabalho, um respaldo que a Maria não terá nem nessa, nem na próxima encarnação.

Essas são as razões!

Um dos meus autores, o Arnaldo Devianna, certa vez colocou no Facebook uma frase que sempre me leva a refletir: “sinceridade não precisa ser expressa por meio de grosserias”. Digo isto porque, lendo o que acabei de dizer, concluí que beira a grosseria, pela qual me desculpo. Porém, gostaria de dizer que HOUVE uma razão para tal: 99% dos autores aspirantes que falham no seu intento de publicar um *best-seller*, espera-se, esquece-se de que a publicação comercial é uma indústria.

Ninguém vai publicar por caridade. O nosso *expertise* no assunto do livro tem de ser comprovado de alguma forma concreta e mensurável e, por fim, devemos ser diferentes da “concorrência”. A audiência pode querer mais do mesmo, mas com um “diferencial”. O meu, confesso, talvez seja a minha sinceridade beirando à grosseria? Ou vice-versa! Oscar Wilde, de quem li o que pude na juventude, gostava de dizer que cada um dá o que tem no coração, e cada um recebe com o coração que tem.

Segundo papinho para responder a esta questão

O bom senso diz que não vale a pena sentar para ouvir uma conversa sobre um assunto que não nos interessa, pois seria uma perda de tempo. Não é bem assim, pois há coisas que precisamos saber, como matemática e as regras da nossa língua materna. Só que, mesmo entendendo isso, ainda cabulamos algumas aulas e tiramos notas baixíssimas em matemática e o nosso português chega à idade adulta tão longe da linguagem padrão que não sabemos escrever um bilhete reclamando ao condomínio que jogaram lixo na nossa vaga do carro.

Ou seja, se o assunto realmente não interessar, essa coisa de *best-seller* ou não habitará para sempre o mundo da fantasia.

Há assuntos que se prestam para livros, outros, não. A boa notícia é que em todo o assunto, sempre poderá haver uma virada, uma fatia do mesmo, um ângulo de abordagem qualquer, que chamará a atenção do leitor. Então, apenas para concluir esta nossa conversa, fui a Nielsen BookScan e busquei alguns assuntos que estão vendendo no momento em que escrevo este livro.

"O que é Nielsen BookScan?", escuto você me perguntar.

Antes, então, de eu elencar e comentar o que está vendendo, deixe-me pôr você a par. Quem já sabe o que é, pode pular o parágrafo. Quem não sabe, faço um resumo parafraseado o site da empresa.

A Nielsen nos últimos 160 anos (mais ou menos) estuda consumidores em diversos países para oferecer uma visão das tendências e dos hábitos ao redor do mundo, fornecendo *insights* que podem ajudar as empresas a alavancar seus negócios, entre eles, a "indústria do livro", que citei há pouco, A solução Nielsen Bookscan incorpora a *expertise* dos criadores do ISBN – olhe na capa deste livro e de outros e verá que cada livro tem um número diferente, como uma placa de carro, que o identifica no mundo inteiro. O mercado editorial, carente de informações qualificadas, passa a contar com dados semanais dos mais de sessenta mil títulos diferentes vendidos – isto só no Brasil –, o que possibilita um maior conhecimento do comportamento de compra do leitor. Ou seja, contando com os dados provenientes diretamente do "balcão de vendas" das livrarias, do *e-commerce* e de varejistas, em pequenas ou grandes cidades do país, oferecem um detalhamento de informações sob a ótica da classificação de gênero em três níveis, com mais de centro e trinta subníveis, entendendo o verdadeiro interesse do leitor. São analisados fatores como: *ranking* de vendas, faturamento, preço tabela e preço médio de vendas, respondendo a perguntas, dentre as quais: como comparar um título da minha editora com outro livro do concorrente? Além do número de exemplares vendidos, qual é o

faturamento destes? Quantos exemplares devo imprimir? Qual minha posição de preço em relação aos títulos semelhantes aos meus? Quais descontos foram aplicados nas livrarias? Quando devo publicar? Quantos exemplares dos meus títulos foram vendidos nas livrarias? A que preço? Quanto do volume consignado foi vendido? Devo ou não imprimir uma nova tiragem? Minhas promoções estão funcionando? Minhas metas com as livrarias parceiras foram atingidas? O índice de acerto das consignações em clientes reflete a venda real de mercado? Como posso melhorar minhas negociações com os livreiros? O Nielsen BookScan é uma informação comprada, não está disponível na internet.

Como não me proponho aconselhar sobre o que escrever, apenas evidenciar que você deve ir às livrarias e ver o que está exposto, consultar revistas e jornais e prestar atenção no que está vendendo ou consultar um especialista antes de se arriscar, é que mostro a lista a seguir.

Não necessariamente nesta exata ordem, mas o que normalmente mais vende é:

Religião ou “espiritual”, pseudocientífico ou inspiracional! Falou em Deus, espíritos, zen, padres, pastores, curas por meios não tradicionais e por aí vai, e torna-se uma festa editorial imediata. Haja vista o número de livros psicografados, livros escritos por padres famosos, mensagens divinas de toda ordem, experiências em que criança morre e vê Jesus, aqueles que falam com anjos. Se a sua palestra for ditada por um espírito e você conseguir curar alguém no palco, o seu livro vai vender como pãozinho quente.

Sexo em todas as suas possibilidades! Falou sexo, prazer carnal, sacanagem etc., e o pessoal compra direto. Já vi gente saindo da livraria com um livro sobre como dar mais prazeres às mulheres, acompanhado de um livro de um padre cantor. Fenômenos como *Cinquenta Tons de Cinza*, Bruna Surfistinha e tanto outros são sucesso garantido. Daí os tais *spams* de que falei antes, que enchem as nossa *inboxes* de ofertas para

aumentar o prazer, duplicar o tamanho de órgãos sexuais, trair sem ser pego e por aí vai.

Liderança de pequenas, médias, grandes e fantásticas empresa e dos setores de todas elas! O foco normalmente é ter sucesso ou vender mais. Aqui é uma festa quase tão grande quanto religião, cada qual oferece uma doutrina mais esdrúxula do que a outra. No outro dia, me deparei com *Pílulas de neurovendas: mandamentos do líder quântico*! "Uau!", pensei, vai chegar um ponto que esta bolha vai explodir de tanto clichês que metem num título só. Mas tem quem compre, então vende.

Marketing, que é quase a mesma festa que liderança. O foco também é em vendas, mas com certo elemento motivacional, como levar alguém a vender melhor usando métodos parecidos com igrejas neopentecostais americanas, com muita gritaria, bate-palmas, louvores, palavras de ordem. Há também muito livro de "receitas" nesta área, alguns são clássicos mundiais.

E, por fim, os que chamamos de *how-to*, ou seja, como resolver um problema. *How-to* tem uma peculiaridade, busca-se sempre um *expert*, alguém que faça um milagre, que tenha um truque secreto, que resolva (diga-nos COMO tratar) um problema concreto. Se tiver um problema, por exemplo, depressão, posso ir ao Google e – de graça! – achar dicas preciosas em *sites* e *blogs*. Ainda assim, parece que o problema vai ser melhor resolvido se a solução estiver num livro! Por exemplo, este livro não deixa de ser um *how-to* um pouquinho mais sofisticado. Se tiver tempo, você pode buscar e provavelmente encontrará, no Google, a maior parte do que leu; as suas únicas vantagens são (1) eu já ter compilado e filtrado essas informações com base na minha experiência e (2) o meu jeito de ter um papo aberto com você por intermédio deste livro. Ou seja, você paga pelo tempo que passei tornando 200 horas de busca chata em 10 horas de leitura prazerosa (riso, riso, riso).

Por incrível que pareça, os romances acabam tendo assuntos correlatos a esses. Vejam o número de romances equivalentes a religião (aliás, muito mais interessantes e bem escritos que os ditos livros sagrados: *Harry Potter*, *Guerra dos Tronos* e tantos outros). Sexo já mencionei, mas há muito romance que mistura religião, espiritualidade e sexo, e toca a vender. Depois se vê muito livro de liderança disfarçados de romance, o que chamo de autoajuda ou autodesenvolvimento romanceado. Pessoalmente, acho muito interessantes; além de ficar sabendo como curar uma dor de cabeça rezando para um santo qualquer, ainda me divirto com a história da Joana Alberta que, após a operação para realinhamento de gênero, perdeu-se na selva sem aspirina na bolsa.

Papinho motivador para você continuar lendo

Na continuação desta lição, vou partilhar com vocês *templates*, isto é, modelos, *outlines* ou moldes, de como estruturar livros que vendem ou estão vendendo. Tomarei, portanto, parte da nossa conversa para voltar mais especificamente a falar sobre o que vende. Afinal, não foi para saber O QUE é um *best-seller* que você me aguentou até aqui? Você quer mesmo um modelo, um *how-to* que resuma tudo e facilite a sua vida, não é mesmo?

Templates (os moldes) como na época da vovó!

Os velhos moldes do curso de corte e costura…
Bordar pelo riscado…
Pintar pelos números…

Desenhar as letras sem passar das linhas…

Você já deve em algum momento da sua vida ter ouvido as expressões anteriores. Algumas, como "desenhar as letras sem passar das linhas", são comuns quando estamos aprendendo letra cursiva. Lembro-me que havia três linhas, a de cima, a do meio e a de baixo. A professora me mandava escrever palavras em letras minúsculas na linha do meio, mas eu não podia subir o "t" além da linha de cima, nem descer a perninha do "q" além da linha de baixo. Se fosse letra maiúscula, só podia ir até a linha de cima, não podia descer para a linha de baixo, com exceção da colinha do "c" cedilha e a do "q" maiúsculo.

Por que conto esta historinha?

Para que você entenda que, quando começamos a desenvolver uma habilidade, usar moldes não deixa de ser uma bela forma de aprender, de nos dar segurança. Claro que, hoje em dia, a minha letra cursiva não lembra em nada a letra que eu tinha na escola primária, pois cresci e desenvolvi o meu próprio jeito de traçar as palavras quando escrevo.

Para quem não usou este método na escola primária, pense em pintar pelos números ou bordar pelo desenho traçado por um lápis ou impresso no pano, ou nos moldes – que até hoje se usam! – dos velhos cursos de corte e costura. Punham-se os moldes em cima do tecido, fazia-se o traçado do tamanho da roupa que se queria produzir e, depois, era só cortar, costurar e ficava certinho. Hoje computadores fazem isto, mas era assim. Ou seja, o primeiro casaco que uma costureira ou alfaiate produzia no curso era cortado exatamente como nos moldes. Grandes nomes da moda, hoje ocupando os espaços mais caros dos *shopping centers* do mundo começaram assim …

Claro que esta nossa conversa, neste livro, não se trata de eu listar todos os moldes disponíveis (assunto para outro livro – que, aliás, estou preparando!), mas mostrar, evidenciar, para você que esses moldes

existem e podem perfeitamente ser usados para começar a sua jornada rumo ao *best-seller*.

Selecionei três dos moldes mais úteis e simplifiquei, assim você poderá usá-los imediatamente.

No storytelling, ou seja, nas histórias que produzimos e que aparecerão num livro, num filme ou numa peça de teatro, usamos a palavra inglesa *outline* para dizer molde, que hoje em dia soa superchique:

– O *outline* da história do meu livro consiste em…

– Qual a história da sua peça? Poderia me passar um rápido *outline*?

Há também quem use a palavra *template*, mas é menos chique.

E há quem traduza:

– Quais as linhas gerais da sua história?

Pouco importa, pois tudo se trata de um MOLDE mesmo, como pintar pelos números ou desenhar as letras sem passar das linhas.

Use-os para guiar você no emaranhado dos primeiros livros ou histórias que produzirá.

How-to

É um termo utilizado para designar um manual escrito com um objetivo específico em mente. A tradução para português significa "como fazer" ou "como conseguir". Este tipo de manual é geralmente destinado a leitores com poucos conhecimentos técnicos sobre o assunto e não entra geralmente em grandes detalhes teóricos sobre a abordagem, já que o objetivo é conseguir esse determinado objetivo. Assim, um *how-to* refere-se sempre ao objetivo, por exemplo: "*how-to install hot taps*" ou "como instalar torneiras de água quente".

Molde básico para um livro *how-to*:

Abertura (cerca de 10% do livro): apresente a história que você quer contar ou tópicos que abordará e o propósito de contar esta história/abordar esses tópicos. Você tem apenas este “tempinho” para atrair o leitor para o seu livro. Faça bom uso dele!

Miolo (cerca de 75% do livro): aqui você vai desenvolver o livro de acordo com as dicas, truques e princípios destacados ao decorrer desta obra. Busque usar apenas aquelas técnicas que você entendeu e domina melhor. Não se esqueça de contar, pelo menos, uma historinha por capítulo, falar das lições que aprendeu, evidenciar, para a sua audiência, a sua posição sobre o assunto e juntar uma boa dose de frases “sábias”, aquelas que ficarão para sempre na cabeça do leitor. Lembre-se, o que você disser deve ter fundamento, não pode aparecer alguma coisa no corpo do livro que emane do NADA. O que você disser deve ter origem, fundamento, LÓGICA e, sobretudo, UM PROPÓSITO CLARO PARA O LEITOR, que deve sentir que o livro é para ele, AUDIÊNCIA, não para o autor fazer propaganda de si mesmo, de um produto ou em um serviço.

Conclusão (cerca de 10% do livro): aqui você faz um apanhado geral e resume os ensinamentos do livro. Afinal, trata-se de uma HOW-TO, se o leitor não souber COMO fazer, o livro será um fracasso.

Os 5% que restaram você poderá usar para outras coisas que desejar, como falar sobre você, fazer uma dedicatória, um prefácio, elogios, reconhecimentos e agradecimentos.

Romance

Já defini romance antes no início deste livro, mas vale a pena relembrar, agora que você vai lidar, não com o conceito, mas com o "romance" na prática. Trata-se de uma obra literária que apresenta narrativa em prosa, normalmente longa, com fatos criados ou relacionados a personagens, que vivem diferentes conflitos ou situações dramáticas, numa sequência de tempo relativamente ampla. Um romance pode contar diferentes tipos de história, podendo ser denominado "romance policial", "romance de aventuras", "romance regional", "romance histórico", "romance urbano", "romance indianista", etc. Muita gente não gosta de fazer *outline* de um romance, prefere deixar acontecer, deixar que a história "conte-se por si mesma". Não deixa de ser um bom método, muito escritor famoso escreve assim. Só que, se for o seu primeiro romance, como o texto será longo, umas 80 a 100 mil palavras, ajustar tudo no fim, isto é, editar, dará uma trabalheira do capeta! No geral, antes de se aventurar no seu romance pense nos seguintes aspectos:

- Por que vou escrever ESTE romance, não outro? É importante que haja muita paixão ou motivação para desenvolver a história de um romance, pois levará tempo, muito esforço e organização. Começando com um ímpeto descomunal já chegamos ao fim cansados; imagina começar com uma paixão pequenininha e, 40

mil palavras depois, decidir que não há mais paixão para continuar! Oops!

- Você tem "intimidade" com o assunto que irá abordar? Se for escrever sobre um mundo fantástico, pesquise e crie-o nos mínimos detalhes, antes de começar. Lembre-se de que um outro planeta terá outras culturas, quiçá, outras reações químicas, os princípios da física serão diferentes, eles conhecem coisas que desconhecemos, etc.
- Você tem um roteiro da sequência de cenas que irão contar a sua história? Sabe bem que cada causa vai gerar um efeito? E o feito poderá causar uma transformação que gerará outro efeito? Uma verdadeira reação em cadeia! Evite cair em um beco sem saída na sua escrita. Sugiro que o autor novato já resolva problemas da história, antes de começar a produzi-la, a fim de não desperdiçar muito tempo escrevendo cenas que acabará mudando ou cortando mais tarde. Editar é demorado e complicado. Lembre-se do MENOS É MAIS.
- Você, pelo menos, já "configurou" um fim impactante para a sua história, assim sabe o que está por vir? Isto poderá ser mudado depois, mesmo por um autor marinheiro de primeira viagem, mas largar sem rumo e com pouca paixão normalmente não levará o autor aspirante muito longe. Se você conhece o rumo da história, pode preparar o leitor para as cenas que estão vindo e que impactarão mais tarde na história.

Depois, temos os *outlines* quase obrigatórios, mesmo para o autor profissional. Para certos tipos de romances, como mistérios, algum tipo de esboço ou plano é quase necessário, porque há muitos pequenos detalhes que têm de se encaixar no fim.

Aqui, permita-me me repetir. Sei que há autores que nunca esboçam a história completa, apenas se sentam e escrevem. Mas, como conse-

quência, eles costumam reescrever todo o livro três ou quatro vezes depois. Em vez de planejar os seus romances, eles preferem escrever vários rascunhos, descobrindo em cada um deles novos aspectos da história. Tenha em mente que, quanto menos planejamento fizer antes de escrever, mais você provavelmente precisará reescrever.

Template, molde ou *outline* de um romance (que serve para livros de autodesenvolvimento, livros religiosos, psicografados, algumas biografias, se romanceadas, etc.):

Palavra que defina o seu romance. Por exemplo: solidão, desespero, escapada, engodo.	
Cenas de abertura em que introduzirá os personagens, o cenário e criará o mundo no qual a história será possível. Vai deixar claro o conflito moral central da história e o leitor querendo saber COMO e POR QUEM este conflito moral será solucionado, além das possíveis conse-quências que podem levar ou não a um final feliz. (Você tem cerca de **10%** do número de palavras de uma história para chegar a este ponto)	
Cenas que mostrarão o seu personagem se enredando na trama da história. Ou seja, ele vai afundando sem poder sair! (Você tem mais **15%** do número de palavras de uma história para chegar a este ponto)	
Cenas que mostram o personagem a duras penas, achando algum caminho, desenredando-se para continuar saindo do buraco físico e/ou emocional. (Você tem mais 25% do número de palavras de uma história para chegar a este ponto)	
Tudo parece estar quase dando certo então acontece um REVERSO na história. Ou seja, a história estava indo em uma direção, mas não era nada daquilo e sair do buraco pouco adiantou, a	

não ser para ganhar experiência. Agora, sim, o coitado do personagem vai afundar para valer! (Você tem apenas UMA cena para criar este reverso, é como se a história começasse outra vez! Shakespeare era *expert* em reversos nas suas peças, torne-se você também um especialista em "viradas")	
Cenas que mostram o personagem outra vez a duras penas – desta vez com muito mais sacrifício, dor, desespero, paixão, achando algum caminho, desenredando-se para continuar saindo do novo buraco físico e/ou emocional em que se meteu em corrência da virada. (Você tem mais **25%** do número de palavras de uma história para chegar a este ponto)	
Cena do desespero total. Ou vai ou racha (Você tem apenas UMA cena para criar este minirreverso. É como se história começasse outra vez, só que, agora, parece haver uma luz no fim do túnel! Se o personagem matar o dragão a tempo, talvez salve o reino e case com a princesa)	
Cenas que mostram, outra vez, o personagem a duras penas – desta vez com muito mais sacrifício, dor, desespero, paixão –, dirigindo-se para o caminho das POSSÍVEIS SOLUÇÕES da trama, desenredando-se para continuar saindo do novo buraco físico e/ou emocional que se meteu, decorrente da virada e da cena do desespero total, quando se deu conta de que havia uma luzinha no fim do túnel apertadinho. (Você tem mais **15%** do número de palavras de uma história para chegar a este ponto)	
Cena ou cenas do desespero total mesmo. Esta cena tem de fazer com que a audiência fique à beira da cadeira. "Ou vai ou racha de uma vez por todas". Se o personagem falhar, não valeu a pena ter lido a história.	

(Você tem apenas **5%** do número total de palavras do livro para criar este mini e derradeiro reverso/enfrentamento. É como se a história começasse outra vez, pela última vez, só que, agora, é a batalha final do nosso personagem com o dragão! Se ele matar o dragão, e, aqui, o personagem sabe que dá tempo e que só precisa de força e habilidade, certamente salvará o reino e casará com a princesa)	
Cenas em que mostram como o mundo ficou após o nosso personagem ter resolvido o problema, o conflito central ou dilema moral da história. (Você tem **4,5%** do número total de palavras do livro para criar este final, que deve ser impactante para o leitor/audiência, a ponto de fazer a vida de quem se deparou com a história do seu romance nunca mais ser a mesma. Você acabou de TRANSFORMAR algo dentro de alguém por causa do seu romance!)	
Cena final em que você reforça a palavra que definiu o seu romance e deixa clara a sua mensagem. (Esta cena terá cerca de **0,5%** do número de palavras da história – mas é uma opcional, já poderá ter terminado no quadro acima, que não serão 4,5%, mas 5% do total de palavras)	

Aqui cabe uma nota. Para escrever este gênero, leita muitos romances e preste atenção em como o autor criou as cenas. Livros como *P.S. Eu te amo*, *A culpa é das estrelas*, *E o vento levou* e tantos outros têm um impacto tão grande que, por muito tempo, ou para sempre, veremos o mundo com outros olhos.

E-book

Decidi incluir este modelo porque muitos amigos da área do *marketing* digital, por exemplo, promovem-se a si ou a seus produtos ou serviços por meio de *e-book*, normalmente grátis. Contudo, há um mercado maravilhoso para *e-books* a preços mais baixos no *site* do Kindle e na Amazon. Basta escrever o texto, ir ao site do Kindle e seguir as instruções para subir o arquivo, promover o *e-book* e começar a ganhar dinheiro.

Etapas	**Passos**	**Elementos**
Decida o ponto principal para o seu *e-book*	Em uma frase, qual é a única pergunta que o seu *e-book* responde?	–
	Comece a pensar sobre os aspectos criativos do seu *e-book*	• Capa do livro • Título • Legenda abaixo do título (p. ex., do mesmo autor do *best-seller* XYZ; Revelações de um bombeiro despreparado; Tudo o que você precisa saber sobre o amor)
Um texto sobre você, promova-se. *E-book* tem de ser bem pessoal	Página de rosto, seguida pelas páginas de abertura	• Título, subtítulo, autor • Informações de contato, endereço do site • Autor/empresa biografia

		• Por que você é uma autoridade no assunto • O que você fornece como um serviço ou produto • Sua experiência, o que o torna interessante como autor deste *e-book*, por que o autor é melhor que a concorrência • Informações sobre direitos autorais • Outros *e-books* do autor
Miolo do livro (usar uma boa fórmula ou esboço/molde irá ajudá-lo a se manter organizado durante a escrita e ter um fio condutor em todo o *e-book*. Não há limite para o número de capítulos/páginas desde que cada uma das informações e tópicos tratados sejam absolutamente novos. Não se repita jamais).	Introdução	• Qual é a primeira coisa mais importante que o leitor vai aprender? • E a segunda? • Questão e resposta do problema levantado e as possíveis soluções, insinuando por que as suas serão melhores ou

		mais adequadas
–	Sumário (Se você tiver um *e-book* curto, isso pode não ser necessário.)	–
Capítulo 1 Defina do que o seu *e-book* trata e indique o escopo e as soluções (promessas) para quem ler até o fim e aplicar os princípios	Neste capítulo, deve ficar bem claro para quais problemas você está oferecendo solução no escopo do livro. Mostre, ao leitor, claramente que ele TEM um problema, que corre o risco de FRACASSAR se não seguir os conselhos do autor ou os do método. Com quem você está falando? Quem é a sua audiência? Fale sinceramente com ela. Como essa audiência conseguiria resolver o PROBLEMA sem saber o que você sabe e irá partilhar para ajudá-los? Ou seja, ponha a audiência no lugar dela!	Estratégia geral 1 Estratégia geral 2 (ou outras) Quais serão os resultados? Benefício geral 1 Benefício geral 2 (ou outros) Nota: recheie tudo com muitos exemplos e histórias curtas, como estudos de caso, estatísticas rápidas, testemunhos, etc.
Do capítulos 2 ao XX, ou seja, incluir capítulos até você terminar de discorrer sobre os problemas ESPECÍFICOS que compõem o escopo do livro. Os capítulos agora serão divididos em etapas "de aplicação", ou seja, o "usuário" será capaz de identificar o cerne e as partes do problema e, ao seguir os ensinamentos do livro, aplicá-los e aos	No capítulo, apresente, com clareza, a parte do problema que será tratada e que você ajudará a resolver. Cada parte normalmente requer um capítulo diferente. Divida tudo PASSO a PASSO para deixar bem	*Passo 1* Obstáculo 1 Obstáculo 2 Obstáculo (outros) Solução 1 Solução 2 Solução (outras) *Passo 2* Obstáculo 1 Obstáculo 2

poucos mudar a sua vida. É importante que a audiência/leitor sinta que, ao ler e aplicar cada parte, a sua vida começará a mudar em pequenos incrementos. Esses capítulos são uma espécie de *how-to* do seu *e-book*.	claro o caminho que mostrará onde o leitor está e onde chegará no fim da leitura e da aplicação dos princípios ensinados no capítulo.	Obstáculo (outros) Solução 1 Solução 2 Solução (outras) *Passo 3* Obstáculo 1 Obstáculo 2 Obstáculo (outros) Solução 1 Solução 2 Solução (outras) *Passo (outros, se necessário) com obstáculos e soluções concretas e palpáveis.* Nota 1: recheie tudo com muitos exemplos e histórias curtas, como estudos de caso, estatísticas rápidas, testemunhos, etc. Nota 2: verifique se os passos têm lógica entre um e outro, não se iluda que o leitor é capaz de ler a mente do autor e inserir um passo intermediário que não estava no texto. É detalhado MESMO, *tim-tim* por *tim-tim*
Capítulo que mostra que maravilha é trabalhar com você, com o seu método, ouvir os seus sábios e transformadores conselhos	Mostre, PASSO A PASSO, QUE agora fica claro identificar o problema/obstáculos e os passos para a solução, BASTA FAZER O QUE VOCÊ RECEITOU! Agora é hora de APLICAR e se deleitar	No texto, deve conter parágrafos que deixem claro: • Por que vale a pena o trabalho duro, passar horas a ler o *e-book* e

	com a alegria de TER CONSEGUIDO. Por que o trabalho duro vale a pena? O que esperar em seguida? Onde o leitor ficaria sem essa solução? Dê exemplos, conte histórias, dê testemunhos, transcreva testemunhos de outras pessoas	aplicar os princípios • O que esperar em seguida • Onde o leitor ficaria sem essa solução maravilhosa que o autor proporcionou. Mostre ao leitor que ele está em OUTRO patamar por sua causa! Dê exemplos, muitos exemplos!
Capítulo de conclusão	Repita a pergunta e a resposta que você levantou como o problema geral no Capítulo 1. Explique o que o leitor deve fazer agora. Use palavras finais de inspiração e/ou motivação	–
Mais-valias ou valores adicionais	Mostre as vantagens de o leitor contatar você e ir ao seu site, etc. Dê um prêmio qualquer a quem baixar ou divulgar este *e-book*. Adicione um glossário, se você tratou de um assunto complicado. Crie uma sessão de perguntas frequentes. Acrescente a lista de *links*, de	–

	verificação ou seus outros *e-books* e livros, etc.	
Páginas brancas para notas, mesmo sendo e-book, muita gente IMPRIME para ler!!!	–	–

E agora que você terminou – ou começou ou tomou coragem para revisar e publicar – de escrever o seu livro ou *e-book*, seguem alguns conselhos do que fazer antes de publicar ou de enviar a uma editora na esperança de publicação. Lembre-se de que, como falei antes, o *e-book* pode ser publicado instantaneamente por você mesmo, poderá também pagar por uma publicação física (autopublicação) ou tentar entrar no mercado como um "autor de verdade" com alguém pagando para publicá-lo. Seja qual for o destino que quiser dar ao seu texto, é sábio seguir os conselhos a seguir:

1. Descanse o seu manuscrito: quando terminar de digitar a última palavra de sua obra-prima, reserve-a por alguns dias. Se você puder suportar, coloque-a de lado por uma semana ou mais.
2. Leia em voz alta e escute o seu manuscrito: ouvir suas palavras faladas torna os erros flagrantemente óbvios.
3. Procure por palavras erradas, frase mal escritas, passagens confusas.
4. Identifique palavras fracas como os verbos SER/ESTAR: em vez de dizer "Maria é baixinha" diga "Maria precisou subir numa cadeira para alcançar a caixa em cima do guarda-roupa".
5. Procure frases em que a pontuação possa ser problemática: por exemplo, um ponto de exclamação é como rir de sua própria piada. O que faço constantemente neste livro, porque, por meio dele, estou CONVERSANDO com você, e rio das minhas próprias piadas na vida real. Se não fosse assim, eu cortaria todos!

6. Execute a verificação ortográfica ou use um programa de edição automatizado.
7. Formate em conformidade com o que pede a editora, o agente ou pague para alguém fazê-lo para você.
8. Corte tudo que não for necessário, só não edite demais ou não terá livro. Certa vez, numa convenção de escritores, alguém me disse: é perfeitamente aceitável escrever lixo – contanto que você edite brilhantemente.

Uau! Este é um capítulo longo; mau exemplo, pois sempre aconselho os autores a terem capítulos mais ou menos do mesmo tamanho – salvo exceções. Aqui é uma exceção, pois vale a pena lembrar você de alguns detalhes dos problemas que afetam os autores antes de encerrar.

A primeira delas é uma dica simples: busque muitas frases de impacto que podem ser de outros autores – não se esqueça de dizer o nome deles no seu texto –, podem ser suas ou interpretações que você tem do que outras pessoas disseram. Distribua algumas dessas frases pelo seu texto. No romance um pouco menos, mas nos *how-to* e *e-book*, faça a festa! O leitor destes gêneros adora citações (curtas!).

A segunda é que eu gostaria de dizer que uma BOA trama é sempre a respeito de um personagem. Ao escrever o seu *best-seller,* você está criando situações que mexerão com o leitor e você pode fazer isso de maneira simples, mas aprofundando as emoções dos personagens. A gente demonstra e aprofunda as emoções desses heróis das nossas histórias com sinais físicos e sensações internas. *Por exemplo:*

- DISTRAÇÃO: esquecer compromissos, desorganização, vestir uma roupa de forma errada, não responder a alguma pergunta, barba por fazer, ter péssimos resultados na escola ou no trabalho. Garganta seca, músculos tensos, não conseguir acompanhar o rumo da conversa, olhar distante.

- ATRAÇÃO: pupilas dilatadas, flerte, molhar os lábios, curvar o corpo em direção à outra pessoa ou tocá-la acidentalmente, sentar muito próximo. Joelhos que tremem, perda de fôlego, frio na barriga, aumento de temperatura corporal, sentir-se emocionalmente ligado à pessoa.
- TÉDIO: Inquietude, folhear livros, revistas ou mexer em qualquer coisa que esteja à mão, saídas frequentes para mudar de ambiente ou ir ao banheiro, trocar os canais da TV, reclamar, se animar com qualquer oportunidade, largar-se em uma cadeira. Hiperatividade, impaciência.
- DOR: Tremor nos membros, ranger os dentes, curvar o corpo e levar a mão ao local da dor, recuar quando tocado, repetir a mesma frase, apertar os olhos ou mantê-los vidrados, morder os lábios, andar pesado. Náuseas, vertigem, sentir febre ou frio exagerado, cólicas, desmaios.

Faça você mesmo a sua lista. Essas foram tiradas de anotações que sempre faço quando vou a cursos, mas, hoje em dia, há dicionário de emoções e como mostrá-las (em inglês somente).

A lista de sentimentos é imensa – quiçá infinita –, os citados são apenas alguns exemplos para estimular você a criar a sua lista e, assim, melhorar cada vez mais sua escrita.

Ok. Escrevi. E agora?

A pergunta “Você poderia me ajudar a publicar o meu livro?” chega-me nessas exatas palavras, ou com pequenas variações, cerca de cinco mil vezes ao ano por meio do meu *e-mail* pessoal; sem contar as inúmeras vezes que chega ao McSill Story Studio ou à McSill

Internacional Agency. Há cerca de dois meses, anunciei na minha página do Facebook que procurávamos textos prontos e profissionalmente produzidos para publicação imediata, obtivemos o espantoso resultado de inundar-nos com mais de três mil comunicações e centenas de textos do tipo "esta é a minha grande obra" em quatro dias. Tirei o anúncio do mural e pedi que não enviassem mais nada. Ainda estamos examinando os milhares que recebemos, mas selecionamos UM. Sim, apenas um. Como a perguntinha pipoca todo dia no meu *inbox*, aqui vai a resposta.

"Você poderia me ajudar a publicar o meu livro?"

"Posso."

Posso, mas o texto tem de estar minimamente dentro dos padrões internacionais. A seguir, deixo os critérios básicos para análise de um romance comercial pré-publicação. Se o seu livro não passar nesta análise, o autor precisa se desenvolver mais.

- **Abertura**
    - A trama iniciou no ponto exato?
    - A "voz" está bem estabelecida?
    - Os personagens estão bem definidos?
    - O "quando e onde" da trama foram determinados?
    - Os pontos de observação da trama estão estabelecidos?
    - O incidente gerador da trama está claro?
- **Primeiros capítulos**
    - O ponto de vista ficou definido?
    - O "tom" [estilo] está claro?
    - A[s] consequência[s] do incidente gerador que irá/irão amarrar a trama está/estão clara/s?
    - A[s] consequência[s] do incidente gerador que irá/irão amarrar os personagens à trama está/estão clara/s?
    - O que levará – irreversivelmente – esta trama na direção do "meio"?

- Por quê?
- **Meio**
    - Como esta trama se desenrola/vai se desenrolar?
    - Como se encadeiam os incidentes principais (coluna vertebral da trama)?
    - Como o autor evidenciou as dores físicas e psicológicas dos personagens?
    - Como o autor evidenciou as camadas de tensão, conflito, ansiedade e angústia?
    - Como o autor evidenciou o fator "problema, solução, sintoma e tratamento" dos personagens?
    - Como o nível de "perigo" está aumentando/escalando (vai aumentar/escalar) para que – irreversivelmente – leve a trama para um desfecho?
- **Fim**
    - O desfecho tem a ver com os incidentes mostrados e desenvolvidos no início e no meio?
    - O desfecho é satisfatório para o público-alvo?
    - A trama cresceu organicamente a partir destes eventos/incidentes?
    - Houve um senso de "continuidade"? (*foreshadowing*/enxertos, ecos, etc.)
    - O arco dos personagens, se houver, completou-se?
    - A trama terminou no ponto exato?
- **No geral**
    - As subtramas se resolveram adequadamente?
    - O subtexto é perceptível?
    - A partir da leitura casual (texto), consegue-se inferir onde haverá as "viradas" da trama?
    - O conflito é instigante para o público-alvo?

- Os pontos principais de conflitos estão claros?
    - Os conflitos internos e externos principais (centrais) são consistentemente explorados?
- **Estrutura**
    - Houve um senso de equilíbrio estrutural?
    - Que modelo estrutural o autor escolheu? (p. ex., 10%, 25%, 50%, 75%, 90 a 99%)
    - Os elementos das cenas estão claros?
    - Os *flashbacks* (e os *flash-forwards*) serviram para acelerar a trama?
    - As *backstories* (histórias pregressas) são usadas com equilíbrio? Somente quando absolutamente necessárias?
    - Há um equilíbrio entre narrar e evidenciar (mostrar)
    - Há cenas ou personagens clichês?
- **Linguagem**
    - O texto foi meticulosamente revisto? Não há mais vírgula fora do lugar? Palavras repetidas? Parágrafos mal construídos? Vocabulário inadequado?
    - Os tropeços na língua são justificáveis na trama?
    - A utilização do português padrão e as variantes regionais se justificam?
    - Sobretudo: tivemos pelo menos um personagem excepcional, passando por obstáculos excepcionais para atingir fins excepcionais?

Se o seu texto não passou no teste, evite enviá-lo agora. Em vez disto, quem sabe, envie um *e-mail* para saber mais sobre o assunto, para conhecer os passos para publicação ou, se estiver dentro das suas condições, participar de um dos nossos treinamentos ou retiros. Há muitos caminhos para se autodesenvolver, mas evite mandar textos crus, muitas vezes ridículos. Particularmente, o meu estúdio registra cada

entrada. Fica fácil saber se você já enviou antes e a sua "obra" foi recusada. Não se assuste ou incomode, para uns esses critérios são intuitivos, para outros, nem tanto. Para a maioria, devem ser aprendidos e praticados.

Fique à vontade para imprimir esta lista, passá-lo adiante ou comentá-la. Contar histórias "de verdade" não é uma tarefa para amadores. Não confunda amadores com iniciantes. O iniciante é SEMPRE bem-vindo, o amador precisa especializar-se antes de tentar o mercado.

Bem, chegou a hora do tchauzinho!

Aaah…

(ou, viva!!!!!!!)

Assim reage quem compra e lê um livro nosso. Temos três tipos de audiência, que gosto de chamar dos "33,33% | 33,33% | 33,33%", ou seja, 33,33% leram, gostaram e querem mais, isto é, tiveram as suas vidas mudadas de alguma forma; depois temos os 33,33% seguintes que é a turma do "Viva, acabou!", eles pagaram para ler, leram, mas discordaram ou acharam uma porcaria, foi inteligível, raso, já leram coisa muito melhor, odiaram a voz do texto; e aí vêm os 33,33% que são os neutros, ou seja, não compraram o livro porque o assunto não lhes interessa.

O que assusta todo produtor de conteúdo, no nosso caso, escritores de um livro que se pretende de sucesso, são os 33,33% que rejeitam o que produzimos! Aqui, então, segue uma má e uma boa notícia: a má é que qualquer obra será sempre rejeitada por cerca de 33% da audiência, não existe nem nunca existiu ou existirá "o" livro, "a" peça, "o" filme. A maravilhosa notícia é que é assim com todo mundo! Isto vale para você e para a JK Rowling. O que você deve fazer é escrever para os 33% que amam você, e fazer de tudo para aumentar esta base. A série toda do

Harry Potter vendeu cerca de 500 milhões de cópias, o que equivale a cerca de 300 milhões de fãs. Como a obra teve muita visibilidade, ela conseguiu "roubar" dos 250 milhões de "neutros" um 50 milhões que compraram o livro. Ainda assim, muita gente comprou e odiou. Mas pouco importa, os 300 milhões que se tornaram fãs continuam comprando tudo da marca *Harry Potter;* são para eles que hoje tem a peça, o *videogame*, o caderno escolar…

Em resumo, não gaste sabão em cabeça de quem não quer saber da sua mensagem. Conte as suas histórias e escreva outras para quem ama e aprecia o que você faz.

Há uma regra de storytelling que vale para mim, para você e para toda gente: nós queremos e precisamos ouvir e contar histórias para nos sentir vivos. Este desejo é atávico, nascemos e morreremos com ele. Até onde sabemos, somos a única espécie neste planeta que se comunica por meio de histórias. Histórias é como se fossem a nossa alma imortal, o Universo dizendo a si mesmo "eu existo". Então, mesmo que não tenhamos sucesso na primeira tentativa, haverá outras. Muitas outras!

Talvez o pior percalço seja, hoje em dia, achar que histórias têm a ver com propaganda. Principalmente quem vem do setor do *public speaking* ou do *marketing* digital. Quando vou ao YouTube, deparo-me com centenas de sites ensinando como "aplicar os princípios do Storytelling" à propaganda, ao marketing e assemelhados. Claro que histórias servem para fazer propaganda, na verdade, serve para todo tipo de comunicação, mas propaganda tem uma fórmula, que muda de cultura para cultura, de época para época; já as histórias nos encantam eternamente. Quando encontramos uma "fórmula", a impressão é que vamos aplica-las e tudo vai dar certo. Bobagem, uma propaganda feita por um publicitário que nada sabe dos princípios subjacentes às histórias pode dar na mesma ou ser até melhor do que aquela feita por um que sabe muito! Sem fórmula, estará mais livre para agir, criar! "Sem

saber que não podia, fui lá e fiz", diz um velho ditado. As verdadeiras histórias vêm do coração.

Então, você deve estar pensando – ou arrancando a peruca! –: "mas não acabei de ler um livro que discute essas fórmulas todas e teve até outline"… E agora?

E agora, como alguém me contou numa feira do livro na cidade de Porto Alegre, Érico Veríssimo, reza a lenda, dizia que você tem de conhecer as regras (no nosso caso, as fórmulas e princípios) para poder quebrá-las. É verdade! Agora que você as conhece, tem de usá-las como os ingredientes que tornarão o seu livro um sucesso, mas elas não são a fórmula do sucesso, são os ingredientes. É como a Dona Marieta que faz bolo de casamento e eu, os ingredientes que ela usa são os mesmos, posso seguir o mesmo livro de receitas, mas há algo mágico no bolo da Dona Marieta que a leva a viver disto; o meu, embora gostoso (digo eu) só serve para os meus chás das cinco ou para adormecerem aos pedaços no freezer da minha cozinha até serem jogados fora a cada ano ou dois. Qual a mágica? Qual o bendito segredo?

Fácil!

O coração!

A Dona Marieta tem um jeito de fazer que é todinho dela, que é pessoal e intransferível. De tanto fazer, quiçá, pela fórmula, ela desenvolveu o Jeito Dona Marieta de fazer bolo de casamento e ninguém casa sem um bolo dela.

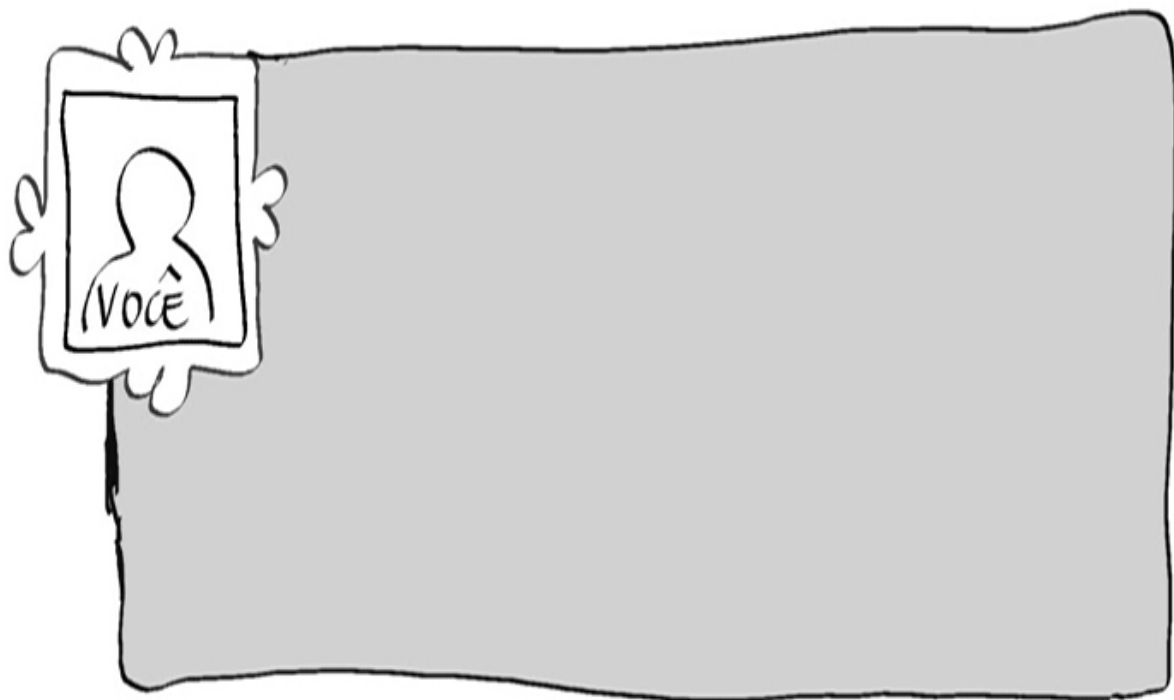
O mesmo vale para quem aprendeu corte e costura com base em moldes de recortar, a bordar um desenho já riscado, a pintar por números. Tudo tem um começo. Só que, depois de você começar, tem que se soltar, voar e voar sozinho! Do contrário, você se arrisca a se tornar um desses tolos que sabem discorrer SOBRE histórias e como elas funcionam e o que devem ou não ter, mas não levantam voo. Saber SOBRE alguma coisa não é o mesmo que SABER alguma coisa. O meu desejo é

que a nossa longa conversa neste livro marque o SEU começo: o seu começo como alguém que SABE alguma coisa. Como a gente fala em inglês: *NOW YOU CAN*.

Enfim, uma conversa como a nossa acaba tendo também outra finalidade, a de esclarecer essa gritaria toda dos últimos anos em torno de história: o que é história, como se estrutura, se escreve, se filma, se interpreta, se usa para persuadir, vender e diabo a quatro. Em suma, como se faz para encantar…

E aqui está o xis da questão: ENCANTAR.

A encantar ninguém ensina. Antes de ficar batendo palmas efusivas na palestra de um debiloide, que jura que vai ajudar você a encantar a sua audiência, busque dentro de você mesmo a *sua mensagem*, a *sua voz* e a *sua história*. Este é o segredo do encantamento! MENSAGEM > VOZ > HISTÓRIA, nesta ordem de importância. Esta é a única solução possível para a questão do “levar alguém a querer ouvir você” com certo grau de prazer. As restantes são soluções apenas mágicas, boas de ouvir, sem respaldo na realidade.

VOCÊ

Bônus 1

Quando escrevi o primeiro volume do *5 Lições de storytelling*, uma das muitas críticas que recebi, e com a qual concordei, é que eu deveria ter incluído mais *cases* no corpo do livro. *Cases* é uma dessas palavras modernosas, para quem não sabe, importada do inglês, para dizer "mais exemplos de como se faz". Por isso, neste segundo volume da série, selecionei um bom número de *cases* e os publico com este "bônus" que agora você lê.

Por que incluir tudo no fim e não durante o discorrer das lições?

Há uma razão. Quando vamos comentar ou anotar um texto, toda a nossa capacidade crítica está presente. Mas é possível compreender como um texto foi criticado se não entendermos as regras e os princípios. E se não tivermos desenvolvido certo senso de como funciona e deve ser apresentada uma história que vende.

O fato é que, como sempre digo, na Arte tudo pode, tudo é possível. Parece um contrassenso, pois se espera que os princípios e as regras sejam quebrados, mas precisamos conhecê-los antes de quebrá-los. Agora, ao terminar essas cinco lições sobre o que se espera ao escrever um livro de sucesso, você estará mais apto a entender os *cases*, ao menos a parte técnica. A expressão boa tarde é subjetiva, mas, mesmo assim, ao discordar de mim, você terá mais subsídios para o fazer.

Como profissional do storytelling, a pessoa que deseja produzir um livro que venha a ser publicado e vender deve lembrar, a medida do

possível, que, para o leitor, só o bom texto basta. Daí, quem vai se aventurar neste labirinto da escrita para publicação precisa de certa noção do que se passa, antes de entender um *case*. E você, agora, está mais capacitado do que quando leu a primeira linha deste livro – mesmo que tenha discordado de mim, do que disse ou de como eu disse.

Enfim, os *cases* que se seguem foram originalmente publicados num site chamado "Chibatadas Críticas". O site funcionou durante muito tempo, antes de o McSill Story Studio começar a realizar os "Congressos de Autores e Amigos de James McSill". A razão de eu conversar com esses autores pelo site é que, na época, também respondi a uma crítica que achei pertinente: na minha consultoria privada, os tutoriais, atendo autores individualmente. Como se trata de um serviço *premium*, obviamente, não é gratuito. Pois bem, a crítica, na época, era que eu só me importava com quem poderia pagar, o que não é verdade, porque preocupo-me com todos aqueles que desejam escrever um livro para publicar, independentemente da situação econômica. Os congressos, tal como o site Chibatadas Críticas, são, consequentemente, gratuitos. Ofereço o meu humilde *expertise* a todos por amor a melhores histórias.

Como é isso hoje, e tem sido desde sempre

A McSill Literary Agency recebe cerca de 5.000 textos ao ano de postulantes a autores. Noutro dia, eu publiquei um artigo com os parâmetros mínimos para que um texto tenha chance de entrar na fila de uma leitura mais cuidadosa que poderia ser o começo do processo de indicação à uma editora comercial para publicação. Por que tão poucos – não mais que UM texto a cada mil – são selecionados? Não parece crueldade?

Pode parecer, mas crueldade mesmo é (1) quando um dos meus agentes tem que ler um texto, digamos, sem condições de sequer ser lido, muito menos, publicado; e (2) quando o aspirante a autor publicado não se dá conta de que, da história ao texto, nada tem condições de vir a público. Não é que ser autor profissional seja complicado – ser cirurgião, dentista, piloto, ator é complicado, professor nem se fala, astronauta, então, é mais difícil do que se tornar um G Martin. Em suma, torna-se um profissional em qualquer área é complicado, requer estudo, treinamento, prática, talento, dom e por aí vai.

Entretanto, dentro da minha experiência, e na minha opinião, a pior coisa para um autor é ouvir que aquela tão trabalhosa história que ele escreveu não serve para publicação. Nós, que escrevemos, queremos criar uma história que todos – ou, ao menos, muitos no segmento para o qual escrevemos – gostem; que fiquem implorando por mais histórias como aquela.

Mas o que acontece quando os cumprimentos não aparecem? Como a gente se sente quando aquela história que se jura estar perfeita parece não despertar o interesse de ninguém? A princípio, como escritor *freelance*, para fazer uns trocados no meu primeiro ano do curso de Letras, e, depois, como redator comercial, eu não estava acostumado a críticas ao que escrevia. Em ambos os casos, escrever por encomenda tem os seus privilégios. No entanto, veio o dia em que comecei a me aventurar a escrever por prazer – ou porque uma história gritava dentro de mim pedindo para sair – e aí me lançaram aos ouvidos a primeira crítica negativa. Quando meu coração despedaçado conseguiu bater de novo, notei que aprendera algo de grande valor a meu próprio respeito: aprendi que lidar com uma crítica mordaz dói, mas a principal lição foi que, se quisesse um dia escrever de verdade, aquela situação inevitavelmente se repetiria. Confesso, fiquei desnorteado por um bom tempo, tentando entender COMO alguém tinha detestado o meu texto e –

mais – dito sem rodeios que o que escrevera não fazia sentido. E pior: além de não gostar da minha novela, contou para todo mundo da porcaria que eu havia produzido. "Quem", eu pensava, "encontra hoje em dia tempo e energia para tornar miserável a vida do autor?" Muita gente, muita gente mesmo.

Foi quando, dentre esses críticos, falou-me uma voz amiga (veja foto da "voz amiga" no fim deste artigo), que concordou com os críticos, mas me apontou os caminhos. E eu ouvi o que ela tinha para me dizer, escutei e, absorvendo cada palavra, segui em frente. Na minha inexperiência de menino, eu pensava que se escrevesse um texto que emocionasse a mim, emocionaria ao leitor, qualquer leitor.

Ledo engano.

O primeiro rascunho de um texto tem de emocionar o autor; já os rascunhos que se seguem têm de ser trabalhados nos detalhes para emocionar o LEITOR, o crítico e aqueles que nos odeiam ou são indiferentes a nós – não aqueles que nos amam.

Como escritores – e me incluo –, temos de nos armar da mais ferrenha coragem e fortalecer a nossa couraça porque couro grosso e coragem são os dois elementos essenciais se decidirmos empreender essa jornada.

A voz amiga que mencionei começou me dizendo que, se eu quisesse criar uma história para valer e que valesse a pena publicar, eu tinha de me submeter a chibatadas críticas e sobreviver. Finalizou com a declaração de que, qualquer coisa que sai da boca (caneta ou teclado – acréscimo meu) do crítico é apenas opinião DELE. Do que precisamos, ela me disse, é de amigos, que opinem e nos apontem caminhos – que não precisamos seguir, necessariamente –, e capazes de submeter o nosso texto à chibata crítica, mas que nos abracem logo após, depois de ver o sangue vertendo daquele texto – filho dileto e mui amado – de dias e noites de labuta.

Trinta anos depois...

Eu era um editor com carreira consolidada. Acabei guardando uma coleção dessas interações, que agora partilho com você. Cada interação foi conduzida de maneira diferente, como você verá na reprodução dos *e-mails* que apareceram no site Chibatadas Críticas. Aos transcrevê-los para este livro, editamos o mínimo possível, a fim de que não percam a naturalidade com que eu me comunicava com os autores, *on-line*, no passado.

Aproveitem!

Divirta-se!

Lembrando, sempre, claro, que edição é 50% subjetiva.

* * *

Eliane Accioly

A Eliane me submeteu um de seus contos para que eu desse a minha opinião.

Assim como eu, ela reage a chibatadas críticas com um ímpeto de criatividade.

Aconteceu assim...

Parágrafo original:

Até que a vida nos separe

De: Eliane Accioly

Transarei loucamente com a desconhecida e nunca mais a verei. Só então estarei a salvo da fissura que me devora, entidade furiosa serpenteando em mim, prometendo-me liberdade se cumprido o ritual. Apesar de meus talentos com o sexo oposto, não consigo. Atrair estranhas é fácil, o problema? Falho nessas

situações, é mais forte que eu. Se as reuniões ganham sequência – conversas, refeições compartilhadas, troca de livros, compareço firme e correto. Ganho uma amiga que eventualmente se apaixona e perco o mistério, concorda? De onde tirei tal maluquice? Quem sabe do jardim de mulheres proibidas que rodearam meu amanhecer? Lindas, macias ao toque, cheirando a pomar e romã – irmãs, primas, tias, madrinhas. [...]

Quando li, permaneci sem opinar. Pedi que ela me enviasse o argumento.

Argumento:

Olá Jamie, [...]

Este conto é a respeito de um homem que tem uma fantasia compulsiva: transar com uma desconhecida e nunca mais vê-la. O mesmo homem também tem a esperança de que, caso isso aconteça, ele possa se ver livre da compulsão que o eletriza e fascina, mas o consome de tal forma, que prejudica sua vida prática, seus projetos afetivos, de trabalho, e os de ter uma família.

Achei o argumento fascinante, mas o texto que ela me enviara, não fazia jus à ideia maravilhosa.

Foi uma chibatada fácil! *Confessei para a Elaine que não havia entendido o texto inicial.* A Eliane é poeta e o texto mostrava uma prosa poética, a meu ver, desnecessária, pois obscurecia o argumento de boa qualidade.

(Trocamos mais *e-mails* em que lhe disse que, se quisesse que o texto tivesse apelo mais universal, deveria reescrevê-lo como se falasse com *UMA pessoa*, uma apenas, da idade, do sexo e dos mesmos níveis cultural e social para quem quisesse dirigir a escrita.)

Esta é a primeira pergunta que todo escritor deve se fazer: “para quem estou escrevendo?”. Se a resposta for “para mim mesmo”, o que quer que esteja escrevendo passa a ser um diário, e diários raramente têm valor comercial, excetuando-se, claro, aqueles de celebridades e afins. Destes, a gente sabe, até um pedaço de roupa suja vende. A resposta deveria ser: “estou escrevendo um conto (romance, etc.) para...” e descrever o leitor (imaginário) em pormenores. Quando temos um leitor específico em mente, ajuda-nos a focar o texto, dá voz ao contador da história. Interessante é que jamais contaríamos *A gata borralheira* para uma senhora, avó, física nuclear aposentada, seis livros publicados, do mesmo jeito que contaríamos para uma menina de cinco anos, no pré-primário, bailarina. E quantos escritores conheço que “escrevem para si mesmos”...

Por que somos tão egoístas na hora de escrever? O “fazer bonito” é garantir que a nossa audiência nos entenda...

E foi o que a Eliane fez! Contou o conto para mim e olha o resultado!

Quem tem talento como a Eliane, aceita o desafio e supera todas as expectativas.

Até que a vida nos separe

Conheci-a em um bar onde homens e mulheres solitários vão se distrair da angústia da própria solidão. Em Virgínia havia o mistério que me atrai nas mulheres. “Pisca para mim”?!, perguntei-me emocionado e curioso, prisioneiro daqueles olhos semicerrados, dos lábios de meio sorriso esboçando um chamado sem palavras: “Venha!”

Obedeci prontamente, paguei a conta e, ainda sem nos falarmos, a puxei pela mão, saímos juntos, entramos no hotel do outro lado da rua, pedi um quarto.

“Enfim sós”

Descompassados de desejo, despimos um ao outro, frenéticos. Estava certo que naquela mulher escondia-se a desconhecida com a qual ansiava transar loucamente. Após a relação amorosa, eu a deixaria para nunca mais revê-la. Precisava deste ritual para me curar. Se conseguisse penetrar na linda e misteriosa mulher estaria livre para viver minha vida, liberto do delírio que me acompanha desde a adolescência, "fissura que me atormenta e me rouba o sossego, atrapalha meu trabalho, me impede de formar uma família". Possuir Virgínia, a desconhecida, apagaria o delírio, brasas na água, tinha certeza! [...]

Parabéns!

* * *

Rogério Silva

O Rogério estuda Educação Artística, é aluno da minha amiga Meri e, um dia, quer ser escritor. Vamos então às primeiras linhas do texto (um conto).

Texto original:

No calor do fogo, na lareira da pousada, Paulo recostava-se no sofá e puxava o boné para lhe cobrir os olhos. Lá fora, o Minuano zunia fazendo tremer o madeiramento do chalé. Paulo levou os pés para cima da cadeira de madeira junto a mesa na sua frente. Ele precisava se manter acordado. Para tal, esmurrou o braço do sofá excomungando aquele fim de mundo onde se metera. Havia prometido a Nora que viria para o seu aniversário e ali estava, não era seu feitio quebrar promessas. Ela não iria ter desculpas para reclamar que não era amada pelo pai.

Começaste com uma cena. Bom! Fora alguns problemas que antevejo no cenário e na ordem das palavras que escolheste para conduzir o texto, nada, além disso, me fez largar o teu conto até a cena final. No entanto, acho que, para a publicação, podia haver mais tensão. Certo, Paulo está hospedado em algum lugar frio do Rio Grande do Sul (Minuano – lembro-me muito bem!), acha que é o fim do mundo, parece que vai dormir e esmurra o sofá (veja a seguir comentários sobre esse pormenor), mas a única coisa que ficou no ar é se ele vai ou não à festa de aniversário da filha. Pela determinação dele, é bem provável que vá, o que não me parece muito problemático.

Se me permitires, vou anotar uma coisinha ou outra no teu texto.

> ~~No calor do fogo na lareira da pousada,~~ Paulo recostou~~ava~~-se no sofá e puxou~~ava~~ o boné para lhe cobrir os olhos, protegendo-os do calor da lareira da pousada. Lá fora, o Minuano zunia fazendo tremer o~~madeiramento do~~ chalé. (*Corta o "madeiramento", a não ser que vá fazer parte da trama mais tarde, o que não me pareceu ao ler o resto. Normalmente, chalés no Brasil já são feitos de madeira, que treme ao vento [nos EUA podem ser de fibra de vidro, que imita madeira]. Se o "óbvio" não for o* CERNE *da trama, quanto mais o empurrarmos para o pano de fundo, melhor*) Paulo levou os pés para cima da cadeira ~~de madeira~~ (mesma razão; cadeiras são feitas normalmente de madeira) ~~junto~~ da mesa na sua frente. (*Eu iniciaria a cena com essa ação*) ~~Ele~~ precisava se manter acordado. Para tal, esmurrou o braço do sofá excomungando aquele fim de mundo onde se metera. Havia prometido a Nora (*eu sei que não há a crase, mas para o desavisado, soa como ele tivesse prometido à nora*) que viria para o seu aniversário (*eu trocaria o "seu" por "dela"*) e ali estava, não era seu feitio quebrar promessas. Ela não iria ter desculpas ~~para~~

~~reclamar~~ que o pai não a amava ~~não era amada pelo pai~~. (*voz ativa fica sempre melhor*)

Talvez, aqui, eu esteja exagerando, mas, quando ele puxou a aba do boné, achei que ia descansar ou dormir. De repente, ele precisava ficar acordado e partiu para esmurrar o sofá. Pareceu-me contrário ao que ele havia feito antes. Que tal dizer que "ele ergueu a aba do boné e o calor da lareira lhe ardeu os olhos"?

Para mim, essas coisas têm de ficar claras já no início. Na abertura da cena, de preferência.

Segue a minha versão, se discordarem, escrevam-me.

Como ficou – na minha mera opinião! –, preservando o estilo do Rogério:

> Paulo levou os pés para cima da cadeira da mesa na sua frente, recostou-se no sofá e puxou o boné para lhe cobrir os olhos, protegendo-os do calor da lareira da pousada. Lá fora, o Minuano zunia fazendo tremer o chalé.
>
> Precisava manter-se acordado. Para tal, esmurrou o braço do sofá excomungando aquele fim de mundo onde se metera. Havia prometido a Maria que viria para o aniversário dela e ali estava, não era o seu feitio quebrar promessas. Ela não iria ter desculpas que o pai não a amava.

* * *

Frederico Paiva

(Tomar, Portugal, janeiro de 2009)

Trecho do romance Madeira

Frederico,

Vou reproduzir apenas uma linha, o seu parágrafo tem *pelo menos trinta* das dezesseis que normalmente analiso. Por meio desta, pode pautar as mudanças que vier a fazer em teu texto.

O meu carro velho estava avariado…

Mesmo com descrições que nada tenham a ver com as emoções expressas pelos personagens, há maneiras de "mostrar" em vez de apenas "contar". O problema é que temos essa mania de dizer que vamos "contar uma história". Bobagem. Para que alguém se interesse por nosso texto, temos de *MOSTRAR* a história. Talvez seja porque toda gente anda acostumada a ver filmes, mas, hoje em dia, é assim.

Que tal, em vez de "contar" ao seu leitor que o carro era velho e estava avariado, mostrar o seu protagonista enroscando dois fios desencapados para ligar as luzes ou o carro passando por uma poça de água e ela entrando pelo soalho do carro, molhando os pés do motorista. Pessoalmente, não entendo de carro, mas, em suma, mostra ao leitor as condições do carro e deixa-o chegar à conclusão por si mesmo.

(Como não entendo de carros, não arrisco reescrever o início do teu parágrafo.)

Boa sorte!

* * *

Vera Wurzius

A Vera, gaúcha de Mato Grosso, me enviou um texto completo. Seguem os comentários das primeiras linhas.

> (...)
>
> *Hoje não* seria um dia normal na vida de Stella Bergman. Logo pela manhã, ela já cantarolava dentro da enorme banheira

toda feita do mais fino mármore preto. Por um momento, Stella deixa as lembranças cortar seu sorriso e as lágrimas brotam em seus olhos. Recordar seu passado não era o que mais lhe agradava. Mas, desde que se tornara uma mulher mundialmente conhecida, não dava mais para fugir das curiosidades das pessoas que a admiravam, sendo assim, uma jovem escritora a convencera escrever sobre as suas memórias.

"E Douglas?", lembra ela. Não conseguia entender como pudera deixar este homem sair de sua vida, amando-o tanto. O tempo passou tão depressa, mas, algumas coisas pareciam tão recentes ainda. *(Essas sete linhas estabelecem o tom da trama e nos apresenta os personagens. Eu diria que é uma cena bem escrita para um belo romance, normalmente para senhoras. E olha que é um mercado enorme. O texto é de ficção comercial, imagino que seja o que você quis escrever. O primeiro parágrafo nos avisa que vamos ler sobre* COMO *Stella ficou rica e famosa. O que me preocupou um pouco, quando fui avançando no original, foi o desenvolvimento das cenas com o foco no* COMO*. Se você dividir a trama em três atos: uns 15% do texto na introdução, uns 70% no desenvolvimento – com muitos pequenos percalços no caminho da Stella –, uma cena devastadora por volta dos 80/85% da trama, uns 10% para concluir e um* denouement *de 5%, vai ficar redondinho. Agora, o que me preocupou bastante foi se eu já havia lido algo muito parecido. No entanto, embora para mim possa parecer um problema, uma editora que procure "mais do mesmo" vai querer publicar na hora!)*

Lembrou-se de como foram os três primeiros anos da ausência de Douglas, seu primeiro marido *(eu tentaria encontrar outra forma menos explícita de dizer que ele foi o primeiro marido, a "informação" ficou jogada. Talvez Stella pudesse se lembrar de algum fato que nos deixe saber disso)* e dos maus tratos que a

levaram a abandonar seus dois filhos. Não podia perdoá-lo. Repetia inúmeras vezes que nunca o perdoaria. "E o Eduard, por que Deus tirou ele de mim?" *(Deixa a cena acabar aqui, o início do próximo parágrafo servirá de transição.)*

Os seus pensamentos são interrompidos pelo insistente toque do telefone. Ela sai da banheira, veste o roupão e procura pelo telefone. Logo o acha em meio a várias roupas ~~que estão~~ espalhadas pela cama~~, se jogando sobre as roupas, ela atende~~. *(Vamos* acelerar *a cena! Se ela disse "alô" é porque atendeu…)*

– Alô!

– Não acredito, Stella! Você ainda está em casa? – reclama o homem do outro lado da linha.

Stella joga-se sobre as roupas. *(Olha onde foi parar a ação. Ele reclama, ela se joga sobre as roupas. Essa Stella é de morte!)*

– João Carlos! Onde você está? – pergunta ~~ela~~ rindo.

– Na hípica, aturando estes bandos de malucos. Você já não deveria estar aqui? Se afogou na banheira? ~~– pergunta ele irritado.~~ *(Muita "pergunta" para pouco diálogo, ele já estava reclamando três linhas acima,* MENOS *é mais.)*

* * *

Berê

Berê, de Leme, SP, me enviou um conto para crianças. Embora ela não tenha especificado a faixa etária a que o conto se destina, lendo-o, calculo que seja para pré-adolescentes. Em literatura contemporânea, a regra básica para iniciar um conto/romance seria:

Marca o *exato momento em que a situação* em que o personagem se encontra *MUDA*. Depois, inicia:

- *Um pouco antes.*
- *No momento da mudança.*
- *Um pouco depois.*

Evite uma visão panorâmica do cenário antes de avançar na trama. Digo isso para que você entenda por que editei as primeiras linhas de seu texto assim:

> Já vi menina gostar de bicho, mas como a Larissa...
>
> ~~Larissa, diferente de seus amiguinhos da cidade, mora no campo e sabe muito bem que o leite vem da vaca e que são as galinhas que põem os ovos gostosos que a merendeira prepara mexidos com tomate na escola.~~
>
> E por falar em galinha, Larissa tem uma que é só dela: a Angélica.
>
> Angélica assiste à televisão com ~~a menina~~ Larissa. Fica quietinha e, dependendo do programa, tira até uns cochilos! – como faz o pai da Larissa.
>
> (*Em contos infantis, abusar do uso do nome do protagonista – e de todos os personagens relevantes – não faz mal.*)
>
> Um dia, dona Graça, a mãe de Larissa, chegou da cidade e levou um susto: não é que Larissa tinha dado banho na Angélica!? A pobrezinha da galinha estava lá no varal, pendurada pelas asas, secando ao sol junto com as outras roupas!... (*A pontuação sempre é melhor se for menos complexa.*)
>
> Mas com Larissa é assim: ela atrai os bichos, que ficam quietinhos, hipnotizados, ouvindo as suas histórias.
>
> ~~Os pardais e os bem-te-vis e os pombinhos vêm comer pão na sua mão e estão sempre rodeando a sua cabeça.~~ (*Sugiro apenas UM exemplo. Ou usa-se a galinha ou os pardais. Deixe a galinha, é mais engraçado.*)

* * *

Márcia Basto

Márcia,

Vou pegar um trecho do miolo do seu conto para chibatar. O começo ficou muito bom, mas, de repente, você entrou em "modo narrativo" e não saiu mais. O interessante em qualquer conto ou romance comercial é mostrar o personagem em ação, como num filme, e deixar que o leitor possa inferir por si o que o personagem é, sente e, até mesmo, vê, degusta, ouve...

Quando escrevo, me pauto pelo que chamo "*fator eu-com-isso?*" (traduzido de "*what-do-I-care factor*?"). Coloco-me no lugar do leitor e me pergunto: "e daí? Que me importa?". Se o autor aparece na tela e começa a me contar a história, quero que ele se afaste e me deixe ver o que está acontecendo!

Tenta reescrever o trecho a seguir de forma de forma que você não me conte, mas que, pela ação e reação da Clara, eu perceba. Olha o comentário anterior que fiz do trecho do Frederico Paiva.

> Clara tinha uma aguçada sensibilidade que lhe permitia enxergar as sutilezas de cada coisa. (*Verdade? Qual? Como? Em que situação?*)
>
> Aspectos que escapavam ao olhar comum. Graças a essa sensibilidade, era habilidosa nas relações interpessoais. Sabia, como ninguém, deslocar-se para o ponto de vista alheio e compreendê-lo. (*Sim... e??*)
>
> Nisso residia sua liderança e a razão das amigas sempre a elegerem como "conselheira". (*Que tal começar a cena com a eleição de conselheira? Ou, melhor,* SENDO *a conselheira das amigas?*)

Ao mesmo tempo, esse sentir em demasia causava-lhe angústia diante de situações que não afetavam tanto às outras pessoas. (*Olha que linda oportunidade para criar uma cena, continuando a que ela era conselheira...*)

Lutava contra essa sensibilidade exacerbada responsável pelas brechas por onde entravam emoções perturbadoras. Desejava-se mais fria e racional (*Mostra o dilema! Quero ver a Clara sofrendo, sofrer com ela! Não quero que me "contem" que ela sofre.*), idêntica à imagem que construíra para si. Além de tudo sentia uma fome de algo inominado, uma carência nunca preenchida. (*Sim... E????*)

* * *

Odair Miguel

Olá Odair,

A primeira página está bem escrita. Embora cravejada de "clichês" como "*lágrimas que escorriam pelas faces*", "não conseguiu conter as lágrimas" já deu o recado. Claro, a não ser que "escorrer pelas faces" faça parte da história, digamos, "deixando riscos azuis" [Ah! Como alguém pode chorar lágrimas azuis?] ou "escorrendo pelos sulcos" [Ah! Deve ser uma pessoa idosa.].

Em resumo, a página de abertura não pode ter texto "frouxo". Deixa apenas o essencial. Essas coisas que passam batidas para o leitor, não escapam ao olho do editor profissional! Este trabalho você pode fazer em casa, antes mesmo de passar o texto a um especialista em estrutura ou a um parecerista, que vão apontar outras coisas.

Se o seu manuscrito chegasse à minha mesa cedo da manhã e fosse o primeiro a ser lido, eu correria os olhos à segunda página para ver como

a história continua. Se fosse o vigésimo manuscrito do dia, eu leria a primeira frase e pensaria "outro livro de aventura e piratas começando em 1675… hum… não vou ter tempo de ficar pesquisando os fatos ou verificando a linguagem da época… hum… começa com descrição (cenário), os personagens já entram na linha" – conto as linhas – "vinte e um… hum... tarde demais, isso já vai ser a segunda página se o livro for para uma livraria… hum … quando aparecem os personagens, ele ainda está contando em vez de mostrando…. hum… e ainda por cima joga um 'clichê' … está bonitinho, mas tem de editar mais…"

Ou seja, embora a sua abertura funcione para o leitor, até chegar ao leitor tem de passar pelo "filtro" do editor.

Dito isso, seguem minha sugestão e opinião caso queira estruturar o romance para que tenha uma chance real. A questão que coloquei a mim mesmo foi: "se for o vigésimo manuscrito, o que me faria meter umas páginas na minha valise e continuar lendo no trem para casa?".

Vamos lá!

BUCANEIROS: O intrépido capitão Floyd

Capítulo 1

O Naufrágio

~~Outono de 1675, a temperatura estava abaixo do normal. O condado de Brighton, localizado à beira mar, no Sul da Inglaterra, apresentava um aspecto tenebroso. Uma neblina intensa pairava sobre o lugarejo, enquanto as folhas das árvores caídas ao chão esvoaçavam com o vento gelado.~~

~~Uma multidão estava em frente ao portão do castelo, protegido por soldados bem armados, o povo em altos brados, clamava por notícias a respeito da prisão do administrador do castelo.~~

~~A notícia da prisão de Willian Floyd, que era bem quisto por todos, tinha se espalhado pelo povoado, mas ninguém conseguia saber que crime ele havia cometido. Além da popularidade que o prisioneiro gozava entre os mais humildes, ele era muito bem relacionado com os membros da alta Corte Inglesa.~~

~~Por que um homem sempre disposto a ajudar os necessitados fora feito prisioneiro? Do que ele estava sendo acusado? Essas e outras questões intrigavam a população local, que, revoltada, enfrentou o mau tempo e foi até o castelo exigir explicações.~~

~~De repente, os portões se abriram e um pelotão abriu passagem por entre o povo. A cavalaria passou escoltando o prisioneiro amarrado. Os soldados armados intimidavam o povaréu, conseguindo, assim, conter a multidão.~~

~~Anne e Caroline eram respectivamente a mãe e a irmã de Willian Floyd que, misturadas ao povo, que escorriam por suas faces.~~ (*Começa em meio à ação. Deixa o restante para depois!*)

Anne e Caroline choravam.

– O que o duque pretende fazer com ele ~~o meu filho~~? ~~– disse Anne chorando.~~

– Isto é humilhante, senhora minha mãe, mas tenho fé em Deus e a certeza de que meu irmão provará sua inocência ~~– disse Caroline inconformada~~.

A cavalaria conduziu o prisioneiro em direção ao porto de Brighton~~, seguida pela multidão. Chegando lá, o prisioneiro foi entregue aos cuidados do Capitão Watterson. O acusado foi forçado a subir a bordo,~~ em meio aos protestos da multidão~~. Mas,~~ e tiros ~~detonados~~ de mosquetes ~~que foram~~ disparados para o ar~~, por alguns soldados, fizeram os manifestantes se calarem~~.

Pouco depois, a fragata "Winner" da Marinha Real Inglesa ~~que estava preparada para zarpar,~~ levantou âncoras~~do porto~~

~~daquele condado~~ com destino à Jamaica.

~~onde o criminoso seria entregue ao governador local.~~ William Floyd, desconsolado, ~~agora~~ estava cativo no porão, amarrado à coluna de sustentação da coberta superior, enquanto o navio se distanciava ~~cada vez mais do condado~~.

~~Depois de alguns~~ dias depois ~~de viagem~~, a fragata ~~"Winner" já havia atravessado o oceano Atlântico, e~~ estava navegando pelo mar das Antilhas. ~~Na coberta superior,~~ junto à amurada, os marujos observavam a linha do horizonte, ~~preocupados, pois~~ algumas nuvens negras prenunciavam uma forte tempestade. A tensão entre os tripulantes crescia.

Resultado:

Prólogo

A cavalaria conduzia o prisioneiro em direção ao porto de Brighton em meio aos protestos da multidão e tiros de mosquetes disparados para o ar. Em poucas horas, a fragata "Winner" da Marinha Real Inglesa levantaria âncoras com destino à Jamaica com William Floyd cativo, amarrado no porão à coluna de sustentação da coberta superior.

Anne e Caroline choravam.

– Isto é humilhante, senhora minha mãe, mas tenho fé em Deus e a certeza de que meu irmão provará sua inocência.

(…)

Mar das Antilhas

Outono, 1675.

Capítulo 1

A tensão entre os tripulantes crescia. No horizonte, nuvens negras prenunciavam uma forte tempestade…

Análise do resultado:

Prólogo

A cavalaria conduzia o prisioneiro em direção ao porto de Brighton em meio aos protestos da multidão e tiros de mosquetes disparados para o ar. Em poucas horas, a fragata “Winner” da Marinha Real Inglesa levantaria âncoras com destino à Jamaica com William Floyd cativo, amarrado no porão à coluna de sustentação da coberta superior. (*A cena já mostra ação: movimento, multidão, prisioneiro [protagonista], localização [Brighton]; a razão das mulheres chorar [o que ia acontecer com o filho e o irmão em poucas horas, para onde ele vai, onde vai, por que vai]. Ou seja, o editor – e leitor – já esta “babando’ para saber o que vai acontecer com o William! E vai continuar lendo.*)

Anne e Caroline choravam.

– Isto é humilhante, senhora minha mãe, mas tenho fé em Deus e a certeza de que meu irmão provará sua inocência. *(Reação ao que está se passando, insinuando o ponto central da trama – um inocente está sendo deportado. Ao nível da estrutura, interrompo o prólogo na reação para forçar o leitor a virar a página em busca da próxima ação.*)

(…)

Mar das Antilhas

Outono, 1675. (*Tudo que se precisa saber.*)

Capítulo 1

A tensão entre os tripulantes crescia. No horizonte, nuvens negras prenunciavam uma forte tempestade… (*Observa que, na microestrutura, inverti. Pus primeiro a reação dos tripulantes às nuvens para criar tensão, se fosse um filme, eu teria filmado a agitação antes de mostrar as nuvens carregadas. Na macroestrutura, isso seria ação, a próxima etapa seria mostrar as consequências – muito provavelmente levando à cena do naufrágio!*)

OK.
Viu Odair, as etapas da editoração?
1. Cortei a "gordura do texto".
2. Mudei a ordem para salientar a beleza da trama.

* * *

Sônia Duarte

Um agente ou editor recebe milhares de manuscritos a cada ano. No mês em que anunciei, acenando com a possibilidade de levar alguns manuscritos brasileiros ao conhecimento de editoras internacionais, recebi trezentos em poucas semanas. E, por ora, dedico apenas UM dia por semana a essa empreitada.

Digo isso para deixar claro que um manuscrito pode ser excelente e, ainda assim, se a cena de abertura não chamou a minha atenção, não vai também chamar a atenção de uma editora que terá de investir, se for o caso da publicação no exterior, entre dez a vinte mil dólares em contratos, tradução, adequação etc. etc., distribuição, publicidade… É uma lista sem fim.

No meu trabalho de consultor, se eu for contratado por um autor (*coach* ou "cirurgião de texto"), lido com o manuscrito em várias etapas:

DURANTE a elaboração do primeiro rascunho, na estruturação final, ANTES de ser enviado a um revisor e, posteriormente, a um agente (ou editora) ou APÓS o texto ter sido aprovado por um comitê editorial, mas precisar de uma reestruturação mais apurada para vender. Esse é o "inferno" em que vivem os autores famosos, se já tiveram um *best-seller* tem de lutar para conseguir um segundo, ou um terceiro…

Se eu for contratado por uma editora, normalmente lidero uma equipe que vai trabalhar com um texto excepcional, garantindo à mesma uma maior chance de sucesso do "produto final". Não sou revisor e nunca trabalhei com *copydesk*e nem como editor final de texto. O meu trabalho é mexer no texto para que ele se torne comerciável ou, pelo menos, tenha uma chance de ser lido além das primeiras linhas.

Vamos lá, então…

A frase "meu nome é Paulo de Tarso" serve para introdução. Principalmente se você quiser escrever para um grupo de "iniciados" neste gênero de literatura, pode iniciar aí mesmo. No entanto, os parágrafos seguintes são totalmente expositivos e matam a abertura de qualidade. Lembra que a primeira página é como o cartão de visitas, quanto mais simples e *impactant*e, melhor.

Eu começaria:

"*Nos meados do ano de 2008*".

Meu nome é Paulo de Tarso. Sou jornalista, tenho vinte e sete anos, sou moreno, alto, olhos verdes, cabelos castanhos chegando à altura dos ombros. Recebi este nome, porque, na história da humanidade, ele possui um forte significado de transformação.

~~Quanto a minha história de vida, ela poderia ter se incorporado a tantas outras, ficando perdida nas entrelinhas das páginas empoeiradas do tempo, se não fosse à identidade vibratória junto a pessoas especiais.~~

~~A história a seguir transformou totalmente minha vida. A princípio pensei não estar preparado para tudo que acontecia, porém na medida em que o tempo passava, eu percebia que quantos mais os fatos se desenrolavam a minha frente, mais responsabilidades eu assumia perante o meu destino, como também de toda raça humana.~~

~~Tudo começou na noite da minha formatura, foi quando recebi a notícia sobre a morte trágica de minha mãe.~~

~~Filho único, criado sem pai eu me revoltei. Na manhã seguinte ao enterro encontrei um antigo conhecido Augusto Pimentel, ele percebendo o veneno da revolta que eu destilava contra a vida, contra Deus, incitou-me a escrever colocando para fora todo meu ódio. Disse que seria uma maneira de aliviar minha dor.~~

~~Eu não imaginava que Augusto fazia parte da "SINT", ou seja, "Seita Inferno Na Terra", onde até sacrifícios humanos já haviam sido cometidos. As páginas que escrevi foram então copiadas sem que eu percebesse, sendo distribuídas entre os membros da seita e em vários locais da mídia, levando dez pessoas a cometerem o suicídio, sendo oito da própria seita. Tentei provar minha inocência, mas o computador apreendido na minha residência comprovou tais escritos. Fui julgado como integrante da seita, e condenado pela justiça terrena a vinte anos de reclusão. Durante o julgamento havia perdido os sentidos por duas vezes. Meu advogado recorreu, e o juiz sentenciou que antes de ir para a prisão, eu deveria passar por uma avaliação psiquiátrica~~. (*Deixa a história passada [*backstory*] para mais tarde;ela poderá ser "revelada" num diálogo, quem sabe.)*

Nos meados do ano de 2008, eu estava internado na Instituição Psiquiátrica Dr. Newton Monteiro.

~~Essa Instituição era de cunho particular e recebia vários apoios, inclusive federais. Era um grande prédio com arquitetura antiga de três andares, pintado na cor rosa, a dois quilômetros da grande e próspera cidade de Amarell, e por ser uma construção isolada, chamava a atenção dos motoristas que passavam pela estrada asfaltada.~~

~~Naquela noite, as luzes de alguns postes junto à claridade da lua minguante, deixavam à mostra uma muralha bem alta que cercava todo o local.~~

~~Por trás dos muros, pequenos postes clareavam a frente do prédio, onde existia um belo jardim com pequenas árvores de um metro e meio de altura podadas com formas arredondadas. Elas eram cercadas por canteiros com plantas cheias de flores coloridas. Um gramado totalmente verde compunha o restante do cenário. Pequenos caminhos contornavam a frente e as laterais do prédio. O lugar mais parecia um paraíso do que uma instituição para pessoas com transtornos mentais, tamanho era o cuidado e a organização.~~

~~Apesar da beleza natural e arquitetônica externa, era possível uma vez ou outra ouvir sons de gritos, choros e até mesmo algumas risadas, vindos da parte interna.~~

Aquela noite ~~parecia transcorrer de maneira normal, como todas as outras.~~

~~Mas~~ algo diferente pairava no ar. As árvores permaneciam totalmente imóveis, e até os ruídos naturais da noite, como o ~~normal~~ cricrilar dos grilos, não se ouvia. Os animais são sempre os primeiros a dar sinais quando algo sobrenatural ou calamitoso está para acontecer. ~~Eles possuem uma intuição aguçada e percebem os perigos antes das pessoas, refugiando-se em lugares mais seguros~~. (*Você nomeou a instituição e tudo o que o leitor tem*

de saber neste momento! Não tira o foco do PRINCIPAL, *ou seja, o protagonista está internado e algo vai acontecer, à noite, começando do lado de fora do prédio. Pessoalmente, eu cortaria a palavra "sobrenatural" deixando apenas "calamitoso", ou cortaria as duas para concentrar o foco do leitor no "passar do tempo e presságios" e na "brisa".*

Com os passar dos minutos, os presságios foram se confirmando.

Primeiro surgiu uma brisa vinda do Norte. Ela foi aumentando, até se tornar um vento frio e forte...

Entendo perfeitamente que a gente, quando escreve, quer que, já na primeira página, tudo fique muito claro para o leitor. Mas não é necessário. Corta tudo e deixa apenas a PONTA do fio da meada e vai tecendo a sua trama a partir daí. No caso dos parágrafos anteriores, a descrição da clínica, embora muito bem escrita, não tem um elemento que me faça dizer "Uau! Nunca li antes o exterior de uma clínica sendo descrito assim!". Quando for usar narração ou descrição, o truque é surpreender o leitor/agente/editor. Se não surpreender, principalmente no início, quando você ainda nem teve tempo de FISGAR o leitor, corre o risco de que ele perca o interesse.

Como ficaria, então, uma abertura que me "empurraria" a ler mais?

Nos meados do ano de 2008, eu estava internado na Instituição Psiquiátrica Dr. Newton Monteiro.

Naquela noite, algo diferente pairava no ar. As árvores permaneciam totalmente imóveis e até os ruídos naturais da noite, como o cricrilar dos grilos, não se ouvia. Os animais são sempre os primeiros a dar sinais quando algo sobrenatural ou calamitoso está para acontecer.

> Com os passar dos minutos, os presságios foram se confirmando.
>
> Primeiro surgiu uma brisa vinda do Norte. Ela foi aumentando, até se tornar um vento frio e forte...

Quando enxugamos a um parágrafo mais concentrado, podemos editá-lo de várias formas. Como autor, tem de escolher o foco (ou a ponta do fio) e ir puxando. O parágrafo anterior, claro, tem de ser repensado, as transições ficaram faltando. Você pode reescrevê-lo e enviar para mim.

Tentei recriá-lo a seguir, enxertando uma breve descrição da clínica como vista por fora.

> Nos meados do ano de 2008, eu ainda estava internado na Instituição Psiquiátrica Dr. Newton Monteiro.
>
> Naquela noite, eu sabia, algo diferente pairava no ar. Primeiro, as árvores permaneceram totalmente imóveis, e até os ruídos naturais da noite, como o cricrilar dos grilos, não se ouvia. Os animais são sempre os primeiros a dar sinais quando algo sobrenatural ou calamitoso está para acontecer, não é verdade? Depois, para o meu assombro, com os passar dos minutos, os presságios foram se confirmando. Dos pequenos caminhos que contornavam a frente e as laterais do prédio surgiu uma brisa. Ela foi aumentando, até se tornar um vento frio e forte...

Restringi o ponto de vista, o que "aperta" ainda mais a cena, já que se trata primeira pessoa. Achei que seria mais importante uma breve descrição da clínica do que dizer que o vento vinha do norte. Mas teríamos de ler mais do texto para decidir a sequência lógica.

Um exemplo. Foco no "sobrenatural":

> Com os passar dos minutos, os presságios foram se confirmando.
>
> Primeiro surgiu uma brisa vinda do norte. Ela foi aumentando, até se tornar um vento frio e forte…

E assim vai. Podemos variar ao infinito ou ao que a editora achar que vende!

* * *

Celso Falconi

Li cinco páginas do seu romance. *Sem parar!* (Só não continuei porque dedico um dia por semana a essa minha nova empreitada de contatos com o Brasil e, com a palestra em SP sendo anunciada, a minha caixinha está repleta de *e-mails*).

Você pode ver outros comentários que escrevi nas "chibatadas", a seguir seguem os comentários do seu texto especificamente.

A chegada

> Ezequiel olhou em algum ponto do horizonte através da entrada da gruta. Ao seu lado, Gabriel rabiscava o chão com a ponta dos dedos. Na cabeceira de uma improvisada mesa de pedra, Samuel, de olhar manso e firme, observava atentamente os dois irmãos.
>
> ~~Vários anos se passaram,~~ dezenas de ciclos lunares aconteceram enquanto Ezequiel de olhar fixo no horizonte observava as primaveras acontecerem. ~~Via as folhas nascerem crescerem e caírem amareladas~~. (*Como assim? Consegue evidenciar? Levar-me a sentir o que o personagem sentia quando "via"?*)

Samuel então suspirou e, enquanto inspirava, do lado de fora da gruta uma loba trouxe ao mundo sua ninhada de quatro filhotes que ali permaneceram até o fim de suas vidas. Gabriel, absorto, nada via, e Ezequiel agora presenciava um broto de carvalho desenvolver, crescer, se agigantar e enrugar, com as intempéries, depois secar. Foi quando resolveu falar; Samuel aguardava pacientemente uma resposta.

Aceito. Pelo menos de minha parte, digo que não me custará muito ter que pernoitar por aqui. O que, na verdade, me causará sacrifício será arrastar-me e adaptar-me à lentidão deste ciclo na terra. Sabe como é penosa nossa estadia fora de nossa dimensão. ~~O tempo se arrasta nesta outra vibração e o peso das culpas nos afunda no solo onde o Mestre passou a maneira de cágados~~. [1]

Gabriel levantou os olhos do chão e o que no princípio foi um sorriso tímido foi se transformando em uma sonora risada que ecoou no ar. Enquanto ria, nuvens se agruparam, o sol foi encoberto e trovões ribombaram no espaço com o eco de seu riso solto e límpido.

– Gabriel... – ~~Falou~~ (*não seria* DISSE*?*) Samuel como censurando uma criança. – Desculpe – continuou e, dando um ligeiro e leve assopro, desfez aquele emaranhado de nuvens que duraram na terra quarenta dias e quarenta noites. E o dilúvio terminara. Noé em algum lugar daquela vastidão encontraria um lugar para ancorar e soltar a bicharada. A vida se reiniciaria.

– Tudo certo, então? – perguntou Samuel, o mais velho, olhando agora fixamente os olhos dos jovens anjos. Ambos assentiram. E continuou: então é chegada a hora, cada segundo nosso equivale a trezentos e sessenta e cinco dias e noites. [2] Não desperdicemos o tempo do Senhor. Prepare-se Ezequiel teu

tempo é chegado, sairás por aquela fenda neste momento. Esteja com Ele. [3]

Ezequiel levantou e caminhou de olhos fixos no que o aguardava do lado de fora. Encolheu as asas e as guardou sob a pele. Quando colocou os pés fora da gruta, encontrou um mundo em fase de mudança e ajuste.

Era o ano de 1960.[4]

A abertura está razoavelmente bem construída. Aqui, não terei espaço para explicar em detalhes o que quero dizer com "razoavelmente", mas entenda que "achei mais ou menos". Contudo, o caminho é este, é assim mesmo que se faz! Em trinta segundos, entendi que os três anjos conversavam, que viviam numa dimensão em que o tempo anda mais depressa.

Agora, os probleminhas!

Se um ano humano passava num segundo dos anjos, como eles viam as folhas nascerem, etc., ... de segundo por estação do ano? Eu colocaria cada DIA nosso, ou cada HORA, equivale a UM ano humano. Este tipo de problemas mostra que você não tinha as cenas esquematizadas antes de começar a escrever. O ideal é criarmos "o mundo" onde os nossos personagens vão habitar ANTES de montarmos o texto. Não li o restante do livro, mas antevejo a repetição do "probleminha".

[1] Está usando tu ou você? Há certa inconsistência de linguagem, imperativos mal usados, etc. Como a cena está bem estruturada, esses detalhes se salientam. Se os anjos usam português padrão, cuida para a linguagem ser consistente. Nesta frase, notei que insere informação. Cortei, mas, se precisar inserir aquele detalhe, reescreve o diálogo, ficou artificial. Cria um pequeno conflito em que fique claro que "é penoso" passar para a outra dimensão. Repito: não estrague uma abertura

interessante com descuidos primários. Seja seu próprio algoz; corta, corta e corta!

[2] Aí está um problemão. Sei que essa informação é necessária, mas acho que a ORDEM poderia ser melhorada e, depois, reescrita.

> Prepare-se Ezequiel teu tempo é chegado, sairás por aquela fenda neste momento, não desperdicemos o tempo do Senhor quando cada hora nossa equivale a trezentos e sessenta e cinco dias e noites.

Ainda não me conformo com o diálogo, parece artificial. Talvez se, brevemente, um dos anjos questionasse por que o tempo deles não é o mesmo tempo da Terra? Não, tem que ver.

Observe que, sempre que você faz o editor parar para pensar, corre o risco de que ele passe para o próximo manuscrito na pilha! Tenha isso em mente na hora da revisão.

[3] Tu ou você? Olha o [1].

[4] Separei a data em um parágrafo aparte porque é quando a história começa.

Espero que ajude.

* * *

Irondino Torma

Olá Irondino,

Se você leu os meus comentários no *e-mail* anterior, vai concordar com o meu elogio: o seu texto está bem estruturado. Para o primeiro rascunho! Da forma como está, se a história se prolongar por, digamos, cem páginas, no fim já não vou aguentar o ritmo. Não que o ritmo esteja ruim, antes pelo contrário, mas é muito da mesma coisa.

Solução:

O que for importante para a cena: deixa como está. O que for menos importante: resume em narração ou descrição.

No meu site coloquei um artigo sobre ritmo. Não tem importância usar um ritmo como ação/ação/ação >> reação. Mas, uma hora, terá de empurrar alguma coisa para o *background*. Se me enviar o texto completo, posso sugerir um caminho mais adequado.

Repito, como RASCUNHO está perfeito! A partir dele, você pode criar um belo romance. Qual a sinopse da trama?

Escrever é isso: ter uma história gritando para se manifestar e deixá-la fluir, sem *fricotes* literários ou arroubos intelectuais.

Adorei as transições: para dizer "mais tarde", você disse *mais tarde*... Para dizer "enquanto isso" – não é *em quanto*, mas não tem problema, isso é trabalho de revisor! – você disse: *enquanto isso*…

Hoje em dia, a gente compra livro pela história, para ver no que vai dar. Por isso, quero ver a sinopse do seu. Tem de ser bem *amarradinh*a! Agora não pode me decepcionar!

(TEXTO sem revisão, aguardando a sinopse…)

– Alô

– Ricardo preciso limpar meu jardim você está trabalhando agora?

– Não, estou no ônibus estava indo para casa o senhor precisa para hoje?

– Sim, se você tiver disponibilidade quero.

– Claro, às duas horas estarei aí.

– Aguardo.

Mais tarde...

– Cheguei

– Oi papai!

– Oi querida como você está, como foi à escola?

– Bem papai como foi seu dia?

– Se tudo continuar assim acho que quarta-feira terei uma entrevista porque hoje ouvi dois nãos já somam os sete nãos de sempre, agora falta a entrevista. E sua mãe?

– Está recolhendo a roupa. Papai olha desenho comigo?

– Filha agora o papai vai fazer janta, depois ok?

– Tá bom.

– Trouxe comida Ricardo?

– Oi, não vi você entrar e os meninos?

– Espero que o Welington esteja na igreja, e o Gustavo está trabalhando até porque ele é um dos poucos que trabalha e trás comida pra dentro desta casa. Vai fazer janta?

– Sim, vou preparar panquecas para Letícia e vamos jantar todos juntos hoje.

– Olha Ricardo tu não tem vergonha? Em plena sexta-feira tu vai fazer panquecas e acha que ta agradando? Os vizinhos aqui do lado o Oswaldo e a Cláudia vão pro restaurante novo com as crianças e tu aí, panquecas...

– É o que dá pra fazer, só consegui fazer o jardim do Coronel hoje, e as crianças gostam é de estar conosco e não se importam com a qualidade do prato.

– Não precisa por prato pra mim vou dormir cedo.

– E aí gente cheguei.

– Fala filhão como foi o dia?

– 100%, vou deixar essas comprinhas aqui em cima da mesa, tem que pedir pra mamãe guardar.

– Pode deixar que eu guardo. Você vai sair agora, não vai jantar com a gente?

– Tenho aula pai, mas volto quando terminar.

– Vai sair com seus amigos hoje?

– Vou sim, mas vou dar uma passadinha em casa antes. Diga pra Lu que amanhã vou levar ela no parque.

– Ok, ela tá olhando desenho lá no quarto, agora eu digo.

– Fui!

– Tchau.

* * *

Gilson Sandici

Olá Gilson,

Observa como cortei a gordura inicial. Normalmente, essa gordura acaba com qualquer obra. Eu não conheço um editor sequer que tenha dito "tirando a gordura, gostei". NUNCA. Na abertura, uma palavra fora do lugar e estamos fritos. Sempre vai haver outras mil histórias como as nossas – ou melhores – gritando na fila. Se você for ao encontro que terei com autores em SP, vou abordar este assunto. Por cima, 70% dos textos em português, candidatos à publicação, falham nesse quesito.

O problema é que não há regras! Mas, como o site é uma conversa entre amigos, arrisco:

1. Começa um pouco antes do incidente inicial. (Mário abriu a porta e…)
2. Começa com o incidente. (Vagabundo! Vai comer a mulher de outro…)
3. Começa logo após o incidente. (Saí aos prantos. A Mariazinha e o jardineiro!...)

Um escritor com mais tarimba – principalmente os que escrevem literatura contemporânea – pode escolher entre dar uma geral no

cenário, descrever um personagem, uma ação. Mas na literatura comercial, a gente tem de fincar a faca e sair rasgando. E isso vale para TODAS as cenas, não somente as de abertura.

Comentários:

Os bruxos de Cavelar

~~No orfanato dos meninos, na Rua da Pirambeira sem número, subúrbios da cidade, onde dezenas de garotos órfãos, eram abrigados; morava Danilo Curamago ;que também era órfão, mas que com os outros meninos, em nada se parecia.~~

~~Nilo, como era conhecido, gostava de ficar sozinho e falava enquanto dormia. Tinha os cabelos pretos como à noite e escorridos como o macarrão molhado, cortados em forma de tigela, que estavam à vida inteira a lhe cobrir os olhos. Não importava o quanto as tias do orfanato o aparassem, no outro dia estavam do mesmo cumprimento. "Parece mágica" cochichou uma vez uma delas.~~

~~Era também um pouco baixinho para a sua idade, assim como muito magro. Por essa razão, tornou se a principal diversão dos valentões do orfanato, seu saco de pancadas.~~

~~Mas não pensem vocês que Danilo era do tipo que fugia de uma briga, não tinha medo de ninguém e nem de cara feia, não tinha medo do escuro, de lugares fechados ou estórias de assombrações. Só havia uma única coisa que fazia com que Nilo tremesse nas bases: ele tinha pavor de alturas. E olha que não precisava ser um lugar muito alto para fazer com que o menino ficasse apavorado, escadas, janelas, telhados e até mesmo quando dormia no beliche, fazia questão de sempre estar na cama de baixo.~~

~~Aqueles valentões, disso então se aproveitavam, todas as vezes que tinham uma oportunidade o agarravam, amarravam uma corda ao redor de sua cintura e depois a jogavam sobre uma viga de madeira que ficava no teto do refeitório, então o puxavam até em cima e depois prendiam a ponta da corda para que o coitado não descesse. O menino desesperado se debatia e gritava para que o soltassem, enquanto os outros se rachavam de tanto rir.~~

~~Foi em um dia desses, enquanto Nilo se debatia pendurado, que Dona Dolores, cantineira do orfanato veio lhe buscar.~~ [0]

– Danilo Saramago! – gritou a mulher de rosto vermelho e rechonchudo pondo as mãos na cintura. – Quero que desça daí agora mesmo, não sei como foi que subiu mas, se não descer agora, vai ter problemas, está me ouvindo? Hoje não estou com nem um pingo de paciência!

– Mas Dona Dolores, não é minha culpa...

– Não discuta comigo, seu malcriado, e veja se me obedece!

Os valentões do orfanato dos meninos [1], aqueles mesmos que o haviam pendurado, escondidos atrás da porta riam até as lágrimas de vê-lo nessa situação.

– Olha Dona Dolores. ~~Choramingou o menino~~. [2] Eu até queria sair, mas é que eu não sei como!

A mulher que a essa altura parecia mais vermelha do que nunca, viu os outros garotos escondidos atrás da porta e os chamou.

– Carlos, Alex! Sejam bons meninos e desçam logo essa criatura dali de cima.

Os dois, fazendo-se de obedientes, correram a desfazer o nó que eles mesmos haviam dado, soltando a corda e fazendo com que Nilo despencasse no chão duro do refeitório.

– Que isso lhe sirva de lição – disse [3] a mulher enquanto o garoto, sentado no lugar em que caíra gemia de dor. Da próxima vez em que inventar de subir em alguma coisa, pense primeiro em um meio de descer. Agora me siga que estou com pressa e a senhora Diretora quer falar com você o mais rápido possível.

Nilo a seguiu, todo dolorido.

"Que será que a dona Diretora quer comigo agora? "~~Pensava."~~ [4] Será que colocaram de novo um rato morto em sua gaveta de roupas íntimas e disseram que fui eu, ou dessa vez inventaram algo novo para me ver levar um castigo?".

Pois era sempre ~~mesmo~~ [5] desse jeito, desde o primeiro dia em que chegara naquele lugar, aos seis anos de idade, todos o evitavam, não tinha amigos e nas brincadeiras e no timinho de futebol era sempre posto de lado.

[0] Gordura. Se houver necessidade de introduzir alguma coisa que cortei, introduz mais tarde. O leitor motivado, espera; o aborrecido, fecha o livro e devolve à prateleira.

[1] Olha só, já achei um lugarzinho para introduzir a informação "ONDE" a história se desenvolve.

[2] Você vai ter de reescrever esse pedacinho. A gente não choraminga palavras. No mínimo, a gente "diz/fala choramingando". É um deslize muito engraçado, e há mestres que não se importam com isso. Já li diálogos assim:

– Te amo – sorriu.

– Também te amo – o peito saltou.

Se a gente pensar nessa cena como se fosse um filme, a coisa ficaria cômica. Normalmente, muito choro, choramingo, lágrimas, peitos saltando, arfando, etc. matam o romance na hora. O diálogo em si tem

de mostrar, sem muitos apêndices. Quando escrevo, marco tudo que é arfar, saltar, chorar, etc. Na hora de editar, reescrevo a cena e vou retirando um a um!

[3] Eu inverteria. Começaria pelo garoto.

[4] Se as aspas significam PENSAR, não precisa dizer a mesma coisa duas vezes.

[5] Não se deixa NADA de gordura…

* * *

Eduardo Schroeder

Eduardo, querido,

Quando li seu texto, pensei na sua idade. Ontem, recebi um texto parecido – mesmo – de um gaúcho de 25 anos.

O seu texto é fácil de ler, "bem século 21", literatura comercial.

Seria o tipo de livro que, ao ir comprar uma camiseta e um boné no empório, levo-o também para ler no acampamento. Esse tipo de história tem futuro.

Claro que só li a abertura. Uma história com esse ritmo não pode se alongar demais. Mas é o tipo de coisa que, depois de pronta, é promissora. Reserva uns dólares que eu faço os enxertos para você.

Se comparar com outros textos que comentei, não cortei nada, você iniciou no ponto certo. Há alguns probleminhas de português, que um revisor ajeita. (Eu não sou revisor! A minha especialidade é criar histórias que vendam ou sejam lidas, o que nem sempre é a mesma coisa…)

Comentários:

> (*Eu fiquei meio perdido em que ponto de vista você pretende contar a história. Num* e-mail*, me explica melhor. Dependendo do*

ponto de vista, uma coisa ou outra terá de mudar.)

Bravura!

– Não admito covardia no meu pelotão! – vociferou o comandante de queixo largo e acinzentado, salivando sobre a face do soldado.

– Ma-mas... Eu... Temo a altura como o diabo teme água benta... – gaguejou o soldado hesitante, desviando-se do olhar do superior que o encarava de cima para baixo; ante a ponte estreita suspensa, prestes a desabar.

(*As palavras vociferou e gaguejou estão muito próximas! Que tal iniciar assim:*

O comandante de queixo largo e acinzentado salivava sobre a face do soldado.

– Não admito covardia no meu pelotão!

– Ma-mas... Eu... temo a altura como o diabo teme água benta... – o soldado, hesitante, desviou o olhar do superior, que o encarava de cima para baixo; ante a ponte estreita suspensa, prestes a desabar.

[Com o "ma-mas … eu…" o leitor já sabe que o soldado está gaguejando. Esse tipo de descuido pode acabar com o seu texto. REVISE bem. Editores – e leitores – não gostam de ser tratados como idiotas! – riso])

– Pois supere seu medo!

Aos empurrões e solavancos, o rapaz percorreu o piso de madeiras envelhecidas, sustentadas por cordas não mais novas. Atrás, o sargento avançava como um touro, sem qualquer vestígio de receio, mesmo com o ceder e estalar das tábuas.

"Uau, que coragem!" Pensou o jovem, tentando concentrar-se no outro lado da ponte.

Horas mais tarde...

A tropa marchava a passos largos, quando, adiante, um grito se ouviu. (*Hummmmmmmmmmmmmmm… **ouviu-se um grito** fica melhor, está chamando a atenção do leitor para algo sem necessidade. Ninguém gosta de escritor "espertinho". Deixa os seus truques para a trama, que está ótima, por sinal!*)

Todos pararam.

O oficial, irritado, permeou a fila, aos berros:

– Quem, miserável, parou de andar!?

– Eu... se-senhor! – pestanejou o primeiro sargento, batendo continência.

– É bom que tenha um ótimo motivo para isto!

Antes da resposta do subordinado, um chocalho ecoou a centímetros do oficial.

– Eis o meu ótimo motivo, senhor! – o subalterno grunhiu, apontando ~~tremulamente~~ para o chão, onde uma cascavel levantava a cabeça, preparando o bote.

– Onde? – o comandante dissimulou não ver a serpente. – Ah, isto aqui não é um ótimo motivo. Sequer é um bom motivo! – exclamou com ímpeto incontido, enquanto agarrava o pescoço e estrangulava o réptil.

(*Não estrague uma boa história com tremeliques. O coitado já "grunhiu" – menos é mais – já sei que ele está se borrando! Editor é leitor…*)

Arremessou o bicho morto sobre o amedrontado sargento, que se esquivou em um grito <u>efeminado</u>. (*Como não sei de qual ponto de vista você conta a história, fico em dúvida quanto ao adjetivo. Se o* PERSONAGEM *for homófobo, tudo bem. Se for o* AUTOR*, vai ter editor jogando o texto na pilha dos rejeitados. Esses detalhes são importantes hoje em dia.*)

Bônus 2

Para colar na parede enquanto estiver escrevendo (mesmo omitindo partes, esta é a sequência lógica). Este mesmo quadro aparece no corpo do livro.

Estrutura das cenas

Macroestrutura

Microestrutura

a Pode estar implícito ou diluído nos demais elementos.

b Pode estar implícito ou diluído nos demais elementos.

Nota: normalmente, 70% ou mais no elemento seguinte.

Ação/motivação
Reação/consequência

Sequência de diálogo

Motivação/sentimento **
Reflexo/reação (impulso)
Ação racional
Fala

* Flashbacks são mais facilmente encaixados durante a "reflexão" e pode consistir em uma cena completa.

** Quando viu o tigre o sangue correu-lhe nas veias. Ele levou o rifle ao ombro, mirou no coração da besta e atirou. "Morra, bicho do diabo."

Por que a maioria das histórias falham: a arquitetura da cena

Palestra que ministrei a respeito de Dwight Swain, um dos pioneiros do storytelling para autores.

Swain fazia parte da equipe do programa de redação profissional, extremamente bem-sucedido, na Universidade de Oklahoma, EUA, na década de 1950, no qual escritores praticavam técnicas de escrita com vistas à produção de literatura de ficção e filme comercial. Foi pioneiro em roteiros para documentários e filmes educacionais usando técnicas dramáticas em vez de "cabeças falantes", anteriormente comuns nesses gêneros.

Autores a quem hoje assessoro perceberão, nesta palestra, que eu costumava usar meta para dizer objetivo e reação para dizer reflexão. Com o passar dos anos, mudei. Este sou eu há mais de 16 anos!

Eu dizia…

A arquitetura, ou seja, a estrutura em larga escala de uma cena, é extremamente simples. Na realidade, há duas possíveis escolhas para estruturar sua cena, às quais Dwight Swain chama de "Cenas" e "Sequelas". Isso é terrivelmente confuso porque ambas as denominações são o que a maioria das pessoas entende por "cenas". Daqui para frente, utilizarei "Cenas" e "Sequelas", o que significa que usarei a linguagem de Swain. Quando o sentido da palavra "cena" for o de senso-comum, não aquele de Swain, a palavra será referida em minúsculo.

(*Aqui eu distribuía a folha com a arquitetura da cena, que você vê antes da reprodução deste texto.)*

Você sabia que uma Cena tem o seguinte padrão de três partes: meta, conflito e desastre? Uma Sequela tem o seguinte padrão de três partes: reação, dilema e decisão

Huummm. Isso também não lhe lembra da *Jornada do Herói*, de Joseph Campbell[10]? Sim e não. O que Campbell defende é a estrutura mítica; o que Swain apregoa é a estrutura aplicada ao texto, passo a passo – como técnica de escrita.

Você pode estar pensando que esses padrões são muito simplistas, que reduzem a escrita a ligar-os-pontos. Bem, não. Isso é reduzir a ficção a dois padrões que milhares de romancistas comprovaram realmente funcionar. Pode ser que haja outros padrões melhores. Se você conseguir encontrar um, por favor, me conte. Mas, por hora, vamos fingir que Dwight Swain está certo. Vamos fingir que esses são absolutamente os melhores padrões possíveis para a escrita de ficção e que essas são as chaves para escrever a cena perfeita.

Utilizando-se das técnicas de Swain, defino a Cena como constituída de três partes, cada qual extremamente importante. Para definição de cada um desses pedaços e compreensão de sua importância à estrutura da Cena, deve-se assumir e selecionar um personagem por cujo ponto de vista será visto. Em seguida, vou me referir a esse personagem sob o seu PDV (ponto de vista). O objetivo do autor – ou seja, você – ao escrever, é mostrar o PDV do personagem experienciando a cena, de maneira convincente. Você deve fazer isso de uma forma poderosa para que o seu leitor vivencie a cena sob o PDV do personagem. Como são definidas as constituintes da Cena?

- Meta: é o que o seu personagem-PDV busca desde o início da Cena. Ela precisa ser específica e claramente definida. A razão para que o seu personagem-PDV tenha uma Meta é que isso o torna proativo. Seu personagem não está passivamente esperando um sinal do universo para entrar em acordo com o Deus Superior, mas, sim, indo atrás do que ele quer. É isso que seu leitor deseja que ele faça. Quando qualquer personagem manifesta querer algo desesperadamente, isso o torna interessante. Mesmo que ele não

seja simpático, é interessante. E o seu leitor irá se identificar com ele. É o que você deseja, como escritor.

- Conflito: são os obstáculos que o seu personagem-PDV enfrenta ao longo do caminho para alcançar o objetivo dele. Você precisa ter Conflito em sua Cena! Se o seu personagem-PDV alcançar a Meta sem Conflito, então o leitor se aborrecerá. Ele quer lutar! Nenhuma vitória tem qualquer valor se vier tão facilmente. Assim, faça o seu personagem-PDV lutar essa batalha para o seu leitor lutar também.
- Desastre: é um fracasso que impede o seu personagem-PDV de alcançar a Meta. Não dê a ele a Meta! E, no caso de ficção, o Desastre é a garantia de manter a motivação de seu leitor para virar a página. Se as coisas vão bem, seu leitor pode largar o livro e ir para a cama. Assim, o truque é manter o seu personagem-PDV à beira de um penhasco. Garantia certa de que o leitor virará a página para ver o que acontece em seguida.

Trocando em miúdos: seja sádico com o seu leitor, porque, no fundo, ele ainda lhe será grato por fazê-lo vivenciar emoções tão fortes. Agora que você já sabe tudo sobre Cenas, vamos olhar as Sequelas...

A Sequela é constituída de três partes: Reação, Dilema e Decisão. Novamente, cada um desses constituintes é crítico ao sucesso da Sequela. Remova um deles e ela deixará de funcionar. Vou acrescentar mais um ponto importante aqui: o propósito da Sequela é acompanhar a Cena. Se uma Cena termina em um Desastre, você não pode seguir em frente imediatamente com uma nova Cena, que começa com uma Meta. Porquê? Porque quando você está retido em um sério contratempo, não consegue simplesmente se desvencilhar do mesmo e tentar algo novo. Você tem de se recuperar. Isso é psicologia básica.

- Reação: é a sequência emocional ao Desastre. Quando algo horrível acontece, você permanece cambaleante por momentos, sem

equilíbrio, fora de rumo. Desta forma, mostre o seu personagem-PDV reagindo visceralmente ao Desastre. Eu sugiro que o revele machucado, para dar chance de seu leitor se condoer. Quem sabe, talvez, até mostrar alguma passagem de tempo? Não o tempo para a ação, mas para a reação. Um tempo para chorar, mas medido, sem se alongar em demasia. Na vida real, se as pessoas fazem isso, perdem seus amigos. Em ficção, se você fizer isso, perde seus leitores. Eventualmente, seu personagem-PDV precisa agarrar algo. Para ter reserva. Para ir atrás de opções. E o problema é que não existe nenhuma.

- Dilema: é uma situação sem boas opções. Seu personagem-PDV precisa ter um dilema real, ou seja, sem nenhuma boa chance, o que dará ao leitor a oportunidade de se preocupar – o que é bom. Seu leitor precisa imaginar o que possivelmente acontecerá em seguida com o personagem, quais são as chances dele.
- Decisão: é o ato de fazer uma escolha entre várias opções. Isto é importante porque torna o seu personagem-PDV proativo novamente. Pessoas que nunca tomam decisões são aborrecidas. Ficam aguardando outras decidirem por ela. E ninguém quer ler sobre alguém assim. Portanto, faça o seu personagem decidir e tomar uma boa decisão. Crie uma que o seu leitor possa respeitar. Faça que a decisão seja arriscada, mas com chance de funcionar. Com isso, seu leitor terá de virar a página porque agora o seu personagem-PDV tem uma nova Meta.

O padrão Cena-Sequela é muito poderoso e cíclico. Uma Cena conduz naturalmente a uma Sequela, que conduz naturalmente a uma nova Cena. Dentro das cenas, é possível optar por Unidades de Ação/Reação (ou UARs) em ordem fixas (A > R); raramente em (A > A > R) ou (A > R > R), isto é, duas ações para uma mesma reação, ou uma ação que gere duas reações. Usado com habilidade, o ritmo não se torna

repetitivo, pois o autor pode variar a extensão de cada um dos constituintes da cena (macro e microestrutura), o que levará o leitor facilmente adiante, sem precisar se concentrar. Esse ritmo é chamado em inglês de *page turner* e, quando mais acelerado, de *break-neck*. E ele segue cena após cena, até que, em algum ponto, termina o ciclo.

Quando você também souber utilizar essas técnicas, dará ao seu personagem-PDV a Vitória ou a Derrota. Ou, ainda, poderá optar por deixar em aberto, na imaginação do leitor – e isso demarcará o fim de seu livro. Mas até que você chegue lá, o padrão alternado de Cena e Sequela e as UARs o levarão adiante. E o seu leitor irá praguejar contra você ao descobrir que está perdendo uma noite inteira de sono lendo seu livro, porque não consegue deixá-lo de lado.

Isso é Perfeição.

Então, agora, é só colocar em prática essas técnicas? Neste momento, vem o lembrete desolador:

Na realidade, isso é apenas metade da batalha. Eu lhe contei como projetar as Cenas e as Sequelas em larga escala. Mas você ainda precisa escrevê-las, parágrafo após parágrafo, os quais conduzirão seu personagem-PDV suavemente por uma Meta inicial, em direção a um Conflito, até o Desastre de um maremoto e, então, por uma Reação visceral a um horrível Dilema e, por fim, a uma Decisão inteligente.

E mais uma provocação: “como fazer isso? Como escrever esses parágrafos? Como fazê-los com perfeição?”

A resposta é usar o que Dwight Swain chama Unidades de Motivação-Reação (ou MRUs).

Afirmo que, embora escrever MRUs seja difícil, trata-se da técnica mais poderosa e eficaz para melhorar sua escrita. Então, vale a pena escutar essas palavras: eu fui mentor de alguns escritores, cujo problema era a dificuldade em escrever MRUs corretamente. A solução foi fazê-los trabalhar dolorosamente por vários capítulos até que cada um desses

capítulos se constituísse em uma série de MRUs perfeitos. Depois de alguns capítulos, a técnica se tornou mais fácil. Então, cruelmente, solicitei a eles que reescrevessem todo o original dessa forma. Foi um trabalho árduo, sem sombra de dúvida, mas aqueles que sobreviveram se tornaram escritores muito melhores.

Que sadismo, não? Brincadeiras à parte, asseguro que "escrever UARs corretamente é a chave mágica para ficção envolvente. Eu não me importo se você acredita ou não em mim. Tente e veja por si".

Você deve escrever as suas MRUs alternando entre o que o seu personagem-PDV vê (a Motivação) e o que ele faz (a Reação). Isso é de extrema importância. A Motivação é objetiva, é algo que o seu personagem pode ver (ou ouvir, cheirar, degustar e sentir). Escreva isso de tal maneira que o seu leitor também veja (e, se você for bom o suficiente, ouça, cheire, deguste e sinta). Em seguida, comece um novo parágrafo em que o personagem-PDV faça uma ou mais coisas em Reação à Motivação. Há uma sequência exata que você precisa seguir ao escrever a sua Reação. A sequência é baseada no que é psicologicamente possível. Note que a Motivação é externa e objetiva, enquanto a Reação é interna e subjetiva. Se você fizer isso, conseguirá criar em seu leitor a poderosa ilusão de que ele está vivenciando algo real. Como conseguir esse efeito na prática?

Se a Motivação é externa e objetiva, naturalmente você deve apresentar isso em termos objetivos, externos.

Parece um tanto quanto complexo, não? Mas por outro lado, saber que é plenamente possível atingir um determinado efeito (qualquer efeito) com a sua narrativa, por meio dessas técnicas de escrita, não lhe dá certo conforto? Considere-se o dono de uma câmera (a palavra), precisando apenas aprender a enquadrar a cena, iluminá-la, cortá-la (editá-la) nos momentos certos, até sentir que tem total domínio da direção...

Aqui dou um exemplo de Swain, simples e clássico:

O tigre abandonou a árvore e pulou em direção a Jack.

Repare nos pontos-chaves. Nós apresentamos a Motivação como se pudesse ser mostrada por uma câmera filmadora. Nada aqui indica que estamos sob o ponto de vista de Jack, que virá a seguir. A ideia é manter a Motivação simples, exata e pura.

A Reação é interna e subjetiva, e você a apresenta dessa forma, exatamente como se seu personagem-PDV pudesse vivenciar isso – de dentro. É a sua chance de fazer o leitor ser o seu personagem-PDV. Neste caso, recomendo veementemente que a Reação aconteça em seu próprio parágrafo (ou sequência de parágrafos), se você a mantiver no mesmo parágrafo da Motivação, se arriscará a deixar seu leitor em desvantagem. O que nenhum leitor aprecia.

A Reação é mais complexa do que a Motivação. Isso porque ela é interna, e processos internos acontecem em diferentes escalas de tempo. Quando você vir um tigre, no primeiro milissegundo o único sentimento que irá dominá-lo, com toda certeza, é medo. É o intervalo de tempo que você tem para reagir instintivamente, mas isso é tudo – instinto, reflexo. Somente após a primeira reação reflexiva, você tem como reagir racionalmente, agir, pensar, falar. Você precisa apresentar as reações complexas de seu personagem, nessa ordem: da mais rápida para a mais lenta. Se você as colocar fora de ordem, então não vão funcionar. Você destrói a ilusão de realidade. E o seu leitor não continuará lendo porque sua escrita é “não realista”. Mesmo se você colocar todos os fatos corretamente.

Aqui vai outro exemplo simples:

Uma descarga de adrenalina percorreu as veias de Jack. Ele puxou o rifle para o ombro dele, apontando para o coração do tigre, e apertou o gatilho. “Morra, bicho do diabo!” Agora vamos analisar isso. Repare nas três partes da Reação:

- Sentimento: “uma descarga de adrenalina percorreu as veias de Jack”. Isso acontece primeiro porque ocorre quase instantaneamente.
- Reflexo: “ele puxou o rifle para o ombro dele...” Isso acontece em seguida, como resultado do medo. Um resultado instintivo que exige pensamento não consciente.
- Ação Racional e Discurso: “...apontando para o coração do tigre, e apertou o gatilho. Morra, bicho do diabo!” Isso acontece por último, quando Jack teve tempo de pensar e agir de forma racional. Ele aperta o gatilho, uma resposta racional ao perigo. E solta uma expressão espontânea como resultado da sua intensa reação emocional.

É possível deixar de incluir uma ou duas dessas três partes (mas não pode deixar todas de fora, senão você não terá Reação). Mas não há uma regra rígida a seguir – certifique-se apenas de que toda parte que você mantiver estará na ordem correta. Se há um Sentimento, precisa vir primeiro. Se há um Reflexo, nunca pode vir antes de um Sentimento. Se há uma Ação Racional, precisa sempre vir por último. Isso é simples e óbvio e, se você seguir essa regra, suas Reações serão perfeitamente estruturadas tempo após tempo.

E depois da Reação vem... outra Motivação. Esta é a chave. Não tem como escrever uma MRU perfeita e, então, ser simplesmente feliz. Você tem de escrever outra e outra e outra. A Reação que você acabou de escrever o conduzirá a uma nova Motivação, que é novamente externa e objetiva, e deve ser escrita em seu próprio parágrafo. Apenas para continuar o exemplo que acabamos de criar:

A bala atingiu o ombro esquerdo do tigre. O sangue esguichou do ferimento irregular. O tigre rugiu e cambaleou; então, saltou no ar direto na garganta de Jack.

Repare que a motivação pode ser complexa ou simples. A única exigência é que seja externa e objetiva, algo que, não apenas Jack possa ver, ouvir e sentir, mas qualquer outro observador que também esteja lá.

O importante é manter o padrão alternado. Você escreve uma Motivação e, em seguida, uma Reação e novamente outra Motivação e, então, mais uma Reação. Quando você fica sem Motivações ou Reações, sua Cena ou Sequela termina. Mas não acabe tão rápido, nem arraste por muito tempo.

Escreva cada Cena e Sequela como uma sequência de MRUs. Qualquer parte da Cena ou da Sequela que não esteja na MRU precisa sair. Corte impiedosamente. As únicas partes da Cena que sustentam o peso dela são as MRUs. Tudo o mais são amenidades.

Talvez você esteja pensando que é impossível escrever suas cenas seguindo essas regras. Talvez, com medo de quebrar uma regra, fique com o típico bloqueio de escritor. Isso é ruim. Agora, vou contar a você o segredo final para escrever a cena perfeita:

Esqueça todas as regras. Está certo, ignore as indesejáveis. Apenas escreva o seu capítulo de maneira usual, usando as palavras que quiser, estruturadas como estiver a fim. Afinal, é o que mais conta, não é? Você está criando e isso é bom: criação é construir uma história do nada. É difícil trabalhar, mas é divertido, excitante, desestruturado. É imperfeito. Faça isso sem consideração com as regras.

Quando tiver terminado de criar, deixe de lado por um momento. Você precisará editá-lo, mas ainda não é a hora. Faça alguma outra coisa. Escreva outra cena. Vá jogar boliche. Faça algo diferente de escrever.

Somente depois de dar um tempo e se desligar de sua escrita, é que você estará pronto para editá-lo e coloca-lo dentro de uma estrutura perfeita. Esse é um processo diferente da Criação. Análise é destruição. Agora, você precisa desmontar e reunir tudo de novo.

Analise a cena que você escreveu: é uma Cena ou uma Sequela? Ou nenhuma delas? Se for uma Cena, verifique se tem Meta, Conflito e Desastre. Identifique cada um deles em uma frase. Da mesma forma, se for uma Sequela, verifique se tem Reação, Dilema e Decisão. Identifique cada um deles em uma frase. Se você não puder colocar a cena em uma das duas estruturas, então descarte-a como uma coisa totalmente sem valor.

Agora que você sabe o que a sua cena é – Cena ou Sequela –, reescreva MRU por MRU. Certifique-se de que cada Motivação é separada de cada Reação por parágrafos. Não há problema em ter múltiplos parágrafos para apenas uma Motivação ou Reação. Crime capital é misturá-las no mesmo parágrafo. Quando elas estão separadas corretamente, você poderá identificar partes extras que não são nem Motivação, nem Reação.

Examine cada Motivação e certifique-se de que seja totalmente objetiva e externa. Agora identifique os elementos de cada Reação, assegurando-se de que eles são tão subjetivos e internos quanto possíveis. Tenha-os presentes colados dentro da pele de seu personagem-PDV. Certifique-se de que estão na ordem correta, com Sentimentos primeiro, depois Ações Reflexivas e, finalmente, Ações Racionais e Discurso.

Quando você alcançar o fim da cena, seja Cena ou Sequela, certifique-se de que está tudo corretamente distribuído em uma MRU (e todo o supérfluo descartado). Sinta-se livre para editar a cena para ter estilo, clareza, humor, grafia, gramática, enfim, tudo o que é necessário para seu texto ter qualidade. Quando pronto, dê-se um tapinha nas costas: congratule-se!

Você terá escrito a cena perfeita. Parabéns: você conseguiu com essa cena. Agora, retorne ao texto mais uma vez e mais uma vez, até que você tenha finalizado o seu livro.

Eu sei o que você está pensando. Sério. Não, não é fácil. É por isso que se diz que escrever exige 99% de transpiração e 1% de inspiração. E planejamento. Se o oposto prevalecer em seu texto, huummm... tenha certeza de que o seu livro vai ser abandonado nas primeiras três páginas (sendo otimista)!

Bônus 3

Duas dicas importantes sobre ghost-writing Escrevendo histórias pessoais: quando, como e por quê

Muitos leitores dos meus livros trabalham como *ghost writers*, ou seja, como autores que escrevem para pessoas que não têm capacidade ou tempo ou método para tal empreitada, mas desejam assumir a autoria da obra. Esses *ghost writers* estudam os meus "escritos" para melhor contarem as histórias de seus clientes. Passo a você, então, alguns critérios pelos quais eu me pauto para decidir se vale a pena ou não abraçar tal empreitada.

Dica 1

Em vez de gravações, para auxiliar na decisão do cliente – e evitar que ele entre na "ego trip" de quem nos pede para escrevermos histórias baseadas na vida real e depois fica mudando a cada semana –, peça que ele escreva/preencha o seguinte formulário, que vale também para o autor que quer escrever – ele mesmo! – a sua biografia:

Questionário:

(*Sobre o passado distante*)

- Três fatos excepcionais (fora do comum) que aconteceram com ele.
- Por que são excepcionais? Quem os define assim? Desde quando?
- Três resultados dos três primeiros fatos anteriores que sejam sensacionais (que valham a pena todo mundo ficar sabendo/que espantem/divirtam/enterneçam...)
- O que gerou os fatos excepcionais?
- Aonde/a que esses fatos vão levar o "herói"?

(*Sobre o passado recente*)

- Três fatos excepcionais (fora do comum) que aconteceram com ele.
- Por que são excepcionais? Quem os define assim? Desde quando?
- Três resultados dos três primeiros fatos anteriores que sejam sensacionais (que valham a pena todo mundo ficar sabendo/que espantem/divirtam/enterneçam...)
- O que gerou os fatos excepcionais?
- Aonde/a que esses fatos vão levar o "herói"?

(*Sobre o presente*)

- Três fatos excepcionais (fora do comum) que aconteceram com ele.
- Por que são excepcionais? Quem os define assim? Desde quando?
- Três resultados dos três primeiros fatos anteriores que sejam sensacionais (que valham a pena todo mundo ficar sabendo/que espantem/divirtam/informem/enterneçam...)
- O que gerou os fatos excepcionais?
- Aonde/a que esses fatos vão levar o "herói"?

Dica 2

Quais as etapas para construir uma biografia interessante? Aqui seguem algumas dicas poderosas:

1. A pessoa "biografada" vai ter de dar uma longa entrevista sobre a sua impressão dos fatos. Os fatos em si não são relevantes; o que importa são as percepções por trás dos mesmos.
2. Um livro de memórias – para fazer jus a esse nome "memórias" – terá de conter fatos engraçados, tocantes, que elevam a alma, etc.
3. Se a pessoa-alvo da biografia tiver poesias de sua própria autoria, é preciso ter o cuidado de selecionar as poesias relativas aos textos. Pode-se escrever um livro com prosa recheada de algumas poesias ou poesias com alguma prosa – tem de pender para um lado.
4. Mesmo que se trate da biografia de uma pessoa superfamosa, ninguém lerá o livro se ele não estiver bem estruturado. Um livro mal formulado se torna risível e mesmo o leitor mais simples pode ser cruel.

Uma nota final importante e reveladora: "Todos nós temos uma vida inspiradora, mas nem toda vida inspira um livro e, as que inspiram, têm de passar pela pena/teclado de um autor que inspire no leitor a VONTADE de ler".

Na prática, como isso funciona?

Todo manuscrito para virar um livro de sucesso precisa ter um propósito definido. Ou seja, antes de tudo, o sujeito/autor aparente/biografado tem de delinear claramente (por escrito ou numa entrevista) seus objetivos:

- O que desejo com o texto. Por exemplo, com esse texto quero demonstrar: [1] o meu amor pelos animais; [2] que sou bom negociador; [3] que me interesso por problemas sociais. Ou, coisas

mais simples: [4] amor ao próximo; [5] reencontro com as minhas raízes, etc., etc.

- Que objetivo real quero alcançar com o texto: [1] salvar uma determinada espécie em extinção; [2] ser condecorado amigo do sertanejo ao impedir a venda de terras produtivas por um preço irrisório a uma empresa americana de mineração; [3] construir um hospital para crianças com câncer numa cidade de 30 mil habitantes; [4] obter benfeitorias nas estradas da região para escoamento da produção, tirando 10 mil famílias da pobreza extrema; [5] relatar histórias reais que me levaram a decidir lutar por essa comunidade até a morte.
- Que oposição (na forma de pessoas e/ou eventos ou dramas pessoais ou desafios familiares, políticos, outros) tive de enfrentar para atingir os meus objetivos?

A partir de então, pode-se definir uma linha para a biografia ou livro de memórias:

Se for biografia, com apenas uma listagem de fatos e datas com base documental, normalmente qualquer pessoa pode fazer por si só, ou com o auxílio de uma secretária. No fim do processo, passa-se para um revisor e manda-se publicar. O nível de interesse por uma biografia, nesta época em que temos acesso direto à informação, é muito pequeno. As pessoas poderão comprar por várias razões, mas as motivações para a LEITURA tendem a ser muito poucas.

Se for um livro de memórias, baseado em eventos e sentimentos como percebidos pelo "sujeito", tende a atrair mais atenção, além de ser uma leitura mais agradável e com um propósito.

Por exemplo, se eu apenas relatar os fatos da minha vida de forma linear: nasci, me aconteceram esses e aqueles fatos, sofri alguns reveses, escrevi algo, me aposentei e fui morar na França, o leitor vai pensar: "E eu com isso? A vida não é assim?". No entanto, se eu lhe mostrar por

meio de ações, diálogos e descrições de situações o que me levou a mudar o curso da minha vida, iniciando com a revelação do médico, de que eu sofria de glaucoma, com meus 16 anos de idade, e jamais poderia dirigir devido à gravidade da doença – sendo que o meu sonho era ser piloto de Fórmula 1 e correr nas melhores pistas mundo afora –, até eu trabalhar como "doutor de textos" para uma das maiores seguradoras do planeta e conhecer pessoas no Brasil que podem, de novo, mudar o rumo da minha vida… Ah! Agora há certa curiosidade. Se eu incluir as minhas narrativas do dia em que fiquei preso injustamente numa cela na Hungria – porque me tomaram por um espião americano –, o leitor deve ficar mais curioso ainda…

O primeiro caso é o que podemos chamar de biografia linear; no segundo, um livro de memórias.

Refletindo sobre essas questões delicadas de "ego", "interesse do leitor", "vontade de transcrever algo que emerge do fundo da alma", acredito que o mesmo vale para um romance baseado em sua vida ou na de alguém que você conhece – ou até uma história que salta de sua imaginação: é preciso potencializar as tensões, aumentar com lupa os acontecimentos, de forma a envolver o leitor e torná-lo cúmplice rumo a uma jornada em que o herói vence obstáculos que se apresentam à frente – e não como se lidasse com um relato morno que se ouve de um amigo.

Bônus 4

Uma palavra sobre o PDV plural

Embora o conceito de PDV não seja difícil de entender e utilizar, não raro, deparo-me com autor usando um PDV plural, que, a princípio, não faz sentido, a não ser que fossem os Borgs do *Jornada nas Estrelas*. A nossa mente de forma alguma consegue SABER o que os outros pensam, podemos tomar dicas externas e interpretá-las, mas não significa que conseguimos ler pensamentos. Então, a menos que seja um Borg ou um personagem que lê pensamentos, colocações como "eles amaram a festa" é falsa. Teríamos que dizer algo como: "Roberto amou a festa, pela gritaria e abraços dos amigos, eles devem também ter se divertido". Roberto, aqui, sendo o PDV.

Não faz muito, uma querida autora, com texto excelente, certa vez enviou-me esta pergunta:

> Eu entendo que eu não possa usar os sentimentos dos outros personagens, que o foco está só no personagem-narrador, mas se ele está em uma cena, fazendo uma ação junto de outros personagens, por que não posso usar o verbo na 1ª pessoa do plural? Por que não dizer "nós caminhávamos pela cidade", se ele está caminhando junto de outros? Neste caso, eu tenho SEMPRE que usar a estrutura "eu caminhava junto de outros" em vez de "nós caminhávamos"?

Respondi:
Poder pode...
Mas a cena fica passiva.
Olha a diferença:
(Estamos na cena eu e você em Paris.)

Versão A

Caminhávamos pelas ruas de Paris, parávamos em cada lojinha para ver presentes que levaríamos para o Brasil. A conversa corria solta e tudo o que parecíamos querer, naquele momento, era aproveitar as maravilhas da capital francesa.

(*Ou seja, o PDV está no EU – tanto que ele diz "parecíamos querer" etc. Está tudo certo.... O texto até parece BOM! Mas vamos a outra versão.*)

Versão B

Eu caminhava a passos largos e Daya, esbaforida, mas sem dizer um "ai" seguia, às vezes, ao meu lado, às vezes, à minha frente. Pela imagem dela nas vitrines, toda embrulhada no manto vermelho, se percebia que ficava muito atrás de mim, segurava o chapéu e acelerava o passo. Ah! Viva as ruas de Paris! Melhor, *vive les rues de PARRI*... Claro, se as vitrines, *les montres*, fossem excepcionais, eu parava, e a Daya, se à frente, voltava atrás.

– Que foi, Jamie?

– Olha!

– *OH-MY-GOD*!

E, assim, seguimos naquela tarde, eu parava e chamava a Daya para se deliciar com as vitrines, ou Daya apontava para alguma coisa e eu já ia parando.

– Vamos entrar nesta? – ela me perguntou.

O cansaço sumiu das minhas pernas.

– Por que não?

– Vou levar para o meu menino aquele casaquinho – disse, apontando para uma peça azul turquesa.

– Aquele? Não é muito quente para Brasília?

– Que acha da cor?

– Sei lá da cor. Mas vai assar a criança numa roupa que é para a neve.

– Ai, Jamie, mas olha que mimo é esta cor...

Cinco ou seis lojinhas depois, o papo era o “mimo isto, o mimo aquilo” e eu carregava, aliás, arrastava três sacolas que, sem dúvida, gritavam excesso de bagagem, excesso MESMO, quando Daya fosse embarcar para Brasília.

– Vem, Jamie.

– Indo!

– Vem, menino.

– Doutra vez, alerta-me para trazer um carrinho de mão.

– Ou de feira – disse ela, mostrando com um aceno de cabeça uma senhora rechonchuda que saía de uma loja de doces puxando um carrinho de feira de uma estampa de brotoeja das mais variadas cores.

Eu ia dizer “boa ideia”, mas Daya já havia desaparecido loja adentro. Levaria doces para o Brasil? Não me surpreende. Quem vem a Paris tem mesmo que aproveitar as maravilhas da capital francesa. Seria um pecado capital não conseguir fazê-lo.

Nesta versão separei a Daya de mim e mostrei a MINHA aventura ao lado dela!

Bônus 5

Antes de lançar este livro não tenho como obter dados precisos de quem serão os meus mais fervorosos leitores. Entretanto, como faz parte da coleção *5 Lições de storytelling*, creio que uma grande maioria serão autores que desejam escrever um livro para provomerem-se nos seus campos de atuação. Dedico, então, esse "bônus 5, que encerra o livro aos meus muito amigos que escrevem livros de autodesenvolvimento, também conhecido como autoajuda/*how-to*. Quando promovo eventos em que respondo questões da audiência, sempre há mais de 50% da questões envolvendo este tema.

Quando abro a sessão, já prevejo esta primeira questão:

– O que você acha do livros de autoajuda?

Aqui, então, vai a minha resposta e algumas dicas para corroborar o que digo:

O problema não está no gênero autoajuda, está em alguns "autores" de autoajuda

Um amigo, sabendo que eu estava escrevendo sobre as bobagens que se vê no mundo da autoajuda, enviou-me esta postagem que, creio, tirou de uma conversa no Facebook. Quando fui procurar o autor, não encontrei. Achei, porém, genial a postagem. Deixa clara a primeira coisa que um autor de autoajuda não deve fazer: escrever sobre o que não domina!

O leitor, acredite, não é burro! Percebe na hora se o fulano ou a fulana entende do riscado. Não adianta mais PARECER saber sobre um assunto, há que ter AUTORIDADE real. O problema é que, não sei onde aprenderam a escrever autoajuda, acham que podem, por ingenuidade – não acredito que alguém seja idiota porque quer – fazer exatamente o que este trecho da postagem, que faz-nos rir, denuncia. Não pode! O século 21 é o século da verdade, a coisa mais fácil é alguém desbancar a sua "autoridade" sobre um assunto ou tema.

Leia a postagem e continuo com outros comentários após o texto.

Ser ou parecer? eis a questão!!!

Se eu visito uma pirâmide, necessariamente, eu não me torno um arqueólogo;

Ou se visito um hospital, eu não me torno um médico;

Ou mesmo uma arena, eu não me torno um jogador;

Assim como, se visito uma igreja, eu não me torno um padre;

Se eu visito um cemitério, eu não me torno um coveiro;

Também se eu visito um circo, eu não me torno um palhaço;

Ou, ainda que eu visite um reino, eu não me torno um rei;

E mesmo que eu visite um panaca, eu não me torno um idiota!

Então, por que, e eu repito, POR QUE...

Se eu visito o Vale do Silício, eu me torno um Inovador???

Mas não posso fazer palestras, livros, *talks*?

Sim, claro que posso. Desde que seja algo do tipo:

"Dez dicas para viajar barato ao Vale do Silício junto da vovozinha"

Ou

"Coisas que não entendi bem, mas prometo que vou estudar... muito!"

Mas daí a:

"Como Inovar a Disrupção Saindo da Caixa com Inteligência Artificial descendo por um Escorregador no Escritório"

Acho um pouco de........................ exagero!

Até porque, a julgar pelo exagero que estamos classificando "inovar" nos dias de hoje, a tele-entrega ainda estaria rendendo *cases* de disrupção.

Se o autor da postagem ler este livro, imediatamente colocarei o nome dele no site e ajusto o texto na segunda edição. Se eu o visitar, tenho certeza de que não me tornarei tão sagaz!

Pois bem, quer preparar-se para escrever um livro de autoajuda?

Não sou o fã número 1 das fórmulas mágicas para escrever autoajuda ou qualquer outra coisa, muito menos de listas! Entretanto, aqui vão uns conselhinhos superbásicos, apenas para despertar a sua curiosidade ou para que você os considere na hora de mergulhar na escrita do seu *best-seller*. Se quiser, copie e cole-os na parede como lembretes do mínimo, espero, para ter um texto minimamente decente.

Vale lembrar essas três dicas infalíveis:

1. Escreva só sobre o que você domina!
2. Escreva só sobre o que você domina!
3. Escreva só sobre o que você domina!

Claro que não seria só isso. Algumas listo a seguir, mas há muitas outras, sobre as quais vou conversar ou voltar a conversar até o fim desta lição, mas "**escreva só sobre o que você domina!**" é a primordial.

Copie, fotocopie ou fotografe e cole na parede

Embora a gente fale de autoajuda como uma descrição genérica para os livros que podem levar alguém a fazer algo por si mesmo, temos de separar pelo menos em dois segmentos:

- Autoajuda: ajuda você a superar problemas.
- *How-to*: ajuda você a adquirir habilidades.

Quando escrever com sucesso um livro de autoajuda/*how-to*?

- Quando tiver um olhar novo sobre um assunto.
- Quando conseguir escrever dentro de padrões acertados pela indústria do livro.
- Quando conseguir controlar a ansiedade da publicação.

Passos para o bom livro de autoajuda/*how-to*:

- Venda-o em 45 palavras ou menos.
- Crie um título impactante e verdadeiro (rótulo).
- Organize o texto em:
    - Temas impactantes (maiores e menores).
    - Capítulos impactantes.
    - Fale diretamente com o leitor.
    - Crie uma história que fale diretamente com o leitor.

Como fazer isto?

- Liste os pontos que deseja passar.
- Busque os elementos que possam estar faltando.
- Busque elementos de transição entre os pontos.
- Lembre-se de que há subtemas mais ou menos importantes.
- Corte o que não levou a nada.

Organize os capítulos em:

- Abertura impactante.
- Meio significativo que leve à transformação.
- Fechamento impactante e que convide a continuar lendo.

Atenção ao abrir!

- A que público se destina o livro.
- Porque o livro foi escrito.
- O que faz deste livro um livro ÚNICO.
- Quais benefícios o público terá ao ler o livro.
- Qual a estrutura geral que levará adiante o livro.

Atenção ao fechar!

- Todas as questões levantadas foram resolvidas?
- O público tem como MEDIR os benefícios?
- O livro foi REALMENTE único?
- A estrutura foi consistente?

Atenção ao escrever! Incorpore:

- História(s).
- Exercícios.
- Resumos.

As TRÊS dicas essenciais, agora sem brincadeira:

- Defina o tema e a audiência (público-alvo).
- Escreva como escrevem os *best-sellers*
- Encontre a melhor estrutura para o livro:
    - Passo a passo?
    - Histórias?
    - De superação (autoajuda)?

- De evolução (transformação)?
    - Historietas?
    - De cunho moral?

Mas atenção! Principais problemas:

- Autor não domina a língua em que escreve (léxico e sintaxe).
- Autor não domina técnicas literárias.
- Autor não consegue planejar o texto.
- Autor que acha que escrever um livro é fazer uma pregação.
- Autor repete o que está disponível gratuitamente, sem dizer que também está disponível gratuitamente.

Por fim, lembre-se da postagem que abriu esta parte da lição: *se eu visito uma pirâmide, necessariamente, eu não me torno um arqueólogo; ou se visito um hospital, eu não me torno um médico; ou mesmo uma arena, eu não me torno um jogador; assim como, se visito uma igreja, eu não me torno um padre; se eu visito um cemitério, eu não me torno um coveiro; também se eu visito um circo, eu não me torno um palhaço.*

Considere "tenho credenciais para escrever um autoajuda/*how-to*"?

- Sou profissional da área?
- Tenho experiência comprovada no assunto?
- Já escrevi blogs, sites ou artigos sobre o assunto?

Enfim, você sonha, você trabalha, você imagina que consegue. A última coisa que você deseja é se tornar um palhaço, não é mesmo? Mas, até mesmo em uma autoaplicação, se esses elementos listados estiverem falhos, se você não os executar com maestria, o livro vira uma palhaçada. Você pode ficar chateado por eu dizer isto com todas as letras, mas há momentos na vida que é importante ouvir a verdade. Ao escrever este livro, tenho já 40 anos nesta profissão. Aqui digo de coração: NINGUÉM

tem coragem de dizer na sua cara que o que você escreveu é uma porcaria, que não tem estrutura, que não ajudou em nada. Então, você vira alvo de chacotas em conversinhas pelos cantos dos congressos. Pior, você escreveu um livro para alavancar a sua carreira e própria despenca feito cacho de bananas podres.

A segunda questão mais popular é: o que cuidar ao escrever autoajuda/*how-to* para que o livro ganhe respeito?

Costumo dizer que, infelizmente, a maioria dos futuros autores acha que é mais fácil, rápido e lucrativo produzir um livro de autoajuda. Ledo engano!

Certa vez, li uma colocação que dizia que de acordo com quem as escreve – e segundo quem as veicula por aí, imprimindo, encadernando e vendendo a bobagem ao distinto público — máximas como essas existem para ajudar as pessoas a ultrapassar as adversidades do dia a dia, "crescer na vida", "aproveitar as oportunidades", "obter sucesso" e "ser feliz no amor". Aqui, volto ao que mencionei ao abrir esse bônus, o autor tem que ter autoridade. Tem que ser o papa. Principalmente nesses quatro assuntos. O público quer confirmação!

Vamos por partes:

Crescer na vida: ninguém quer saber como VOCÊ cresceu na vida a não ser na rápida abertura do seu livro. O leitor quer saber quantas pessoas vocês já fez crescerem em suas próprias vidas. A sua fórmula funcionou para você. Funcionaria para mim?

Aproveitar as oportunidades: quais oportunidades? De ser feliz? De viver sem trabalhar? De explorar os incautos? De tirar dinheiro os tolos esperançosos? A maioria desses livros tem como alicerce uma crença no positivismo americano, você cresce, os outros se ralam. É o caso do viver sem trabalhar, trabalhar pouco, criar o negócio da China e ficar trilionário. Sim… mas QUEM vai trabalhar por você? Ou você promete o

milagre porque é desonesto ou promete porque é um malandro explorador. Cada vez menos as pessoas caem nessa.

Obter sucesso: é quase a mesma coisa. São os milhares de livros que ensinam como ficar rico, como viver sem doenças, como ficar mais bonito e por aí vai. Primeiro, sucesso é muito subjetivo. Por exemplo, sinto-me bem sucedido quando legitimamente ajudo alguém a realizar um sonho. Dinheiro ou bens habitam os porões da minha mente. Se alguém me oferece um truque infalível para ganhar sem trabalhar, "multiplicar os meus ganhos" e outras ofertas "irresistíveis", dou uma passo atrás, meia volta e escapo pela primeira porta.

Para que este livro dê certo, o que o autor de primeira viagem não se dá conta, é que tem que haver um imenso investimento. Por exemplo, uma figura deste tipo de empulhação foi o 'pensador positivista' americano, Dale Carnegie (1888-1955). Nos EUA e America Latina, até hoje, é bem-visto, mas na Europa, costumamos dizer que foi um disseminador de tolices imperialistas. De qualquer forma, ele criou o Treinamento Dale Carnegie, uns dizem, para enganar empregados, outros, que foi -- e é -- um líder mundial em treinamentos empresariais. O que seja! Mas, para virar sucesso, deram-lhe inicialmente colunas em jornais especializados em conselhos positivistas, além de programas de rádio. Como fazer amigos e influenciar pessoas; Como evitar preocupações e começar a viver; Como falar em público e influenciar pessoas no mundo dos negócios; Como desfrutar da sua vida e do seu trabalho; O líder em você; Administrando através das pessoas; Lincoln — esse desconhecido; Como venceram os grandes homens. Toda essa literatura, e daí vem a aversão de uma parcela dos leitores ao autodesenvolvimento/autoajuda/*how-to*, foi despejada nas países sob a influência norte-americana, com estrondoso aparato publicitário, do México à última ilha ao sul do Chile – enquanto que os melhores autores nacionais, nos diversos países latinos não encontravam recursos para

vender 40 mil exemplares internamente. Claro que o pessoal ficou revoltado. Vale salientar a frase ‘aparato publicitário’, todos esses títulos venderam pelo poder econômico por trás deles. Se quer fazer sucesso, mas tem poucos recursos, já sabe o que NÃO fazer: clonar Dale Carnegie. Funcionou para ele, não vai funcionar para você. O leitor desconfia! Dale Carnegie morreu em 1955, muita gente o leu e o seguiu no Brasil, mas de 1955 até hoje o Brasil não se tornou em nada uns EUA. Já quem escreveu para o Brasil – por exemplo, Paulo Coelho, fez sucesso mundial.

Ser feliz no amor: como assim? Tem fórmula para isso? Se tem, tem efeito negativo. Mais que metade dos casamentos americanos acabam em divórcio, o Brasil vai na mesma linha. O engraçado é que, justamente este público, é que acredita na ‘fórmula do amor’. Embora haja um mercado, é o que classificamos como ‘mercado da desonestidade’. O leitor, em desespero, compra. Claro que não funciona, e torra o nome do autor, que depois não sabe porque a sua carreira foi para o brejo.

O problema é que hoje temos a bendita, ou maldita, Internet, tudo é verificável em segundos! Tudo circula em segundos e, normalmente, viraliza.

O que vende, então?

A VERDADE!

A Verdade, aquela que já se diz que liberta, desde o início da Era Cristã.

O gênero autoajuda e correlatos, cartilhas que sofisticam o trivial, está fadado a sumir nos próximas décadas – a gente tem um problema e busca soluções gratuitas no Google. O verdadeiro ensinamento de quem realmente sabe o que diz e sabe como nos levar a sermos seres humanos melhores é que terão mercado. Se vai se chamar autoajuda não sei. Faz alguns anos que prefiro chamar esses novo fenômeno de AUTODESENVOLVIMENTO.

Caros amigos,

Histórias sempre estiveram conosco. E sempre estarão. As primeiras memórias que temos normalmente são histórias, todas as nossas lembranças são histórias, os nossos sonhos para o futuro são histórias, no momento da nossa morte, se estivermos conscientes, o nosso derradeiro pensamento consistirá de uma história que refletirá sobre as histórias da nossa vida.

Histórias…

No início foram histórias, e assim será até ao fim!

Eu procurei no Google recentemente por "elementos de uma história". Entre os muitos resultados apareceram tópicos como:

- As três partes de uma história;
- Os quatro elementos de uma história;
- Os cinco passos de uma trama;
- Os sete (ou os oito, doze ou dezessete) estágios da *Jornada do Herói*.

Curiosamente, todos pareciam postular que o conhecimento dessas partes é essencial para que se construa uma história.

De forma alguma digo que essas listas de elementos da história são inúteis. Mas sou contra a ideia de que simplesmente conhecer esses elementos nos ajuda a criar histórias. Na verdade, podem facilmente não nos deixar seguir em frente no caminho. Então, pergunto-me: como se faz ou se constrói uma boa história? A resposta encontro em outra pergunta: como criar uma rosa?

Suponha que você queira uma rosa. Você ama o cheiro e a beleza das rosas. Você olha para "partes de uma rosa". Você aprende que uma rosa tem um caule, folhas, pétalas, espinhos e filamentos (e muito mais). Esse

conhecimento lhe diz como fazer uma rosa? Você pode dizer: “vou tomar um caule e algumas folhas e pétalas, e assim por diante, então os juntarei e criarei uma rosa”? Se já tentou, você pode ter criado algo semelhante a uma rosa. Mas faltava o brilho da vida e um aroma que pode deliciar uma parte ancestral do seu cérebro.

Então, qual a melhor maneira de se obter uma rosa? Cultive uma roseira! Comece com uma semente de rosa.

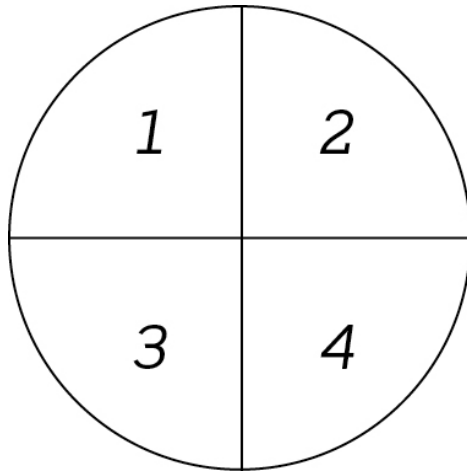
Mas você sabe como é uma semente de rosa? A maioria de nós não sabe, porque parece um carocinho pequeno, escondido nas frutas de rosas. A semente não tem caules ou folhas ou pétalas. Em outras palavras, para se obter uma rosa, você precisa começar com algo que não possui nenhuma dessas partes. Se você quer uma rosa, portanto, pouco importa conhecer suas partes. Mas é muito importante conhecer o processo que levará você a encontrar uma semente e depois cultivar uma rosa a partir dela.

Foi um prazer ter estado com vocês e termos conversado sobre os processos mágicos que nos levam a criar histórias que mudam vidas e percepções, tornando-nos pessoas melhores.

Com carinho,
James McSill

Quem escreveu este livro?

James McSill

Um dos consultores de história mais bem-sucedidos do mundo, reconhecido e elogiado pelo seu vasto trabalho na América Latina, América do Norte e Europa, estendendo-se, agora, à Ásia e à África. James, anglo-brasileiro, trilíngue e linguista por formação, tem mais de trinta anos de experiência na arte de conduzir autores a uma "história viável para publicação" e a sensibilizar líderes e organizações quanto aos benefícios do storytelling como instrumento de trabalho e transformação. Fundador e diretor-executivo da McSill Story Studio (Inglaterra); executivo-chefe do McSill Story Studio (Brasil, Reino Unido, Portugal, Japão e EUA) e do McSill Story/Transmídia Studio (York/Glasgow), sempre foi pioneiro na indústria do livro e na consultoria de histórias, hoje estendendo-se a TV, Cinema, Teatro e parques temáticos. James é autor de mais de duas dezenas de livros, conferencista em reconhecidas convenções de RH e acadêmicas (EUA, Brasil, México, Kenya e Japão); conduz treinamentos, seminários, *workshops* e palestras, bem como consultorias privadas para indivíduos ou empresas em todos os aspectos do storytelling, atingindo uma audiência de mais de dez mil pessoas ao ano. James tem como missão levar o maior número possível de pessoas a entender que a história pode mudar a História, transformando vidas, proporcionando satisfação, bem-estar e felicidade. Para saber a respeito de McSill e seu trabalho, entre no Google "James McSill" ou use o seu celular:

McSill Story Studio

O McSill Story Studio nasceu em 2000, consolidando-se a partir de 2005, com base na experiência ímpar de James McSill desde 1982 nos campos:

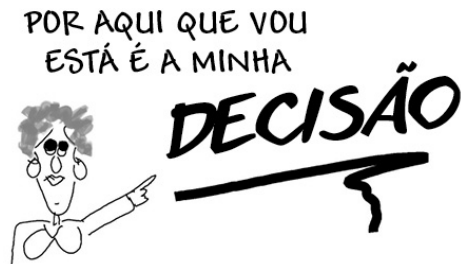
- Editorial (estruturação e edição de histórias para publicação comercial);
- Entretenimento (assessoria, consultoria e produção de histórias para o teatro, TV e cinema);
- Empresarial (consultoria e assessoria na elaboração – arquitetura de histórias – para *marketing*, propaganda, RH e *marketing* político [*spinning*]);
- Ensino (desenvolvimento e implantação de metodologias de treinamento e ensino, como *Task-based Learning*, na Espanha, no Brasil, na China, no Uruguai, no Reino Unido e em outros países);
- *Corporate storytelling* (assessoria ou formação de gestores para trabalharem na criação e na implementação de gestão de mudanças).

Somos uma empresa inovadora de consultoria em mudança de cultura por meio da mudança de histórias, bem como, pioneiros no estudo, no treinamento e na aplicação da “utilização dos elementos subjacentes às histórias” para melhor capacitar empresas e indivíduos a “contar histórias” nos negócios, no campo do entretenimento e no escopo pessoal.

Nós jogamos em um espaço muito específico: influenciar atitudes, mentalidades e comportamentos das pessoas em grandes organizações, a fim de acelerar dramaticamente o ritmo de mudança e conduzir o desempenho. É uma das partes mais difíceis de se obter mudança e a razão mais comum para esta falhar.

Nós vimos uma e outra vez, com nossos clientes, como o poder da história pode alinhar povos atrás de uma finalidade e de uma visão comuns. Isso pode transformar a velocidade na qual a mudança acontece, economizando quantidades significativas de tempo, dinheiro e esforço.

As histórias que resultaram do nosso trabalho são notáveis: empresa de telecomunicações em declínio que agora é um negócio florescente; funcionários da fábrica que reduziram os defeitos em 75% em apenas três meses; divisões dentro de uma grande empresa de serviços financeiros que colaboraram pela primeira vez para reinventar uma marca doente; negócio que, anos depois que paramos de trabalhar com ele, ainda preservou uma cultura vibrante de contar histórias; e CEO de um negócio de US$ 4 bilhões que afirma que nosso programa é “profundamente eficaz e mudou a história da empresa”.

Alguns dos projetos *best-sellers* conduzidos por James McSill:

Entrevista pessoal para você conhecer melhor quem escreveu este livro

1. Quem é James McSill? Compartilhe conosco um pouco de sua trajetória.

Quando falamos em trajetória, normalmente pensamos em um currículo diversificado, ou uma jornada de um extremo a outro. No meu caso, a minha trajetória – um tanto aborrecida, talvez – foi uma sequência de eventos que me levou até ao lugar em que hoje me encontro.

Diz a lenda familiar que quando eu tinha quatro anos criei – e contei – uma história aos meus pais, que, durante a madrugada, sozinho, eu havia saído de casa, atravessado a rua e "penetrado" em uma festa adulta

que acontecia cerca de uma quadra da minha casa. Tudo isto seria ignorado como imaginação infantil, se eu não tivesse descrito os convidados e o que lá se passava com uma riqueza de detalhes que deixou os meus pais intrigados. Pagaram "o mico" de irem até ao local para investigar, os organizadores da festa também ficaram intrigados, pois muito do descrito fazia sentido. Teria eu fugido de casa e ido à festa, entrado sem ninguém perceber?

Claro que não me lembro do incidente, após muito investigarem, a minha "participação" na festa nunca foi confirmada. Não fui, mas a minha vívida imaginação lá estava, se não na festa, como parte integrante de quem eu sou. Em miúdos, transformei a minha habilidade natural – ou desvio mental – em criar histórias, que podem ser chamadas de "mentiras", em um modo de vida, uma profissão que começou naquela primeira lenda a meu respeito e hoje é minha carreira atual: com nove anos escrevi uma peça de teatro, da tenra adolescência até terminar a faculdade escrevi duas ou mais dezenas de peças, contos, roteiro para TV e por aí vai. Alguns desses trabalhos ganharam os palcos, contos ganharam um prêmio ou outro e durante três anos os meus roteiros abrilhantaram, acho, programas de TV para crianças. Logo depois, entrei na área acadêmica, aprendi a ensinar e, por fim, mesclei as duas coisas, abrindo o meu estúdio que, desde então, não para de trabalhar. Isto deu-me um propósito, uma missão, que levo aonde posso. Não sendo raro o ano em que, de voo em voo, dou dez ou doze vezes a volta ao mundo. Mas, sempre mantive e mantenho comigo o mantra de que a "vida é hoje". Então, considero um imenso privilégio, por exemplo, poder sentar com editores, autores conhecidos e aspirantes, trabalhar a história de empresas e empresários, entrar num estúdio de TV, cinema ou encontrar-me nos bastidores de grandes produções teatrais com bons amigos, pessoas que, para o mundo, são celebridades, mas que, para mim, são, sobretudo, parte de uma grande

família. Reconheço com muita humildade e admiração o fantástico talento alheio, o que me leva a, quando trabalho com essas pessoas, manter uma visão de respeito, carinho e estímulo. Na minha visão de mundo, acredito numa Humanidade livre, que usa a arte para se expressar, ver a si mesma dos mais variados pontos de vista e ser mais feliz. Para auxiliar autores, atores, roteiristas, diretores, palestrantes e empresas a chegarem mais perto dessa meta é que acordo pela manhã já entusiasmado com o trajeto que seguirei nas próximas horas. A minha trajetória tem sido dentro desta bolha de carinho que me envolve, creio que enquanto essa bolha permanecer firme, permanecerei avançando. O meu combustível é o calor humano, o amor de quem me ama.

2. Qual a importância do storytelling no mundo de hoje?

Storytelling, ou a nossa capacidade de comunicar por meio de histórias, esteve conosco deste tempo imemoriais, possivelmente é uma coisa atávica na nossa espécie. Portanto, a importância foi a mesma desde sempre. Hoje, contudo, temos mais meios pelos quais levar aos outros as nossas histórias, de ajudá-los pensar e repensar aspectos da vida. Cada vez mais, por exemplo, adquirimos histórias que nos encantam em vez de simplesmente produtos ou serviços. Houve época em que um sapato era um sapato, hoje é também um objeto que vai deixar os nossos pés mais *sexy* e, nos sapatos, projetamos uma história futura de mais sucesso e de conquistas. Já no campo do entretenimento, nunca produzimos tanto. A cada dia, apesar dos percalços, a humanidade tem mais tempo livro e uma fome imensa por histórias com as quais se divertirem nas horas vagas e ter sobre o que fazer nas horas de trabalho. Quem já não discutiu um personagem ou o enredo de uma novela com um amigo? A mensagem de um filme ou livro?

A importância ou visibilidade do que convencionamos chamar de storytelling, infelizmente, cria alguns problemas. Chateia-me o nível absurdo de "charlatanismo", se assim se pode dizer. É muito fácil falar, por exemplo, sobre estrutura de história – *Jornada do Herói*, etc. – como é fácil falar em neurocirurgia; basta ir ao Google, pegar as informações, ter lábia e ir adiante. A desgraça está na aplicação desta informação adquirida! Grande parte dos ditos profissionais com que me deparo, se lhes é dado um "bisturi" não seriam capazes de cortar uma cebola, quanto mais tratar por intermédio de uma cirurgia benfeita um aneurisma cerebral. Storytelling, como mencionei, "reside" conosco desde os primórdios da Humanidade. Nada ou pouco tem a ver com escolher cenas de filmes de Hollywood e mostrar como se fossem aplicáveis ao que quer que seja. Storytelling é um assunto sério, pode genuinamente mudar vidas e trajetórias de empresas se propriamente empregado. Enfim, histórias definem rumos, criam, mudam ou reforçam valores, levam a coletividade a empreender, a agir para conseguir vender uma ideia, um produto, um serviço, um livro, uma série de TV, uma novela, uma peça... Em suma, o acúmulo de histórias numa determinada cultura nos dá um propósito, mostra-nos quem somos, qual a nossa jornada, qual a finalidade desta jornada, onde queremos, ou devemos chegar para atingir uma meta individual ou coletiva. O storytelling, a manipulação positiva ou negativa desses princípios dramáticos subjacentes às histórias, neste caso, torna-se um instrumento, talvez "o" instrumento de que dispomos na atualidade para gerir, comunicar, informar, instruir, motivar, liderar a nós mesmos e aos outros. Isto é sério. Isto é importantíssimo!

3. Qual foi o principal desafio que você já enfrentou na sua carreira?

Honestamente falando, quase nenhum. Eu já passei por momentos difíceis, como quando sofri um acidente que poderia ter-me roubado a vida. Procuro, contudo, não enfocar os problemas, mas usar a minha criatividade para encontrar, quando possível, soluções. Talvez o meu desafio diário seja manter os clientes do estúdio satisfeitos, bem como as pessoas que me auxiliam a manter os clientes satisfeitos. A infraestrutura do McSill Story Studio é minimalista como um quadro de Frank Stella, em regime de parcerias, porém, estamos presentes em vários países mundo afora. Durmo pouquíssimo e utilizo meios eletrônicos cada vez mais disponíveis a fim de manter este "corpo" de parceiros vivo e saudável. Por ora, tenho obtido sucesso. Já recebi convites de editoras para escrever um livro sobre o meu "segredo". Mas não há segredo, se o desafio não assusta não se torna um obstáculo intransponível. O "desafio" que teria seria se eu contraísse uma doença que afetasse a minha personalidade, o meu jeito de encarar as coisas e as pessoas. No estúdio tenho apenas dois princípios pelos quais nos pautamos: se está sujo, limpe, e, se tiver algo a dizer, diga. Há, claro, quem veja o crescimento e o reconhecimento do McSill Story Studio como um desafio. Eu vejo como um privilégio. Num mercado repleto de profissionais maravilhosos, consigo me manter com a cabeça fora d'água, inovando e, na medida do possível, ainda surpreendendo com o que posso realizar.

4. Para alguém que deseja torna-se escritor, qual conselho você daria?

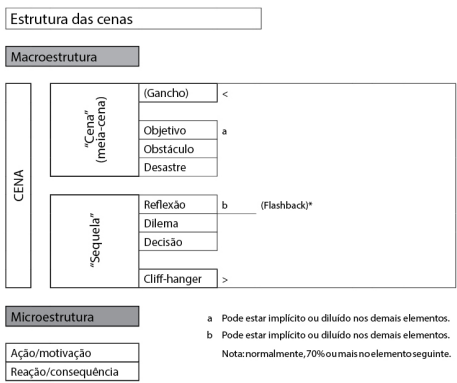
Além de ter algo importante a dizer? Ler muito. Ler e estudar textos que fazem sucesso. Depois, estudar profundamente e esforçar-se para aplicar essas técnicas na sua escrita. Por fim, não ter medo de escrever de novo, e de novo e de novo.

5. Você assessora gente de toda a parte do mundo, realiza palestras, e ainda escreve. Como consegue ter uma vida tão dinâmica?

Como disse, durmo pouco e encaro a vida como um privilégio, como um livro emprestado, é melhor que eu o leia hoje, pois talvez termine o prazo e não o lerei jamais. Não sou religioso, então não tenho em mim dogmas que me dizem para deixar para outra vida o que posso realizar nesta, que não tem importância transformar a minha curta vida ou a dos outros num inferno se um dia vamos ganhar um céu. O meu conceito de viver no paraíso é poder ter saúde e trabalho, acordar, arrumar malas e partir, chegar, dar o recado e partir outra vez, ajudando pessoas ou empresas a realizarem o seu potencial. Devo sofrer de uma "síndrome de abelhas", acordo já em efervescência e vou depressa polinizar as flores já que delas recolho o meu sustento. Por outro lado, sou bem organizado. Como sempre trabalhei na mesma área, tenho, se não conhecimento, certa experiência. Tudo isso ajuda. Se estou discutindo o roteiro, por exemplo, com um cineasta, pelo menos ele vai me ouvir. Isto facilita e acelera o meu trabalho.

6. O Brasil vive um momento de muitas mudanças e incertezas no cenário político e econômico. Consegue imaginar como estaremos nos próximos dez anos?

Melhores. Estudei no Brasil no fim da década de 1970, facilmente comparo. A curto prazo, o Brasil, como uma jovem democracia, tem muito o que aprender. Mas está prendendo! Há toda uma nova geração que questiona, contribui com ideias e cria novos ideais. Preocupa-me

quando tentam calar as vozes, o que estancaria o progresso. No entanto, seria isto possível hoje em dia?

Dedico também este livro a mais uma menina e a um grupo de pessoas geniais.

Que seria de mim sem a minha amada Maureen? A menina Miranda, atriz, pintora, teatróloga, “cineóloga”, leitora de cartas e, sobretudo, “fadinda” de um grupo não secreto, mas discreto, chamado GENOMA, que consiste em umas três dezenas de amigos artistas, fabulosos atores e atrizes dos palcos e das telas do Brasil, diretores de novelas e séries vistas por milhões mundo afora.

Quando eu já achava que não teria mais tempo para fazer amizade com artistas, a Maureen trouxe à minha vida um grupo de pessoas que eu adoro e que, sei, o sentimento é mútuo. Milagres são reais! Eu que achava que um dia teria um funeral daqueles bem bregas, gente chorando, cantor de quinta categoria lançando notas mal postas numa canção qualquer, elogio malfeito e poemas mal declamados… Oh, *no*!!!!! Tudo agora será diferente! O meu funeral vai ser *SHOW*!!!

Vou morrer agora?

Claro que não!

Mas o que quero dizer é que o meu amor pelos amigos deste grupo vai durar para o resto da minha vida!!!!!!!!

Olhem que lindo!

Não é uma fofice ter um livro dedicado a todos vocês?

1 Adaptada de Conceitos.com [homepage]. Dilema moral. Disponível em: https://conceitos.com/dilema-moral/. Acesso em 30 set 2017.

2 Williams B. Utilitarianism: for and against. Cambridge: Cambridge University Press; 1973. pp. 98

3 Dicionário online de português. Sucesso. Disponível em: https://www.dicio.com.br/sucesso/. Acesso em 30 set 2017.

4 Adaptado de Significados [homepage]. Disponível em: https://www.significados.com.br/metafora/. Acesso em: 30 set 2017.

5 Santana A. Literatura de auto-ajuda. InfoEscola. Disponível em: http://www.infoescola.com/livros/literatura-de-auto-ajuda/. Acesso em 30 set 2017.

6 Fonte: Mercatus. As nossas necessidades e os nossos desejos. Disponível em: http://merkatus.com.br/10_boletim/112.htm. Acesso em 07 out 2017.

7 Wikipédia.Literatura. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura. Acesso em 10 out 2017.

8 Fotocópia permitida pelo Mcsill Story Studio, UK. Este mesmo quadro será reproduzido, acompanhado da palestra original que o acompanhou, no fim deste livro, na seção intitulada “bônus”.

9 Perarnau M. Guardiola confidencial. São Paulo: Editora Grande Área; 2015.

10 A *Jornada do Herói* foi plenamente abordada no 1º volume, *5 Lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia*. Mas você poderá encontrar quase tudo na internet. Use o Google já!